

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

**A pontuação na Península Ibérica: doutrinas e
prática em textos metalinguísticos portugueses
e castelhanos do século XVII**

Dissertação apresentada por:
Cristina Maria de Sousa Nunes

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Filomena Gonçalves

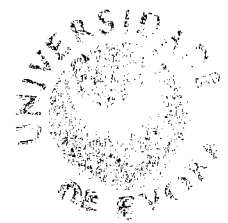
Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri.

Évora
2006

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

**A pontuação na Península Ibérica: doutrinas e
prática em textos metalinguísticos portugueses
e castelhanos do século XVII**

**Dissertação apresentada por:
Cristina Maria de Sousa Nunes**



160 437

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Gonçalves

**Dissertação de Mestrado realizada para
obtenção do grau de Mestre em Estudos Ibéricos**

Évora

2006

Resumo:

Com o objectivo de contribuir para um melhor conhecimento da pontuação como aspecto relevante da escrita das línguas portuguesa e castelhana, esta dissertação sistematiza as principais ideias sobre a teoria e a prática da pontuação na Península Ibérica no século XVII, partindo de um corpus (meta)ortográfico/gramatical.

O primeiro capítulo tenta esclarecer algumas questões teóricas e históricas relativas à pontuação, matéria complexa e pouco consensual. Já no segundo capítulo passa-se ao estudo dos antecedentes das teorias pontuacionais de Seiscentos e das relações entre a pontuação e a imprensa da época. Partindo da análise do discurso metaortográfico sobre a pontuação seiscentista em contexto ibérico, no terceiro capítulo inventariam-se as unidades pontuacionais e descreve-se o sistema pontuacional por elas configurado. O último capítulo consiste na análise sistemática das coincidências e das divergências entre a teoria e a prática dos autores, estas últimas imputadas aos impressores, que dispunham de um sistema pontuacional transnacional.

Abstract:

Punctuation in Iberian Peninsula: Doctrines and Practice in Seventeenth Century's Portuguese and Castilian Metalinguistic Texts

This dissertation aims to contribute for a better knowledge of punctuation's significance in the writing of Portuguese and Spanish languages. Therefore, it systematizes the main ideas related to theoretic and practical aspects of punctuation in Iberian Peninsula in the seventeenth century, starting from a (meta)orthographical/grammatical corpus.

The first chapter clarifies theoretical and historical issues concerning punctuation, which is a rather complicated and controversial subject. The second chapter studies the background of the seventeenth century's theories concerning punctuation and its relationship with the press at the time. By analysing the metaorthographical speech about seventeenth century's punctuation in the Iberian context, the third chapter lists the punctuation units and describes the punctuation system they frame. The last chapter makes a systematic analysis of the similarities and deviations between theory and practice in the authors, pointing the printers as responsible for the deviations, since they had a transnational punctuation system.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	9
I – QUESTÕES TEÓRICAS E HISTÓRICAS	
1. Teoria pontuacional	13
1.1. Sistema gráfico e pontuacional	13
1.2. Conceito(s) de pontuação: sistema (s)	15
1.3. Unidades de pontuação e pontemas	17
1.4. Funções dos pontemas	19
2. Breve história da pontuação	22
2.1. Perspectiva histórica da pontuação	22
2.2. Da tradição manuscrita à tradição impressa: a imprensa e a normalização da pontuação	25
2.3. Antecedentes da pontuação seiscentista	27
II – A PONTUAÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA	
1. Antecedentes	30
2. Contexto histórico-cultural	39
2.1. A imprensa na Península Ibérica	40
3. <i>Corpus</i> seiscentista	42
III – DOUTRINA(S) SEISCENTISTA(S) DA PONTUAÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA	
1. Definição de “pontuação”	47
1.1. Pontuação, Sintaxe e Retórica	49
1.1.1. Oração ou “discurso”	50
1.1.2. Período ou cláusula	50
1.1.3. Membro ou cólon	51
1.1.4. Sentença ou “razon”	53
1.1.5. Oração	54
2. Sistema(s) pontuacional(ais)	56
2.1. Subsistemas pontuacionais	59

3. Descrição / funcionalidade dos <i>pontemas</i>	64
3.1. Vírgula ou coma	65
3.2. Dois pontos	65
3.3. Ponto	66
3.4. Ponto e vírgula	67
3.5. Ponto de interrogação	68
3.6. Ponto de exclamação	68
3.7. Parágrafo	69
3.8. Parêntesis	70
3.9. Aspas	70
3.10. Ápices	71
3.11. Hífen	71
3.12. Asterisco	72
3.13. Obelisco	72
3.14. <i>Brachia</i>	72
3.15. <i>Divisão</i>	72
3.16. <i>Ângulo</i> ou <i>meta</i> / <i>Falta</i>	73
3.17. Outros <i>pontemas</i>	73
4. Usos prescritos e proscritos	74
4.1. Vírgula	74
4.2. Dois pontos	76
4.3. Ponto e vírgula	77
4.4. Parêntesis	78

IV – A PONTUAÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA: PRÁTICA SEISCENTISTA

1. Vírgula	80
1.1. Usos prescritos	81
1.2. Usos não prescritos	88
2. Ponto	99
2.1. Usos prescritos	99
2.2. Usos não prescritos	99
3. Ponto de interrogação	100
3.1. Usos prescritos	100
4. Dois pontos	100
4.1. Usos prescritos	101
4.2. Usos não prescritos	105
5. Ponto de exclamação	109
5.1. Usos prescritos	109
6. Ponto e vírgula	109
6.1. Usos prescritos	109
6.2. Usos não prescritos	113
7. Parêntesis	114
7.1. Usos prescritos	114
8. Unidades pontuacionais secundárias	118
9. A prática pontuacional de Nunes de Leão: a <i>Ortografia</i> (1576) e a <i>Origem</i> (1606)	120
10. <i>Ortografia Kastellana Nueva, i Perfeta</i> , de Correas: obra inovadora no campo pontuacional?	121
SÍNTESE CONCLUSIVA	123
BIBLIOGRAFIA	131
ÍNDICE REMISSIVO	138
ANEXOS	140

INTRODUÇÃO

A pontuação serve, antes de mais, para marcar o ritmo de um texto, para dar vida à palavra numa frase. Dependendo muito de cada indivíduo e do seu estado de espírito momentâneo, compreende-se que as variações sejam inúmeras [...], [no entanto,] o emprego dos sinais de pontuação não pode, nem deve, ser arbitrário [...].

(Código de Redacção Interinstitucional)

A escolha do tema do presente trabalho – a pontuação na Península Ibérica no século XVII – decorre da realização de um primeiro trabalho, elaborado no âmbito da disciplina de Historiografia das Línguas Peninsulares, em que foi versada a pontuação seiscentista em Portugal, com base na *Ortografia da Língua Portuguesa* (1671) de João Franco Barreto. Nesse trabalho já ficara patente a complexidade de um assunto apaixonante, objecto de divergências entre os vários gramáticos e escritores, passados e contemporâneos. Mas a eleição do tema da presente dissertação prende-se igualmente com a nossa própria experiência profissional. Com efeito, a docência da língua portuguesa ao longo de oito anos permitiu-nos concluir que a pontuação é um aspecto totalmente “desprezado” e maltratado pelos alunos portugueses, com a agravante de ter um papel muito reduzido nos programas de Língua Portuguesa dos três primeiros ciclos do ensino básico (cf. *Curriculo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*), facto que, aliado à falta de hábitos de leitura por parte da população mais jovem, prejudica a construção do sentido das produções escritas, em que não raro proliferam ainda os “erros” ortográficos e de acentuação.

Embora já existam alguns estudos sobre a pontuação em Portugal, que se saiba não há trabalhos mais abrangentes sobre espaço peninsular, facto que só por si justificaria a escolha do tema, assegurando a indispensável componente de originalidade necessária a um trabalho académico desta natureza. Assim, esta dissertação visa contribuir para um melhor conhecimento da pontuação como aspecto relevante da historiografia das línguas portuguesa e castelhana.

Embora seja distinta de ciências como a História Geral, a História da Linguística e a História das Ciências da Linguagem da Historiografia das Línguas Peninsulares, entre outras, a Historiografia Linguística é uma área de investigação linguística com elas intimamente relacionada, visto ter como objecto de estudo as teorias da linguagem (e da linguística), bem como a sua aplicação e evolução no tempo. No âmbito de uma Historiografia das Línguas Peninsulares fazia, pois, todo o sentido um estudo global e comparativo de um aspecto essencial da escrita de ambas as línguas (portuguesa e espanhola) da Península Ibérica, tão próximas e tão pouco confrontadas em trabalhos de natureza historiográfica. Por isso, esse estudo pauta-se pelos três princípios definidos por Konrad Koerner (1996: 41-66), a saber: contextualização, imanência e adequação.

Em conformidade com o princípio da contextualização, será tido em conta o “clima de opinião” do período histórico em apreço, decorrente de uma situação sócio-económica e política muito particular. De facto, o século XVII é um século singular na

História da Península Ibérica, seja do ponto de vista político, seja social, ou, ainda, cultural e linguístico. Marcado pela união ibérica até 1640 e pelo Siglo de Oro espanhol, o século XVII é também assinalado pelo significativo aumento das casas de impressão, dos círculos de leitura e pelo incremento das obras literárias e metalinguísticas impressas, tanto em Portugal como em Espanha. Tal situação traduziu-se na necessidade de uniformizar a escrita desses impressos, o que explicará que aos textos em letra de forma dos séculos XVI e XVII se deva toda uma série de criações que, sendo tipográficas, tiveram repercussão na pontuação, assim como na escrita em geral. Se até finais do século XV o sistema pontuacional era usado heterogeneamente por copistas, escribas ou pedagogos, em função da sua formação, de tradições locais e de outros factores, entre eles a economia do suporte (pergaminho e, depois, papel), com o aparecimento da imprensa exigia-se um grau de uniformização maior, ditado pela multiplicação do número de exemplares do livro. Contudo, é durante o século XVII que se regista uma intensa normalização da pontuação, decorrente da popularização da imprensa e da consequente extensão da leitura a públicos cada vez mais alargados. Todos estes aspectos justificam que o *corpus* se restrinja a Seiscentos.

Em obediência ao acima referido princípio da imanência, tentar-se-á obter um conhecimento completo, tanto histórico como crítico. A partir de um *corpus* constituído por 5 obras portuguesas e outras tantas espanholas, representativas de diferentes décadas do século XVII, analisar-se-á o discurso metaortográfico relativo à pontuação em contexto ibérico. Tal análise permitirá traçar o sistema pontuacional, inventariar as várias unidades de pontuação ali usadas, determinar as funções, os usos e as denominações das unidades pertencentes à pontuação.

À luz do terceiro princípio de Koerner – o da adequação –, e sempre que possível, tentar-se-á respeitar a terminologia presentes nos textos em apreço, de maneira a que a análise destes não sofra a interferência da actual conceptualização da pontuação.

Prevê-se que o estudo do *corpus* seiscentista permitirá trazer à luz os sistemas propostos tanto por autores portugueses como castelhanos, além de pôr de manifesto as coincidências e divergências entre a teoria e a prática de cada um deles, de molde a poder determinar-se em que medida esta última poderá ser imputada ao impressor, aspecto que exige e justifica o rastreio das oficinas de impressão tanto portuguesas como castelhanas em funcionamento no século XVII, com vista a um eventual esclarecimento dos meios então disponíveis e da forma como estes poderão ter condicionado a relação entre teoria e prática pontuacional.

Em suma, o trabalho coloca a hipótese de que, no século XVII, existiria um sistema pontuacional transnacional, herdeiro de uma antiga tradição – greco-latina e medieval – (ao menos no plano da teoria), o qual acabaria por ser modificado ou adaptado às condições particulares da imprensa e seus condicionamentos técnicos. Com efeito, os primeiros impressos – sobretudo os incunábulos – evidenciam quanto o texto impresso se pautava ainda pela tradição manuscrita, imitando-a ou reflectindo-a quer na apresentação formal do livro, quer em aspectos como a pontuação.

Finda a nossa “digressão” por este *corpus* peninsular constituído por gramáticas e ortografias portuguesas e castelhanas, será possível sistematizar as principais ideias sobre a pontuação prescrita e praticada na Península Ibérica no século XVII.

I

QUESTÕES TEÓRICAS E HISTÓRICAS

1. Teoria pontuacional

1.1. Sistema gráfico e pontuação

Acquisition fondamentale et relativement récente de la communication humaine, les signes de ponctuation nous sont devenus indispensables, et se révèlent aussi pleinement des unités linguistiques.

Nina Catach (1994: 6)

As línguas são sistemas organizados que podem revelar-se sob duas formas diferentes –oral e escrita –, detentores de características distintivas, ainda que sejam duas vertentes do mesmo fenómeno¹. Confrontando a língua falada com a escrita, conclui-se que a primeira data de há, sensivelmente, trinta mil anos, sendo a segunda muito mais recente², existindo ainda actualmente línguas sem representação gráfica. Esta primazia cronológica não é, porém, válida para afirmar o primado do oral sobre o escrito. Enquanto a língua oral é constituída por fonemas, unidades mínimas da fonação, a língua escrita baseia-se em grafemas, unidades básicas distintivas e significativas da cadeia escrita, compostas seja por uma letra, por um grupo de letras, ou providas de um signo auxiliar, com um referente fónico e / ou semiótico na cadeia falada (Catach, *apud* Anis, 1988: 79)³. As unidades de um e de outro sistema estabelecem entre si relações linguísticas de diferentes tipos⁴.

Os sistemas gráficos das línguas distinguem-se em “écritures non-alphabétiques” e “écritures alphabétiques”⁵. José Morais estabelece outra distinção entre os “systèmes d’écriture qui représentent le langage parlé” (Morais, 1994 : 51): sistemas logográfico, silábico e alfabético. Cada um destes sistemas representa a língua falada a um nível diferente: lexical, silábico e fonémico, respectivamente. “Les logogrammes se

¹ Na linha teórica de Nina Catach, adoptar-se-á no presente trabalho uma perspectiva “fonográfica”, posição que concilia as interpretações mais opostas, o fonocentrismo, que postula a prioridade da língua oral e a secundaridade ou complementaridade da escrita, e o autonomismo, centrado na autonomia total da língua escrita (Gonçalves, 2003: 58).

² Morais refere que “Les premières traces d’écriture n’ont que six milles ans. Ce sont des comptes, inscrits sur des tablettes en argile” (Morais, 1994: 45). Higounet (1986) identifica como mais antigo sistema gráfico a escrita suméria, que data do quarto e do terceiro milénio antes de Cristo.

³ Segundo Camara Jr. (1997: 128), o grafema é um “símbolo gráfico uno, constituído por traços gráficos distintivos, que nos permitem entender visualmente as palavras na língua escrita, da mesma forma que os fonemas nos permitem entendê-las auditivamente na língua oral”.

⁴ Sobre os vários tipos de relações linguísticas que se estabelecem entre as unidades gráficas e fónicas, cf. Gonçalves (2003: 19-20).

⁵ Charles Higounet inclui nas “écritures non-alphabétiques” as escritas antigas, como a suméria, a egípcia e a chinesa, entre outras. Entre as “écritures alphabétiques”, encontra-se a escrita latina “qui est devenue l’instrument définitif de la pensée occidentale et le moyen d’expression par excellence du monde moderne” (Higounet, 1986: 7).

distinguent des phonogrammes par le fait qu'ils ne comportent pas d'information sur la manière dont il faut les prononcer. Par opposition, les syllabaires et les alphabets sont des écritures phonographiques" (Morais, 1994 : 52). Sendo o alfabeto um sistema de signos que exprimem os sons elementares da língua (Higounet, 1986: 39), nas escritas fonéticas alfabéticas estabelecer-se-ia uma correspondência directa entre fonema e letra do alfabeto⁶. No entanto, observando a escrita do português e a do espanhol, ou qualquer sistema alfabético, verifica-se que não se atinge o paralelismo ideal. Além disso, com base nos diferentes sistemas gráficos, é possível fazer uma distinção entre dois tipos de grafemas: uns, que constituem o núcleo principal do sistema gráfico, são "significantes de significantes" ou *cenemas*; outros há que são "significantes de significados" ou *pleremas*, dotados de significação e de valor próprios⁷.

Pela substância, a pontuação integra-se no sistema gráfico, sendo os seus elementos – os chamados *pontemas* – *pleremas*, que constituem uma segunda classe de *grafemas*, a dos *topogramas* ou *pontuo-tipográficos*⁸, necessários à produção do sentido por organizarem a "sequencialidade" das unidades textuais e por fornecerem indicações sintagmáticas indispensáveis. Tal como o sistema gráfico, o sistema pontuacional é afectado e influenciado pelo código oral, já que ambos os códigos estão intimamente ligados. Segundo Halliday (*apud* Rocha, 1995: 10), a pontuação está relacionada com a gramática e a fonologia. Apesar de as linguagens oral e escrita diferirem, a eles está subjacente a mesma gramática subjacente, podendo as unidades gramaticais estar associadas às unidades prosódicas⁹. No entanto, nem sempre os estudiosos subscreveram esta ideia. Assim, no entender de Claude Tournier (*apud* Rocha, 1995: 9), a pontuação situa-se "no âmbito da escrita e não da fala, visto os seus signos não serem pronunciados", perspectiva da qual não diverge Frank Smith (*apud* Rocha, 1995: 10),

⁶ Segundo Silva (2005: 39), esta correspondência gera a confusão entre grafema e fonema nas escritas alfabéticas, não sendo esta confusão recente. "Já se fazia sentir na Idade Média e advinha da importância concedida à letra e à comunicação verbal escrita, em detrimento do aspecto fonético da língua [...]". A autora remete para Câmara Jr. (1975: 25). Na teoria ortográfica de João de Barros, por exemplo o termo "letras" abrange, simultaneamente, as substâncias fónica (fonema) e a gráfica (grafema); cf. Gonçalves (2003: 807).

⁷ Jacques Anis (1988: 82) sublinha que o grafema é um *plerema* quando corresponde a um morfema (escrita chinesa, por exemplo) ou a uma palavra (hieróglifos egípcios), ou um *cenema* quando reenvia para uma sílaba (silabário cipriota) ou para um fonema (escrita alfabética).

⁸ Anis (1988: 87) distingue três classes de grafemas: os alfabéticos ou alfabogramas, unidades distintivas representadas por uma letra acentuada ou não; os pontuo-tipográficos ou topogramas; e os logogramáticos ou logogramas, grafemas anexados a uma unidade significativa, situados entre as escritas linguísticas e as escritas científico-técnicas (algarismos, símbolos convencionais, entre outros).

⁹ Esta ideia é também defendida por Nina Catach. Segundo a autora, a pontuação é determinada pela gramática (estrutura sintáctica) e pela fonologia. Esta será também a posição assumida no presente trabalho, ressalvados embora os critérios contemplados pelos autores das obras do *corpus*.

para quem a pontuação pertence ao “domínio exclusivo da escrita, servindo apenas¹⁰ para delimitar os significados no texto e representar certas convenções da escrita, necessárias à sua consistência”.

Das perspectivas acima referidas se conclui que a pontuação constitui, no plano gráfico, um sistema semiótico autónomo, cuja natureza é distinta do sistema primário da língua – o fonológico –, ainda que se aproxime deste de forma “imperfeita”. Assim sendo, as unidades pontuacionais fazem parte de um plano estrutural diferente dos grafemas representativos do plano alfabético, visto pertencerem ao plano extra-alfabético, onde se incluem todas as unidades com “natureza específica, em certa medida semelhante à dos prosodemas, por terem carácter discreto” (Gonçalves, 2003: 20-21), sendo portadoras de uma significação própria. Pese embora a sua integração no sistema gráfico, as obras actuais sobre a escrita pouco acrescentam a respeito da pontuação, quer do ponto de vista histórico, quer do ponto de vista teórico, sendo de assinalar o pendor normativo, ao invés de proporcionarem dados a respeito de usos pontuacionais.

1.2. Conceito(s) de pontuação: sistema(s)

No que à etimologia diz respeito, o termo “pontuação” provém de “ponto”, do latim PONCTUM, I, cuja primeira ocorrência, em Portugal, data do século XIII e, em Espanha, do século XV¹¹. Para os Gregos, os “pontos” eram os sinais ou notas que auxiliavam a compreensão e a leitura de um texto, falando-se, por isso, em “pontuação” de um enunciado. Para Santo Isidoro de Sevilha (1993), esta “pontuação” englobava não só os sinais de pontuação (*positurae*) como também todos os “pontos” (*notae*) que se juntavam às letras, os acentos tónicos ou distintivos e os sinais de aspiração (cf. *infra* II, 1.). O termo “pontuação” deriva do francês “punctuation” e foi utilizado pela primeira vez na língua portuguesa no século XVII (Machado, 1977), embora em Espanha já se usasse desde o século anterior¹².

Muitas são as definições deste vocábulo, entre elas merecendo realce a proposta pelo académico francês Nicolas Beauzée, gramático que, no século XVIII, elaborou a primeira teoria coerente sobre a pontuação, considerando-a a “parte essencial da

¹⁰ O sublinhado é da autora do trabalho.

¹¹ Vide: J. Corominas e J. A. Pascual (1989: 694).

¹² Ramón Santiago (1998: 271) afirma que “A lo largo de los siglos XVI y XVII es constante el uso de la palabra **puntuación** desde el primero de los autores citados aquí (A. Venegas, 1531)”. O negrito é do Autor.

gramática”: esta é “l’art d’indiquer dans l’écriture par les signes reçus, la proportion des pauses que l’on doit faire en parlant” (Beauzée, 1765: 15). Estreitamente relacionada com a tradição e a prática tipográficas, a pontuação pode ser definida da seguinte maneira:

“Ponctuer, c’est diviser les diverses parties d’un texte à l’aide de signes conventionnels destinés a donner un sens à un ensemble de mots, ou même à un seul mot. C’est d’abord une question de *logique* plus que de cadence; l’information parlée et de nombreux orateurs donnent trop souvent de mauvais exemples de pauses qui ne doivent pas figurer dans le texte imprimé. La ponctuation sert avant tout à faire saisir toutes les nuances de la pensée d’un auteur et éviter ainsi de fâcheuses équivoques.” (Drillon, 1991: 125)

Ao contrário da definição de Beauzée, na qual se destacava a função rítmica, na de Drillon acentua-se como primordial a função lógica (“c’est diviser les diverses parties d’un texte”), aliada às funções de conferir sentido ao texto (“faire saisir toutes les nuances de la pensée d’un auteur”) e de evitar equívocos (“éviter ainsi de fâcheuses équivoques”).

Outro aspecto relevante é o carácter indecomponível dos *pontemas*, conforme sublinha Claude Tournier (*apud* Drillon, 1991: 126), a pontuação é “l’ensemble des graphèmes purement plérémitiques, non décomposables en unités de rang inférieur, et à caractère discret.” Já para José Martínez de Sousa, teórico da fonetização radical das escritas, “La puntuación consiste en la colocación adecuada de los signos de puntuación y de entonación para indicar al lector el sentido y el tono de las oraciones y de cada uno de sus miembros.”¹³. Mais pertinente parece ser a definição proposta por Nina Catach:

“ensemble des signes visuels d’organisation et de présentation accompagnant le texte écrit, intérieurs aux textes et communs au manuscrit et à l’imprimé; la ponctuation comprend plusieurs classes de signes graphiques discrets et formant système, complétant au suppléant l’information alphabétique” (1994: 9)

Ora estes signos visuais de organização e de apresentação são os sinais de pontuação. A mesma autora sublinha ainda a sua função de reforço :

¹³ No seu artigo “La puntuación”, publicado in ACTA, consultado no site: <http://acta.es>, o autor refere que intervêm quatro factores na pontuação: a sintaxe, a prosódia, a extensão dos fragmentos e o gosto pessoal do escritor.

“système de renfort de l’écriture, formé de signes syntaxiques, chargés d’organiser les rapports et la proportion des parties du discours et des pauses orales et écrites. Ces signes participent ainsi à toutes fonctions de la syntaxe, grammaticales, intonatives et sémantiques” (Catach, 1994: 7).

Revistas várias definições, delas se extraem algumas ideias gerais. De uma função prosódico-entoacional, ainda predominante na teoria, embora então os autores referissem a função como auxiliar do sentido, chega-se, no século XX, ao domínio da função lógico-gramatical e semântica das unidades pontuacionais, grafemas convencionais cuja utilização obedece às organizações lógicas do raciocínio, e que participando na construção do sentido do texto pontuado.

1.3. Unidades de pontuação e *pontemas*

À semelhança dos outros signos linguísticos, as unidades pontuacionais são unidades de duas faces: um significante (o *pontuante*) e um significado (o *pontuado*). Segundo Catach (*apud* Rocha, 1995: 13), estas unidades, detentoras de um signo material e de uma função ou valor, recebem a designação de *pontemas*¹⁴, vale dizer, signos gráficos discretos, não pronunciados (Perrot, *apud* Rocha, 1995: 11)¹⁵, e não decomponíveis em unidades menores. Possuem, além disso, um carácter paradigmático, pois pode seleccionar-se, para um dado ponto do enunciado, um de entre vários *pontemas*, quando estes alternativos¹⁶ (opondo-se aos obrigatórios, como o ponto final ou o de interrogação). Tal distinção entre sinais alternativos e obrigatórios conduz à destriça entre unidades pontuacionais polivalentes, possuidoras de vários valores, e unidades com um único valor.¹⁷ Outra característica do *pontema* é o seu carácter supra-segmental, visto conferir valores e sentidos variados a um vasto segmento do enunciado gráfico, não se cingindo à letra nem à palavra isolada à qual se segue.¹⁸ De acordo com

¹⁴ Como exposto acima, os *pontemas* constituem uma classe particular de grafemas possuidores de significação própria, os *pleremas*, o que lhes confere um valor ideográfico, não se limitando, contudo, a corresponder a uma pausa ou a certa entoação, como se verificará no decurso da presente secção.

¹⁵ Esta característica, bem como o facto de os sinais de pontuação possuírem uma significação própria, afasta-os dos outros grafemas, os *cenemas*.

¹⁶ Vejam-se os travessões, os parênteses e as vírgulas duplas, *pontemas* que podem ser usados com a mesma função – intercalar no texto uma informação acessória ou uma explicação.

¹⁷ A *vírgula* é um exemplo de sinal polivalente, pois são vários os seus valores: aposição, marcação de apelativo, explicação, indicação de relativo explicativo (Martínez Marín, 1994: 446), entre outros. Por sua vez, o *ponto de interrogação* apenas indica a modalidade interrogativa, não sendo comutável com outro *pontema* de fim de enunciado.

¹⁸ É o caso dos pontos de interrogação e de exclamação, que atribuem o modo interrogativo ou exclamativo a toda a frase.

Nina Catach (*apud* Rocha, 1995: 15), os *pontemas* têm ainda uma característica muito específica – a função de “colocar em cena” –, por serem a representação, sob forma escrita, da voz e do gesto.

Expostas as propriedades gerais, importa identificar os vários *pontemas* que compõem o(s) sistema(s) pontuacional(is) actual(is), ponto em que será seguida a lição de Nina Catach (1994). Em sentido lato, considerar-se-ão as unidades pontuacionais e os procedimentos tipográficos ao serviço da “mise en valeur” do texto: título, margens, escolha dos espaços e dos caracteres, organização geral dos capítulos e a própria “feitura” do livro. Em sentido restrito, o sistema pontuacional será composto por um núcleo central de unidades, designado por pontuação geral ou “construtiva”¹⁹, no qual se incluem os sinais de fecho ou encerramento (*clôture*), que terminam a frase e denotam as diferentes modalidades – o ponto final, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação e as reticências –, e outros sinais lógicos: a vírgula²⁰, os dois pontos e o ponto e vírgula. O sistema integra ainda outros núcleos secundários ou complementares: a um deles pertence a denominada pontuação sequencial²¹, da qual constam os parênteses, os colchetes, as chavetas, o travessão e as aspas; em outro incluem-se as maiúsculas de frase, as abreviaturas, o hífen e o apóstrofo (marcas de palavras), os brancos, o sublinhado e o itálico compõem o outro²².

Na pontuação em geral, identificam-se três níveis ou ordens de pontuação: na primeira ordem cabe a pontuação *superior* à frase, simples ou complexa; na segunda, a pontuação da *frase*; na terceira, a pontuação inferior à frase, ou seja, as partes do discurso e as palavras²³ (Catach, 1994: 51). De forma bastante económica, algumas

¹⁹ Esta pontuação apoia-se nos «constructibles» da linguagem identificados pelos antigos gramáticos: som e sílaba (parte fonética, a *vox*); parte da palavra e morfema; palavra ou grupo de palavras (*dictio*); proposição e frase complexa (*sententia*); parágrafo e período (“unidade de sentido total”) (Catach, 1994: 49-50).

²⁰ A autora distingue a vírgula *mais* e a vírgula *menos*: a primeira assegura funções construtivas, como por exemplo enumeração de segmentos com a mesma função; a segunda, sempre dupla ou em conjunto com outro sinal, aparece em duas situações: para intercalar informação e em caso de inversão.

²¹ Na obra de Nina Catach (1994: 72) são apresentadas várias características distintivas destes *pontemas* sequenciais, que relevam de segmentos “livres”, separados do resto da frase e de marcas de discursos *segundos*: são sempre unidades duplas, sendo assinalados, na oralidade, por um desprendimento significativo do segmento pontuacional em relação à linha geral do discurso (mudança de tom). Além disso, as unidades pontuacionais sequenciais apareceram mais tardiamente (do século XVII ao século XIX), o que parece associá-las à progressiva necessidade de realçar os segmentos intercalados no discurso principal.

²² Além desta classificação, a autora propõe outra: sinais de abertura, de fecho e neutros. (1994: 55-56)

²³ Em obra de 1980, a mesma autora referira-se a três tipos de pontuação: a “pontuação de palavras” (brancos, maiúsculas de palavras, ponto de abreviação, hífen, apóstrofo); a “pontuação sintáctica e comunicativa”; a “pontuação do texto ou paginação” (*mise en page* - MEP) (Catach, 1980: 21). Maria Filomena Gonçalves (2003) distingue pontuação de palavra, pontuação de frase e pontuação de texto (cf. p. 167; pp. 191-195 e 213-214).

unidades pontuacionais (pontos, vírgulas, brancos, maiúsculas) podem ser encontradas em diferentes níveis, com forças e valores diferentes.

1.4. Funções dos *pontemas*

Na sua génese, as unidades pontuacionais cumpriam uma função prosódico-entoacional, constituindo instrumentos auxiliares da leitura em voz alta, destinada a uma comunidade de ouvintes, e servindo para demarcar os lugares onde o leitor deveria parar para descansar e respirar durante a leitura. Esta parece ser a única função que lhes é reconhecida até ao final do século XV, momento que coincide com o aparecimento da imprensa e em que os ortógrafos passam a atribuir-lhe uma nova função – gramatical ou sintáctica –, destinando-se então os *pontemas*, cujo uso era prescrito para contextos específicos²⁴, a delimitar e distinguir as frases, orações e os seus membros, a fim de evitar a ambiguidade do enunciado ou do texto. Mais recente é a sua função semântico-estilística, não obstante os gramáticos e ortógrafos do século XVI definirem já os sinais de pontuação pelo seu valor sintáctico e semântico. Esta última função advém do facto de que, na língua escrita, pontuar implica pôr em relevo a construção sintáctica e, portanto, esclarecer sentidos e evitar a ambiguidade na interpretação. Contudo, as mudanças funcionais não restringiram a pontuação ao papel de demarcador da organização sintáctica, dado que estes têm significantes que realçam quer os significados pretendidos pelo autor de um texto, quer aqueles que são construídos pelos receptores desse texto. Isto explica que não seja indiferente a opção por um dado *pontema* num contexto específico.

De acordo com as funções dos *pontemas*, e em conformidade com Nina Catach²⁵, podem ser delimitados quatro subconjuntos:

²⁴ É o caso da *virgula* que, na teoria pontuacional seiscentista, devia ser usada antes da conjunção coordenativa e, assim como antes de relativo.

²⁵ Outras propostas são apresentadas por autores diferentes. Por exemplo, Halliday (*apud* Rocha, 1995: 14) fala em três funções gerais para a pontuação: 1) marcar limites ou fronteiras (frases, orações, sintagmas, palavras e morfemas); 2) indicar uma função discursiva (declaração, interrogação, ou outra); 3) marcar relações – caso do hífen, que sinaliza que o elemento seguinte deve ser considerado como uma oposição ao precedente. Claude Tournier (1980: 37) sugere uma classificação baseada na função geral de delimitação: um primeiro grupo, do qual constam o ponto, ponto de interrogação e de exclamação, delimita a frase; um segundo grupo delimita os membros da frase e subdivide-se num conjunto delimitador dos elementos constituintes dos enunciados, formado pela vírgula, dois pontos e ponto e vírgula, e num conjunto de unidades que marcam a inclusão ou a interrupção: aspas, parênteses, colchetes, travessões e vírgula dupla. Outro critério complementar permite, segundo o mesmo autor, fazer uma distinção entre sinais simples e duplos, constituindo estes últimos uma terceira categoria. Nina Catach (1980: 17) adopta outra terminologia, identificando três funções da pontuação: 1) organização

O primeiro é composto pelos *pontemas* com função *separadora*, *delimitadora* ou *organizadora* do texto, ou seja, as unidades pontuacionais ditas “lógicas” – o ponto, a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos, os brancos, a maiúscula de frase (estas duas últimas foram as primeiras a serem usadas). Polivalente, o ponto é um dos mais antigos, pois tem vários valores: abreviatura, marca de limite de frase, marca de parágrafo ou de sintagma, quando encerra a citação de um autor e da sua obra. Desde o século XVI, a vírgula é uma das unidades mais polivalentes do sistema pontuacional, caracterizando-se pelas suas funções lógicas, entoativas, gramaticais e afectivas, que a fazem participar sempre na construção do sentido da frase escrita (Catach, 1994: 64-69; Drillon, 1991: 143-255). “Signe de ponctuation qui déchaîne les passions” (Drillon, 1991: 366), o ponto e vírgula equivale a uma pontuação média da frase. Os dois pontos têm valores e forças diferentes, visto que, como unidade de pontuação geral, este *pontema* correspondeu durante muito tempo à pontuação fraca ou média, entre a vírgula e o ponto final. No entanto, a partir do século XVIII, especializou-se também no “efeito de anúncio” de citação, sentença, máxima, explicação, causa, consequência ou síntese, utilizado sozinho ou em conjunto com as aspas e o travessão.

O segundo subconjunto é integrado pelas unidades associadas à expressão de *modalidade*, a saber, ponto de interrogação, ponto de exclamação e reticências. O ponto de interrogação, cuja primeira ocorrência data do século IX, acumula, à semelhança do ponto de exclamação, dois valores: o de pausa lógica, indicando fim de frase, e um valor modal, simultaneamente sintáctico e entoacional, substituindo-se, neste caso, ao ponto final, tal como as reticências, que surgiram no século XVII, para indicação de suspensão de ideias, subentendidos, abreviação de enumerações muito longas e marcação de hesitação.

Do terceiro subconjunto constam as unidades sequenciais (duplas) – *emunciadoras-anunciadoras* – aspas, travessão, parênteses, colchetes e chavetas. Pouco frequentes antes do século XVII, as aspas apresentam funções múltiplas: são marcas do discurso *reportado* (citações) e do discurso *directo*; assinalam a ironia, o desprezo face ao que o autor cita e os lugares comuns. Desempenham ainda a chamada “mise à distance” ou “mise en valeur” em títulos de artigos ou partes de obras, palavras raras, nomes de marcas, neologismos (Catach, 1994: 78). O travessão (simples ou duplo) é

sintáctica – função responsável pela união e separação das partes do discurso, em todos os níveis; 2) correspondência com o oral – indicação de pausas, do ritmo, da linha melódica, da entoação, ou seja, de todos os aspectos supra-segmentais; 3) suplemento semântico (acrescentar uma precisão semântica à mensagem escrita).

também um *pontema* polivalente: travessão de inciso, de separação, de reforço de palavra, conclusivo e de oposição. A sua função mais importante é, desde o século XVII, marcar o diálogo e o discurso directo. Também se emprega em enumerações extensas. Usados desde o final do século XIV como único *pontema* duplo, os parênteses correspondiam primeiro a uma figura de retórica que consistia na inserção de uma frase dentro de outra (explicação, comentário, voz do sujeito de enunciação). Os colchetes são utilizados apenas em contextos específicos: supressão no interior de uma citação (juntamente com as reticências); explicação exterior ao texto (da parte do editor, por exemplo); supressão de lacunas de textos (edições críticas). Por fim, as chavetas servem para reunir, num mesmo conjunto, várias palavras, linhas (verticalmente) ou colunas (horizontalmente), emprestando uma organização sistemática a dados ou elementos pertencentes a um dado âmbito. Disso foi exemplo, no século XVIII, a função sistematizadora conferida à chaveta na *Encyclopédie* de Diderot et d'Alembert. Com efeito, na obra que compilava os saberes daquela época as chavetas cooperavam na organização e na apresentação dos dados.

No quarto subconjunto inscrevem-se as unidades tipográficas *associadas*: maiúsculas, abreviaturas e siglas, marcas de palavra (hífen e apóstrofo), brancos, sublinhados e itálico²⁶.

Contudo, a distinção teórica entre os subconjuntos acima referidos não é completamente rígida, pois as unidades pontuacionais podem acumular várias funções, como se viu a respeito das unidades de *modalidade* que têm igualmente função delimitadora ou separadora, visto indicarem o final da frase.

²⁶ Jacques Drillon (1991) identifica outros *pontemas* secundários: o asterisco, a barra oblíqua, a nota de rodapé e a alínea (e parágrafo), que podem ser integrados neste subconjunto.

2. Breve história da pontuação

La puntuación nació para marcar las pausas, los pequeños silencios tan significativos, y nació, como tantas otras cosas, en la antigüedad clásica, cuando la lectura se realizaba en voz alta [...].

José Manuel Blecua (*apud* Mediavilla, 2000)

2.1. Perspectiva histórica da pontuação

O uso “flutuante” ou ambíguo do sistema pontuacional, tal como é conhecido actualmente, advém da circunstância de ter sido uma aquisição relativamente recente, na sequência das próprias necessidades da escrita. A prática de pontuar os textos escritos explicar-se-á em virtude de três necessidades: para auxiliar à leitura em voz alta e à dicção (para o leitor compreender melhor as passagens difíceis); para permitir o estabelecimento e o tratamento do texto; e para facilitar o canto e a recitação cantada.

A origem da pontuação é atribuída a uma invenção de Aristófanes de Bizâncio, gramático alexandrino (257-180 a. C), um dos principais membros da Academia de Alexandria e director da sua Biblioteca, que terá pensado num sistema de pontuação composto por três unidades (o ponto perfeito, o ponto médio e o ponto baixo²⁷), correspondentes à pontuação forte, média e fraca, sistema baseado em regras fixas. Não obstante este sistema ter seguidores nas figuras de Dionísio, o Trácio (170-90 a. C) e Santo Isidoro (560-635), não foi, todavia, aplicado regularmente, por ser considerado um luxo, visto que os textos eram escritos para serem recitados oralmente, cabendo aos *pontemas*, meros indicadores rudimentares, assinalar as pausas para respirar na leitura em voz alta. Além de recorrerem aos *stigmai* (unidades de pontuação), Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia (220-143 a. C) utilizaram também os *semeia* (sinais críticos: obel, asterisco, *sigma* e *antisigma*) e os *prosodiai* (acentos diacríticos).

Na Antiguidade Clássica, a escrita era vista como um simples registo da fala. Durante muito tempo, não existiram nem segmentação nem marcas gráficas de pontuação, pois a escrita era contínua (*scriptio continua*), e cabia ao leitor separar e pontuar o texto. Desta forma, para os Gregos a pontuação era elemento já então usado

²⁷ O sistema de três pontos de Aristófanes de Bizâncio era composto pelo “ponto perfeito”, colocado na parte superior da linha, cujo valor era idêntico ao *ponto actual* e indicava que a oração estava completa; pelo “ponto baixo”, colocado na parte inferior da linha, equivalente ao *ponto e vírgula* e aos *dois pontos*, para indicar uma pausa e oração incompleta; pelo “ponto médio”, colocado na parte média da linha, equivalente à *vírgula*, indicador de uma pequena pausa. Cf. o artigo de Martínez de Sousa, publicado na revista electrónica *Acta*.

não na composição mas na interpretação do texto, para evitar ambiguidades. Afora o sistema introduzido por Aristófanes, com duas funções distintas – uma semântica, ao indicar se o enunciado estava completo ou não, e outra prosódica, a principal, que instituiu as pausas para respirar –, os Gregos recorriam a outro sistema baseado no uso da *diástole*, vale dizer, separação por meio de um certo tipo de vírgula.

Por sua vez, os Romanos, que adoptaram dos Gregos a leitura em voz alta e a *scriptio continua*, também sentiam dificuldades na leitura, fosse por ausência, fosse por limitação dos signos complementares. Relativamente à pontuação praticada pelos Romanos, existem informações muito distintas e até contraditórias. Para uns²⁸, ela seria já usada pelos copistas para resolver dificuldades de leitura; na opinião de outros²⁹, os textos antigos ou dispensavam a pontuação ou não estavam correctamente pontuados. No entanto, a literatura refere vários *pontemas* que seriam utilizados esporadicamente: o *ponto*, o mais frequente, com as funções de indicador de abreviatura, de marcador de uma letra em destaque, num texto teórico, de indicativo de rasura e de separador de sílabas ou de palavras; o *branco*, o *travessão*, o *hifen*, o *traço de união*. Mas o sistema grego dos três pontos foi igualmente aproveitado pelos Romanos³⁰, responsáveis pela sua expansão na alta Idade Média. Nesta época foram-lhe introduzidas algumas alterações, embora estas se prendessem mais com o plano da figura e da designação do que com a sua função³¹. Os “períodos” e outros segmentos menores de significado e de entoação – os seus “membros” ou “incisos” – eram delimitados respectivamente pelo *periodus* ou *plena distinctio* [;], equivalente a uma pontuação mais forte, seguida de espaço em branco e maiúscula³²; *cólon* ou *media distinctio* [•], seguido de minúscula; e *comma* ou *subdistinctio* [!]³³. Este sistema continuará a ser alvo de variações no âmbito das denominações e das representações gráficas nas obras de impressores e teóricos do século XVI (Catach, 1994: 15).

²⁸ Para mais informações, vide: Françoise Desbordes (1990: 228-229; 234-247) que confirma a prática pontuacional entre os Romanos. Nina Catach (1994: 12) corrobora esta teoria e apresenta várias referências bibliográficas relacionadas com a prática pontuacional na Antiguidade Clássica.

²⁹ Segundo Martínez de Sousa (1996), os manuscritos latinos mais antigos não tinham pontuação, sendo esta usada de forma muito irregular.

³⁰ A representação gráfica dos pontos mantém-se, diferindo apenas a sua designação. A pontuação forte [·] é representada pelo ponto alto (*teleia* ou *stigmè*), dos Gregos, e pela (*plena*) *distinctio* dos Romanos; a pontuação média [•], pelo ponto médio (*messè*), dos Gregos, e pela *distinctio media*, dos Romanos; a pontuação fraca [·], pelo ponto baixo (*upostigmè*), dos Gregos, e pela *subdistinctio*, dos Romanos (Catach, 1994: 14).

³¹ Veja-se a nota 27.

³² Apesar de este pontema ter a mesma representação gráfica do ponto e vírgula actual, não deve ser confundido com ele: é um ponto ao alto, reforçado por uma vírgula.

³³ É importante não confundir esta *comma* com o ponto de exclamação.

Aspecto não menos relevante é que, nesta época, o leitor continua a ser responsável pela pontuação do texto, servindo esta essencialmente seja para marcar pausas e distinções entre os “períodos” e outros segmentos menores em termos de significado e de entoação, seja os seus “membros” ou “incisos”³⁴. Só na parte final da Idade Média as unidades pontuacionais vão multiplicar-se, adquirindo então a pontuação uma nova função – a lógico-gramatical –, que viria a consolidar-se durante o Renascimento, período durante o qual começam a ser publicadas listas de unidades pontuacionais, acompanhadas de prescrição quanto ao seu uso.

É ainda na Idade Média que se regista um marco decisivo na história da pontuação – o aparecimento da imprensa no final do século XV. É a partir deste momento que a pontuação, usada até então heterogeneamente por escribas, copistas e pedagogos, se generalizou como parte integrante do sistema gráfico, culminando este processo no século XVII, momento em que ocorre uma intensa normalização da pontuação, decorrente da necessidade de uniformização da imprensa, da “popularização” desta e da consequente extensão da leitura a públicos cada vez mais alargados, o que modificaria, inevitavelmente, a concepção de leitura: da leitura em voz alta transita-se gradualmente para a leitura silenciosa e intelectualizada ou visual.

Já no século XVIII, o uso dos *pontemas* usuais, a saber, a *vírgula*, o *ponto-e-vírgula*, o *dois pontos*, o *ponto*, este último apenas em final de parágrafo, obedecia a algumas considerações (Beauzée, 1765: 16), nomeadamente a proporção entre distintos tipos de pausas, dependendo esta da combinação de três princípios fundamentais: primeiro, a necessidade de respirar; segundo, a distinção de sentidos parciais que constituem o discurso; terceiro, a destrição entre graus de subordinação, necessária a alguns destes sentidos parciais no conjunto do discurso. Os demais (*parêntesis*, *reticências*, *aspas*, *alínea*, *pontos de interrogação* e *de exclamação*) eram tratados de forma separada, na maioria dos casos. Entre outros valores, os *dois pontos* eram utilizados como sinal de separação com força intermédia entre o *ponto e vírgula* e o *ponto*, tendo ainda um uso diferente do actual.

Em 1873, é publicado o *Traité de Ponctuation*. Ao introduzir os *pontos condutores*, *hífen*, *travessão*, *aspas*, *colchetes*, *alínea*, *apóstrofo*, *et caetera*, *asterisco*, *parágrafo*, *sublinhado*, *chave*, Ricquier, seu autor, veio enriquecer a lista de *pontemas*.

³⁴ De resto, é na retórica que está a origem da nomenclatura dos *pontemas* encontrada nas obras medievais, e, mais tarde, nas renascentistas. *Periodus*, *cólon* e *comma* designavam inicialmente tipos de construção de enunciados (Rosa, 1994: 47).

As regras para a utilização de cada *pontema* baseavam-se na sintaxe. Interessa ainda sublinhar que, no século XIX, os profissionais da Imprensa conheciam melhor o sistema pontuacional em vigor que os próprios autores dos textos impressos.

2.2. Da tradição manuscrita à tradição impressa: o contributo da imprensa para a normalização da pontuação

“A arte da escrita artificial e a invenção do prelo não são apenas mais uma invenção na história da humanidade [...], constituem uma mudança radical na aproximação do homem, da sociedade a algumas das suas criações mais importantes.”

(Pizzaroso Quintero, 1996: 29)

Conforme referido acima, divulgou-se a ideia de que os antigos manuscritos não apresentavam pontuação. A verdade é que nos manuscritos gregos, assim como nos romanos, inicialmente caracterizados pela *scriptio continua*, depressa se foram introduzindo algumas inovações de ordem pontuacional, uma vez padronizada a direcção da linha (esquerda-direita) pelos Gregos. Foram introduzidos os brancos (espaços) entre as palavras nos manuscritos romanos, novidade à qual se seguiria a do ponto, investido de várias funções – abreviatura, marcador de letra, indicador de rasura, separador de sílabas e de palavras, grupos de palavras ou frases. Foram-se sistematicamente distinguindo as letras maiúsculas e as minúsculas, apresentando as primeiras várias funções especiais e tornando-se, já na Idade Média, verdadeiros *pontemas*. Não obstante a pontuação ter sofrido um fraco desenvolvimento até ao final da Idade Média, a verdade é que não se pode afirmar que ela fosse inexistente ou mesma arbitrária, como também se tem afirmado. Em Portugal, a proposta de D. Manuel I de coligir e mandar imprimir a documentação jurídica que regia o país repercutiu-se no progressivo relaxamento dos escribas, cujos manuscritos continham correcções e acrescentamentos nas margens e nas entrelinhas, abreviaturas e supressões. Pelo contrário, os impressos exigiam uma regularidade tanto ortográfica como formal, devendo a pontuação neles utilizada submeter-se rigorosamente à configuração da mancha tipográfica, o que podia originar o desaparecimento ou mesmo a substituição de

algumas unidades pontuacionais³⁵. O sistema então em vigor possuía poucas unidades: os elementos (pontos) que compunham o sistema clássico das *distinctiones*³⁶; a vírgula suspensiva [/], separadora de membros de “cláusulas”; o caldeirão, indicador de começo de parágrafo; o *interrogativus*. Havia, contudo, algumas divergências entre as unidades pontuacionais usadas nos manuscritos e as dos impressos³⁷.

Os primeiros impressores sentiram, por assim dizer, um complexo de inferioridade face ao trabalho de grande perfeição formal desenvolvido pelos copistas e escribas, motivo por que o aspecto dos primeiros livros impressos era muito semelhante ao dos códices manuscritos, cujas características – o tipo de letra (caracter gótico tradicional³⁸), os adornos, as iluminações de letras iniciais e o sistema pontuacional³⁹ – eram imitados. A contribuição dos humanistas, que procuravam uma maior distinção entre os elementos constitutivos das *sentenças*, foi muito importante para a renovação do repertório geral de pontuação. Esses autores vão influenciar directamente os primeiros impressores, eles próprios humanistas em alguns casos, sendo os seus impressos considerados verdadeiros modelos para as gerações seguintes de gramáticos, escritores e correctores. O sistema pontuacional utilizado no final da Idade Média, em uso nos primeiros incunábulo do final do século XV, expandir-se-á, gradualmente, com o uso progressivo da vírgula curva [,], dos parênteses curvos, do ponto de exclamação e do *semicolon*, correspondente ao actual ponto e vírgula.

Conclui-se, assim, que o advento da imprensa na segunda metade do século XV foi relevante para a standardização e normalização da pontuação. A imprensa de tipos metálicos móveis exerceu uma influência decisiva na variedade de convenções,

³⁵ Maria Carlota Rosa (1994) apresenta alguns exemplos desta situação: se a inclusão de um sinal interferisse na justificação da margem, ele deixava de ser colocado; e o *colón* podia ser substituído pela maiúscula.

³⁶ Como este sistema tinha o inconveniente de suscitar dúvidas quanto à posição ocupada por cada ponto, os monges de Cister e os cartuxos adoptaram, nos séculos XIV e XV, as *positurae* que reforçavam os pontos com um traço.

³⁷ Segundo Maria Carlota Rosa (1994), apenas a *comma*, o *colón* e a *vírgula* se encontravam regularmente nos manuscritos e nos impressos portugueses do século XV. Por outro lado, Nunes de Leão, já no século XVI, refere claramente que as unidades pontuacionais, propostas em obra de 1576, são usadas “assi na scriptura de mão, como na stampada” (1576: 74v). No entanto, quase a encerrar a sua doutrina pontuacional, faz referência a um *pontema* que “se chama nas impressões divisão” e ao “ângulo ou meta, que os scriptores de mão usão” (1576: 78v). López de Velasco (1582: 289) apresenta para a “escritura ordinaria de mano” “punto entero y rayuela atravesada para el fin de las clausulas y oraciones” e “coma o medio punto en las otras partes donde se ofreciere duda o se huuiere de alentar” (cf. *infra* capítulo II, 1.).

³⁸ Nos incunábulo usa-se este tipo de letra; contudo, por influência dos humanistas o caracter gótico vai ser substituído, progressivamente, pela letra *humanística* redonda e pela *itálica* ou aldina (Anselmo, 1997).

³⁹ As dificuldades sentidas na produção dos tipos metálicos, de custos muito elevados, limitaram o número de tipos correspondentes às unidades pontuacionais, bastante reduzido em oficinas mais pequenas. Vide: www.ehu.es/~diaz-noci/Arts.

acelerando o processo de codificação da língua escrita e, conseqüentemente, do(s) sistema(s) pontuacional(is). Aliás, o contributo decisivo da imprensa para a escrita em geral, tanto manuscrita como em letra de forma, e, conseqüentemente, para a pontuação, é corroborada por uma declaração de Palafox y Mendoza:

“Qualquiera que escriba, como comunmente se imprime, y determinare sus dudas por lo que vê impresso, es bastantemente aliñado en lo que escribe. Porque en las impresiones es donde se tiene la mayor practica, porque las asisten, y corrigen las personas doctas que imprimen alli sus obras, y claro està que por la mayor parte son los mas eruditos de los Reynos. [...] por lo impresso se vê la forma que se ha de tener al escribir en lo manuscrito, assi quanto a las partes, distinciones, y puntos, y la igualdad, y forma de las letras grandes [...]” (Palafox y Mendoza, 1679: 70-71).

2.3. Antecedentes da pontuação seiscentista

Com o advento da imprensa, começam a proliferar, como salientado acima, as obras dos humanistas e dos próprios impressores, responsáveis pela divulgação de listas de unidades pontuacionais e tratados de pontuação, que constituem os antecedentes da pontuação seiscentista. A primeira obra deste género terá sido o *Compendiosus dialogus de arte ponctuandi*, da autoria de Jean Heylin, impresso em Paris em 1471. Desta relação constavam os seguintes *pontemas*: a *vírgula* [,]; o *cólon* [-] (ou ponto a meia altura); o *periodus* [;]; a *comma* (ou *distinctio*) [·]; o *punctus interrogativus* [?]; o *parenthesis* [()], a divisão simples [/] ou dupla [//] para cortar a palavra no fim da linha. Estes mesmos *pontemas* surgiram, entre outros, nos seguintes autores: Lefèvre d’Etaples⁴⁰ (1529), Geoffroy Tory (1529)⁴¹, Dolet⁴² (1540), Aldo Manúcio, o Jovem (1561)⁴³. As obras destes dois últimos impressores merecem ser objecto de destaque em virtude da sua importância e da influência que exerceram sobre as obras dos gramáticos seiscentistas. Na sua obra, Étienne Dolet (1540) (Mediavilla, 2000: 41-43) inclui um tratado intitulado *La punctuation de la langue françoise*, no qual a pontuação é descrita

⁴⁰ O autor arrola, na sua *Grammatographia*, os três pontos (*periodus*, *cólum* ou *ponto baixo* e *comma*), o ponto admirativo ou exclamativo, o interrogativo, o ponto de divisão (sinal duplo), os parênteses, a vírgula oblíqua (*suspensivum*) e a *comma* / dois pontos.

⁴¹ Na sua obra *Champ Fleury*, este sábio humanista, também impressor, apresenta onze novas unidades pontuacionais: ponto suspensivo [/]; duplo [-]; semiponto (oblíquo, sinal de divisão); ponto curvo [·]; *comma* [·]; respirante ou *cólon* (ponto médio); *periodus* (ponto baixo); interrogante [?]; *respondente* (em forma de 3, variante do precedente); admirativo [!]; parênteses [()] (Catach, 1994: 30).

⁴² Grande humanista e impressor de Lyon (Catach, 1994: 30), é autor do primeiro verdadeiro tratado de pontuação, destinado aos impressores e aos textos impressos – *La maniere de bien traduire d’une langue en aultre*.

⁴³ Tal como o avô, este impressor gozou de grande fama e prestígio entre os seus colegas de profissão.

como prática “universal”, sendo, por isso, a sua teoria aplicável a todas as línguas, salientando que o nome dos *pontemas* indica o seu “efeito, e propriedade”. O sistema pontuacional de Dolet contempla o *poinct à queue* ou *virgule* [,], aconselhado antes das conjunções *ou* e *e* (se estas estiverem dobradas, só a segunda deverá ser pontuada); a *comma* [:], que indica uma *sentença* incompleta; o *poinct* [.]; o *interrogant* [?]; o *admiratif* [!], que assinala frases em que se exprime admiração ou desejo, devendo acompanhar as interjeições; o *parenthese* [()]; dois sinais de fecho [)] e []]; uma tentativa de descrever os dois *meios círculos* para “adição” (esboço das aspas actuais). Da obra de Dolet desapareceu o tradicional *periodus*, sendo a frase delimitada apenas pelo ponto final. O *Epitome orthographiae* de Aldo Manúcio, o Jovem, contém um trecho intitulado “Interpungendi ratio”, no qual reconhece a pontuação como parte da ortografia e define o sistema pontuacional. Este é constituído pela *virgula*, *comma* ou *semipunctum* [,], com funções de separador das partes da “sentença”, de nomes e de verbos das enumerações; o *punctum semicirculo junctum*⁴⁴, equivalente ao actual ponto e vírgula [;], dotado de valor separador intermédio entre a vírgula e os dois pontos, cuja função era separar nomes opostos e frases compostas, quando uma vírgula era insuficiente e os dois pontos, pontuação demasiado “forte” para a pausa ser assinalada; o *geminatio puncti* (dois pontos actuais [:]), com a função de separar frases compostas e com valor intermédio entre o ponto e vírgula e o ponto final; o *unicum punctum* [.] , que encerra frase; a *interrogandi nota* [?], para expressar, simultaneamente, dor e admiração e para delimitar uma interrogação; e os parênteses (Mediavilla, 2000: 52-54).

⁴⁴ O autor reconhece a grande dificuldade na utilização desta unidade pontuacional.

II

A PONTUAÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA

1. Antecedentes

[...] *la puntuación castellana y la romance, en general, y también la de otras lenguas no era sino adaptación de la que se acostumbraba a hacer en latín.*

(Ramón Santiago, 1998: 248)

Antes de mais, importa destacar a influência da doutrina pontuacional de Santo Isidoro de Sevilha, que se fez sentir entre os séculos VII e IX na Península Ibérica e no resto da Europa. O autor aumenta o número de *pontemas*, acrescentando aos *positurae* ou sinais de pausa – o tradicional sistema dos três pontos (*cola*, *commata* e *periodos*)⁴⁵ –, as *notae sententiarum*, anotações críticas utilizadas originariamente em poemas e textos narrativos para chamar a atenção do leitor, e ainda os sinais de acentuação e de aspiração. Ao contrário dos *positurae*, as *notae sententiarum*, em número de vinte e seis⁴⁶, não têm influência no sentido do texto. Algumas tornaram-se verdadeiros *pontemas*, como o parágrafo, o travessão (*obelos*), o *diple* ou sinal de citação e o asterisco. Os dez sinais de acentuação e de aspiração – *oxeia*, *bareia*, *perispoméne*, *macrós*, *brachys*, *hyphén*, *diástole*, *apóstrofo*, *daseia* e *psilé* – são utilizados pelos gramáticos para estabelecer distinções nas palavras. Destes dez sinais, a *brachys*, o *hyphén*, a *diástole* e o *apóstrofo* serão integrados nos sistemas pontuacionais seiscentistas (cf. *infra* III, 2.).

⁴⁵ Estas designações referem-se, simultaneamente, às unidades pontuacionais e às unidades sintáticas que estas delimitam: “Los signos de puntuación sirven para ir delimitando el discurso hablado por medio de *cola*, *comata* e *periodos*, que, siguiendo unas reglas, nos ponen de manifiesto el sentido de lo escrito. Dichos signos se llaman *positurae*, porque son anotados poniendo (positis) puntos, o porque allí donde están colocados, la voz “reposa” un momento como señalando una pausa (...) El primer signo de puntuación es el *punto bajo*, llamada *subdistinctio*, y *comma* en latín. El segundo es el *punto medio*, conocido como *distinctio media* y *cola*. Por último, el *punto alto* – *distinctio ultima* o *periodo* –, que cierra toda la oración. (...) Así, al comienzo de la frase, cuando ésta no posee todavía sentido completo, pero se tiene necesidad de respirar, nos encontramos con una *comma* que divide la frase; el punto se coloca siempre detrás de la última letra, en la parte baja; precisamente por eso a la *comma* se le da el nombre de *subdistinctio* (...). Cuando, a medida que progresa la oración, va aflorando el sentido, pero todavía falta algo para que éste sea completo, se produce un *colon*, que notamos con un punto a la altura media de la letra. Lo llamamos *distinctio media*, por ir situado el punto tras la letra, a media altura. Cuando en nuestro discurso hablado hemos llegado al final de la frase, nos encontramos con un *periodo*, y colocamos un punto detrás de la última letra, en la parte alta; y lo llamamos *distinctio*, esto es, separación, porque separa una oración completa.” (Sevilha, 1993: 309).

⁴⁶ Eis as designações das várias *notae sententiarum* identificadas por Santo Isidoro: *asterisco*, *obelos*, *obelos sobrepontado*, *lemnisco*, *antígrafo pontado*, *asterisco obelado*, *parágrafo*, *positura*, *crifia*, *antisimma*, *antisimma pontada*, *diple*, *diple peristichon*, *diple periestigméne*, *diple obolisméne*, *diple volta obolisméne*, *diple contraria obelada*, *diple supra obelada*, *diple recta e contraria supra obeladas*, *ceraunio*, *crisimon*, *phrontis*, *âncora superior*, *âncora inferior*, *corona* e *âlogo* (Sevilha, 1993: 309-313).

Na Península Ibérica a tradição gramatical em vernáculo é inaugurada por António de Nebrija⁴⁷ que publica, em 1492, a *Gramática de la lengua castellana*, obra inaugural por ser a primeira do género entre as línguas românicas peninsulares, tomada como referência pelos gramáticos seguintes. Contudo, nem nesta obra nem nas *Reglas de ortografía* (1517) o gramático faz alusão a qualquer doutrina pontuacional. Segundo Sebastián Mediavilla (2000), isto explicar-se-ia pelo facto de o nebrissense já ter exposto as suas ideias e preceitos em matéria ortográfica, a respeito da língua latina, no tratado “De punctis clausularum”, incluído nas *Institutiones in latinam grammaticen*⁴⁸. Apoiando-se na tradição de S. Jerónimo, que diz ter imitado Demóstenes e Cícero, o gramático espanhol sugere um sistema reduzido a dois elementos: *cólon* [·], com a função de fechar a frase, e *comma* [·:], para demarcar as outras unidades que formam a frase. Refere, todavia, duas outras unidades pontuacionais: o *colum*, usado principalmente nos manuscritos, ponto separador das palavras numa sequência, e o *interrogante*, com as funções dos actuais pontos de interrogação e de exclamação.

No panorama humanístico português, é de referir a *Nova grammatices Marie Dei Virginis ars* de Estêvão Cavaleiro, publicada em 1516⁴⁹. Do sistema pontuacional definido pelo autor, ao qual dedica um “Capítulo utilíssimo sobre os sinais de pontuação e seu lugar adequado no discurso”, constam seis unidades pontuacionais: a *vírgula* ou *ponto suspensivo* [/]; a *coma* [·]; o *cólon* [·]; o *período* [·]; o *ponto de interrogação* [?] e os *parênteses* [()]. Veja-se, em primeiro lugar, a definição apresentada por Estêvão Cavaleiro, na qual se reconhece a importância de pontuação e as suas funções na delimitação de frases, no auxílio à construção do sentido do texto e na indicação de pausas:

“Já que a arte e ensinamento sobre os sinais de pontuação prestam grande auxílio não só aquele que lê, mas, de facto também aos ouvintes, julgamos, por isso, esta lição digna de levar a nossos escolares.

⁴⁷ O gramático nasceu em 1441 em Lebrija e morreu em 1522. Uma viagem a Itália em 1460 contribuiu decisivamente para o desenvolvimento das suas ideias. Estudou ainda em Salamanca. (Alcina Franch, 1994: 57).

⁴⁸ Mediavilla (2000: 37-38) cita Nebrija: “Lo mismo que en la lengua hablada es necesario realizar ciertas pausas distintivas, para que el oyente perciba las distintas partes de la frase y para que el locutor, una vez recuperado el aliento, hable con mayor energía, así, en la escritura, hemos de hacer lo mismo para resolver ambigüedades, por medio de los signos de puntuación.”

⁴⁹ Maria Carlota Rosa (1994: 56) sublinha que este autor seguiu a teoria de João Vaz, exposta na obra *In grammaticae rudimentis comentarii* (1502), aproveitando quer os seus exemplos quer as suas definições, apesar de o refutar constantemente, motivo por que diferem tanto o inventário de unidades pontuacionais como o traçado destes. Vaz terá inventariado as seguintes unidades pontuacionais: *ponto suspensivo*, *ponto geminado*, *coma* e *semiponto*, descritos mas não desenhados, além de *cólon* [·], *ponto exclamativo* ou *admirativo* [?], *ponto interrogativo* [?] e *parênteses*.

É, pois, o ponto o sinal que, pela sua demora, separa as cláusulas, distingue o sentido, recupera o fôlego e propicia o tempo de reflectir.
Ocorre, portanto, ou pela pausa na pronúncia, ou pela marca da pena.” (Apud Rosa, 1994: 61)

A *vírgula* ou *ponto suspensivo* [/], que o humanista diz ser designada pelos “homens doutos” por *subdistinctio*, usa-se “depois de enunciados carentes de verbo ou de acabamento, antes que se possa depreender qualquer sentido da cláusula” (Apud Rosa, 1994: 62). Estêvão Cavaleiro coloca a tónica na função de indicadora de pausa. A *coma* [:] ou *distinctio* serve para delimitar “enunciados que têm verbo, mas privados de acabamento”. O *cólon* [.] separa não só “enunciados que tenham o verbo devido, com sentido acabado”, indicando “que algo pertinente pode ser ajuntado à construção”, como aparta também “palavras ligadas sem conjunção”. O *período* [;] coloca-se no fim de “cláusula” com sentido completo. O *ponto de interrogação* [?] usa-se depois de “palavra ou construção interrogativa”. O *parênteses* [()] “ocorre quando uma construção é interposta a uma construção ainda incompleta”. Daqui se conclui que o critério que preside à distinção das unidades pontuacionais é o sentido completo, ou seja, aplica-se-lhes um critério sintáctico e semântico. Algumas também se encontram associadas às pausas respiratórias; porém, este critério ocorre em segundo lugar. Estêvão Cavaleiro encerra o assunto afirmando: “A vírgula, em verdade, exige uma pequena demora na prolação; a coma, uma pouco maior, mas com a voz suspensa. O cólon e o período exigem um intervalo pouco mais prolongado.” (Apud Rosa, 1994: 67)

Segue-se a *Grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira⁵⁰, publicada em 1536 por Germão Galharde⁵¹. Nela, o autor não faz qualquer alusão ao assunto em apreço. Todavia, um levantamento das várias unidades pontuacionais registadas no texto impresso suscita a hipótese de o seu uso não ser da responsabilidade do gramático quinhentista mas, sim, do seu impressor. No impresso as unidades pontuacionais mais frequentes enquadram-se na pontuação de frase: *coma* [:], *cólon* [.] , *vírgula* ou *ponto suspensivo* [/], além da maiúscula de frase e de palavra. Menos

⁵⁰ Nasceu provavelmente em Aveiro em 1507, este homem do Renascimento, humanista e detentor de um forte espírito crítico, foi gramático, historiador, cartógrafo, piloto, teórico de guerra e de construção naval. Teve uma vida cheia de aventuras, viajando por Espanha, Inglaterra, Itália e Norte de África. Em 1547, ao regressar a Portugal, é preso pela Inquisição, saindo cárcere em 1551 por intervenção do Cardeal D. Henrique. Foi ainda nomeado para alguns cargos: Capelão Real (1552), revisor tipográfico da Universidade de Coimbra (1554). Morreu por volta de 1580 ou 1581 (Buescu, 1978: 21).

⁵¹ Este impressor de origem francesa é um dos tipógrafos mais importantes do século XVI. Desenvolveu a sua actividade em Lisboa e Coimbra até cerca de 1560, tendo recebido o título oficial de impressor da casa real a 14 de Fevereiro de 1530 (Deslandes, 1988: 38).

frequentes são os parênteses [()]). Existem, contudo, outras unidades relacionadas com a pontuação de palavra, sobretudo a *cessura* [=] para assinalar a translineação⁵², a maiúscula e as abreviaturas. Pertencentes à pontuação de texto, o *caldeirão* e a *capital decorativa* em início de capítulo, também são recorrentes. Da comparação com a obra de Estêvão Cavaleiro, seu antecedente mais próximo, se retira o desaparecimento do *período* [:] na primeira gramática escrita em vernáculo português. Relativamente aos usos das restantes unidades pontuacionais, torna-se difícil perceber os critérios que presidiram à sua aplicação. Assim, a *vírgula* [/], que devia separar enunciados sem verbos e com sentido incompleto, ocorre em contextos muito diversificados, conforme a seguir se ilustra:

- i. “Alghũas partes ou vozes temos na nossa lingua as ães são partes porsí / mas não sinificação cousa alghũa e por tâto não lhe chamaremos partes da oração ou da lingua como são o nome e verbo e outras: mas todauia fazẽ ajũtamẽto ou composição porq̃ de seu naçimento ellas são apartadas: mas tẽ por offiçio seruir sempre em ajũtamẽto e nũca as achamos fora delle: e são estas as partes.re.es. e des.”⁵³ (Oliveira, 1536: 24r)
- ii. “[...] e muy poucas são as coisas q̃ durão por todas ou muitas idades em hũ estado quanto mais as falas q̃ sempre se conformão cõ os conceitos ou entenderes / juyzos e tratos dos homẽs: e esses homẽs entendem julgão: e tratão por diuersas vias e muytas: as vezes segundo quer a neçessidade: e as vezes segundo pedem as inclinações naturaes.” (Oliveira, 1536: 26r)
- iii. “[...] ainda porem q̃ não sempre isto he acertado / porque muitas vezes alghũas dições q̃ ha pouco são passadas são ja agora auorreçadas: como abem / ajuso / acujuso / a suso / e hoganno / algorrem [...]” (Oliveira, 1536: 26r)

No primeiro exemplo, a vírgula delimita uma oração coordenada adversativa que completa o sentido da primeira oração, correspondendo, por isso, ao uso prescrito por Estêvão Cavaleiro⁵⁴; no segundo, separa dois substantivos com significado semelhante; no terceiro, palavras de uma enumeração não ligadas por conjunção⁵⁵.

⁵² Contudo, na obra em questão, despreza-se, por vezes, a utilização da *cessura*: veja-se, por exemplo, o que ocorre no início do capítulo XXXVI (Oliveira, 1536: 25v).

⁵³ Este exemplo, como pode verificar-se, não se limita à ocorrência da vírgula, pois servirá para exemplificar o emprego de outras unidades pontuacionais.

⁵⁴ Ainda no mesmo exemplo, pode constatar-se que as duas orações coordenadas adversativas seguintes revelam uma independência maior, pelo que foram introduzidas pela *coma*.

⁵⁵ Estêvão Cavaleiro prescrevera para tal situação o emprego do *colón*. Ora esta lição é seguida em outros contextos, como se verificará mais adiante.

Quanto à *coma*, de acordo com os exemplos transcritos acima, serve esta, efectivamente, para “delimitar enunciados com verbo, mas com sentido incompleto”, ou seja, para separar orações, coordenadas ou subordinadas, na frase complexa, completando-lhes o sentido. Além disso, parece estar-lhe já atribuída a função posterior de anunciador-enunciador, como se reconhece no exemplo iii. Por sua vez, o *cólon* circunscreve frases com verbo e sentido completo. Contudo, pode ser seguido ou não de maiúscula. Esta unidade pontuacional separa ainda palavras ligadas sem conjunção⁵⁶, assinalando uma pontuação fraca, conforme se depreende das palavras de Oliveira:

“[...] ou as dições jūtas são aquellas ã q̃ se ajuntão diuersas dições ou suas partes fazendo hũa so dição: como cõtrafazer.refazer.desfazer.nas qes dições se ajūtão diuersas outras dições ã cada hũa dellas. ã cõtrafazer se ajūtão cõtra e mais fazer. E ã refazer se ajūtão.re.e mais fazer: e em desfazer .des.⁵⁷e mais fazer. e posto q̃ cada hũa destas partes não sinifiq̃ apartada por si como .re. e des. q̃ apartadas não dizẽ cousa alghũa [...]” (Oliveira, 1536: 24r)

Mas no excerto transcrito não fica muito claro qual o critério que rege a distinção entre o uso de *coma* seguida de maiúscula ou de minúscula⁵⁸. O mesmo acontece com a utilização do *caldeirão*, que surge como novidade em relação às doutrinas anteriores, embora, segundo Maria Carlota Rosa (1994: 44), tenha uso regular nos impressos quinhentistas. O *caldeirão* é utilizado para indicar mudança de parágrafo mas pode não anunciar tal mudança:

“As dições juntas as vezes se ajuntão de duas partes e as vezes de mais: de duas pella mayor parte / como empedir.encolher.E mais como desempedir desencolher e as mais não serão mais q̃ tres como aqui.são.des.e em e pedir ou colher. (caldeirão) As partes destes ajuntamētos ou todas guardão a forma q̃ tinham dantes ou não todas a guardão ou nenhũa dellas. todas como empedir: desempedir.”⁵⁹ (Oliveira, 1536: 24v- 25r)

⁵⁶ Esta é função atribuída por Nebrija ao *colum*, usado nos manuscritos.

⁵⁷ Não ocorre, no texto impresso, o primeiro *cólon* em “.des.”, visto aparecer em início de linha.

⁵⁸ Para a mesma situação, detecta-se a aplicação de duas soluções: *cólon* e *coma*. Segundo Rosa (1994: 123), o *cólon*, nos impressos, viria a reunir em si o *cólon* e o *período* dos gramáticos greco-latinos, o que pode ter originado algumas confusões.

⁵⁹ Na gramática quinhentista, o *caldeirão* surge sobretudo em situação de mudança de parágrafo. Contudo, também ocorre frequentemente sem conduzir a esta mudança. A razão pela qual se usou o *caldeirão*, sem se proceder à mudança de linha, pode residir no facto de haver uma ligeira mudança de assunto. No excerto iniciado por *caldeirão*, primeiro são tratadas as “dicções” e, a seguir ao *caldeirão*, as partes destas “dicções”.

Quatro anos mais tarde, sai dos prelos de Luís Rodrigues⁶⁰ a *Gramática da língua portuguesa* de João de Barros⁶¹, que inclui já algumas “regras que devemos ter nas clausulas e periodos da óracám, e do apontár della” (1971: 153). Este gramático chama a atenção para a grande importância da pontuação, ao considerá-la “hũa das cousas principáes da ortografia, pela qual entendemos a escritura”, porque ajuda a esclarecer o sentido da “óracám amfibológica⁶²”. Como refere o próprio autor, a origem desta doutrina pontuacional encontra-se nos gramáticos latinos. À pontuação de frase pertencem as seguintes unidades, conforme definição de João de Barros: a *cõma* [:], que, ao permitir o descanso da voz, corta a “cláusula” em duas partes, separadas, por sua vez, por *vírgulas* ou *vergas* [,]; o *cólo* [·], para encerrar a “cláusula”; a *entreposiçam* ou *parêntesis*; o *interrogativo*. Da comparação entre a *Gramática* de Fernão de Oliveira e a *Gramática* de João de Barros sobressaem, desde logo, algumas diferenças relativamente à pontuação usada⁶³: a barra oblíqua representativa da vírgula foi substituída pela *vírgula curva*, recurso pontuacional bastante frequente no segundo texto impresso; o *caldeirão*, herdado da tradição manuscrita, desapareceu neste novo texto impresso, figurando, em sua substituição, um elemento decorativo antes dos títulos – a *hera*⁶⁴ –, cuja função era similar à do caldeirão; e, por último, o *cólon* que era seguido de espaço em branco⁶⁵. Quanto aos usos efectivos das referidas unidades pontuacionais, concordem eles essencialmente com as orientações, muito gerais, da doutrina de João de Barros, sendo possível encontrar algumas divergências entre a doutrina e a prática pontuacional, imputáveis ao impressor barrosiano, Luís Rodrigues.

⁶⁰ Sendo também livreiro da casa real, Luís Rodrigues desenvolveu a sua actividade tipográfica entre 1539 e 1554, contribuindo para o progresso da arte tipográfica em Portugal (Deslandes, 1988: 48).

⁶¹ Este linguista, também historiador, pedagogo e escritor, terá nascido em 1496 em Vila Verde, perto de Viseu, filho ilegítimo do fidalgo Lopo de Barros. Órfão muito novo, é acolhido nos Paços da Ribeira, exercendo funções de Moço de Guarda-Roupa do futuro D. João III. Casa em 1522 com D. Maria de Almeida, de quem tem dez filhos. Ao longo da sua vida, é nomeado para cargos públicos muito importantes: Governador da Fortaleza de S. Jorge da Mina (1522); Tesoureiro da Casa da Índia, Mina e Ceuta (1525); Feitor das Casas da Guiné e Índias (1532). João de Barros escreveu a *Crónica do Emperador Clarimundo*, sua primeira obra, as *Décadas da Ásia*, sendo publicada a primeira em 1552, a segunda, em 1553, a terceira, em 1563, e a quarta, após a sua morte em 1570 (Buescu, 1978: 24).

⁶² Anfibologia, termo com origem na retórica antiga grega, significa ambiguidade ou “circunstância de uma comunicação linguística se prestar a mais de uma interpretação” (Câmara Jr., 1997: 48-49).

⁶³ Estas diferenças poderão ser imputadas aos tipógrafos destes autores, consoante abaixo se observará.

⁶⁴ Esta “hera” seria oriunda da *hedera* latina, servindo para assinalar cada parágrafo (colocada à esquerda) ou capítulo (à esquerda e à direita do título em maiúsculas e constituindo um inestimável elemento estético (Gonçalves, 2003: 809). Aparece na *Gramática* de João de Barros

⁶⁵ Apenas surgem exemplos de ponto sem espaço para delimitar a abreviatura “.etc.”, numerais, e listas de letras ou letras isoladas.

Dezoito anos mais tarde, Cristóbal de Villalón⁶⁶, na sua *Gramática castellana* (1558)⁶⁷, orientando-se pelas normas associadas à prática da imprensa, acrescenta algumas novidades em relação à doutrina pontuacional do seu predecessor, Torquemada, considerando a pontuação como parte integrante da ortografia. O sistema pontuacional prescrito por Villalón é composto por oito elementos: *parrapho*, utilizado em alguns impressos dos séculos XVI e XVII para assinalar o princípio de uma nova matéria; o *punto* [.], delimitador da “cláusula” ou “sentença” final; a *coma* [:], usada na “cláusula” entre as orações; o *colum* [,], colocado na “cláusula” junto a cada verbo que acaba oração; a *virgula* [/]⁶⁸, para substituir a conjunção quando se acumulam muitas coisas; o *parenthesis* [()], descrito como duas vírgulas curvas, para interpor palavras para melhor entendimento da matéria; o *interrogante* [?], no fim da oração ou “cláusula” em que se interroga; a *cessura* [=], definida como “duas vírgulas pequenas juntas” e cuja colocação se prevê para o “fim da linha quando não cabe a palavra toda. E se acaba na linha seguinte.”⁶⁹ Distingue, neste sistema pontuacional, as unidades pontuacionais relacionadas com dois aspectos fundamentais da pontuação: o “domínio interior”, ao qual estão ligados o *colum*, a *virgula* e o *parenthesis*, e o “domínio exterior”, cujas unidades delimitadoras são o *punto*, o *interrogante* e o *parrapho*.

Cerca de trinta anos depois, a *Ortographia, y Promunciacion Castellana* (1582⁷⁰), de López de Velasco⁷¹, é publicada em Burgos. Num tratado intitulado “De los puntos y distincion de las partes de la oracion, o razones⁷²”, este autor identifica as unidades pontuacionais com função delimitadora da frase e dos seus constituintes: o *punto*

⁶⁶ Natural de Valladolid, Cristóbal de Villalón (1510-1562) licenciou-se em Teologia. Também foi escritor. Duas das suas obras mais conhecidas são *Tragedia de Mirra* (1536) e *El Scholástico* (1538-1542). Cf. www.premiocristobaldevillalon.com.

⁶⁷ Martínez Marín (1994: 440) considera o aparecimento desta obra um dos momentos destacados do processo de elaboração da teoria sobre a pontuação espanhola, por contrastar com a situação descrita no *Manual de escribientes* (1552), no qual A. de Torquemada se refere às “señales” e suas vantagens, sendo que a “buena ortographia” comporta “los apartamientos y diuisiones que se hacen con puntos e rayas” e pondo designações próprias em vez das latinas.

⁶⁸ Sebastián Mediavilla (2000: 50) alerta para o facto de o impressor, em vez desta vírgula, utilizar a curva.

⁶⁹ No que respeita à representação do *pontema*, regista-se aqui novo caso de discrepância entre a doutrina prescrita pelo autor e a efectiva prática pontuacional no impresso.

⁷⁰ Desconhece-se o nome do seu impressor. Outro facto importante a ter em consideração é a não correspondência da data da publicação (1582) e da data que surge no “Privilegio” (1578), o que poderá significar que esta obra já estaria completa quatro anos antes da sua publicação, o que era relativamente frequente naquela época.

⁷¹ Desta personagem poucos dados biográficos se conhecem. Supõe-se que tenha nascido em Velasco entre 1530 e 1540 e falecido em Madrid, em 1598. Terá exercido o cargo de cosmógrafo-cronista do Conselho das Índias. Publicou uma série de obras de carácter educativo sobre a reforma do ensino, a ortografia e um vocabulário etimológico. Vide: www.critica.com.pa/archivo/visiones/velasco/html.

⁷² O título deste tratado aponta já para a nova função atribuída à pontuação, a lógico-gramatical, visto que as unidades pontuacionais são usadas para distinguir as diferentes construções sintácticas.

redõdo [·], “que por el oficio que tiene, le llaman periodo o final” (1582: 286-287), “donde la razon o clausula se cerrare” (López, 1582: 289); a *virgula* (“rayuela larga”) [/], que costuma ser usada no “ordinario escreuir Castellano”, em substituição do *periodo*; o *colõ* [:], “para mediar las clausulas, y diuidir los miẽbros mayores y mas principales dellas” (López, 1582: 287), “donde se quisiere dar a entender que la razon passa adelante” (López, 1582: 289); o *medio punto*⁷³ ou *coma* [,], “para differenciar y diuidir las partes mas pequeñas y menudas, en que se resueluen las mayores” (López, 1582: 287), “donde si se cortasse la oraciõ, quedaria imperfecta, y suspensa” (López, 1582: 289), cujo uso é preceituado em dois contextos específicos: “entre nõbres, sinonomos, que significã uma mesma cosa, o duplicados, como es, Hombre simple, peccador, torpe, y perdido” (López, 1582: 287); “entre miẽbros semejantes, quando caen algunos juntos, y⁷⁴ sin palabra copulativa, como es, Hombre Christiano, occupado siempre en hazer limosna, dar buenos consejos, hazer amistades” (López, 1582: 287-288). López de Velasco menciona ainda um *pontema* que não nomeia, com a figura do actual ponto e vírgula [;], “para quando las palabras, o sentencias, son contrarias, como bueno; malo. honesto; deshonesto. sagrado; profano” (López, 1582: 288). Na conclusão do tratado, afirma:

“[...] pero porque esta es mucha particularidad, y menudencia para escriptura Castellana, y de mano, adonde son menester menos puntos, que en otras lenguas, por ser natural, y seguida de la contextura y orden de las palabras. Y porque la mucha diferencia de puntos parece que desmiembra la oracion, o alomenos que embaraza el hilo, y corriente della: y tambien porque no carece de dificultad, saber dividir las clausulas y miembros de ellas, conforme a razon: bastará saber en suma (como quẽda dicho) que la pũtuacion tiene fin a tres cosas: la primera apartar los miembros dela oracion dudosos: la segunda, señalar los lugares, donde el aliento, y voz, hablando, o leyendo, haze pausa: y la tercera, distinguir las clausulas, partes, y miembros della [...]: y aun en escriptura ordinaria de mano, donde no se puede yr con tanta cuenta, bastará vsar del punto entero, y rayuela atravesada, para en fin de las clausulas y razones, y del coma, o medio punto en las otras partes donde se ofreciere duda, o se huuiere de alẽtar [...]” (1582: 288)

⁷³ Tal denominação da vírgula pode resultar da tradução literal de “semipunctum”, termo usado por Aldo Manúcio, o Jovem, para designar este *pontema* (cf. *supra* I, 2.3.).

⁷⁴ Apesar de López de Velasco não preceituar o emprego da vírgula antes da conjunção, ela ocorre nos dois exemplos transcritos.

Da afirmação anterior sobressaem três ideias: o autor reduz o número de unidades pontuacionais necessárias na ortografia espanhola⁷⁵; diferencia a pontuação usada nos impressos e nos manuscritos, sendo que nestes apenas ocorrem o *punto entero*, a “rayuela atravesada” e a *coma* ou *medio punto*; atribui à pontuação três funções – semântica, pausal e delimitadora.

O sistema pontuacional de López de Velasco integra ainda outros *pontemas* igualmente pertencentes à pontuação de frase: o *interrogante* [?], o *senal de admiracion* [!], o *parenthesis* [()]. Menciona ainda algumas unidades pontuacionais relacionadas com a palavra: a *dieresis* ou *ápices* [¨], o *apostropho* [’], usado com funcionalidade reconhecida nas línguas grega e italiana, ao invés da latina ou espanhola, uma espécie de vírgula (“rasguillo delgado”) [;], cuja função seria separar as palavras demasiado ligadas na escrita, e o *yphen* ou *atadura* [ʏ], para o efeito contrário.

Em jeito de síntese dos dados anteriores, vale a pena retomar as ideias de Ramón Santiago (1998: 248) na epígrafe com que se abriu o presente capítulo: tanto a pontuação castelhana como a portuguesa são uma adaptação da pontuação latina. Tal ideia funda-se não só na circunstância de Nebrija ter omitido na *Gramática* (1492) e nas *Reglas de Ortographia* (1517) qualquer referência à pontuação, decerto por já ter tratado do assunto em obra relativa ao latim, mas também numa afirmação de Correas⁷⁶:

“Estos son los puntos que se usan en latín declarados como nuestros, porque de allí los toman, i los usan en Rromance nuestros escritores é impresores, i otras naziones.” (1625: 105)

À observação de Santiago, acrescentaríamos nós que também a obra bilingue do espanhol Jiménez Patón, *Epítome de la ortografía latina y castellana* (1614), e a do português Bento Pereira, *Regras gerais, breves e comprehensivas da melhor Ortografia com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina & Portuguesa* (1666), validam as mesmas normas ortográficas e as pontuacionais, tanto para a língua latina como para a castelhana ou a portuguesa. Prova disso mesmo será o facto de Bento Pereira ilustrar o uso das unidades pontuacionais descritas com os exemplos latinos traduzidos em português.

⁷⁵ Esta afirmação poderá explicar o menor número de unidades contempladas nos sistemas pontuacionais arrolados pelos autores espanhóis quando comparados com os dos gramáticos portugueses.

⁷⁶ Correas nasceu na Extremadura por volta de 1571 ou 1572 e morreu em 1631. Estudou na Universidade de Salamanca, onde ensinou Grego e Hebreu entre 1601 e 1630, consagrando a sua vida à gramática (Correas, 1971).

2. Contexto histórico-cultural

Em conformidade com o que se expôs na Introdução relativamente à teoria de Konrad Koerner e ao princípio da contextualização, o “clima de opinião” geral do período histórico em apreço tem de ser tido em conta, visto que as obras – no presente caso, as gramáticas e as ortografias – são o produto da época em que foram impressas.

Entre 1576 e 1679, datas da primeira e da última das obras do *corpus* do presente trabalho decorrem pouco mais de cem anos. Neste período registam-se grandes mudanças no plano político, económico, científico e cultural. Se é verdade que na Península Ibérica o século XVI foi uma época de expansão territorial e de progresso económico e cultural, coincidindo com a hegemonia política de Espanha na Europa e no mundo sob domínio de Filipe II, no século XVII concretiza-se a decadência económica e a perda da superioridade política⁷⁷ e económica. O século XVII é marcado por condições adversas sob vários pontos de vista: más colheitas, fomes, pestes, abrandamento geral das actividades económicas, em consequência da falta de metais preciosos oriundos das Américas. Esta “decadência” económica impossibilita a Espanha de sustentar uma política externa consistente. Não obstante, o Duque de Olivares⁷⁸, governador de Filipe IV, reage violentamente, a fim de não perder o predomínio político e militar. Foi a sua política autoritária e centralizadora que originou, em 1640, as revoltas da Catalunha e de Portugal⁷⁹, tendo esta última conduzido à Restauração da Independência portuguesa. Assim, o século XVII é também um período de conflitos e de guerras. Todavia, o “Século de Ouro”⁸⁰, época em que a Espanha refulge em todo o seu esplendor cultural, pelo menos nos domínios literário e artístico, ainda se prolongará até meados do século. O século XVII é, ainda, pontuado pelos progressos da Ciência e o despertar do Racionalismo. É em tal ambiente político e cultural que os autores em

⁷⁷ Ainda no século XVI, a Espanha sofre um duro golpe em 1588 com a perda da Armada Invencível. Será o início do fim.

⁷⁸ Gaspar de Guzmán (1587-1645), conde e duque de Olivares governa os destinos de Espanha de 1621 a 1643, desenvolvendo a centralização monárquica contra as tendências autonomistas das regiões periféricas. A ele se deve a participação de Espanha na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e as lutas contra as Províncias Unidas (1621) e contra a Inglaterra (1624) (Pillorget, 1981: 73-74).

⁷⁹ Em 1640, Portugal está descontente com o esforço militar e fiscal exigido por Olivares, obrigando este os homens a participar nos conflitos bélicos e aumenta os impostos, que os Portugueses sentem muita dificuldade em pagar, pois a situação económica era bastante difícil.

⁸⁰ O “Século de Ouro” abrange um período de cerca de 100 anos (meados do século XVI a meados do século XVII) e “foi todo um processo de florescimento e não um súbito clarão”, preparado pelo século XV, “mediante os progressos da língua, o desenvolvimento dos géneros literários e os requintes da arte plateresca” (Vilar, 1992: 50-51). É a época em que dominam espíritos brilhantes, como os pintores El Greco, o escritor Cervantes, os dramaturgos Lope de Vega, Tirso de Molina, Calderón, entre tantos outros.

estudo vivem e produzem as suas obras. Que o século XVII não foi mera continuação da centúria precedente mostra Nunes de Leão sobre o qual afirmou Leonor Buescu: “embora na transição de um século para o outro, é notoriamente, pela estrutura do seu pensamento, um homem do século XVII, representa já um novo universo mental e lógico” (Buescu, 1983: 42).

2.1. A Imprensa na Península Ibérica

A criação do prelo de caracteres móveis, engenho que se difundiu rapidamente por toda a Europa na segunda metade do século XV, teve várias consequências, sendo uma das mais relevantes a consolidação das línguas nacionais e das suas literaturas no século XVI. Além disso, a popularização da imprensa e a consequente extensão da leitura a públicos cada vez mais alargados no século XVII⁸¹ levariam à normalização e à padronização da pontuação. Mas, como é evidente, Gutenberg não podia prever tais resultados quando começou a empregar os seus caracteres móveis e fáceis de fundir. É sabido que a técnica de Gutenberg chegou tardiamente à Península Ibérica, por via italiana, e que os primeiros impressores eram itinerantes e de nacionalidade alemã, tal como aconteceu em praticamente toda a Europa⁸². A tipografia espanhola é, porém, um pouco anterior à portuguesa, e muito do material tipográfico usado em Portugal era, de resto, adquirido em centros impressores espanhóis. Os primeiros tipógrafos, que eram simultaneamente fundidores de caracteres, editores e livreiros, tinham de talhar os punções, fundir as matrizes e fazer as fundições⁸³, operações muito delicadas e demoradas. Além disso, como os caracteres se gastavam muito rapidamente, deviam ser substituídos com frequência, facto que, aliado ao elevado custo das fundições, dificultava a actividade dos impressores e condicionava, certamente, a impressão dos

⁸¹ Os primeiros livros impressos ainda no século XV, os chamados incunábulos, eram praticamente idênticos aos manuscritos da época, visto que o público desejava continuar a ver o livro com o mesmo aspecto com que o conheceu. No entanto, à medida que os leitores se iam habituando às novidades, os livros foram-se distanciando cada vez mais dos manuscritos, adquirindo a sua própria especificidade.

⁸² Em Espanha, Johan Parix de Heilberg publicou, em 1472, o primeiro texto impresso, o *Sinodal de Aguilafuente*. No final do século XV, surgem outros nomes estrangeiros: Rosembach, em Barcelona; Fadrique, em Burgos; Brocar, em Pamplona; Hurus, em Saragoça; Ungut e Polono, em Sevilha; Hagembach, em Toledo (Pizzaroso Quintero, 1996). Em Portugal, João Gherlinc, Valentim Fernandes e Nicolau de Saxónia, todos alemães, foram os primeiros impressores conhecidos (Deslandes, 1988: 25).

⁸³ O punção é um corpo metálico muito duro, em cuja extremidade superior era gravado, em relevo, o desenho original. Este punção servia para confeccionar a matriz, peça também de metal, mas de menor dureza, em que a imagem era impressa numa cavidade côncava. Colocada num molde, a matriz permitia fundir os caracteres nos quais os sinais tipográficos apareciam em relevo (Febvre, 2000). Sobre este assunto, vide: Anselmo (2002).

textos escritos pelos autores. Alguns anos mais tarde, começaram a surgir tipógrafos especializados que se deslocavam de oficina em oficina, alugando os seus serviços. Os punções e as matrizes pertenciam às oficinas de impressão.

A tipografia espanhola sofreu um grande incremento no século XVI, devido ao crescimento das várias casas de impressão, onde trabalhavam impressores espanhóis, franceses e italianos, e a primeira parte do século correspondeu a uma fase de grande esplendor, constituindo-se grandes centros de impressão em diversas cidades: Alcalá, Barcelona, Burgos, Granada, Madrid, Medina del Campo, Salamanca, Sevilha, Toledo, Valência, Valladolid e Saragoça (Vindel, 1943: 143-146⁸⁴). Na segunda metade desse século, iniciou-se já, segundo Vindel, a decadência da arte impressória, que se acentuou no final do século, conforme demonstram os casos de desenho defeituoso e má fundição dos caracteres, e se intensificou no século XVII, pois os impressores⁸⁵ não se preocupavam com o estado de degradação dos seus instrumentos, encontrando-se, por isso, impressões muito deficientes.

Na primeira metade do século XVI, em Portugal, havia ainda poucos impressores nacionais⁸⁶, predominando ainda os estrangeiros⁸⁷. A partir de 1550, cresceram as casas de impressão pertencentes a portugueses⁸⁸, tendência que se irá manter no século XVII⁸⁹. Outras modificações se deram ainda no século XVI: os autores, os seus herdeiros, ou mesmo os impressores e os livreiros⁹⁰, recorrem ao Privilégio (Protecção régia) para afastar a concorrência; a Universidade de Coimbra cria

⁸⁴ Na lista exaustiva apresentada de Francisco Vindel, encontram-se ainda alguns nomes estrangeiros, mas predominam os espanhóis. *No Dicionário de Tipógrafos e Litógrafos famosos* (Canaveira, 2002: 37, 66 e 81), destacam-se como impressores importantes deste século Andrés de Angul (Alcalá de Henares), Juan de la Cuesta (Segóvia e Madrid) e a família Guasp.

⁸⁵ Vindel (1943: 150-151) faz o rol dos impressores do século XVII com actividade em Barcelona, Córdoba, Huesca, Granada, Lérida, Madrid, Málaga, Salamanca, Sevilha, Tarragona, Toledo, Valência, Valladolid e Saragoça. Canaveira (2002) destaca, como mais importantes no mesmo período, Nicolas de Asiain (Pamplona), Diego Dormer (Saragoça), Diego Pérez de Estupiñan (Sanlúcar de Barremeda e Jerez de la Frontera), Domingo Garcia Morrás (Madrid), Juan de Ibar (Saragoça), Andrés Garcia de la Iglesia, a família Lanaja, Francisco Lyra (Sevilha), Francisco Martínez (Madrid), a família Matevad (Barcelona), Diego Pérez, Maria de Quiñones, Antonio Vasquez (Alcalá de Henares), Diego de Zabala (Pamplona) e Antonio de Zafra (Madrid).

⁸⁶ Entre estes, encontram-se Luís Rodrigues, João Alvares e João de Barreira, um dos mais conhecidos tipógrafos e um dos mais opulentos, com oficinas em Braga, Coimbra e Lisboa. Os três tipógrafos mantiveram-se em actividade até à segunda metade do século XVI (Deslandes, 1988: 55-57).

⁸⁷ Além dos nomes já citados, encontram-se João Pedro Cremona, italiano, Jacobo Cromberger, alemão, e Germão Galharde, francês.

⁸⁸ Podem acrescentar-se à lista de impressores cuja actividade se iniciou na primeira metade do século XVI nomes como os de Francisco Correa, Marcos Borges, António de Barreira e Simão Lopes.

⁸⁹ Dos vinte e um impressores identificados por Venâncio Deslandes (1988) unicamente cinco são de origem estrangeira.

⁹⁰ Apenas na segunda metade do século XVI a actividade de imprimir se distingue da de vender livros. Regista-se, pois, uma especialização das actividades relacionadas com a imprensa.

o cargo de “Correitor da impressão” para melhorar a apresentação dos textos publicados.⁹¹

A verdade é que os impressores, nacionais e estrangeiros, desempenharam um papel muito importante não só na codificação das línguas ibéricas como também na standardização da pontuação, como já foi salientado (cf. *supra* I, 2.2.). A sua acção sobre os textos impressos chegava ao ponto de gerarem contradições entre as doutrinas gramaticais por eles impressas (cf. *supra* 1.), e as próprias páginas impressas em que as publicavam (Rosa, 1994: 43). Na *Gramática* de João de Barros as normas teóricas não são seguidas pelo impressor, que se serve de um sistema decorrente do uso tipográfico, nem sempre respeitador da doutrina contida nas obras, antes recorrendo a um *sistema internacional*, articulando, deste modo, o impressor com o copista ou o escriba (Buescu, 1983: 74). Assim, o inventário de sinais efectivamente em uso nos impressos portugueses era bem menor do que se poderia supor pela leitura das gramáticas quinhentistas e seiscentistas, o que revela uma simplificação por parte dos impressores, ao arrepio da multiplicidade dos sistemas de *pontemas* sugeridos. Desta forma, além da sua influência na divulgação e normalização da pontuação, a imprensa teve, simultaneamente, um papel inibidor, ao “controlar” a variedade de unidades pontuacionais propostas pelos ortógrafos dos séculos XVI e XVII.

3. *Corpus* seiscentista

De acordo com os objectivos traçados na Introdução, respeitando os princípios da imanência e da adequação de Koerner, e assumindo uma concepção de pontuação em conformidade com as explanações teóricas feitas no primeiro capítulo, serão analisadas cinco obras portuguesas e cinco espanholas⁹², a fim de serem identificados os sistemas de pontuação propostos por cada autor, a respectiva definição de pontuação, as funções e valores de cada *pontema*, bem como os critérios subjacentes à doutrina prescrita para cada unidade pontuacional. Para o *corpus* português foram seleccionadas obras

⁹¹ O primeiro a assumir o cargo, em 1554, foi o licenciado Fernão de Oliveira, clérigo de missa e gramático já citado. Cristóvão Nunes e Sebastião Stochamer sucederam-lhe no cargo (Anselmo, 2002).

⁹² Duas das obras do *corpus* pertencem a Nunes de Leão. Embora tenha sido publicada no século XVI, a primeira aborda o tema em questão. Impressa no período em apreço, a segunda não trata o tema em estudo, mas permite o confronto entre a teoria e a prática observável nas duas obras do autor. Uma das razões da inclusão destas obras no *corpus* advém do facto de o número de obras de natureza ortográfica ser mais elevado em Espanha do que em Portugal. A inclusão da obra de Gonzalo Correias tem em vista verificar se a “revolução” pretendida por este autor para o campo ortográfico abrangia também o campo pontuacional

estampadas por diferentes impressores em diferentes décadas do século XVII. A primeira, *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão⁹³, foi publicada por João de Barreira⁹⁴ ainda no século XVI, isto é, em 1576, antes da perda da independência nacional. A teoria pontuacional deste autor serviu de base às doutrinas pontuacionais posteriores, em especial à de Álvaro Ferreira de Vera, cuja obra segue claramente a *Ortographia* do “mestre”, nela sendo flagrante a apropriação, por parte de Vera, das definições de Leão, assim como de exemplos e mesmo trechos completos da obra quinhentista. É, ainda, evidente o reconhecimento da autoridade do gramático quinhentista no domínio da ortografia em geral e da pontuação em particular, por parte de Bento Pereira e de João Franco Barreto, não obstante este último refutar, a cada passo da sua *Ortografia da Lingoa Portuguesa*, as ideias de Duarte Nunes de Leão⁹⁵. Assim se explica a inclusão da obra quinhentista num *corpus* seiscentista, inclusão que permitirá confrontar a evolução da própria teoria do autor. Por isso será objecto de análise a obra *Origem da Lingoa Portuguesa*⁹⁶, publicada em 1606 por Pedro Craesbeeck⁹⁷, de molde a verificar se a teoria exposta pelo autor na primeira obra, impressa antes da perda da independência, se viu reflectida na impressão da segunda, publicada em pleno domínio espanhol. Assim sendo, espera-se poder apurar a existência, ou não, de um conjunto de práticas que, mais do que opções autorais, seriam fruto das práticas da época, isto é, de convenções que transcendiam as escolhas pessoais.

⁹³ Nasceu em Évora, por volta de 1530, filho do Dr. João Nunes, professor de Medicina, e morreu em 1608. Estudou Direito Civil na Universidade de Coimbra, mas não se dedicou exclusivamente à área jurídica; foi também historiógrafo e ortógrafo. Foi acusado de ser conivente com a coroa espanhola, por ter dado parecer favorável aos direitos castelhanos à coroa portuguesa (*Grande Enciclopédia*, vol. 19, s.d.: 73-74).

⁹⁴ Este é um dos mais conhecidos tipógrafos do século XVI, e o mais opulento, com oficina em Lisboa, Braga e Coimbra. Desenvolveu a sua actividade entre 1542 e 1590, sozinho ou em parceria com João Álvares (Deslandes, 1988: 57; Canaveira, 2002: 14-15).

⁹⁵ Parece pertinente o levantamento dos dois passos em que, nos três capítulos dedicados ao assunto em questão, as mesmas ocorrem. A primeira refutação surge aquando da descrição do *ponto e vírgula*: “màs he cousa muyto difficil de conhecer, ainda que Duarte Nunez, a chama invençã de pouca utilidade, e desnecessaria, o que elle diz, nã imitaria, sendo tã nimio, ã outras cousas menos importantes” (Barreto, 1671: 217). Regista-se nova refutação relativamente ao uso dos *apices*: “Poemse sobre a vogal, que queremos dividir de outra immediata, e pronuncialla dividida, principalmente ã os nomes que se equivocam cõ os ditongos, como nestas palavras, saũde, alaũde, poẽta, painço, tabũa, e outros muytos: porẽ nã ã cayado, que já dicemos como se hade escrever, e assi ayo, boya, boyada, cõtra o parecer de Duarte Nunez” (Barreto, 1671: 222).

⁹⁶ Esta obra não contempla a pontuação, como já se mencionou.

⁹⁷ Nascido em 1572, este impressor flamengo iniciou a sua actividade em 1583 como aprendiz na oficina de Cristóvão Plantino, em Antuérpia, seguindo para Espanha e mais tarde para Lisboa, onde se estabeleceu como impressor em 1597. Entre 1608 e 1609 teve também uma oficina em Coimbra. Considerado pelo rei como o melhor impressor do reino, são-lhe encomendadas as impressões de maior vulto até cerca de 1632, ano da sua morte (Deslandes, 1988: 146; Canaveira, 2002: 35-36).

Neste mesmo sentido, foram escolhidas as obras seguintes: *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua Portugueza. Com hum trattato de memoria artificial, outro da muita semelhança, que tem a lingua Portuguesa com a Latina*, de Álvaro Ferreira de Vera⁹⁸, publicada em Lisboa por Mathias Rodrigues, em 1631, em plena monarquia dual, facto que, eventualmente, poderá ter condicionado a produção e / ou a impressão da obra; *Regras gerais, breves e comprehensivas da melhor Orthografia com que se pódem evitar erros no escrever da lingua Latina, & Portugueza. Para se ajuntar à Prosodia: Ordenada pelo Author della (...). Aprovadas por Varoës peritissimos em huma & outra lingua*⁹⁹, do Padre Jesuíta Bento Pereira¹⁰⁰, publicada por Domingos Carneiro¹⁰¹ em 1666¹⁰², vinte e seis anos após a restauração da independência nacional; e, por último, *Ortografia da Lingua Portugueza*, de João Franco Barreto¹⁰³, publicada em Lisboa, na Oficina de João da Costa¹⁰⁴, em 1671.

Na selecção do *corpus* castelhano seguiu-se o critério cronológico, tendo a escolha recaído em obras editadas / publicadas, sensivelmente, nas mesmas datas das obras portuguesas. Deste modo, o *corpus* representativo da produção metaortográfica em espanhol é composto pelas seguintes obras: *Ortographia castellana dividida en primera y segunda parte a modo de Dialogo entre dos niños da la escuela*, de Francisco Pérez de Nájera, publicada em 1604 em Valladolid por Luys Sanchez¹⁰⁵; *Epitome de la ortografia latina y castellana*, de Bartolomé Jiménez Patón¹⁰⁶, publicada em 1614¹⁰⁷ em

⁹⁸ Nasceu em data incerta do século XVII, este genealogista proveio de família nobre, tendo frequentado as aulas do Colégio de Santo Antão, estudando Letras e Matemática, aprendendo História profana e dedicando-se ao estudo genealógico das famílias ilustres do Reino e de famílias espanholas, pesquisando para isso em Madrid, onde viveu até 1645. Este partidário de Filipe III morreu por volta de 1677 (*Grande Enciclopédia*, vol. 34, s.d.: 612).

⁹⁹ O título da obra de Bento Pereira remete para o seu carácter prescritivo. Esta limita-se a apresentar soluções e não reflexões de natureza teórica (Gonçalves, 2003: 863).

¹⁰⁰ O Padre jesuíta Bento Pereira nasceu em 1605, em Borba, entrando para a Companhia de Jesus aos quinze anos, a 27 de Junho de 1620. Estudou Letras em Évora, onde se doutorou em Teologia, e depois Filosofia, por Coimbra. Além de professor, foi ainda gramático, dicionarista, qualificador do Santo Officio, sendo considerado um dos mais notáveis linguistas e estudiosos da cultura clássica do seu tempo (*Grande Enciclopédia*, vol. 21, s.d.: 124-125).

¹⁰¹ Este desempenhou a sua actividade de impressor em Lisboa até 1670, tendo exercido simultaneamente a profissão de livreiro (Deslandes, 1988: 251).

¹⁰² Embora bilingue, esta obra foi escolhida em virtude da escassez do *corpus* monolíngue de Seiscentos.

¹⁰³ Nasceu em Lisboa em 1600, filho de Bernardo Franco e de Maria Barreto. Foi militar, escritor, advogado e gramático. Após a morte da esposa, tomou ordens eclesiásticas, tornando-se pároco e exerceu, posteriormente, as funções de vigário da vara, dedicando-se apenas a trabalhos literários até ao final da sua vida, em data incerta e posterior a 1674. Vide: www.arqnet.pt/dicionario/francobarretoj.html.

¹⁰⁴ Impressor de nacionalidade francesa, começou a sua actividade em 1662 e residiu em Lisboa, onde também estava estabelecido como livreiro no Chiado (Deslandes, 1988: 256).

¹⁰⁵ Este impressor figura na lista de Vindel (1943) como um impressor de Madrid.

¹⁰⁶ Retórico, humanista e gramático espanhol, trouxe grandes contributos para a filologia hispânica; nasceu em Almedina (Ciudad Real) em 1569. Estudou na Universidade de Baeza, ordenando-se sacerdote

Baeça por Pedro de la Cuesta; *Ortografia kastellana nueva i perfeta*, de Gonzalo Correas, publicada em 1630 em Salamanca por Jacinto Tabernier¹⁰⁸; *Compendio de la ortografia castellana*, de Nicolás Dávila, publicada em 1631 em Madrid na Oficina de Francisco Martinez¹⁰⁹; *Breve Tratado de escribir bien, e de la perfecta Ortographia*, de Juan de Palafox y Mendoza¹¹⁰, publicada em 1679 em Zaragoza pelos Herederos de Diogo Dormer¹¹¹. De sublinhar, por outro lado, que a inclusão de Correas no *corpus* decorreu da circunstância de este autor ser considerado o expoente castelhano da fonetização gráfica, pretendendo o presente trabalho averiguar se houve influência do princípio da pronúncia, adoptado pelo Autor na teoria ortográfica, sobre o sistema pontuacional em uso na obra em que se adopta o seu peculiar sistema gráfico, rompendo em parte com a tradição alfabética.

e exercendo o cargo de preceptor de Alcaraz. Foi ainda notário do arquivo da Inquisição de Múrcia, correio maior de Villanueva de los Infantes, comentador e tradutor de Marcial (Porto-Bompiani, 1963).

¹⁰⁷ Esta escolha prendeu-se com o facto de, à semelhança da obra latino-portuguesa de Bento Pereira, ser também esta latino-castelhana.

¹⁰⁸ Jacinto Tabernier foi um dos impressores da Universidade de Salamanca.

¹⁰⁹ O seu nome surge na obra de Canaveira (2002: 92-93) como um dos principais impressores madrilenos da primeira metade do século XVII, tendo imprimido cerca de 150 obras entre 1627 e 1645. O seu nome também consta da lista de impressores do século XVII, de Vindel (1943).

¹¹⁰ Nasceu em 1600 em Fítero (Navarra), filho do Marquês de Ariza, Jaime de Palafox, e morreu em Osma em 1659, foi considerado um dos mais importantes humanistas da sua época, por se ter dedicado ao direito, à história, à literatura, à sociologia e ao pensamento político (Porto-Bompiani, 1964).

¹¹¹ Diego Dormer também é contemplado na obra de Canaveira (2002: 41-42). Tido como um dos mais notáveis impressores do século XVII e cabeça de uma dinastia de tipógrafos, foi ainda editor, tendo trabalhado mais de 40 anos. A partir de 1674, terão começado a surgir livros com pé de imprensa "Herederos de Diego Dormer". A oficina de impressão Dormer destacou-se em Saragoça pelo número de obras publicadas, tendo a sua actividade sido prolongada até 1724.

III

DOCTRINA(S) SEISCENTISTA(S) DA PONTUAÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA

1. Definição de “pontuação”

A doutrina pontuacional seiscentista é apresentada de forma diferente nas nove obras acima citadas¹¹². Nunes de Leão (1576) dedica-lhe um capítulo, intitulado “Do Tractado dos Pontos das clausulas, & de outros que se põem nas palavras, ou oração”¹¹³. Do assunto se ocupa Pérez de Nájera (1604) em algumas páginas da sua obra, sob o título “De los puntos y divisiones de la escriptura”. Jiménez Patón (1614) expõe as suas ideias em matéria de pontuação no décimo oitavo capítulo da sua obra, com o título de “De otras reglas en que se da el orden de escribir letras juntas, y de la puntuacion”. Gonzalo Correas (1630) dedica poucas páginas à teoria pontuacional encabeçada por “De los puntos de la orazion”. À doutrina pontuacional dedica Nicolás Dávila (1631) algumas páginas da sua obra, antecedendo o rol de unidades pontuacionais da designação “Notas”. Álvaro Ferreira de Vera (1631) apresenta as suas ideias sobre o assunto no “Trattado da pontuação das clausulas, notas, & accentos da ortographia”. Bento Pereira (1666) reúne a teoria pontuacional em três das catorze regras que lhe são dedicadas – oitava, nona e décima regras. Barreto (1671) consagra-lhe três capítulos: no primeiro trata dos “sinaes importantes ao bõ escrever”; no segundo, de “outros sinaes também importantes ao bõ escrever”; e no terceiro, de “outros sinaes”. Por último, Palafox y Mendoza (1679) detém-se neste assunto no capítulo VII, intitulado “De los acentos, aspiraciones, y interrogaciones”.

Confrontada a doutrina pontuacional dos nove autores, é possível chegar à definição de pontuação predominante, no século XVII, em Portugal e em Espanha. A pontuação é, em regra, considerada um domínio ou uma parte da ortografia¹¹⁴, integrada no sistema gráfico da língua, em estreita dependência do sistema oral, visto que as unidades pontuacionais são, nesta época, tidas como balizas ou marcos das frases e dos seus membros, usados não só para indicar os lugares em que o leitor¹¹⁵ há-de proceder

¹¹² Como acima se salientou, a obra de 1606 de Leão não trata da pontuação, pelo que não será objecto de estudo nesta secção 1.

¹¹³ Com efeito, “Depois das breves notas de João de Barros, o Tratado [...], de Duarte Nunes, é o primeiro trabalho sistemático, dotado de fôlego teórico na história das ideias referentes à pontuação [em Portugal]” (Gonçalves, 2003: 837-838).

¹¹⁴ Esta ideia encontra-se explicitada na obra de Nicolás Dávila, para quem a Ortografia se divide em duas partes: as letras e a pontuação (1631: 16v e 17r). Os outros autores, apesar de o não demonstrarem explicitamente, defendem esta ideia quando integram a pontuação no domínio da boa ortografia.

¹¹⁵ A concepção da leitura em voz alta é ainda muito importante nesta época. Citando Roger Chartier, José Afonso Furtado refere que esta modalidade “subsiste na Idade Moderna, entre os séculos XVI e XVII, em que a leitura em voz alta é o cimento das diversas formas de sociabilidade” (Furtado, 1995: 44). Ver também Manguel (1998: 121- 134). Esta concepção da leitura em voz alta surge ainda na própria

às suas pausas como também para delimitar as várias sequências de discurso conhecidas como “orações”, “sentenças”, “cláusulas” ou “períodos”, cuja relação com a pontuação constitui um dos aspectos principais a destacar na teoria ortográfica renascentista (Martínez Marín, 1994: 439-440). A pontuação desempenha, ainda, um papel essencial na clarificação do sentido do texto escrito, ao fornecer informação ao leitor. Não admira por isso que os gramáticos seiscentistas dêem destaque à função delimitadora da pontuação, que tem sobretudo motivação semântica, ou seja, as unidades sintáticas do texto, equivalentes a unidades de sentido e de entoação, são separadas pelas unidades pontuacionais, cujo uso obedece então a um critério sintático, em nome da maior clareza do discurso. Os ortógrafos enfatizam, de resto, o facto de um texto poder ser ininteligível, devido a erros de pontuação. Como função secundária da pontuação, embora intimamente ligada à lógico-gramatical, surge ainda a função pausal, predominante na Antiguidade Clássica mas progressivamente menos presente em função dos hábitos de leitura do período em apreço. Mas a pontuação não deixa de estar vinculada à leitura em voz alta: “assi para o que ouue entender, & conceber o que se diz, como para o que falla, tomar spirito & vigor, para pronunciar” (Leão, 1576: 74v). Nota-se, contudo, que a pontuação se relaciona já à leitura em silêncio, interiorizada e intelectualizada, mais voltada para a organização do texto: “Item serue para cõceber na memoria, o que se lee. Porque os spaços ou balisas fazem parecer o caminho mais pequeno, & ser mais fácil, & o que não stá diuidido, he mais comprido, & enfadonho” (Leão, 1576: 74r).

Vale a pena realçar uma singularidade da definição proposta por Nicolás Dávila: pontuar correctamente um texto exige uma certa capacidade intelectual, pois é necessário entender bem um texto para pontuá-lo. Dizia ele: “la buena apuntaciõ (...) supone yà capacidad, pues se ha de entender bien la razon para apũtarla, i ñ equivoco puede aver enlo escrito para evitarlo” (Dávila, 1631, 16v).

1.1. Pontuação, Sintaxe e Retórica

Coma e cólon, sinais de pontuação prescritos pelas gramáticas do latim tardio como indicadores de maior ou menor grau de coesão textual foram reinterpretados nos impressos em vernáculo, dando início a uma pontuação que distinguia orações.

Maria Carlota A. Paixão Rosa (“Sinopse inicial”, 2004)

Na Idade Média, Santo Isidoro de Sevilha faz depender a sua doutrina pontuacional de aspectos estruturais (sintáticos) e semânticos ligados à retórica¹¹⁶, no que será seguido pelos gramáticos e escritores posteriores. O uso de certos *pontemas* é ainda no século XVII condicionado pela concepção retórica de período e das estruturas sintáticas. Por isso, se considerou pertinente, neste trabalho, um esclarecimento dos conceitos recorrentes nas doutrinas pontuacionais dos autores em estudo.

No discurso metaortográfico castelhano, ocorrem basicamente os mesmos termos usados nas doutrinas pontuacionais dos gramáticos portugueses para designarem as estruturas sintáticas ou as unidades de sentido intimamente relacionadas com os *pontemas* que as delimitam. Alguns destes conceitos foram herdados da Retórica clássica – oração (“discurso como obra”), período, clausula e membro –, outros provêm da sintaxe – sentença, “razon” e oração. Antes de esclarecer tais conceitos, é conveniente verificar quais têm lugar na doutrina pontuacional de cada gramático, português ou espanhol.

Quadro 1: Autores e terminologia associada

Conceitos	Oração (“discurso”)	Período	Clausula	Membro	Sentença	“Razon”	Oração
Autores							
Leão (1576)	+	+	+	+	+		+
Nájera (1604)	+	+	+	+	+	+	+
Patón (1614)		+	+	+	+	+	+

¹¹⁶ “La oración se compone de palabras y se estructura en *comma*, *colon* y *período*. *Comma* es una parte pequeña de la oración; *colon* es un miembro de ésta. *Período* es la frase completa y terminada. El *comma* se forma por la trabazón de palabras; el *colon* por la unión de *commata* y el *período* por el enlace de *cola*. Un *comma* es el límite de un enlace de palabras [...], un *miembro*, puesto que es una parte de frase que ya aporta un sentido; pero aún permanece incompleta la oración, hasta que, después de varios miembros, llegamos al *período*, es decir, a la cláusula última de la oración. [...] El *período* no debe ser más largo de lo que permite una sola expiración. (Sevilla, *apud* Mediavilla, 2000: 21)

Correas (1630)	+	+	+	+		+	+
Dávila (1631)	+	+	+			+	+
Vera (1631)	+	+	+	+	+	+	+
Pereira (1666)	+	+	+	+	+	+	+
Barreto (1671)	+	+	+	+	+		+
Palafox (1679)		+	+			+	

1.1.1. Oração ou “discurso”

Com origem na Retórica antiga (Lausberg, 1982: 85), este conceito equivale a “practica” e significa “discurso” tanto nas doutrinas pontuacionais dos gramáticos portugueses como também nas de Pérez de Nájera, Correas e Dávila, conforme exemplificam os seguintes passos:

“No processo da **oração**¹¹⁷, ou practica, que fazemos, naturalmente vsamos de hũas distinções de pausas & silencio [...]” (Leão, 1576: 74v)

“Punto entero a quien el Griego llama periodo, que quiere dezir final. Y el Latino circuito, porque acaba la sentencia de la **oracion**, y tras el se sigue luego otra clausula [...]” (Pérez de Nájera, 1604: 34r)

“Para claridad de la **oración** se dividen las rrazones kon puntos, ke denotan los espazios de la habla, i letura, por particulares oraciones [...]” (Correas, 1630: 90-91)

“De todas consta la **oracion**, para que deleite, i ensẽne, ò haga capaz el oyente; cuyo animo solicitaron benevolo tantas advertencias.” (Dávila, 1631: 24v)

1.1.2. Período ou cláusula

Presente em todos os autores, este é o conceito que maior uniformidade regista na doutrina pontuacional seiscentista. No seguimento da Retórica clássica¹¹⁸, o período corresponde não só à unidade significativa de maior extensão como também à

¹¹⁷ O negrito presente nesta definição e nas seguintes é nosso.

¹¹⁸ O período (*periodus, ambitus, circuitus*) é definido como “construção frásica cíclica (circular)” e “consiste na união de vários pensamentos numa frase, de tal modo que seguidamente a um elemento, (*protasis* [port. *prótase*]), que cria tensão (*pendens oratio*), vem um elemento (*apodosis*, [port. *apódose*]), que dissolve a tensão (*sententiae clausula*) (Lausberg, 1982: 261).

construção sintáctica mais extensa. É delimitado pelo ponto, seguido de “letra grande (que los Impresores dicen Versal)” (Jiménez Patón, 1614: 82r).

Segundo Leão, o período deve “cōsta[r] de tres membros, & ao menos de dous¹¹⁹” (1576, 75v):

“Isto se chama **período**, onde vai a **clausula**, & materia toda acabada, incluindo tres membros, que são tres sentenças, que vão distintas com o ponto final, que he o cólon [...]” (Leão, 1576: 76r)

“**Clausula** ò **Período** se dice una raçon perfeta, y acabada la qual tiene necesidad de diuidirse en partes menores [...]” (Jiménez Patón, 1614: 80r)

Como denotam as definições anteriores, por influência da Retórica o termo “clausula” aparece estreitamente ligado ao “período” em quase todos os gramáticos, para designar o fim do período como *clausula* (Lausberg, 1982: 268).

No entanto, Palafox y Mendoza parece entrever uma diferença entre estes dois conceitos, visto sugerir uma definição para cada um deles:

“La **clausula** es, quando acaba vno los discursos de cada capitulo, y entonces se haze punto redondo, donde ella se determina, aunque sea a la mitad del rēglon, y se comiença otro, y basta acabar con punto redondo, y sin rasgo, ó rayas, que suelen señalar algunos.” (1679: 18-19)

“El **Periodo** es donde descansa, y toma aliento el que lee en el mismo discurso de las clausulas, y este acaba siempre con punto redondo, y comiença con letra grande.” (1679: 19)

Na perspectiva de Palafox y Mendoza, a “clausula” corresponde a uma unidade de sentido completo, equivalente a um parágrafo e delimitada por ponto, ao passo que o “período” é uma unidade de sentido pleno, de extensão menor, também delimitada por ponto, mas determinada por critérios pausais.

1.1.3. Membro ou Colon

Com filiação clara na Retórica¹²⁰, este termo abrange duas acepções: por um lado, denomina certa construção de um enunciado e, por outro, corresponde já ao *pontema* que o divide, conforme ilustram os excertos abaixo:

¹¹⁹ O exemplo apresentado para ilustrar a definição de “período” é este: “O Emperador conhecêdo, quam melhor he viuer em paz, q̄ andar em guerra, fez concertos com elRei de França: & para confirmar estes concertos, se virão em Niça: da qual vista ficarão reconciliados, & os pouos mui cōtentes. Agora se spera por a solução do que se assentou. Prazerá a Deos, será para quietação do pouo Christão.” (1576: 76v-76r). Sobre as partes que devem constituir um período (Lausberg, 1982: 261-264).

“[O cónon usa-se] quando teemos chea a sentença, sem ficar della mais que dizer. E chamase **colon**, que quer dizer **membro**. Porque elle he **parte do periodo**, que he a clausula ou materia acabada.” (Leão, 1576: 75v)

“Medio puncto, a quien el Griego llama **colon**, o colon, que quiere dezir, **parte o miembro principal**, porque en el se haze la diuision que se pone para **mediar las clausulas**, y diuidir los **miembros mas principales** dellas. Y quando el sentido de la clausula no esta entero, sino que pende de lo dicho alguna otra parte della.” (Pérez de Nájera, 1604: 35v)

“**Miembro**, ò **Colon** es un punto sobre otro de esta manera : con el qual se dividen los **principales miembros de la Clausula**: quando parece que la oracion se â acabado, mas el animo del que oye queda suspenso esperando otra cosa: que depende de lo dicho.” (Jiménez Patón, 1614: 81v)

“El **kolon**, ó **mienbro**, se eskribe kon dos puntos uno enzima de otro: i sirve para la **media klausula**, kuando está sentido i rrazon kunplida, i despues se añade algo demas kunplimiento, otro, ú otros miembros, kon ke se akaba de llenar la klausula i periodo.” (Correas, 1630: 91)

“De dous pontos (a que se diz **Colon perfeito**) usamos, quãdo temos cheia a sentença, sem ficar mais, que dizer. Polo que se chama **Colon perfeito**, que quer dizer **Membro**: porque elle he **parte do periodo**, que he a clausula, ou materia acabada.” (Vera, 1631: 38v)

Na doutrina pontuacional seiscentista, em conformidade com a tradição retórica, o “cónon” ou “membro” surge como uma “parte ou membro principal do periodo ou clausula”. No entanto, como se constata nos excertos acima transcritos, os gramáticos não são unânimes no que respeita à completude de sentido desta unidade sintáctica ou à pontuação que a delimita. Em Leão, o “colon” ou “membro” é separado pelo ponto, à semelhança do “periodo” (“O colon & periodo tudo se assinala com hum pōto, & nisso ha pouco que dizer [...]”: 1576: 76v). Já nos gramáticos seiscentistas, tanto portugueses como espanhóis, o “membro” é delimitado pelos dois pontos; mas se em Pérez de Nájera e em Jiménez Patón este membro do periodo é uma unidade de sentido incompleto, já em Correas e Vera, bem como em Bento Pereira, que segue de perto a doutrina do anterior, o “colon” é uma unidade de sentido completo¹²¹.

¹²⁰ O colon (*membrum* [port. *membro*]) é definido como “uma sequência vocabular constituída por mais de três palavras, e que, dentro de um periodo, pode desempenhar as funções de *protasis* ou *apodosis*” (Lausberg, 1982: 261).

¹²¹ É por esta razão que Vera lhe atribui a designação de “colon perfeito”.

1.1.4. Sentença ou “razon”

Não obstante ter origem na Retórica clássica¹²², o termo “sentença”, unidade de conteúdo claramente sintático¹²³, remete para várias acepções na doutrina pontuacional em português: segundo o grau de completude do seu sentido, pode significar oração, frase ou período. Em Leão, apresenta as duas primeiras acepções. Por um lado, a “sentença” é uma frase, membro de um período e delimitada pelo ponto (“Isto se chama período, onde vai a clausula, & materia toda acabada, incluindo três membros, que são tres sentenças¹²⁴, que vão distinctas com o ponto final, que he o colon”: Leão, 1576, 76r). Por outro lado, é uma unidade de sentido incompleto, delimitada pela “comma” (dois pontos): “O comma se põe sempre em sentença suspensa, & não acabada¹²⁵ [...]” (Leão, 1576: 76v).

Nos gramáticos seiscentistas em apreço, a “sentença”, enquanto parte do período, aparece associada ao uso dos dois pontos e do ponto e vírgula: a primeira unidade pontuacional (dois pontos) distingue a “sentença cheia”; o ponto e vírgula delimita uma “sentença suspensa”. A distinção no uso destes dois *pontemas* assenta assim no grau de completude da “sentença”, baseando-se num critério sintático-semântico. Contudo, a sentença delimitada pelos dois pontos, tal como a demarcada pelo ponto e vírgula, é considerada uma “sentença suspensa, & não acabada no perihodo”, não precedida de letra capital¹²⁶. Recorre-se a esta pontuação de palavra (a maiúscula ou “letra capital”) depois de “ponto final”, *pontema* delimitador da “razão, ou sentença, quando està de todo concluida, & não deixa suspenso o sentido” (Vera, 1631: 38r), “sentença perfeita” à qual se chama “Periodo, Circulo, Clausula” (Vera, 1631: 39v).

¹²² A “sententia” corresponde a uma “frase semanticamente infinita e que aparece pretendendo ter validade normativa” (Lausberg, 1982: 288).

¹²³ A “sentença” é definida como “termo também usado em vez de frase ou oração” (Câmara Jr., 1997: 217).

¹²⁴ Estas sentenças são “sentenças cheas”: “O tercero [colon] se põe, quando temos chea a sentença, sem ficar della mais que dizer” (Leão, 1576: 75v).

¹²⁵ Eis alguns dos exemplos presentes em Leão para ilustrar o uso de dois pontos, delimitadores de “sentença suspensa”: “Creo em Deos padre, todo poderoso, criador do ceo, & da terra: & em Iesu Christo seu filho, hũ soo nosso senhor. Amerceaiuos senhor de mi, segundo vossa grande misericórdia: & segundo a multidão de vossas misericórdias, apagai minha maldade.” (Leão, 1576: 75v).

¹²⁶ O exemplo ilustrativo desta ideia é o seguinte: “El Rey de Inglaterra tratta pazes com sua Magestade: pera isso està o Embaxador em Madrid: não há duvida, que se hão de essertoar” (Vera, 1631: 38r).

Embora Pérez de Nájera e Jiménez Patón usem o vocábulo “sentença” na sua doutrina com o sentido de frase ou oração¹²⁷, os gramáticos espanhóis optam por recorrer ao termo equivalente, “razon”¹²⁸ com esse mesmo significado.

“[O interrogante] se pone en fin de cualquiera razon, o parte, o miembro della, que se dize preguntando [...]” (Pérez de Nájera, 1604: 37v)

“Clausula ò Periodo se dice una raçon perfeta, y acabada la qual tiene necesidad de diuidirse en partes menores [...]” (Jiménez Patón, 1614: 80r)

“La paréntesis, ó entreposizion, se nota kon dos medios zerkos kareados por los kabos, ke koxen en medio alguna palabra, ó razón suelta [...]” (Correas, 1630: 92)

“De los dos pñtos usamos, quãdo parece que descãsa la razon, pero no el discurso [...]” (Dávila, 1631: 19v)

“Puedese dudar donde se ha de poner la señal del afecto, en el principio de la aspiracion, ô en el fin de la razon [...]” (Palafox y Mendoza, 1679: 33)

1.1.5. Oração¹²⁹

O termo oração ocorre em muitas das doutrinas pontuacionais para designar uma unidade sintáctica menor, composta pelo verbo e pelos seus complementos, sendo delimitada pela vírgula, consoante se lê a seguir:

“[...] o mais cõmummête, [usa-se] despos verbos, que regem casos, que he a oração perfecta e acabada, como seruir a Deos, amar o próximo, lembrar da morte [...]” (Leão, 1576: 76v)

“[...] sirve [a vírgula] para distinguir i dividir palabras, i oraciones [...]” (Correas, 1630: 91)

¹²⁷ “Y quando las sentencias son contrarias como se ha de apñtar?” (Pérez de Nájera, 1604: 36r); “Punto, ó Periodo, ò circuyto es un punto redondo, que se pone quando se acaba la raçon ò sentencia, y no aguarda outra cosa [...]” (Jiménez Patón, 1614: 81r).

¹²⁸ Como se constata quer na definição de “Punto, ó Periodo, ò circuyto”, apresentada por Jiménez Patón, quer na doutrina de Vera – “razão, ou sentença, quando està de todo concluida, & não deixa suspenso o sentido” (1631: 38r) –, “razon” aparece como sinónimo de “sentencia”.

¹²⁹ A “oração” é, na gramática tradicional, “un conjunto de palabras que presenta un sentido completo frente a la frase que puede estar formada por un conjunto de palabras sin unidade gramatical y con un sentido sólo interpretable en función del contexto (Ortega y Domínguez, 1983: 456-457).

Na *Gramática castellana* (1558), Villalón estabelece uma distinção entre oração e cláusula: “deue notar, que ay diferencia entre clausula y oraçion. Que oraçion, a lo menos perfecta, se compone por la mayor parte de persona que haze alguna obra: y de verbo: y de persona en quien se denota passar, o hazer aquella obra del verbo. Como esta oración: Yo amo a dios, es perfecta: porque yo soy la persona que haze esta obra de amar, que es la obra del verbo, amo: y Dios es la persona que padeçe. Y digo, que clausula es a las vezes vna oración sola: y otras vezes es vn ayuntamiento de muchas oraçiones: las quales todas juntas espresan y manifiestan cumplidamente el concibimiento del hombre en el proposito que tiene tomado para hablar.” (Mediavilla, 2000: 70)

“El enciso, ò coma siempre se pone al fin de cualquiera **oracion**, ò sea de verbo activo, como; Yo amo a Dios [...]: ò sea de verbo neutro, como: Me huelgo, me deleito; i lo mismo de pasiva, como: Soi conocido, soi descubierto.” (Dávila, 1631: 17r-18v)

“Põese [a vírgula] antes de conjunção, & relativo, & despois de cada verbo com seus casos, que he no fim de cada **oração** [...]” (Vera, 1631: 37r)

No entanto, a oração parece corresponder ainda a uma unidade de sentido completo, delimitada quer pelo ponto (Dávila, Barreto), quer pelo ponto de interrogação ou, ainda, por ponto de exclamação (Pérez de Nájera, Jiménez Patón).

“Aunque se pone punto en la interrogacion, no se acaba siẽpre clausula como algunos pẽsaron, sino vnas vezes se acaba, y otras no conforme al entero sentido, o no entero de la mesma **oracion** donde cae.” (Pérez de Nájera, 1604: 37r)

“Admiracion es un rasguillo encima de un punto desta suerte! De la qual usamos al fin de la **oracion**, quando nos maravillamos [...]” (Jiménez Patón, 1614: 81r)

“Punto se pone, quando acaba el escrito, ò quando acaba una **oracion**, i comienza otra diferẽte, como: El tiempo lo consome todo. Quan dichoso serà el que solo atendiẽre a la eternidad. Nada pueden los siglos en lo inmortal.” (Dávila, 1631: 19v-r)

“Ponto final se poem na conclusã de alguma sentença, ou **oraçã** quando o que dizemos, e a razã, que damos está de todo cõcluida e acabada [...]” (Barreto, 1671: 218)

A análise dos termos e dos conceitos acima pôs de manifesto a existência de certa falta de homogeneidade terminológica: os próprios conceitos registam variação no plano significativo, pois são usados diferentes termos para referir uma mesma unidade de sentido ou uma mesma construção sintáctica. Acrescente-se, por último, o facto de alguns dos conceitos anteriormente elucidados designarem certos tipos de construção de enunciados e, simultaneamente, as unidades pontuacionais que introduziam essas sequências do discurso.

2. Sistema(s) pontuacional(ais)

A análise das obras dos ortógrafos espanhóis e portugueses tinha em vista delinear os sistemas pontuacionais descritos nas obras ortográficas do século XVII. As variações numéricas no que respeita ao elenco das unidades pontuacionais identificadas pelos autores espanhóis e portugueses colocam o problema em termos de pluralidade: os sistemas em vez de o sistema. Os gramáticos portugueses integram nos seus sistemas elementos pertencentes aos níveis da pontuação de texto e de palavra que não eram tidos em consideração pelos seus congéneres espanhóis. Na verdade, algumas destas unidades são “descendentes” das *notae sententiarum*, que estão na origem das anotações críticas, acrescentadas por Santo Isidoro de Sevilha aos *positurae*, assim como dos sinais de acentuação propostos pelo autor das *Etimologias* (cf. *supra* II, 1.) e das *notae* veiculadas pela tradição greco-latina. Configuradas na época alexandrina (séculos III-II a. C), estas últimas foram recuperadas no século XIII, devido ao surgimento das universidades que exigiram outros tipos de texto, os quais citavam, frequentemente, outros autores. Estas *notae* eram sinais que se colocavam à margem do texto: o *obelos* [—], para assinalar uma passagem de autenticidade duvidosa; o *dictè* [<], chamada de atenção na margem ou no fim da página; o asterisco [*], para marcar versos fora da ordem correcta; e o *stigmè* (ponto na margem), para assinalar uma passagem duvidosa entre outras (Mediavilla, 2000: 23). Outras são hoje integradas nos sinais diacríticos.

Os sistemas pontuacionais dos gramáticos portugueses e espanhóis são constituídos sobretudo por unidades da pontuação de frase: *cólon*, *ponto final*, *ponto redondo*, *stigmé*, *punto entero* ou *período* [.]; *virgula*, *inciso*, *meio ponto* ou *coma* [,]; *comma*, *cólon perfeito*, *dois pontos* ou *meio ponto* [:]; *cólon imperfeito*, *ponto e virgula*, *coma e ponto*, *hupokólon* ou *ponto e coma* [;]; *interrogativo*, *interrogante* ou *interrogação* [?]; *admirativo*, *admiração* ou *sinal admirativo* [!]; e *parenthesis* [()] (cf. quadro 2 *infra* e anexo 2). Mas do sistema dos portugueses constam igualmente unidades respeitantes à pontuação de texto, ou seja, os recursos gráficos que contribuem para a organização textual (Gonçalves, 2003: 858) – o *paragrapho*, *artigo apartado* ou *aforismo* [§]; o *meo circulo* ou *antigrapho* [O], [I]¹³⁰; o *asterisco* [*]; o *obelisco* [—],

¹³⁰ Pérez de Nájera refere na sua obra “señales que siruen para señalar cosa notable”, que “se ponen algunas vezes [...] en la margen, o quando es muy notable sobre la mesma sentencia en medio del renglon, aunque esto se vee menos vezes. Otras vezes se ponen dos medios circulos en la misma margen desta manera ” y destes se vsan en las impresiones, y puede los vsar el curioso en las cosas notables que escriuiere” (Pérez de Nájera, 1604: 47v-47r). Nicolás Dávila (1631) também faz referência ao uso de “duas comas” em algumas impressões, equivalentes a este *meo circulo*. A partir deste facto, é legítimo

[[>]; o *angulo* [Λ] – , bem como a pontuação de palavra – os *apices*, *dieresis* ou *cimalhas* [˘]¹³¹; o *hyphen* ou *união* [-], [v]¹³²; a *brachia* [~]; a *divisão* [-]¹³³. Outras unidades pontuacionais, respeitantes quer à pontuação de palavra, quer à de texto, ocorrem em um único autor, português ou espanhol: a *diástole* (Correas) ou *desunião* [Λ] (Vera)¹³⁴; o *apostropho*¹³⁵ ['] (Pérez de Nájera); o *rasguillo* ['] (Jiménez Patón)¹³⁶; a *falta* [F] (Vera). Saliente-se que, ademais das unidades pontuacionais supracitadas, outras existiriam, presentes em obras de natureza gramatical e em manuais de impressores, embora não citadas pelos gramáticos seiscentistas por desconhecimento da sua existência nas oficinas de impressão, como se depreende das palavras de João Franco Barreto:

“De outros muytos sinaes faz mençã S. Isidro, ã suas Etimologias, & tambẽ Probo Goltrez, Manucio, & Bern. Brisson, algumas das quaes trãs Ioã Bautista Porta, ã o livro *de occultis literarum notis*, que deyxõ, porque nã sey se os teraõ nossas emprentas.” (Barreto, 1671: 225)

Quadro nº2: *Figura e nome dos pontemas seiscentistas*¹³⁷

Figura	Corpus seiscentista – denominações de <i>pontemas</i>
[,]	<i>Virgula; coma; distincion; incision; inciso; medio punto; koma; enciso; meyo ponto</i>
[:]	<i>Comma; medio puncto; membro; colon (perfeito); kolon; dois pontos</i>
[.]	<i>Cólon; punto (entero); periodo; circuito; stigmé; ponto (final); ponto (redondo)</i>
[;]	<i>Hupokolon; colon imperfeito; coma i punto; ponto e virgula; punto y coma</i>

concluir que a doutrina pontuacional dos portugueses se encontra mais “avançada” que a dos seus congêneres espanhóis, principalmente se se tiver em conta que Nunes de Leão já faz referência a esta unidade pontuacional na sua obra de 1576. Acrescente-se ainda o facto de Dolet (1540) fazer referência a dois *meios círculos*, equivalentes às *aspas* actuais.

¹³¹ Esta unidade pontuacional também é descrita por Pérez de Nájera (1604) e Jiménez Patón (1614). A verdade é que nos dias de hoje os *apices* não integram os sistemas pontuacionais, tal como os acentos, incluídos no título de Vera (cf. *supra* 1.), e o hífen.

¹³² Gonzalo Korreas é o único autor espanhol que refere o *huphen* ou *união* com a mesma função.

¹³³ Nicolás Dávila refere igualmente esta unidade pontuacional com a funcionalidade na translineação: a *cesura* ou *divisão*. Por sua vez, Jiménez Patón faz referência, para a mesma função, a uma “señal”, tal como Palafox y Mendoza.

¹³⁴ Esta unidade também consta do sistema proposto por Bento Pereira, que segue muito de perto a doutrina pontuacional de Vera, atribuindo-lhe, porém, outra representação gráfica [Λ-]. Barreto descreve uma unidade pontuacional com a mesma função, dando-lhe, no entanto, outra designação e outra figura: *hypodiastole* ou *antypfen* [Ω.]

¹³⁵ Os autores portugueses fazem também referência a este diacrítico ao longo das suas obras, embora não a integrem explicitamente nas suas listas de *pontemas*.

¹³⁶ Este *rasguillo* equivale ao acento agudo. Nicolás Dávila também descreve uma *virgula para o acento*, o que se pode relacionar com a tradição manuscrita em que o formato dos acentos era esse.

¹³⁷ A organização dos vários *nomes* das unidades pontuacionais segue o critério cronológico.

[?]	<i>Interrogativo; interrogante; interrogacion; interrogação</i>
[!]	<i>Admirativo; admiracion; admiração; sinal admirativo</i>
[§]	<i>Paragrapho; artigo (apartado); aforismo</i>
[()]	<i>Parenthesis</i>
[O] [O]	<i>Meo circulo; antigrapho</i>
[˘]	<i>Apices; dieresis; cimalthas</i>
[-]	<i>Hyphen; huphen; união</i>
[*]	<i>Asterisco</i>
[—] [P>]	<i>Obelisco</i>
[~]	<i>Brachia</i>
[-]	<i>Divisão; cesura; señal</i>
[∧]	<i>Angulo</i>
[∧] [] []	<i>Desunião; diástole; division; apartamiento; antyphen, hypodiástole</i>
[']	<i>Apostropho; syneresis</i>
[']	<i>Rasguillo; virgula para o acento</i>
[¯]	<i>Syllaba longa</i>
[F]	<i>Falta</i>

Na tradição greco-latina as unidades gráficas possuíam *figura, nomen e potestas*, ou valor, (Dèsbordes, 1990: 113-120). Esta distinção manteve-se na Idade Média e nas teorias ortográficas dos séculos XVI e XVII, e, na descrição dos *pontemas* seiscentistas, como unidades integrantes do sistema gráfico, persiste esta tripartição, como se pode concluir de alguns exemplos retirados das doutrinas dos autores em estudo:

“De outro ponto vsão agora algũs modernos, que consta de hum colon, na parte superior, & de hũa virgula na inferior assi ; do qual dizem, q̃ querem vsar, onde não stá dicto tanto, que se aja de poer comma, nem tâpouco, que se aja de poer virgula.” (Leão, 1576: 76r)

“Parêntesis, que quiere dezir interposicion, o cosa entremetida en medio de outra, sirue en la oracion tambiẽ para mayor claridad della [...] Señalase cõ dos medios circulos q̃ se mirã en cõtrario desta manera (_).” (Pérez de Nájera, 1604: 38v)

“Punto, ó Periodo, ò circuyto es un punto redondo, que se pone, quando se acaba la raçon, ò sentencia [...]” (Jiménez Patón, 1614: 81r)

“La koma, ó cortadura, es una linea entre dizones kasi komo media luna buelta para atras, mas gruesa ke la apostrofe: I ponese en lo baxo de la linea, i sirve para distinguir i dividir palabras, i oraciones: es desta forma , [...]” (Correas, 1630: 91)

“Quando se acaba el renglón, i la diction no se puede acabar, se divide con una, ò con dos virgulas –, que en latin se llama cesura, i en Castellano division, para notarle al que leyere, que està imperfeto [...]” (Dávila, 1631: 21v)

“Do sinal interrogativo usamos sempre que preguntamos algũa cousa. O qual he hum s às avesas na parte superior, e hum ponto na inferior assi ? [...]” (Vera, 1631: 39v)

“Desta varinha curta, que nesta forma pomos , e chamamos virgula, por outro nome, *Incisio*, e *meyo ponto*, usamos para distinguir o escrito, e respirar quando lemos: porque nella descançamos para dizer mays.” (Bento Pereira, 1666: 13)

“O sinal admirativo, que quasi se parece cõ o interrogativo, senã que aquelle he enroscado como cobra, e este direyto, sobre o ponto, usamos por tãbẽ no fim da clausula, que pronunciamos cõ algũ espanto, e admiraçã [...]” (Barreto, 1671: 220)

2.1. Subsistemas pontuacionais

A partir do(s) sistema(s) pontuacional(ais) identificado(s), em Seiscentos, na Península Ibérica, é possível proceder ao inventário de vários subsistemas. Tal possibilidade decorre, de resto, da doutrina dos próprios ortógrafos, quando agrupam certas unidades pontuacionais, evidenciando a consciência de que as unidades constituíam um núcleo interdependente.

Nunes de Leão distingue dois conjuntos pontuacionais: o primeiro é constituído pelas unidades com a função de “partir e dividir as clausulas, assi na scriptura de mão, como na estampada” (1576: 74v); o outro serve “para outros effectos” que não o de “demarcar clausulas”, além de reunir as demais unidades pontuacionais – *interrogativo*, *admirativo*, *paragrapho*, *parenthesis*, *meo circulo*, *apices*, *hyphen*, *asterisco*, *obelisco*, *brachia*, *divisão* e *ângulo* –, pertencentes à pontuação de palavra e de texto.

Os ortógrafos espanhóis não parecem proceder, pelo menos tão explicitamente, a uma distribuição das unidades pontuacionais em vários subsistemas, embora ela esteja presente em Pérez de Nájera e em Jiménez Patón. Pelo contrário, em Correas e Dávila

ela quase desaparece. Pérez de Nájera (1604), ao afirmar que a escrita espanhola “usa de cinco punctos mas particularmente, aunque en las Imprêtas curiosas se van usando siete” e ao listar nove elementos – *punto entero, medio punto, coma, sentencias contrarias, interrogante, admiracion, parêthesis, apostropho e dieresis* –, procede já à diferenciação de três subsistemas. Jiménez Patón (1614) inicia a sua doutrina pontuacional com a definição de “Clausula, ò Periodo”¹³⁸, o que sugere a íntima ligação entre as unidades sintáticas (tipos de construção) e a nomenclatura das diferentes unidades pontuacionais usadas para as assinalar: a “clausula” divide-se “comunmente en seys partes” – *inciso, miembro ou colon [:], parentesis, interrogacion, admiracion, punto, periodo ou circuyto [.]*. Delimita-se, assim, um subsistema principal, composto por seis elementos cuja função primordial é demarcar as pausas nas frases e nos seus membros, de forma a permitir respirar nesses pontos do enunciado. O segundo subsistema apresenta mais duas unidades pontuacionais: a *dieresis* e o *rasguillo*. Gonzalo Correas (1630) e Nicolás Dávila (1631) limitam-se a arrolar as unidades pontuacionais por eles descritas: *koma, kólon, hupokólon, stigmé, interrogazion, admirazion*¹³⁹, *parenthesis, diástole, huphen* (Correas); *coma, coma i punto, dos puntos, punto, interrogacion, admiracion, parenthesis, virgula para el acêto, cesura ou division* (Dávila). Este último acrescenta a referência a um “sinal” correspondente às aspas modernas e descreve a *syneresis*, equivalente ao *apostropho* de Pérez de Nájera. A ordem dos elementos das enumerações propostas por estes dois últimos gramáticos pode indicar o que eles consideram ser mais relevante ou secundário. Curiosamente, uma breve análise das denominações das unidades pontuacionais propostas por Correas põe de manifesto a influência da herança greco-latina, negada no domínio ortográfico, visto que “kólon” ou “mienbro”, “hupokólon” e “stigmé” são claramente termos de origem grega. A descrição dos *pontemas* também não carregou nenhuma novidade no campo pontuacional; pelo contrário, Correas considera o ponto e vírgula “poko nzesario” (1630: 91), num momento em que o uso desta unidade pontuacional começa a alastrar na Península Ibérica.

Álvaro Ferreira de Vera (1631) diferencia um primeiro subsistema, dotado de função delimitadora da “cláusula” ou “período” e as suas partes, sendo constituído pela

¹³⁸ Recorde-se que esta é definida como uma “raçon perfeta, y acabada la qual tiene necesidad de diuidirse en partes menores, para que descansa, y haga pausa el que raçona” (Jiménez Patón, 1614: 80v).

¹³⁹ É de referir que a *admirazion* não consta da lista inicial em que se apresentam os *pontemas* propostos por Gonzalo Correas, sendo, no entanto, descrita posteriormente. Esta situação ocorre certamente por erro do impressor.

incisio [,], pelo *colon imperfeito* [;], pelo *colon perfeito* [:], pelo *ponto final*, pela *interrogação*, pela *admiração* e pelo *parenthesis*. A *divisão*, o *angulo* e o *paragrafo* integram o segundo subsistema de Vera¹⁴⁰; o terceiro reúne, com a designação de “notas menos usadas”, os *apices*, a *união*, a *desunião*, a *falta*, o *meio circulo*, o *asterisco*, o *obelisco*, a *brachia* e a *syllaba longa*.

Bento Pereira (1666) dedica apenas três regras gerais à pontuação: a primeira diz respeito à *virgula*, *ponto e virgula* e *dois pontos*; a segunda, ao *ponto final*, *sinal interrogativo*, *sinal admirativo* e *parenthesis*; a terceira, a “outros sinais importantes ao bom escrever”, ou seja, à *divisam*, ao *angulo*, ao *paragrafo*, aos *ápices*, ao *hyphen*, à *desunião*, ao *meyo circulo*, ao *asterisco*, ao *obelisco* e à *brachia*. Delimitam-se, assim, três subsistemas pontuacionais: um núcleo duro e dois subconjuntos complementares.

Ao dedicar três capítulos à pontuação, Barreto (1671) reconhece uma delimitação de três subsistemas: o primeiro integra os “sinaes importantes ao bõ escrever” – *virgula*, *colon perfeito* [:], *colon imperfeito* [;] e *periodo*; o segundo, “outros sinaes tambien importantes ao bõ escrever” – *interrogação*, *admiração*, *parenthesis* e *paragrafo*; e o último, “outros sinaes” – *divisã*, *angulo*, *antigrafo*, *asterisco*, *ápices*, *hyphen*, *obelisco*, *bracchia* e *antyphen* ou *hypodiastole*.

O autor da última obra do *corpus* espanhol, Palafox y Mendoza, por sua vez, elabora um rol contendo as unidades pontuacionais – *punto redondo*, *punto y coma*, *coma*, *dos puntos*, *interrogacion*, *admiracion* e *parentesis* –, limitando-se a descrever os três últimos no capítulo VII onde os apresenta. No entanto, no capítulo V, intitulado “De la division de las partes”, o autor distingue o “capitulo”, a “clausula”, o “periodo” e as “distinciones”¹⁴¹ e apresenta os *pontemas* correspondentes, bem como as respectivas funções. Deste modo, o “capitulo”, a “clausula” e o “periodo” são demarcados por “punto redondo”, e as “distinciones” podem circunscrever-se de três formas – *dos puntos*, *punto y coma* e *coma* –, sendo, por conseguinte, identificados dois subsistemas.

¹⁴⁰ Vera engloba estes dois primeiros conjuntos sob a designação geral de “pontos, & notas, de que frequentemente usamos”.

¹⁴¹ Vale a pena transcrever as definições de Palafox y Mendoza (1679: 18-21): “capitulos, quando se acaba cõ todos los discursos de aquella parte, y comienza nuevo titulo”; “clausula es, quando acaba vno los discursos de cada capitulo, y entonces se haze punto redondo, donde ella se determina, aunque sea a la mitad del renglon, y se comienza outro”; “Periodo es donde descansa, y toma aliento el que lee en el mismo discurso de las clausulas”; “distinciones son en tres maneras. La primera, de dos puntos: La segunda, de punto y coma: La tercera, solo de coma. En las dos primeras de dos puntos, y punto, y coma; no hallo mucha diferècia, porque entrambas sirven a vn mismo intento, que es dar algun descanso al alièto, y discurso de la clausula, quando es larga, ô hazer alguna diversa ponderación, que necesita de reparo en el discurso, ô concepto, antes de acabar el discurso del periodo. [...] La *coma*, se pone por distincion del *periodo*, mirando mas a lo que necesita en las partes, ã en el concepto.”

De seguida, traça-se uma breve síntese dos dados acima expostos e analisados. Na doutrina de Leão, encontram-se claramente delimitados dois subsistemas, sendo que o primeiro reúne as unidades separadoras ou delimitadoras das frases e dos seus constituintes, derivadas das *distinctiones* latinas, e cujo uso assentava tanto no sentido completo do enunciado junto como na função pausal. O segundo grupo reúne as unidades com funções distintas daquelas. Ademais da sua função entoacional, é de realçar que o *interrogativo* e o *admirativo* são também unidades delimitadoras das frases, embora sem integrarem ainda o primeiro subsistema. Relativamente aos ortógrafos espanhóis que procedem a uma possível distinção, Pérez de Nájera, ao falar de cinco pontos usados na escrita espanhola e de sete nas “Imprêtas curiosas” e ao listar, após a sua afirmação inicial, nove elementos, suscita necessariamente três perguntas.

Que unidades pontuacionais seriam usadas na escrita manual?

Quais as utilizadas na imprensa?

Porque são apresentadas nove?

Para responder às duas primeiras questões, na ordem pela qual as unidades são reveladas poderá encontrar-se a chave para uma resposta plausível. Assim, estariam em uso nos manuscritos o *punto entero*, o *medio punto*, a *coma*, as *sentenças contrarias* e o *interrogante*, pois sabe-se que o uso da *admiracion* e do *parêthesis* é um pouco posterior. Quanto às unidades pontuacionais em uso nos impressos, além das cinco primeiras, existiriam a *admiracion* e o *parêthesis*, visto que não se pode esquecer que o gramático faz referência a “pontos”, parecendo englobar sob esta designação as unidades pontuacionais com uma função específica no âmbito das construções sintáticas. Ora o *apostropho* e a *dieresis* não se enquadram neste critério, por se situarem no âmbito da pontuação de palavra. Por sua vez, Jiménez Patón parece delinear uma distinção, ao apontar, de forma implícita¹⁴², a função mais importante de seis das unidades do seu sistema pontuacional (*inciso*, *miembro* ou *colon*, *parentesis*, *interrogacion*, *admiracion* e *punto*): demarcar as pausas nas frases e nos seus membros, a fim de nelas se respirar¹⁴³. O segundo subsistema de Jiménez Patón é composto pela *dieresis* e pelo *rasguillo* ou *acento*, hoje colocadas no plano dos diacríticos do nível alfabético.

¹⁴² Assim se conclui da sua definição de cláusula ou período (cf. *supra* 1.).

¹⁴³ Nesta função, encontram-se os critérios a que obedece o uso das suas unidades pontuacionais: um critério prosódico-entoacional e um sintático.

Apesar de Gonzalo Correas e Nicolás Dávila não organizarem subconjuntos dentro dos respectivos sistemas pontuacionais, a ordem dos elementos das listas propostas por estes autores pode indicar o que eles consideram mais relevante ou secundário. Deste modo, constata-se que, uma vez mais, surgem em primeiro lugar os principais *pontemas* separadores ou delimitadores das frases e dos seus constituintes – *coma, coma i punto, dos puntos, punto*¹⁴⁴ –, seguindo-se, em ambos, a *interrogacion*, a *admiracion* e o *parenthesis*, bem como os restantes *pontemas* propostos quer por Gonzalo Correas, quer por Nicolás Dávila. Vera, na sua teoria pontuacional, acrescenta não só as mesmas unidades pontuacionais identificadas por Leão ao primeiro subsistema, cujos elementos “ordinariamente são sette, em que se divide a clausula, ou perihodo”, como também o *parenthesis*¹⁴⁵. Além disso, o autor parece ter consciência da diferença de estatuto das unidades do primeiro subsistema e do segundo, destrinça reconhecida sob a denominação geral de “pontos, & notas, de que frequentemente usamos”. O segundo grupo reúne, assim, as “notas”¹⁴⁶ usadas mais frequentemente, enquanto o terceiro engloba as “notas menos usadas”. A distinção entre as unidades do segundo e as do terceiro subsistemas encontra-se então na frequência do uso. Bento Pereira parece basear-se em critérios diferentes para delimitar os seus três subsistemas, aos quais dedica uma “regra”. Os dois primeiros têm uma função delimitadora ou separadora, fundando-se a sua distinção no domínio a que cada um diz respeito: o primeiro, composto pelas unidades relacionadas com o domínio interior compreende as que separam os constituintes da frase; o segundo, composto pelas unidades de domínio exterior engloba as que circunscrevem a frase ou período¹⁴⁷. O terceiro subsistema é constituído por “outros sinais importantes ao bom escrever”, dos quais apenas o parágrafo possui função delimitadora, sendo curioso assinalar que tal subsistema integra todas as unidades pertencentes ao nível da pontuação de texto ou de palavra. Quanto à divisão proposta por Barreto no quadro do seu sistema pontuacional, esta não parece

¹⁴⁴ É curioso constatar que, enquanto a *coma* encabeça a lista proposta por Correas e Dávila, sendo seguida pelos dois pontos, ponto e vírgula e ponto – em Dávila, primeiramente o ponto e vírgula, depois os dois pontos –, a enumeração dos *pontemas* sugeridos por Palafox y Mendoza começa com o ponto, seguido das unidades pontuacionais colocadas por ordem decrescente de força.

¹⁴⁵ Está-se novamente perante a estreita ligação entre as unidades sintáticas ou tipos de construção e a nomenclatura das diferentes unidades pontuacionais usadas (cf. *supra* 1.1.), o que é corroborado pelo significado de *parenthesis*, “que quer dizer interposição de palavras”.

¹⁴⁶ Estas “notas” usadas mais ou menos frequentemente são certamente herdeiras das *notae sententiarum*, de S. Isidoro de Sevilha, originariamente anotações críticas utilizadas em poemas e textos narrativos para chamar a atenção do leitor, bem como dos sinais de acentuação e aspiração (cf. *supra*, cap. II, 1.).

¹⁴⁷ No entanto, esta ideia apresenta uma falha, visto que o *parenthesis* não se utiliza para demarcar as frases ou períodos. Qual terá sido então o motivo para o seu enquadramento no segundo subsistema? Fica registada tal incongruência.

apoiar-se na convergência de funções das suas unidades. O autor agrupa-as em três conjuntos, sendo os dois primeiros dedicados aos “sinaes importantes ao bõ escrever”, e o terceiro, a “outros sinaes”. A distinção entre aqueles dois poderá basear-se na frequência do uso das suas unidades, visto que no conjunto formado pela *virgula*, *colon perfeito*, *colon imperfeito* e *periodo* as unidades possuem uma função delimitadora da frase e dos seus constituintes, ao passo que, no segundo, três dos seus elementos também podem exercer essa mesma função: *interrogação*, *admiração* e *paragrafo*. As unidades do terceiro formam conjunto por não possuírem esta função delimitadora e por, tal como as unidades do terceiro subsistema de Bento Pereira, não se situarem no âmbito da pontuação de frase.

Quanto a Palafox y Mendoza, este parece estabelecer fronteira entre dois subsistemas, descritos em dois capítulos diferentes, destinando-se o primeiro (composto por *punto redondo*, *dos puntos*, *punto y coma* e *coma*) a separar as “partes” do discurso, e o segundo, a outros efeitos.

Conclui-se que a distinção dos subsistemas definidos consciente ou inconscientemente pelos autores assenta ainda na tradição greco-latina das *distinctiones* ou nos *positurae* de Santo Isidoro de Sevilha, permitindo, deste modo, a constituição de um núcleo principal que reúne os seus descendentes.

3. Descrição / funcionalidade dos *pontemas*

Na apresentação de cada *pontema* seguir-se-á a ordem pela qual cada um é apresentado na *Ortographia* de Nunes de Leão, a obra que serve de primeira baliza cronológica ao *corpus*. Dada a grande diversidade de denominações, os *pontemas* são citados pela sua designação actual.

Importa destacar que, embora nos séculos XV e XVI coexistissem unidades pontuacionais com o mesmo valor ou função, tal situação tende a desaparecer no século seguinte, devido à tendência para a especialização em uma única função. É claro que isto não impede que continuem a existir *pontemas* polivalentes, assunto a ser tratado nas secções seguintes.

3.1. Vírgula ou Coma

Designado na época por *virgula* (Leão, Vera, Bento Pereira e Barreto), *inciso* (Pérez de Nájera, Jiménez Patón, Dávila, Vera, Bento Pereira, Barreto), *meio ponto* (Jiménez Patón, Bento Pereira, Barreto) e *coma* (Pérez de Nájera, Jiménez Patón, Correas, Dávila, Palafox y Mendoza, Barreto)¹⁴⁸, este *pontema* integra sempre o primeiro subsistema pontuacional de todos os ortógrafos, sendo, igualmente, um dos mais antigos. A sua função principal consiste em delimitar orações e seus membros e, simultaneamente, indicar ao leitor o local onde há-de fazer pausa para descansar¹⁴⁹. Assim, nas teorias dos ortógrafos portugueses e de Pérez de Nájera, os critérios que determinam o emprego deste *pontema* são o critério sintáctico-semântico e o pausal. Nas doutrinas dos demais autores espanhóis, o uso da vírgula obedece apenas a critérios sintáctico-semânticos.

Conforme se referiu a propósito de Fernão de Oliveira, é de referir que este *pontema* se relaciona com outra unidade pontuacional, o *ponto suspensivo* [/], também designado por *virgula*, e que era usado nos séculos XV e XVI, tendo-lhe herdado a sua principal função de separador de membros de “cláusulas”.

3.2. Dois pontos

Pouco usado nos manuscritos, este *pontema* desempenha as funções de marcador de final de “cláusula”¹⁵⁰ e de indicador de aposição no século XV, vindo estas, todavia, a desaparecer ao longo do século XVI, especializando-se a unidade na relação com a componente organizacional sintáctica do período e da frase indicada pelos ortógrafos seiscentistas: separar membros de “cláusulas”.

A actual designação surge já em alguns autores seiscentistas (Dávila, Bento Pereira, Palafox y Mendoza¹⁵¹), sem ser a única, porque outras são utilizadas: *comma* (Leão), *medio punto* (Pérez de Nájera), *colon* e *colon perfeito* (Pérez de Nájera, Jiménez

¹⁴⁸ Variando de autor para autor, as diferentes designações para a mesma unidade pontuacional ou doutrina pontuacional do mesmo autor, traduzem a ausência de normalização terminológica no processo de fixação em curso. Relativamente a este *pontema*, constata-se que a denominação actual já estava em uso no século XVI, em Portugal, e no início do século seguinte, em Espanha. Quanto a outra das designações, *inciso*, esta tem origem na tradição greco-latina, onde significa, primeiro, uma construção sintáctica. *Meio ponto* pode resultar da tradução do *semipunctum* [,] de Aldo Manúcio, o Jovem (cf. *supra* I, 2.3.).

¹⁴⁹ Segundo Nunes de Leão, “a virgula se põe, & faz distinção, quando ainda não stá dicto tal cousa, que dee sentido cheo, mas soamente descansa para dizer mais” (1576: 74r).

¹⁵⁰ Para este e outros conceitos afins, *vide supra* secção 1.1.

¹⁵¹ Conclui-se que a actual designação do *pontema* já se fixara em meados do século XVII, visto ser já a única empregue para designar a unidade. O mesmo ocorre com a denominação do ponto e vírgula.

Patón, Correas, Vera, Bento Pereira e Barreto). Incluído no principal subsistema de cada autor, este *pontema* é polivalente, pois possui não só um valor delimitativo médio, obedecendo o seu uso a um critério semântico – “se põe quando stá dicto tanto, que dá sentido mas fica ainda mais para dizer, para perfeição, & acabamêto da sentença”, isto é, em “sentença suspensa e não acabada”¹⁵² (Leão, 1576: 75v e 76v). Além deste valor de separador de membros de frases ou períodos, desempenha já a nova função de introdutor de citações, de discurso directo¹⁵³ e de explicações, função que, desde o século XVII, lhe ficará adstrita até à actualidade.

3.3. Ponto

No século XV, este *pontema* exerce várias funções: separador de membros de “cláusulas”, separador de “cláusulas”, introdutor de discurso relatado, delimitador de saudações em início de texto.

No final do século XVI, o *colon* de Nunes de Leão, também conhecido por *punto entero* (Pérez de Nájera¹⁵⁴, Correas), *periodo* (Pérez de Nájera, Jiménez Patón, Barreto), *ponto* (Jiménez Patón, Dávila), *stigmé* (Correas), *ponto final* (Vera, Bento Pereira, Barreto) e *ponto redondo*¹⁵⁵ (Barreto e Palafox y Mendoza), é um dos *pontemas* mais consensuais em todos os autores, pois, nas suas doutrinas, apresenta como único valor a delimitação de frase ou de período. Este *pontema* integra o primeiro subsistema dos gramáticos, excepto na teoria de Bento Pereira, autor que, como acima se viu, parece apontar para a distinção entre dois subsistemas, com idêntica função

¹⁵² A doutrina pontuacional de Vera e a de Bento Pereira apresentam, neste ponto, uma discrepância relativamente à teoria de Leão (e à de Barreto que segue a lição do seu “mestre”), não obstante manter-se a sua função delimitadora. (cf. *infra* secção 4.2.) Para os espanhóis, os dois pontos também delimitam as orações das frases: “porque en el se haze la division que se pone para mediar las clausulas, y dividir los miembros mas principales dellas. Y quando el sentido de la clausula no esta entero, sino que pende de lo dicho alguna outra parte della” (Pérez de Nájera, 1604: 35r).

¹⁵³ Identificado por todos os ortógrafos portugueses, entre os espanhóis este segundo valor de anunciador surge apenas na doutrina pontuacional de Nicolás Dávila (1631). Palafox y Mendoza, logo a seguir, não mantém esse valor, visto que apenas faz referência à função delimitadora dos dois pontos, que se destinam às “distinciones”: [as “distinciones” de dois pontos e de ponto e vírgula não apresentam muitas diferenças], “porque entrambas sirven a vn mismo intento, que es a dar algun descanso al aliêto, y discurso de la clausula, quando es larga, ô hazer alguna diversa ponderacion, que necessita de reparo en el discurso, ô concepto, antes de acabar el discurso del periodo” (1679: 20). Veja-se que, em meados do século XVII, o uso deste *pontema* obedece ainda a um critério pausal.

¹⁵⁴ Tal como Jiménez Patón, este ainda se lhe refere como *periodo* ou *circuito*, herança greco-latina, como acima se mencionou (cf. *supra* 1.1.).

¹⁵⁵ Tal designação assenta na *figura* ou desenho gráfico do *pontema*. Já a designação *ponto final*, apresentada por Vera, Bento Pereira e Barreto, remete para a sua função delimitadora de final de frase, enquanto *punto entero* (Pérez de Nájera, Correas) aponta para o critério semântico de completude de enunciado.

delimitadora entre unidades pertencentes a um “domínio interior” e a um “domínio exterior”. De realçar, por último, que os autores portugueses posteriores a Leão sublinham a necessidade de se grafar maiúscula após a sua utilização.

3.4. Ponto e vírgula

Embora este *pontema* não seja descrito por Leão nem por Jiménez Patón, o que poderá explicar-se pelo facto de o seu uso ter sido pontual até ao século XVII, a ele alude todavia o autor português, que o considera uma “invêção de pouca utilidade, e desnecessaria, e que eu não imitaria. Porque pelos pontos antigos¹⁵⁶ se distingue tudo, e este faz mais torvação, que distinção, que he o fim dos pontos” (1576: 76v). Conquanto o descreva, Correas também o vê como “poko nezesario” (1630: 91). Leão reconhece, contudo, a sua utilização por “algũus modernos”, apresentando um valor intermédio entre o valor delimitativo e distintivo da *comma* (dois pontos) e o da *virgula*, que se mantém nos gramáticos posteriores: “El hupokolon es algo menos, ke el kolon: kuando ai duda, si se pondrá koma, ó kolon” (Correas, 1630: 91). Contudo, a referência à dificuldade na utilização deste *pontema*, dotado de valor separador, estará sempre presente nas doutrinas destes ortógrafos¹⁵⁷. Surge, contudo, outro valor para este *pontema* na doutrina de Pérez de Nájera¹⁵⁸ – marcar a oposição entre palavras ou orações contrárias –, valor que persiste nas doutrinas de Nicolás Dávila e dos ortógrafos portugueses do século XVII. Nicolás Dávila confere-lhe a função de introduzir uma explicação, especializando-se, a partir do século XVII, o *pontema* nas duas funções referidas. Aliás, este *pontema* parece resultar da junção de ponto (com o seu valor de encerramento) e de vírgula (com o valor de incompletude significativa).

¹⁵⁶ Estes “pontos antigos” seriam os herdeiros das *distinctiones* dos Romanos e dos *positurae* de Santo Isidoro de Sevilha, correspondentes ao ponto, aos dois pontos e à vírgula.

¹⁵⁷ Esta ocorre conscientemente nas obras de Bento Pereira e de Barreto. Este último, apesar de reconhecer a dificuldade de conhecer tal *pontema*, aproveita para refutar Leão: “màs he cousa muyto difficil de conhecer; ainda que Duarte Nunez, a chama invençã de pouca utilidade, e desnecessaria, o que elle diz, nã imitaria, sendo tã nimio, e outras cousas menos importantes” (*Op. cit.*, 217). Saliente-se ainda que a consciência da dificuldade do uso desta unidade com função de separar nomes contrários e frases compostas está já presente em Aldo Manúcio, o Jovem (1569), que a designa por *punctum semicirculo junctum* [;] (cf. *supra* I, 2.3.).

¹⁵⁸ Pérez de Nájera não dá nenhuma denominação própria a este *pontema*, referindo-se-lhe como “sentenças contrarias”, quer dizer, descrevendo o seu uso em vez de nomeá-lo. É de salientar que na gramática de López de Velasco (1582) também se cita um *pontema*, não nomeado pelo autor, com a mesma função e representação gráfica [;]. Além disso, os exemplos escolhidos por aquele autor quinhentista para exemplificar o seu uso são retomados, *ipsis verbis*, na obra de Pérez de Nájera (cf. *supra* II, 1.).

No século XVII com as designações de *hupokolon* (Correas), *coma e punto* (Dávila) e *colon imperfeito* (Vera, Bento Pereira, Barreto) e também com a designação actual (Bento Pereira, Palafox y Mendoza), este *pontema* sempre constou do subsistema principal ou nuclear de cada ortógrafo.

3.5. Ponto de interrogação

As designações deste *pontema* variam pouco no século em apreço: (*senal*) *interrogativo*, *interrogante* ou apenas *interrogação*. No entanto, até ao século XVI, a sua figura ou representação gráfica chegou a representar simultaneamente o ponto de interrogação e o de exclamação, uma vez que assinalava um tipo de inflexão da voz diferente da declarativa, associada ao ponto final. Quanto à sua função, este caracterizou-se tanto pela função de demarcador de frase¹⁵⁹ como pelo valor modal, e, por conseguinte, pela função de marcar a entoação da frase¹⁶⁰: o *interrogativo* coloca-se “no fim da clausula, ou sentença interrogativa quando se pergunta algũa cousa” (Leão, 1576: 76) ou “se pone en fin de cualquiera razon, o parte, o miembro della, que se dize preguntando”¹⁶¹ (Pérez de Nájera, 1604: 36v). Ora figura no primeiro ora no segundo subsistemas dos autores, significando isto que sempre foi considerado um dos *pontemas* mais relevantes e mais utilizados.

3.6. Ponto de exclamação

Mais tardio que o *pontema* anterior, com o qual era confundido durante muito tempo¹⁶², este começa a autonomizar-se com os humanistas italianos no século XV. Mas as analogias com o ponto de interrogação não terminam aqui, pois em ambos os

¹⁵⁹ Ao integrá-lo no conjunto de *pontemas* que servem “para outros effectos” que não o de demarcar as clausulas, Leão parece privilegiar o seu valor modal. No entanto, quando o define referindo que deve ser colocado no “fim da clausula, ou sentença interrogativa”, dá destaque ao seu valor de separador (Leão, 1576: 76v).

¹⁶⁰ Apesar de este valor modal e / ou entoacional principal não estar claro em Leão, o mesmo não ocorre na doutrina de Pérez de Nájera: “Adonde porque el tono de la voce parece que se levanta preguntado, de que las letras por si no pueden dar noticia, para señal dello se pone el sobredicho punto interrogante después de la ultima palabra que pregunta imitando su figura lo que la voce haze, que es casi lo mesmo que admirandose.” (Pérez de Nájera, 1604: 37r).

¹⁶¹ Esta consciência de que o *interrogante* nem sempre delimita a frase é acentuada noutra afirmação de Pérez de Nájera: “Aunque se pone punto en la interrogacion, no se acaba siẽpre clausula como algunos p̄saron, sino unas veces se acaba, y otras no conforme el entero sentido, o no entero de la mesma oracion donde cae.” (Pérez de Nájera, 1604: 37v).

¹⁶² A proximidade entre as duas unidades pontuacionais é, de resto, visível numa afirmação de Leão: o *admirativo* “quasi se parece na figura cõ o interrogativo, senão que teem a plica direita para cima” (Leão, 1576: 77r).

casos não abundam as discrepâncias quanto à denominação – (*senal*) *admirativo* e *admiração*. Além disso, os seus valores são idênticos: valor lógico de fim da frase e valor modal específico.

Palafox y Mendoza dedica grande atenção a este *pontema*, destinando-lhe alguns parágrafos da sua obra, ao longo dos quais procede a uma reflexão, ainda bastante actual, sobre a posição que no enunciado ocuparia a marca figurativa de afecto¹⁶³: no princípio da aspiração ou no fim da frase. Não obstante reconhecer que o mesmo pode ocorrer nas duas situações, opta pela segunda, porque, embora seja na primeira palavra (i.e. na interjeição) que se percebe o sentimento expresso, este só fica completo no final da frase. Outro aspecto curioso de Palafox y Mendoza é a referência ao facto de outros autores pretenderem distinguir o sentimento da dor expresso através do recurso a este *pontema*, modificando a representação gráfica da unidade pontuacional: “Algunos en el afecto de dolor suelen diferenciar la raya, com torçerla un poço, a la parte diestra.” (Palafox y Mendoza, 1679: 33).

3.7. Parágrafo

Actualmente em desuso enquanto unidade específica¹⁶⁴, em Seiscentos este *pontemal*¹⁶⁵ tinha apenas lugar na doutrina pontuacional dos portugueses, reunindo algum consenso entre eles: a sua função delimitadora, “não de hũa clausula a outra, mas de hũ tractado a outro, ou de hũa materia a outra” (Leão, 1576: 77r) repete-se ao longo das quatro obras portuguesas, remetendo-o para o nível da pontuação de texto. A designação é a mesma, sendo que Vera lhe acrescenta duas outras – *artigo apartado* e *aforismo*. A única divergência ocorre na representação gráfica sugerida por Barreto, que o reproduz ao contrário.

¹⁶³ O autor refere as *aspiraciones*, que “son aquellas en que se exclama com la razon, ó periodo, significando algum afecto interior, como: O Dios mio! O Bondad admirable!”, e que se diferenciam, sendo umas de admiração, outras de dor e outras de alegria (Palafox y Mendoza, 1679: 31).

¹⁶⁴ Esta unidade pontuacional foi preterida pela conjugação do ponto final e da alínea, embora existam outras formas de assinalar parágrafo.

¹⁶⁵ Convém lembrar que Santo Isidoro de Sevilha o englobava nas *notae sententiarum*, originariamente anotações críticas.

3.8. Parêntesis

Com presença esporádica nos manuscritos dos séculos XV e XVI, este *pontema* vê o seu uso generalizar-se no século XVII. Na descrição desta unidade pontuacional, torna-se patente a estreita ligação entre as unidades sintácticas ou tipos de construção e a nomenclatura das diferentes unidades pontuacionais usadas para as pontuar, como acima se explicou (cf. *supra* 1.1.). Esta designação começou por fazer referência a uma figura de retórica, o que é visível na definição proposta por Nunes de Leão (“he hũa formação de diversa sentença, e palavras estranhas, ã se interpõem na clausula, e se podem tirar, ficando perfectó o sentido”¹⁶⁶, 1576: 77r) e na de Pérez de Nájera (“quiere decir interposición, o cosa entremetida, y es razon, o parte della metida en medio de outra”, 1604: 38r). Os ortógrafos posteriores, tanto portugueses como espanhóis, referem-se ao *parêntesis* como termo próprio da unidade pontuacional. A sua função é não só tornar mais claro o sentido da frase em que se insere, sem a alterar sintáctica ou significativamente (“ã aũã se quite no queda imperfeta la oracion”, Jiménez Patón, 1614: 81v-r) como também incluir a voz do sujeito de enunciação (“E aas vezes seruem estes dous meos círculos, sem força de parenthesis, quando nelles incluimos algũa addição, ou declaração nossa, sobre a materia que tracta algum author, ã interpretamos”, Leão, 1576: 77r) ou a fonte de uma citação. Este *pontema* integrou os principais subsistemas pontuacionais propostos das doutrinas seiscentistas em apreço.

3.9. Aspas

A teoria pontuacional contempla no século XVII o *meo circulo* (Leão, Vera e Bento Pereira) ou *antigrafo* (Barreto), *pontema* equivalente às aspas actuais. Este poderá ter tido como ancestral uma das *notae sententiarum* consideradas por Santo Isidoro de Sevilha, o *diple* ou sinal de citação. Todavia, se em Portugal, tal unidade pontuacional é prescrita por todos os autores no seguimento da doutrina quinhentista de Leão, o mesmo não se verifica no país vizinho. Apenas surge na teoria pontuacional de Pérez de Nájera uma alusão a “dos medios círculos” para “señalar cosas notables” e na de Dávila uma referência ao uso de “dos comas” [,] em algumas impressões, colocadas na margem a seguir à linha em que haja “palabras formales”. Porém, como expediente equivalente, Dávila defende que se sublinhem as ditas “palabras formales”. A principal

¹⁶⁶ Quando o autor se lhe refere como “dous meos círculos”, a designação correspondia já a unidade pontuacional.

função deste *pontema* é já, claramente, a de delimitar citações. Depois dele deve usar-se maiúscula, conforme defendem os ortógrafos portugueses do século XVII.

3.10. Ápices

Os *apices*, *dieresis* ou *cimalhas* são integrados nos sistemas pontuacionais seiscentistas da Península Ibérica. Recorre-se a este *pontema* quando “se ajuntão duas vogaes, ã se podião leer de duas maneiras, ou jūtas em hũa syllaba, ou separadas em duas. Polo ã quando queremos mostrar, ã as vogaes se hão de leer divididas, poemas os apices nesta maneira, aio por mestre de criação, caiado por brãqueado, a differença de, cajado, por bordão, ãa, pretérito imperfecto do verbo vou, a differença de já, adverbio tēporal, e assi boiada, boia, argüir, saúde” (Leão, 1576: 77v). Servem, em suma, para assinalar a inexistência de ditongo. Verifica-se, assim, que esta unidade pontuacional, pertencente ao âmbito da pontuação de palavra, desfuncionalizada entretanto no campo da pontuação, apresenta um estatuto diferente dos demais *pontemas*, visto enquadrar-se nos chamados diacríticos¹⁶⁷ do nível alfabético.

3.11. Hífen

Integrado pelos gramáticos latinos Donato e Prisciano assim como por Santo Isidoro de Sevilha no conjunto dos *prosodiae*¹⁶⁸, o *hyphen* ou *sinal de união* consta dos sistemas pontuacionais portugueses e, entre os castelhanos, do sistema de Correas (*huphen*), apresentando um estatuto diferente por fazer parte do que Nina Catach (1994: 91) designa como “marcas de palavras”, visto que se encontra ao nível da palavra e das unidades lexicais compostas, sem pertencer ao plano da frase. Tem duas funções: serve, em primeiro lugar, para formar palavras compostas (única função identificada por Correas); usa-se para emendar erros, quando “se acerta de screver hũa palavra cõ as syllabas muito separadas hũas das outras, para denotarmos, q se hão de ajūtar em hum corpo, para formar hũa dição, e tirar a duvida em ã staria o lector, como aqui: Confia_dona vossa palavra”¹⁶⁹.

¹⁶⁷ Os diacríticos podem ser definidos como “auxiliares da função grafemática” (Gonçalves, 2003: 869).

¹⁶⁸ Isto pode explicar o facto de actualmente o hífen se enquadrar no conjunto dos diacríticos.

¹⁶⁹ É evidente que tal uso só teria lugar nos manuscritos, o que mostra quanto estavam presos a essa tradição.

3.12. Asterisco

O *asterisco* também integra as *notae sententiarum* propostas por S. Isidoro de Sevilha, às quais alude Leão (“Do qual vsauão os antigos, & se usa agora”, Leão, 1576: 78v), e é mais um dos *pontemas* que constam unicamente dos sistemas pontuacionais portugueses. Funciona com sinal denotativo ou positivo, pois usa-se, no âmbito da pontuação de texto, para chamar a atenção “quando se notão algũus versos, ou palavras, que faltavão em o author, ou quando querem mostrar algũas palavras, que são dignas de se notar” (Leão, 1576: 78r).

3.13. Obelisco

De função contrária à anterior anterior, este *pontema* consta também das *notae sententiarum*, mas a sua origem será mais antiga, pois o primeiro a utilizá-lo, segundo Leão, terá sido Aristarco, “na censura ã fez dos versos de Homero. Porque (...) os maos e adulterinos [se notavam] com obeliscos. De quem despois os tomarão Origenes, e S. Hieronymo, e os usarão na sagrada scriptura” (Leão, 1576: 78r). Usa-se, assim, para realçar “palavras adulterinas” de alguém.

3.14. *Brachia*

Proposto apenas pelos autores portugueses, a origem deste *pontema* seiscentista poderá encontrar-se nos acentos diacríticos ou *prosodiae* dos gramáticos gregos e latinos. Leão afirma que a sua designação é originária dos gregos, sendo “sinal, de ser breve a vogal, sobre ã se põe. Da qual usamos, quando queremos fazer differença, em algũa palavra, de que hũa syllaba pode ser longa e breve, e que sendo breve, tõe diferente significado, de quando he longa, como cágado por o animal aquatico, a que os Latinos chamão testudo, e no Latim occido por cair, a differença de occido por matar” (1576: 78v). À semelhança dos *ápices*, esta unidade pertence ao conjunto dos diacríticos de nível alfabético.

3.15. *Divisão*

Esta unidade pontuacional seiscentista enquadra-se também nos acentos diacríticos ou *prosodiae* e, ao contrário destes, também compõe os sistemas pontuacionais dos ortógrafos espanhóis em apreço, que adoptaram outras

denominações: “señal”, “atadura”. O uso desta unidade pontuacional, à qual se recorre na translineação de vocábulos no final da linha, parece restringir-se aos textos impressos: esta “se chama nas impressões divisão, quando no fim da regra acerta de viir hũa dição, que por não caber nella, se parte, para se acabar na regra seguinte” (Leão, 1576: 78v). Bastante interessante é o facto de o *hyphen* e a *divisão* possuírem a mesma figura [-], sendo estes, afinal, a mesma unidade pontuacional¹⁷⁰, que corresponde ao actual hífen, embora com funções diferentes: hífen lexical e de translineação.

3.16. *Angulo ou meta / Falta*

O último *pontema* do sistema pontuacional de Leão é exclusivo dos textos manuscritos e, à semelhança de outros já citados, encontra-se ausente dos sistemas pontuacionais dos gramáticos espanhóis, indiciando, talvez, que a tradição manuscrita estava mais viva no texto metaortográfico português. Situado ao nível da pontuação de texto, este tem por função indicar uma falta de palavras, assinaladas na entrelinha ou na margem do texto.

Quando as palavras em falta são muitas, não cabendo na entrelinha, Vera sugere que se recorra a outra unidade, a *falta*, que deve acompanhar as palavras omitidas na margem e deve ser colocada na linha onde esta ausência se verifica.

3.17. *Outros pontemas*

Atenta-se agora em outros *pontemas* cuja presença na doutrina pontuacional está apenas referenciada em um ou outro gramático português ou espanhol.

Para Barreto, a *desunião* (presente com esta designação nos sistemas de Vera e de Bento Pereira), *antyphen* ou *hypodiastole* (apenas *diástole* para Correas) tem uma função oposta à da *união* e serve para “apartar dos palavras, para ke no parezkan una, i de dividir las ke kaen xuntas, i van apartadas en el sentido i kostruzion” (Correas, 1630: 92-93); “aparta, quando por descuido escrevemos algũa dicção junta a particula, ou artigo que se segue como se vê de escrituras antigas, que hoje muitos ignorão” (Vera, 1631: 40v). Importa realçar o facto de esta unidade pontuacional estar directamente ligada aos manuscritos antigos, como se deduz da afirmação anterior. Apesar de integrar

¹⁷⁰ Nina Catach (1994: 92) refere, aliás, o hífen como um “signe de division” que no fim da linha reúne as palavras separadas por falta de espaço, podendo ser considerado também união das duas linhas.

os sistemas pontuacionais dos quatro autores acima citados, não é usada nos textos impressos¹⁷¹.

O *apostropho*¹⁷² (Pérez de Nájera) ou *syneresis* (Dávila), outra das unidades pontuacionais que se pode filiar nos acentos diacríticos ou *prosodiae* dos gramáticos latinos, e que é considerado por Nina Catach como “marca da palavra”, é “una señalica como una coma puesta encima del renglõ para significar, q̃ quando se sigue una sylaba trás outra en q̃ se acabò la dicion la primera pierde” (Pérez de Nájera, 1604: 38v). Este autor revela consciência de que o recurso a este sinal não se encontra tão divulgado na língua espanhola como na latina ou italiana, mas acrescenta que se poderia recorrer a esse sinal “(como hazen ya algunos curiosos) sin nota ninguna de mala Orthographia en la Poesia Castellana para leerla, y escribirla con mas distincion”¹⁷³ (Pérez de Nájera, 1604: 38v).

4. Usos prescritos e proscritos

Nesta secção, trata-se dos usos prescritos e proscritos para alguns dos *pontemas* referidos e que foram escolhidos por integrarem o núcleo duro dos sistemas pontuacionais, facto que poderá estar na origem da sua persistência nos sistemas actuais. Outro critério adoptado para seleccionar estes *pontemas* é o facto de serem polivalentes e de serem utilizados em contextos diferentes¹⁷⁴.

4.1. Vírgula

Nas ortografias seiscentistas, a descrição da funcionalidade desta unidade pontuacional é, sem dúvida, a mais pormenorizada, “quizá por tratar-se, precisamente, del signo más usado en interior de frase” (Ramón Santiago, 1998: 263). Vários são os usos prescritos para este *pontema*, cuja função é separar as orações das frases e os seus

¹⁷¹ A única excepção ocorre em Correas (1631: 93) aquando da ilustração do uso da unidade.

¹⁷² Apesar de os autores portugueses não arrolarem esta unidade juntamente com as restantes, esta é por eles citada, recebendo um tratamento diferente das demais e inserindo-se na pontuação de palavra (cf. nota 135).

¹⁷³ Esta parece ser a opinião de Nicolás Dávila: “Quando acaba una voz en vocal, i empieza outra cõ la misma vocal (à q̃ llamã los Poëtas Syneresis) los Italianos escribẽ sola la una, notãdola otra con una virgulilla (...) Tãbien los aviamos de notar nosotros, por lo menos escribiendo versos, en que quitando la coincidẽcia de las vocales, se repara menos en la pronũciaciõ dellas, i suefia mas cadentes, i numerosos: pero no advertimos tanto la curiosidad como los estrãgeros.” (Dávila, 1631: 23r).

¹⁷⁴ Deste modo, *pontemas* como o ponto final, o ponto de interrogação e o ponto de exclamação não constarão desta secção. O *meo circulo* (aspas) está ainda a dar os primeiros passos, pelo que não adquiriu a diversidade de funções com que é empregue actualmente, sendo, aliás, “desprezado” pelos impressores.

membros e cujo uso obedece claramente a critérios sintáctico-semânticos, pese embora a predominância do critério pausal e respiratório nas definições de pontuação apresentadas pelos gramáticos:

- i. Separar elementos que exercem a mesma função sintáctica, ligados, ou não, por conjunção:
 - a) adjetivos com a mesma função sintáctica: *Devida cousa he ao príncipe ser humano, liberal, justo, prudente, e constante.*¹⁷⁵ (Leão, 1576: 75v);
 - b) substantivos com a mesma função sintáctica: *As virtudes são quatro, fortaleza, justiça, temperança, prudência.* (Leão, 1576: 75v);
 - c) substantivo e o seu atributo: *Homem de grade coração, de singular prudencia, e de diligencia estremada.* (Leão, 1576: 75v.);
 - d) advérbios “puros”: *Elle o fez galantemente, valerosamente, e diligentemente.* (Leão, 1576: 75v);
 - e) verbos simples, sem nenhum complemento: *Pecquei em comer, em beber, em rijr, em escarnecer.* (Leão, 1576: 75v);
 - f) nomes sinónimos: “hombre simple, peccador, torpe y perdido” (Pérez de Nájera, 1604: 76r);
- ii. Separar as orações da frase:
 - a) depois de verbos acompanhados de seus complementos, “que he oração perfecta e aeabada”: *servir a Deos, amar o proximo, lembrar da morte.* (Leão, 1576: 76r);
 - b) introduzidas por conjunção (subentenda-se a copulativa *e*) e relativo (Vera, 1631: 37v);
 - c) depois de conjunção e antes de relativo, conforme exemplificam Bento Pereira e Barreto: *Ille verè est prudens, e sapiens, qui ex totó corde Deum colit. Aquelle he verdadeiramente prudente, e sabio, que de todo seu coraçam honra a Deos.* (Bento Pereira, 1666: 14); *A ruim arvore se chega, e arrima, o que se estriba na Fortuna.* (Barreto, 1671: 217)

Veja-se a contradição entre o que sugere a doutrina pontuacional dos autores (a vírgula deve usar-se depois de conjunção) e a prática pontuacional que ocorre nos próprios exemplos. Os impressores actuaram à margem da intenção manifestada pelos autores, seguindo, provavelmente, a tradição pontuacional pela qual se regiam.

¹⁷⁵ A utilização do itálico na exemplificação dos contextos em que ocorrem os *pontemas* é da responsabilidade da autora do presente trabalho.

d) introduzidas pela conjunção copulativa¹⁷⁶ e: *Antonio, y Ivan despues que vinieron han leydo, y bolvieronse porque tardavas.* (Pérez de Nájera, 1604: 76r);

e) introduzidas pela conjunção disjuntiva *ou*: *O la calamidad de los tiẽpos, ò nuestra poca diligencia, ò nuestros pecados nos hã traido a este estado.* (Dávila, 1631: 18r).

- iii. Separar o vocativo: este uso da vírgula encontra-se implícito na doutrina de Nicolás Dávila, ao afirmar: “Quando se pone el nombre de la persona con quien hablamos ò a quien preguntamos al principio dela oraciõ, se ha de poner coma despues del. v.g. Pedro, quieres dar credito a tu engaño?” (Dávila, 1631: 19v-20r).

4.2. Dois pontos

A *comma, pontema* polivalente, desempenha três funções essenciais. O uso desta unidade assenta em critérios sintácticos e semânticos:

- i. Separar os membros da “clausula”, consoante refere Leão: “em sentença suspensa e não acabada” (Leão, 1576: 76r); ou Vera, ao indicá-lo: “quãdo temos cheia a sentença, sem ficar mais, que dizer” (Vera, 1631: 38r). Como se viu em 3.2., a doutrina pontuacional de Vera e a de Bento Pereira apresentam aparentemente, na descrição deste *pontema*, uma discrepância relativamente à teoria de Leão (e à de Barreto que segue a lição do seu “mestre”). Enquanto em Leão a *comma* se usa para circunscrever frases suspensas, nos primeiros autores citados esta função cabe ao ponto e vírgula: “usamos, quãdo temos cheia a sentença, sem ficar mais, que dizer, (...) [sendo] diferente de ponto, & virgula, que deixa suspenso o sentido (por não estar ditto tanto, que baste) até ouvir a particula indeclinavel, ou relativa, que se segue” (Vera, 1631: 38r-38v). Apesar de referir o seu uso por outros, Leão não integra o ponto e vírgula no seu sistema. Vera e Bento Pereira poderão ter sido influenciados por Correas¹⁷⁷, para quem este *pontema* “sirve para la media klausula, kuando está sentido i rrazon kunplida, i despues se añade algo demas kunplimiento, otro, ú otros mienbros, kon ke se akaba de llenar la klausula i periodo” (1630, 91). No entanto, como já

¹⁷⁶ O uso da vírgula antes de conjunção já se encontra nos impressos do século XVI (cf. nota 74).

¹⁷⁷ É de salientar que a obra de Correas precede a de Vera em apenas um ano, o que poderá explicar a semelhança entre a teoria de ambos os autores. Como salientado antes, a doutrina de Bento Pereira é fortemente influenciada pela de Vera.

acima se mencionou, a dado passo da sua obra, Vera considera que tanto a sentença delimitada pelos dois pontos como a sentença demarcada pelo ponto e vírgula são uma “sentença suspensa, & não acabada no perihodo”, logo não precedida de letra capital (cf. *supra* 1.1.).

- ii. Introduzir citações (discurso relatado). Disso é exemplo: *Sam Paulo diz: fee sem obras he morta. E Platão diz: Os homens não nascerão para si soos.* (Leão, 1576: 76r)
- iii. Introduzir o discurso directo. Leão afirma “quando convertemos as palavras em alguém” e exemplifica *Direi a Deos: Não me condeneis: Mostraime como me julgaes assi.* (Leão, 1576: 76r)

4.3. Ponto e vírgula

Preceitua-se o uso deste *pontema* em duas situações, obedecendo o seu emprego a critérios semânticos e sintácticos, tal como para o *pontema* anterior do qual se encontra bastante próximo quanto à função delimitativa média:

- i. Delimitar “sentença imperfeita”, ou seja, ainda para separar os membros das “cláusulas”: *Nenhuma cousa he para o omem mays util, que o nacer; e nenhũa melhor, que depressa morrer. A fortuna he de vidro; e por isso quebra. Vejo muytos ricos tesoureyros de suas riquezas; porẽ nã senhores de seu dinheyro. Felicidade se divide ẽ cinco partes; a primeyra he aconselhar: a segunda ter vigor, e força ẽ os sentidos, e ser bẽ compreycionado ẽ o corpo; a terceyra ser ditoso, ẽ o que pomos mã, a quarta, estar perto de omens excellentes, assi ẽ gloria, como ẽ fama.*¹⁷⁸ (Barreto, 1671: 217);
- ii. Marcar oposição: “*ya se viste, ya se desnuda; ya tiene juicio; ya no le tiene*” (Dávila, 1631: 18v);
- iii. Introduzir uma explicação: *No puedo hazer lo que pides; porque no es justo. Ou Aunque es amoroso i blando, no es mui seguro; por esso le busco* (Dávila, 1631: 18v-19r).

¹⁷⁸ É curioso verificar que a utilização do itálico para transcrever os exemplos é provavelmente da responsabilidade do impressor, visto que Barreto não lhe faz qualquer alusão.

4.4. Parêntesis

O emprego deste *pontema*, possuidor de uma única função – acrescentar uma informação para que o sentido da frase se torne mais claro –, prescreve-se em três contextos:

- i. Acrescentar um esclarecimento / informação suplementar – “sirue en la oracion tambiẽ para mayor claridad della”: *Si tu padre sabe esta trauessura tuya (segũ es d̄riguroso) tãdras trabajo cõ el [...]*. (Pérez de Nájera, 1604: 38v)
- ii. Introduzir um comentário pessoal sobre algum texto que se interprete, ou seja, inserir a voz do sujeito de enunciação (apenas Leão e Barreto se referem a este uso específico, sem sugerir nenhum exemplo¹⁷⁹).
- iii. Introduzir a referência a algum autor citado (uso prescrito apenas por Bento Pereira): “Item, quando se allega algũ Author: v.g. Bemaventurada será a republica, (dizia Plataõ) na qual ou os Reys filosofem, ou os Filósofos reynem! Seja outro exẽplo para o mesmo uso de parenthesis: Os livros (dizia Platam liv. 7. Espist.) importa sejam tanto mais amados que os filhos, quanto os filhos do entendimento levam ventagem aos filhos do corpo.”¹⁸⁰ (1666: 18-19)

¹⁷⁹ Na verdade, Leão apresenta um exemplo que pode ilustrar este uso, mas fá-lo antes de definir o contexto, ao fazer a primeira descrição do *pontema*: “Se accõtecesse caso (o q̄ Deos não permitta) q̄ eu não torne da India: Bem aventuradas serão as republicas (segũdo dizia Platão) quando os Reis philosopharem, ou os philosophos regerẽ.” (Leão, 1576: 77r-77v). Saliente-se que este exemplo ilustra não só a inserção do sujeito de enunciação ao expressar um desejo como também a indicação da fonte ou da Autoridade invocada, prescrita apenas por Bento Pereira.

¹⁸⁰ Não se usou o itálico, pois na obra este é usado para destacar os exemplos apresentados em latim. Note-se que a primeira frase escolhida para exemplificar este uso dos parênteses está presente, *ipsis verbis*, nas obras de Leão (1576) e Vera (1631), o que deixa entender quanto os autores se repetiam uns aos outros, estabelecendo como que uma base metalinguística. Contudo, Bento Pereira é o único a referir a função identificada em iii. de forma explícita, apesar de ser prática comum em diversas obras do *corpus*, como se poderá verificar no capítulo IV.

IV

A PONTUAÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA: PRÁTICA SEISCENTISTA

Outros [erros] por falta de algumas letras já gastadas, que ã algumas dicções se nã assinalaram, por serem já os caracteres velhos. Muitos tãb ã rasã de virgulas, & pontos postos fora de seu lugar, & cõ acentos trocados.

Barreto. "Ao Leytor", (1671)

Uma primeira análise permite confirmar que a unidade pontuacional mais recorrente no *corpus* é a vírgula, *pontema* pertencente ao núcleo duro do sistema pontuacional, o que explica a primazia dada ao estudo das ocorrências dessa unidade. O critério da antiguidade¹⁸¹ ditará a ordem pela qual serão analisados os contextos em que são usados outros *pontemas* integrantes desse núcleo principal. Deste modo, à vírgula seguir-se-ão o ponto, o ponto de interrogação, os dois pontos, o ponto de exclamação, o ponto e vírgula e os parênteses. De seguida, serão examinadas as ocorrências dos *pontemas* que constituem o núcleo secundário da pontuação, ou seja, as restantes unidades pontuacionais pertencentes ao nível da pontuação de texto ou de palavra, a saber: “meo circulo”, “parapho”, asterisco, “obelisco”, “angulo”, “falta”, “apices”, “divisão”, hífen, “desunião” e “brachia”. Importa ainda acrescentar que serão objecto de atenção preferencial os capítulos ou “tratados” que cada autor dedica ao tema da pontuação. O procedimento a adoptar nesta análise consiste em conferir, em primeiro lugar, se são concretizados os usos prescritos para cada unidade pontuacional e, em segundo lugar, se ocorrem outros contextos de uso, não explicitados pelos ortógrafos seiscentistas.

1. Vírgula

Em conformidade com o acima exposto (cf. *supra* III, 3.1. e 4.1.), este é a unidade mais polivalente das doutrinas pontuacionais de Seiscentos. Nelas se prescrevem vários contextos para o uso da vírgula, nomeadamente separar os elementos da oração que exercem a mesma função sintáctica, ligados (ou não) por conjunção, além de separar as orações das frases. Apesar de os gramáticos relacionarem ainda o uso deste *pontema* com critérios pausais com vista à sua descrição, nota-se que o emprego é presidido por critérios sintáctico-semânticos.

Atente-se, de seguida, nos diferentes contextos de ocorrência desta unidade pontuacional no *corpus* em apreço.

¹⁸¹ Outros critérios poderiam ter ditado a ordem por que seriam abordadas as ocorrências dos *pontemas* constituintes do núcleo principal do sistema pontuacional, nomeadamente o critério da força. Embora o sistema dos três pontos de Aristófanos se baseie neste critério, que também irá servir de base teórica na distinção das unidades até ao século XVIII (cf. *supra* I, 2.1.), no século XVII já predominava, todavia, a função lógico-gramatical da pontuação. Com efeito, os *pontemas* seiscentistas definiam-se com base na sua função delimitadora das frases, das orações e dos seus membros.

1.1. Usos prescritos

A teoria pontuacional seiscentista prescreve dois contextos em que a vírgula deve usar-se, obedecendo estes a um critério lógico-gramatical, privilegiado já no século XVII. O primeiro – separar os membros de uma enumeração ligados, ou não, por conjunção – encontra-se identificado em todas as obras do *corpus*. Palafox y Mendoza é muito vago no que respeita à vírgula, pois afirma:

“La coma, se pone por distincion del *periodo*, mirando mas a lo que necessita en las partes, ñ en el concepto. Ordinariamente se há de poner, quando dentro del mismo periodo, no se haze diferencia en el concepto, sino en la significacion de las palabras, como si dixessemos. *Nobilissima es la Bondad Divina, en su origen, en sus causas, en sus efectos y digna de ser para siempre alabada, y adorada.*” (Palafox y Mendoza, 1679: 21)

Da afirmação e do exemplo depreende-se que a vírgula tem lugar na separação dos elementos de uma enumeração. Gonzalo Correas não prescreve explicitamente o uso da vírgula na enumeração, pois limita-se a afirmar: “sirve para distinguir i dividir palabras, i oraciones” (Correas, 1630: 91). É um procedimento comum a todas as obras do *corpus*, como exemplificado no quadro *infra*.

Quadro nº 1 – Uso de vírgula separadora de elementos com a mesma função sintáctica

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“E os pontos que neste tempo se vsão, no partir & diuidir as clausulas, assi na scriptura de mão, como na stampada, são tres .[.] virgula, coma, colon, que teem estas figuras” (<i>op. cit.</i> , 74v)
Nájera (1604)	“Punto entero, Medio punto, Coma, Sentencias contrarias, Interrogante, Admiracion, Parêthesis, Apostropho, Dieresis.” (<i>op. cit.</i> , 35v)
Leão (1606)	“M. Tullio (següdo escreve Plutarco en su vida) ¹⁸² trouxe a Roma muitos vocabulos desacostumados, como foraõ indiuiduum, continuum, vacuum, phantasia, atomus, & outros muitos [...]” (<i>op. cit.</i> , 3)
Patón (1614)	“... y da la materia que alguno escribe, como Roma, Ciceron, Consul, Apostol, Ortografia.” (<i>Op. cit.</i> , 82v)
Correas (1630)	“los kuales son koma, kólon, hupokólon, stigmé, ke es punto entero, interrogación, paréntesis, diástole, hufen.” (<i>Op. cit.</i> , 91)
Dávila (1631)	“Las nuestras se dividen en mudas, liquidas, consonãtes, semivocales, i vocales.” (<i>Op. cit.</i> , 3v)
Vera (1631)	“Esta varinha, se diz Virgula, Coma, Incisio, Meio ponto.” (<i>Op. cit.</i> , 37v)

¹⁸² Os parênteses são usados para inserir a referência à Autoridade.

Pereira (1666)	“...quando se fecha perfeytamente aquella sentença, que chamamos periodo, circulo, clausula, depois da qual (como dissemos na regra I.) sempre poremos letra grande.” (<i>Op. cit.</i> , 16-17)
Barreto (1671)	“...escrevendo Fernandalvarez, Pedrafonso, Francisco Dalmeйда, Dalbuquerque, Doliveyra...” (<i>Op. cit.</i> , 213)
Palafox (1679)	“Los <i>Acentos</i> son tres, agudo, grave, breve...” (<i>Op. cit.</i> , 30)

O segundo uso prescrito para a vírgula prende-se com a separação das orações das frases, podendo aplicar-se em quatro situações específicas:

- i. Delimitar verbos acompanhados dos seus complementos, “que he oração perfecta e acabada”;
- ii. Delimitar orações introduzidas pela conjunção copulativa *e*;
- iii. Circunscrever orações introduzidas pela conjunção disjuntiva *ou*;
- iv. Separar orações introduzidas pelo pronome relativo *que*.

No seguimento da “lição” de Leão, todos os autores portugueses identificam claramente o primeiro contexto (i.), sendo a teoria adoptada em todas as obras, o que parece apontar para uma tradição comum: “E o mais cõmumête, despos verbos, que regem casos, que he a oração perfecta & acabada, como servir a Deos, amar o proximo, lembrar a morte.” (Leão, 1576, 76v). Na obra de Nicolás Dávila também se prescreve e pratica o contexto: “El enciso, ò coma siempre se pone al fin de qualquiera oracion, ò sea de verbo activo, como; Yo amo a Dios: Pedro me enseña a mi: ò sea de verbo neutro, como: Me huelgo, me deleito; i lo mismo de pasiva, como: Soi conocido, soi descubierto.” (Dávila, 1631: 17v-18r).

Quadro nº 2 – Uso de vírgula delimitadora de “oração perfecta e acabada”

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“naturalmente vsamos de hũas distincões de pausas & silencio, assi para o que ouue entender, & conceber o que se diz, como para o que falla, tomar spirito & vigor, para pronunciar.” (<i>Op. cit.</i> , 74r)
Leão (1606)	“E assi não he cada hũa letra senão hũa figura, que he retrato da voz, cuja diffinição ja vistes no nosso trattato da ortographia da lingoa Portuguesa.” (<i>Op. cit.</i> , 129-130)
Dávila (1631)	“Quando damos la razõ de alguna cosa, tambien se pone coma i punto.” (<i>Op. cit.</i> , 18v)

Vera (1631)	“Põe-se tambem despos nomes adjectivos, quando concorrem muitos em hum mesmo caso, como aqui...” (<i>Op. cit.</i> , 37v)
Pereira (1666)	“Quando duas consoantes estão entre duas vogays, & se ha de partir a palavra, por nam caber na regra, ficará humas das taes consoantes com a vogal antecedente, & outra irá com a vogal seguinte...” (<i>Op. cit.</i> , 9)
Barreto (1679)	“Alê destes sinaes ha também outros para diversos efectos, quatro dos quaes são muyto frequentes e a escritura, & muy importantes para a boa intelligencia della.” (<i>Op. cit.</i> , 219)

Pelos exemplos acima transcritos é fácil perceber que a função de delimitar “oração perfecta e acabada” se aplica a diferentes contextos, o que pode explicar o uso exagerado desta unidade pontuacional nas obras em apreço.

O segundo contexto (delimitar orações introduzidas pela conjunção coordenativa copulativa *e*¹⁸³) é prescrito de forma explícita apenas nas obras de Nicolás Dávila e Palafox y Mendoza¹⁸⁴. Este último adverte ainda que “no ay para que poner las conjuntivas entre dos *comas*, porque basta vna para la distincion” (Palafox y Mendoza, 1679: 22). Jiménez Patón alude ao uso da vírgula para separar palavras unidas por conjunções “mas en lo Castellano en diciones que se atan con conjunciones” (Jiménez Patón, 1614: 80r). Vera generaliza o uso da vírgula antes de qualquer conjunção: “Põe-se antes de conjunção, & relativo” (Vera, 1631: 37r). Bento Pereira (1666: 14) e Franco Barreto (1671: 216) prescrevem o uso geral da vírgula depois de conjunção; no entanto esta prática não ocorre nos exemplos citados pelos autores ao ilustrarem a teoria apresentada (cf. *supra*, cap. III, 4.1.). Importa acrescentar que o uso acima exposto se regista em todas as obras do corpus, conforme ilustram os exemplos do quadro seguinte:

Quadro nº 3 – Uso de vírgula antes da copulativa *e*

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“Porque os espaços ou balisas fazem parecer o caminho mais pequeno, & ser mais fácil, & o que não stá diuidido, he mais comprido, & enfadonho.” (<i>Op. cit.</i> , 74v)

¹⁸³ No tratamento deste e de outros conceitos gramaticais, foi seguida a lição de Celso Cunha e Lindley Cintra (2002).

¹⁸⁴ Palafox y Mendoza prescreve este uso da vírgula quando distingue as “partes do discurso”: “la coma casi siempre precede a las disiuntivas, ô cõjuntivas, como a la y, ô” (Palafox y Mendoza, 1679: 22).

Nájera (1604)	“Y el Latino circuito, porque acaba la sentençia de la oracion, y tras el se sigue luego outra luego outra clausula...” (<i>Op. cit.</i> , 34v)
Leão (1606)	“Poço que como as palauvras saõ annunciadoras dos conceptos, que saõ tam vários, assi saõ ellas varias, & maudaveis, como cousa arbitraria, & em que o pouo tem juridiçãõ.” (<i>Op. cit.</i> , 2-3)
Patón (1614)	“Las silabas, y consonantes se an de diuidir, como se deletrean, y el ordẽ de las consonantes se á de conocer por quatro reglas.” (<i>Op. cit.</i> , 78v)
Correas (1630)	“I ponese en lo baxo de la linea, i sirve para distinguir i dividir palabras, i oraciones: es desta forma ,” (<i>Op. cit.</i> , 91)
Dávila (1631)	“La segunda parte de la buena Ortografia es la buena apuntaciõ, i esta supone yã capacidade, pues se ha de entender bien la razon para apũtarla, i q equivoco puede aver enlo escrito.” (<i>Op. cit.</i> , 16v)
Vera (1631)	“Ponto final se põe no fim da razãõ, ou sentença, quando està de todo concluida, & não deixa suspenso o sentido.” (<i>Op. cit.</i> , 38v)
Pereira (1666)	“Desta varinha torta, que nesta forma pomos, & chamamos virgula, por outro nome, <i>Incisio</i> , & <i>meyo ponto</i> , usamos para distinguir o escrito, & respirar quando lemos: porque nella descansamos para dizer mays.” (<i>Op. cit.</i> , 13)
Barreto (1671)	“Angulo he ù sinal, ou meta, que os escritores de mã usam, para denotar algumas palavras, que vão per entre linha, & se poem ù na escritura, & outre ã a margem...” (<i>Op. cit.</i> , 222)
Palafox (1679)	“En la lengua Castellana pocas vezes se vsan los acentos, y quando mucho el agudo, y entonces quando lo pide el equivoco de la palabra...” (<i>Op. cit.</i> , 30)

Apesar de ser esta uma ocorrência comum em todas as obras do corpus, nas quais abunda a conjunção coordenativa copulativa, encontram-se, pontualmente, alguns casos em que a conjunção não é precedida de vírgula. Foram identificados exemplos mais abundantes nas duas obras de Leão e na de Correas, embora existam ocorrências isoladas nas restantes obras.

Quadro nº 4 – Ausência de vírgula antes da conjunção copulativa e

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“usamos de hũas distincões de pausas & silencio, assi para o que ouue entender, & conceber o que se diz, como para o que falla, tomar <i>spirito</i> & <i>vigor</i> , para pronunciar” (<i>Op. cit.</i> , 74v) “neste tempo se vsãõ, no partir & diuidir as clausulas” (<i>Op. cit.</i> , 74r) “he sinal de vnuião & ajuntamento, & como hũa solda, & serruminação de syllabas” (<i>Op. cit.</i> , 78v)

<p>Leão (1606)</p>	<p>“tendo tanta vezinhança, commercio & parentesco com os Castelhanos” (<i>Op. cit.</i>, 126)</p> <p>“mas nos nomes, & aduerbios, & preposições, & todas as mais partes da oração” (<i>Ibid.</i>)</p> <p>“mas são comũs a elles como são aos Castelhanos, Italianos, & Franceses” (<i>Op. cit.</i>, 128)</p>
<p>Correas (1630)</p>	<p>“sirve para distingir i dividir palavras, i oraciones” (<i>Op. cit.</i>, 91)</p> <p>“kuando está sentido i rrazon kunplida” (<i>Ibid.</i>)</p> <p>“El Latin, i Griego á se de eskribir i usar” (<i>Op. cit.</i>, 94)</p> <p>“aunke los korrõpamos, i mudemos algo” (<i>Op. cit.</i>, 95)</p>

Com base nos exemplos acima¹⁸⁵, não é possível definir regras que expliquem as exceções ao uso da vírgula antes de conjunção copulativa, visto que em idênticas situações – nomes com a mesma função sintáctica ligados por *e* e verbos também ligados por copulativa – se recorre a soluções diferentes na mesma página, como comprovam os excertos transcritos. Porém, em outra obra – *Arte de la Lengua Española Castellana* –, Correas tenta explicar as exceções à regra, a saber, vírgula antes de conjunção copulativa *i*: “quando se añade un nombre, ó verbo para mas fuerza, i declaracion de outro, no es menester poner coma [...]: *Era cosa de oir dura i terrible, quede al amor suxeto i sometido, xunta i aprieta com estrecho lazo, endereza i levanta lo caído*” (Ramon Santiago, 1998: 264).

Nas restantes obras, os exemplos identificados são semelhantes aos do quadro nº 6. É de referir que não se recolheu nenhum exemplo na obra de Palafox y Mendoza; na de Jiménez Patón, a única ausência¹⁸⁶ é explicada pelo facto de outro *pontema*, o parêntesis de fecho, neutralizar o uso da vírgula, visto que a vírgula é sempre utilizada no final da linha anterior, embora a conjunção apareça em início de linha.

À semelhança do que ocorrera para o contexto precedente, a prescrição da vírgula antes de conjunção disjuntiva *ou*, abundantemente usada nos impressos estudados, é explícita apenas na doutrina de Nicolás Dávila e na de Palafox y Mendoza, encontrando-se implícita na teoria de Jiménez Patón, Vera, Bento Pereira e Barreto. Contudo, esta prática é documentada em todas as obras do *corpus*, salvo raríssimas e pontuais exceções.

¹⁸⁵ A análise incidiu, essencialmente, nas páginas em que os autores abordavam o tema da pontuação.

¹⁸⁶ Eis o passo em que ocorre essa ausência: “(que de aqui tomo el nombre) y en la primera letra de los nombres próprios [...]” (Jiménez Patón, 1614, 82r).

Quadro nº 5 – Uso de vírgula antes da disjuntiva *ou*

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“Bem afortunadas serão as republicas (segūdo dizia Platão) quando os Reis philosopharem, ou os philosophos regerẽ.” (<i>Op. cit.</i> , 77v)
Nájera (1604)	“Parenthesis, que quiere dezir interposicion, o cosa entremetida, y es razon, o parte della metida en medio de otra, sirue en la oracion tambiẽ para mayor claridad della [...] (<i>Op. cit.</i> , 38v)
Leão (1606)	“Esta differença que se vai fazendo nas lingoas acontece de muitas maneiras, ou deixandose de todo as palavras como peças velhas, & tomando outras em seu lugar, ou emendãdoas em parte [...]” (<i>Op. cit.</i> , 3)
Patón (1614)	“La primera es Inciso, que tãbien se llama coma, ò medio pūto, que es vn medio circulo como este, ò zerilla assi, cõ la qual partimos la clausula en seys partes mas menudas.” (<i>Op. cit.</i> , 80v)
Correas (1630)	“La parenthesis, ó entreposizion, se nota kon dos medios zerkos kareados por los kabos, ke koxen en medio alguna palabra, ó razón suelta, ke se entrepone en la orazione, ansi ().” (<i>Op. cit.</i> , 92)
Dávila (1631)	“[...] cõ solo variar las virgulas, ò puntos, q colocados en sus lugares detienen, ò dexã correr lo rodado de sus clausulas en la numerosa oracion hasta el punto donde descansan la razon, i el oyente.” (<i>Op. cit.</i> , 17v-17r)
Vera (1631)	“Boecio diz: Nenhūma cousa ha nesta vida, â qual não falte, ou sobeje algũa cousa, com que de todo não fica perfeita.” (<i>Op. cit.</i> , 38r)
Pereira (1666)	“Bemaventurada será a republica, (dizia Plataõ) na qual ou os Reys filosofem, ou os Filósofos reynem.” (<i>Op. cit.</i> , 18) ¹⁸⁷
Barreto (1671)	“O qual cõ dous pontos antes, ou despoys de nulli, faz tã contraria sentença, como qualquer que souber pouco Latim, poderá entender, experimentadoo.” (<i>Op. cit.</i> , 215)
Palafox y Mendoza (1679)	“Puedese dudar donde se ha de poner la señal del afecto, en el principio de la aspiracion, ò en el fin de la razon,” (<i>Op. cit.</i> , 33)

O uso da vírgula para delimitar orações introduzidas pelo pronome relativo *que* é prescrito apenas nas obras de Jiménez Patón, Vera, Bento Pereira e Barreto, embora seja praticado em todas as obras do corpus. Nestas, a vírgula é também usada para circunscrever outras orações relativas não iniciadas pelo pronome relativo. Conclui-se,

¹⁸⁷ Este exemplo foi escolhido por ser muito semelhante ao apresentado por Leão para ilustrar o uso do parêntesis, o que corrobora a influência do “mestre” quinhentista nas doutrinas seiscentistas. Assinale-se, ainda, que a vírgula não é usada antes da primeira ocorrência da conjunção disjuntiva.

portanto, que este uso não parece depender tanto dos autores mas da prática generalizada entre os impressores.

Quadro nº 6 – Uso de vírgula antes do pronome relativo *que*

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“O qual periodo, que quer dizer arrodeo ¹⁸⁸ , cõsta de tres membros, & ao menos de dous.” (<i>Op. cit.</i> , 75v)
Nájera (1604)	“Punto entero a quien el Griego llama periodo, que quiere dezir final.” (<i>Op. cit.</i> , 34r)
Leão (1606)	“O que os mais affirmaõ he, que Tubal foi o primeiro, que depois da confusaõ das lingoas veo a Hespanha, como se nisso não tiuessem duuida.” (<i>Op. cit.</i> , 4)
Patón (1614)	“La nota de la Dieresis es dos puntos sobre una de dos uocales, que juntas suelen hacer ditongos, y esta señal las diuide como Aer, Poeta, Michael.” (<i>Op. cit.</i> , 82r-83v)
Correas (1630)	“Para claridad de la oración se dividen las rrazones kon pontos, ke denotan los espazios de la habla , i letura, por particulares oraciones: los kuales son [...]” (<i>Op. cit.</i> , 90-91)
Dávila (1631)	“El parêtesis ponemos, quando en medio de la oracion dezimos alguna razon, que quitandola, queda sin defeto el periodo.” (<i>Op. cit.</i> , 20v)
Vera (1631)	“Assi que he diferente de ponto, & virgula, que deixa suspenso o sentido (por não estar ditto tanto, que baste) até ouvir a partícula indeclinavel, ou relativa, que se segue.” (<i>Op. cit.</i> , 38r)
Pereira (1666)	“ <i>Ápices</i> , por outro nome, <i>Dieresis</i> , ou <i>Cimalha</i> , saõ dous pontos, que usamos pór sobre a vogal, que queremos da outra immediata, & pronunciar dividida.” (<i>Op. cit.</i> , 20)
Barreto (1671)	“Escrevemse ás vezes estes dous meynos círculos, sã força de parêntesis, quando queremos apontar alguma adiçã, ou declaraçã nossa, sobre a materia, que interpretamos.” (<i>Op. cit.</i> , 221)
Palafox (1679)	“Como quiera que las palabras explican los afectos, tienen tambien en la escritura señales, que las manifiestan.” (<i>Op. cit.</i> , 29)

Ao contrário da prática actual, a vírgula é usada antes do pronome relativo, independentemente de este iniciar uma oração adjectiva explicativa ou restritiva. À excepção da de Palafox y Mendoza, as obras dos autores espanhóis parecem proceder a

¹⁸⁸ “Arrodeo” significa ‘circuito’. Veja-se esta descrição do ponto final presente em Pérez de Nájera: “Punto entero a quien el Griego llama periodo, que quiere decir final. Y el Latino circuito, porque acaba la sentencia de la oracion, y trás el se sigue luego outra clausula [...]” (1604: 34r). Está-se novamente perante uma equivalência entre a denominação do *pontema* e a unidade sintáctica que delimita.

esta distinção, como se pode constatar nos exemplos transcritos no quadro abaixo.¹⁸⁹ Visto que os ortógrafos não aludem a tal distinção, esta poderá imputar-se aos impressores das ortografias.

Quadro nº 7 – Ausência de vírgula antes de oração relativa restritiva

Autores	Contextos e usos de vírgula
Nájera (1604)	<p>“porque en el se haze la diuision que se pone para mediar las clausulas, y diuidir los micmbros mas principales dellas.” (<i>Op. cit.</i>, 35)</p> <p>“como si lleuamos cõ gusto las cosas que nos sucedē al sabor de nuestro paladar [...]” (<i>Op. cit.</i>, 35r)</p>
Patón (1614)	<p>“y la que se sigue hiera como verdadera cõsonante á la uocal que se sigue.” (<i>Op. cit.</i>, 79v)</p> <p>“Todas las consonantes que se pueden hallar juntas en principio de diction no se an de apartar en medio della [...]” (<i>Op. cit.</i>, 79v-79r)</p>
Correas (1630)	<p>“i porke no la konfundamos kon ella nosotros la eskribiremos kon una rraita direcha enhiesta entre las diziones ke aparta.” (<i>Op. cit.</i>, 92)</p> <p>“rremitiendo à nuestra arte maior al ke mas kisiere enterarse de las rrazones ke en ella damos largas de todo.” (<i>Op. cit.</i>, 95)</p>
Dávila (1631)	<p>“Los Latinos la ponen en todos los advérbios q̄ pueden significar dos cosas.” (<i>Op. cit.</i>, 20r)</p> <p>“que puede empeçar el siguiente renglon en qualquier letra de la voz que se divide, si ai algun nombre que empiece en ella [...]” (<i>Op. cit.</i>, 21r)</p>

1.2. Usos não prescritos

Além dos usos prescritos na teoria seiscentista, em conformidade com os dados acima, a vírgula ocorre em outros contextos que, curiosamente, são comuns a todas as obras analisadas. Nestas foi possível encontrar o uso de vírgula precedendo as orações introduzidas por uma conjunção ou locução conjuntiva específica: *que*, integrante; *para* e *para que*, finais; *quando*, temporal; *como*, comparativa; *porque*, causal. Detectou-se ainda a utilização deste *pontema* na delimitação de certas orações introduzidas por conjunções específicas: *mas*, adversativa; *nem*, copulativa ou disjuntiva.

A utilização da vírgula antes de oração integrante iniciada pela conjunção *que*, prática “proibida” na actualidade, parece decorrer da confusão entre esta conjunção e o pronome relativo *que*. A obra de Nicolás Dávila aparenta ser a única em que a prática regular não faz anteceder a conjunção de vírgula: “porque un mismo periodo se puede

¹⁸⁹ Foram seleccionadas duas ocorrências em cada obra, recorrendo apenas às páginas relativas à pontuação.

hazer que diga dos razones opuestas...” (1631: 17v); “pero si està com ella, conocere que le falta mas, i descansarè allí” (1631: 21r). No entanto, também nesta obra se podem encontrar alguns casos pontuais deste uso: “quando se acaba el renglon, i la voz no, algunos dicen, que puede empear el siguiente en qualquier letra [...]” (Dávila, 1631: 21r); “En el discurso de las letras dixè, que nos faltavan algunas;” (Dávila, 1631: 22r).

Nas obras portuguesas, foram relevadas algumas ocorrências de vírgula anteposta à conjunção consecutiva *que*, facto que corrobora a confusão existente entre o pronome relativo e a conjunção.

Quadro nº 8 – Uso de vírgula antes da conjunção integrante *que*

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“E a differença que há entre estes tres pontos he, que a uirgula se põe, & faz distincão, quando ainda não stá dicto tal cousa, ¹⁹⁰ que dee sentido cheo, mas soamente descansa para dizer mais.” (<i>Op. cit.</i> , 74r)
Nájera (1604)	“Con el cólon, o dos puntos que llaman medio pũto, se dividen los miembros mas principales, dõde se quiere dar a entender, que la razõ passa adelante.” (<i>Op. cit.</i> , 40v)
Leão (1606)	“A qual conjectura de semelhança de nomes, he pouco vrgente para quẽ sabe, que lingoas diuersissimas per caso vem concorrer no soido em que algũas palauras [...]” (<i>Op. cit.</i> , 5)
Patón (1614)	“Donde por zeuma Silecsis, ó por otra figura hacen, que se multiplique el numero de oraciones.” (<i>Op. cit.</i> , 81v)
Correas (1630)	“porke mas presto se konoskan, ke son diziones deporsi.” (<i>Op. cit.</i> , 89)
Dávila (1631)	“pero si està con ella, conocere que le falta mas, i passarè al siguiente renglon, advirtiendo, que amado es nombre adgetivo: i assi es importantissima esta parte.” ¹⁹¹ (<i>Op. cit.</i> , 21r)
Vera (1631)	“E assi as incluimos no meio destes dous meios circulos () para denotarmos, que são alheias daquella, em que se interpõem [...]” (<i>Op. cit.</i> , 39v-39r)
Pereira (1666)	“Advirtase, que a regra procede, nam só nos nomes propios substantivos, senam tambem nos adjectivos, & quaysquer que delles se derivaõ, & trazem origem.” (<i>Op. cit.</i> , 2)
Barreto (1671)	“màs he de saber, que sempre despoys de ponto, se hade escrever letra grande.” (<i>Op. cit.</i> , 218)
Palafox (1679)	“Possible es, que no sirvamos à Dios?” (<i>Op. cit.</i> , 35)

¹⁹⁰ É de destacar o uso da vírgula antes de subordinada adjectiva restritiva.

¹⁹¹ Saliente-se que antes da primeira ocorrência de *que* integrante não se usou a vírgula.

Embora tenham sido identificados casos de vírgula antes de conjunção integrante em obras portuguesas e espanholas, apurou-se que a frequência é maior nas obras portuguesas que nas suas congéneres espanholas. Averiguar se isto se deve aos autores ou aos seus impressores será, todavia, bastante difícil.

Salvo raras excepções, a prática corrente, de acordo com o *corpus* seiscentista, é o uso de vírgula para delimitar as orações subordinadas finais introduzidas pela conjunção *para* ou pela locução conjuntiva *para que*, apesar de este não ter sido prescrito por nenhum dos autores, o que pode indiciar que os impressores serão responsáveis por tal prática, em função de uma directiva pertencente a uma tradição comum no século XVII.

Quadro nº 9 – Vírgula antes de conjunção final *para* ou de locução conjuntiva

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“O qual se põe no fim da regra, na derradeira syllaba da dição interrupta, desta maneira, Anto-nio, para demostrar que a dição não stá acabada.” ¹⁹² (<i>Op. cit.</i> , 78r)
Nájera (1604)	“Que otras reglas generales tiene la v, para que por ellas sepa como la tengo de escrever?” (<i>Op. cit.</i> , 5v)
Leão (1606)	“Nem era verisimil q homēs nascidos na Chaldea, <u>terra fértil, & quente</u> , deixado os fertiles & estedidos campos de Hespanha desoccupados, onde podiaõ escolher aa vontade, para apascentar seus gados [...]” ¹⁹³ (<i>Op. cit.</i> , 8)
Patón (1614)	“Clausula, ò Periodo se dice una raçon perfeta, y acabada la qual tiene necesidad de diuidirse en partes menores, para que descanse, y haga pausa el que raçona.” (<i>Op. cit.</i> , 80r)
Correas (1630)	“Lo kual es ierro notable, ke es obligar á todos los de su nación, para escribir bien su lengua, á su parecer, á ke sepan Latin, i Griego, i aun otras lenguas.” (<i>Op. cit.</i> , 94)
Dávila (1631)	“Si se escribē palabras formales, es bien notarlas con lineas debaxo del renglon, para advertir que son agenas, i para que se hallē cõ mas facilidad, si se buscaren.” (<i>Op. cit.</i> , 22r)
Vera (1631)	“Porque como a escritura he hũa representação do que fallamos, para nos darmos a entender nella, usamos de pontos, como de balisas, que dividão as sentenças, & os membros de cada clausula.” (<i>Op. cit.</i> , 37v)
Pereira (1666)	“ <i>Meyo circulo</i> tem esta figura] & serve quando glossamos algum Author, para com elle dividirmos as palavras com ã o explicamos, pondo-o nesta forma] & sempre depois delle se escreve letra grande.” (<i>Op. cit.</i> , 21)

¹⁹² Neste exemplo, não se recorreu ao uso da vírgula antes da conjunção integrante *que*.

¹⁹³ É de destacar a utilização da vírgula para delimitar o aposto e a oração relativa introduzida por *onde*.

Barreto (1671)	“& serve para quando glosamos a sentença de algũ autor, para cõ elle dividirmos as palavras glosadas , das que explicamos [...]” (<i>Op. cit.</i> , 223)
Palafox (1679)	“La interrogacion, es outra señal, de que se vsa en la escritura, para explicar los conceptos humanos al preguntar [...]” (<i>Op. cit.</i> , 34)

Examinou-se igualmente o uso da vírgula antes de oração subordinada temporal introduzida pela conjunção subordinativa *quando* em todas as obras. Conquanto tenham sido descobertas duas ocorrências na obra seiscentista de Leão, o facto é que não se recorre frequentemente à conjunção subordinativa temporal na *Origem* e, quando esta é utilizada, não é precedida de vírgula.

Quadro nº 10 – Uso de vírgula antes da conjunção temporal

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“O terceiro se põe, quando teemos chea a sentença, sem ficar della mais que dizer.” (<i>Op. cit.</i> , 75v)
Nájera (1604)	“Y ẽtre miẽbros semejantes, quando caẽ algunso juntos, y sin palabra copulativa.” (<i>Op. cit.</i> , 36r)
Leão (1606)	“E no reinado de Granada se fallou ate estes tempos em que el Rei dom Phelipe que sancta gloria aja os domou por força de armas, quando se rebelarraõ no anno de mil & quinhentos & sesenta & noue [...]” ¹⁹⁴ (<i>Op. cit.</i> , 134)
Patón (1614)	“Punto, ó Periodo, ò circuyto es un punto redondo, que se pone, quando se acaba la raçon, ò sentencia, y no aguarda otra cosa[...].” (<i>Op. cit.</i> , 81r)
Correas (1630)	“i sirve para la media cláusula, kuando está sentido i razón cunplida, i después se añade algo demas cunplimiento, otro, ú otros mienbros, kon ke se akaba de llenar la cláusula i periodo.” (<i>Op. cit.</i> , 91)
Dávila (1631)	“Tambien se usa del, quãdo parece que se hace alguna diferencia en la razon [...]” (<i>Op. cit.</i> , 18r)
Vera (1631)	“Põese tambem despos nomes adjectivos, quando concorrem muitos em hum mesmo caso, como aqui [...]” (<i>Op. cit.</i> , 37r)
Pereira (1666)	“Quanto a dous pontos a que chamamos <i>colon perfectum</i> , id membro perfeyto, entam usamos delle, quando temos chea a sentença sem ficar mais que dizer.” (<i>Op. cit.</i> , 15)

¹⁹⁴ Além deste caso, apenas se verificou o uso da vírgula precedendo a conjunção subordinativa temporal noutro exemplo: “na torpe rudeza em que a principio estauão, quando por comigo deziaõ migo, & por algũa cousa alorrem.” (1606: 141). Aliás, na mesma página, não se usa a vírgula antes dessa mesma conjunção: “ou não os tomáramos emprestados quando os não temos nossos [...]” (*Ibid.*).

Barreto (1671)	“Este sinal – que chamamos divisã, se poem no fim da regra, quando acerta de algum vocabulo nã caber ali inteyro, & se hade partir [...]” (<i>Op. cit.</i> , 222)
Palafox (1679)	“breve, quando llama la silaba al principio, como en esta palabra, <i>breve, arde.</i> ” (<i>Op. cit.</i> , 30)

Em quatro das obras do *corpus*, registou-seo uso da vírgula na delimitação da oração subordinada temporal introduzida pela conjunção **quando**, colocada em início de frase. Esta prática comprova, assim, o facto de, já no século XVII, o uso de certos *pontemas* assentar em critérios lógico-gramaticais, ao permitir a distinção de uma oração subordinada adverbial, quando anteposta à principal¹⁹⁵.

Quadro nº 11 – Vírgula delimitadora de oração temporal em início de frase

Autores	Contextos e usos de vírgula
Correas (1630)	“ Kuando el imprimia en Mexiko, eskrivia ió aká en linpio lo ke antes tenia forxado, ke á veinte anos, i avrá tres ke llego á mi noticia, i mano su ortografia.” (<i>Op. cit.</i> , 63)
Dávila (1631)	“ Quando en una misma oracion pongo muchos acusativos, los he de dividir con la coma.” (<i>Op. cit.</i> , 18v)
Vera (1631)	“E quando se referem as taes palavras, sempre se escreve no principio letra grande, como fica no exemplo.” (<i>Op. cit.</i> , 38r)
Pereira (1666)	“ Quando duas consoantes estaõ entre duas vogays, & se ha de partir a palabra, por nam caber na regra, ficará humas das taes consoantes com a vogal antecedente, & a outra irá com a vogal seguinte [...]” (<i>Op. cit.</i> , 8)

Ocorrência comum a todas as obras do *corpus* é a vírgula antes da conjunção subordinativa **como**, à qual se recorre com bastante frequência nos textos seiscentistas, não só para anunciar exemplos como também nas orações subordinadas comparativas.

Quadro nº 12 – Uso de vírgula antes da conjunção **como**

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“E os pontos que neste tempo se vsão, no partir & diuidir as clausulas, assi na scriptura de mão, como na stampada, são tres.” (<i>Op. cit.</i> , 74r) “E assi podem vir muitas virgulas, sem algum coma, como neste exêplo.” (<i>Op. cit.</i> , 75v-75r)

¹⁹⁵ Cf. Cunha (2002: 645).

Nájera (1604)	“Y el Latino circuito [...] deue ponerse quando el sentido de la clausula se acaba de todo, como , Hizo Clodio tantas insolencias, que no solo fue dañoso con su persona, y exemplo a la Republica, sino fue causa <u>que</u> otros hiziessen lo mesmo y le fuessen successores en la maldad.” ¹⁹⁶ (<i>Op. cit.</i> , 35v)
Leão (1606)	“Polo ã em hũa mesma lingua vaõ fazendose tantas mudanças de vocábulos, ã per discurso do tẽpo, fica parecẽdo outra, como veraa quẽ cotejar a lingoagẽ, que se oje falla em Portugal [...]” (<i>Op. cit.</i> , 2)
Patón (1614)	“Las silabas, y consonantes se an de dividir, como se deletrean, y el ordẽ de la consonantes se á de conocer por quatro reglas.” (<i>Op. cit.</i> , 78r)
Correas (1630)	“i van apartadas en el sentido i kostruzion, komo se verá en los exenplos sigientes, [...]” (<i>Op. cit.</i> , 92-93)
Dávila (1631)	“La coma i punto es mayor distincion, i se pone quando las oraciones son contrarias, como quãdo digo: ya se viste; ya se desnuda; [...]” (<i>Op. cit.</i> , 18r)
Vera (1631)	“Da virgula & ponto (a que chamamos Colon, ou Membro imperfecto) usamos, quãdo fecha sentença imperfeita, como se vê neste exemplo: [...]” (<i>Op. cit.</i> , 38v)
Pereira (1666)	“E assim a razaõ de se chamar mẽbro perfeyto, he por ser parte do periodo, o qual, como corpo he clausula, ou materia particular acabada.” (<i>Op. cit.</i> , 15) “E sempre depouys de interrogaçam se escreve letra grande, como se mostra nos exemplos.” (<i>Op. cit.</i> , 17)
Barreto (1671)	“Necessario he para a boa pronunciaã, & darnos a entender o que dizemos, como tambẽ para tomar folego, espirito, & vigor [...]” (<i>Op. cit.</i> , 215) “Tambẽ depouys de conjunçã, antes de relativo, como ; <i>A ruim arvore se chega, & arrima, o que se estriba na Fortuna.</i> ” (<i>Op. cit.</i> , 216)
Palafox (1679)	“Entonces la interrogacion se puede poner despues del que, y despues del malo, como se vê arriba.” (<i>Op. cit.</i> , 35)

Em todas as obras do *corpus* se regista o uso da vírgula para delimitar as orações introduzidas pela conjunção causal *porque*, solução que não é a única, tendo sido possível descobrir outros *pontemas* antes desta conjunção, como se explicará em outra secção. Esta conjunção tem, de resto, uma elevada frequência nas obras seiscentistas.

¹⁹⁶ Repare-se que não só se utiliza a vírgula antes da conjunção como também depois dela e antes do exemplo, situação que ocorre em outros passos da obra: “porque distingue vnas cosas menudas de otras, como, hiriõ, robõ, mato, y hizo otras semejantes insolências.” (Pérez de Nájera, 1604: 35r) Vale a pena salientar que vírgula é usada antes de *que* consecutivo, mas não precedendo *que* integrante e a conjunção copulativa *y*. A ausência da vírgula pode explicar-se pelo facto de na obra as conjunções aparecerem em início de linha, o que corrobora o facto de a pontuação se sujeitar aos procedimentos tipográficos.

Quadro nº 13 – Uso de vírgula antes da conjunção causal *porque*

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“quando se pergunta algũa cousa, como nestas palavras: Se vos eu digo verdade, porque me não credes?” (<i>Op. cit.</i> , 77v)
Nájera (1604)	“Y el latino circuito, porque acaba la sentencia de la oracion, y tras el se sigue luego otra clausula [...]” (<i>Op. cit.</i> , 34r)
Leão (1606)	“mas pouco ditoso na materia que se lhe deu a escreuer, porque lhe foi necessário, ou deixar de fallar no mais q̄ disse de Hespanha [...]” (<i>Op. cit.</i> , 6)
Patón (1614)	“Luys Viuas auisa con veras las muchas que se an de poner en este cuydado, porque entre las causas que da de auerse corrompido las ciencias, es vna esta de el mal escribir [...]” (<i>Op. cit.</i> , 2r)
Correas (1630)	“En las monosilabas no es menester poner azento, porke no se puede errar [...]” (<i>Op. cit.</i> , 88)
Dávila (1631)	“en el preterito en que la ò es larga, porque està el acêto en ella, se pone una virgulilla con q̄ se señala.” (<i>Op. cit.</i> , 20r)
Vera (1631)	“O exemplo he este: Se conheces a tantos, porque te não conheces?” (<i>Op. cit.</i> , 39v)
Pereira (1666)	“ Se desejas o alheyo, porque nam conservas o teu?” (<i>Op. cit.</i> , 17)
Barreto (1671)	“assi fallando, como escrevendo, algumas pausas, as quaes ã a escritura assinalamos cõ diferentes figuras, porque cada uma dellas tẽ tambem diferente officio [...]” ¹⁹⁷ (<i>Op. cit.</i> , 215)
Palafox (1679)	“Tambien conviene para todo no trabar, ni encadenar vnas letras com otras, porque esso dificulta la leccion, y mucho menos las palabras, que essa fuera imperfeccion mayor, porque han de andar divididas.” (<i>Op. cit.</i> , 2-3)

Não menos frequente é, por outro lado, o uso da vírgula antes de oração reduzida de gerúndio¹⁹⁸.

Quadro nº 14 – Uso de vírgula antes de oração reduzida de gerúndio

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“quãdo glossamos algũa sentença de algum author, ou quãdo declaramos algũ dicto, incluindo nelle as palavras glossadas assi.)” (<i>Op. cit.</i> , 77r)
Nájera (1604)	“sirue en la oracion tambiẽ para mayor claridad della, interponiendo en ella, y deteniendo, y cortando la mesma sentẽcia para entrexerirle otra.” (<i>Op. cit.</i> , 38v)

¹⁹⁷ Atente-se no excessivo uso da vírgula, uma das características desta obra.

¹⁹⁸ Acerca desta terminologia linguística, vide: Cunha (2002: 610-611).

Leão (1606)	“O Inuētor das letras quẽ quer q̄ foi deuia ser inspirado por Deos, considerando bem quantas eraõ as diferenças das vozes humanas, tantas figuras formou [...]” (<i>Op. cit.</i> , 129)
Patón (1614)	“y hacian cosquillas en las orejas de aquel à quien lo daban, ganandole com ellos la voluntad, efetos, y propiedades [...]” (<i>Op. cit.</i> , 40r)
Correas (1630)	“Ia la an komenzado á usar los Poetas, imitando á los Italianos, i los Griegos ke la usan sienpre.” (<i>Op. cit.</i> , 90)
Dávila (1631)	“puedo yo dividir prompto, empeçando en la p, el renglon siguiēte, porque ai este nõbre Ptolomeo.” (<i>Op. cit.</i> , 21r)
Vera (1631)	“O mais commum he (como fica ditto) despois de cada verbo com seus casos, distinguindo hũa oração da outra.” (<i>Op. cit.</i> , 38v)
Pereira (1666)	“para com elle dividirmos as palavras com q̄ o explicamos, pondo-o nesta forma]” (<i>Op. cit.</i> , 21)
Barreto (1671)	“& parece que o animo do que ouve fica suspenso, esperando outra cousa mays, que depende do que está dito [...]” (<i>Op. cit.</i> , 217)
Palafox (1679)	“Las aspiraciones, son aquellas en que se exclama con la razon, ó periodo, significando algun afecto interior [...]” (<i>Op. cit.</i> , 31)

Do emprego da vírgula quando circunscribe uma oração coordenada foram compulsados dois únicos casos em todas as obras do corpus: orações coordenadas introduzidas pela conjunção adversativa *mas* e pela conjunção *nem*, copulativa (quando usada só) ou disjuntiva (dupla). Exceptua-se, todavia, a obra de Bento Pereira, em que a conjunção adversativa é antecedida de ponto e vírgula, não tendo sido localizada nenhuma ocorrência de vírgula antes desta conjunção.

Quadro nº 15 – Uso de vírgula antes da conjunção adversativa *mas*

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“Mas para saberdes vsar destes pontos em seu lugar, heis de notar, q̄ a virgula se põe para distinguir, não soamente hũa oração da outra, mas ainda para distinguir hũas dições de outra.” (<i>Op. cit.</i> , 75r)
Pérez de Nájera (1604)	“Del Apostropho [...] no ay tanto vso en nuestro Español, como le ay en Latin y en Italiano, pero podriase vsar del [...]” ¹⁹⁹ (<i>Op. cit.</i> , 38r)
Leão (1606)	“A que gente se deua a inuenção das letras, he questaõ tratada de muitos, & de tempos mui antigos, mas como sua origẽ he tam antiga, quasi como o mesmo mundo, não há quem com certeza va dar cõ ella.” (<i>Op. cit.</i> , 17)

¹⁹⁹ É de destacar a ausência de vírgula antes da copulativa *y*.

Jiménez Patón (1614)	“quando parece que la oracion se á acabado, mas el animo del que oye queda suspenso esperando otra cosa: que depende de lo dicho.” ²⁰⁰ (<i>Op. cit.</i> , 81v)
Correas (1630)	“Sintiendo esto Francisco Guichardino enmendó mucho del mal escribir en su Italiano, mas no todo.” (<i>Op. cit.</i> , 14)
Dávila (1631)	“De los pñtos usamos, quãdo parece que descãsa la razon, pero no el discurso [...]” (<i>Op. cit.</i> , 19v)
Vera (1631)	“Porque no trocar hũa letra por outra, não somente troca o sohido, mas ainda altera o sentido nas dicções, que tem diferentes significação.” (<i>Op. cit.</i> , 6r)
Barreto (1671)	“que a vírgula, ou coma se poem, para distincã, quando ainda nã está dito tanto, que baste para o sêtido, màs descansa, para dizer mayns.” ²⁰¹ (<i>Op. cit.</i> , 216)
Palafox y Mendoza (1679)	“Porque aunque en la primera palabra se dize el sentimiento, pero llega hasta la vltima el afecto [...]” (<i>Op. cit.</i> , 34)

A preferência em todas as obras vai para a utilização desta conjunção adversativa *mas* (equivalente castelhana *pero*), tendo sido, todavia, localizadas algumas ocorrências ocasionais da conjunção coordenativa *porém* nas obras portuguesas. Na obra de Vera, esta última conjunção ocorre sobretudo em início de frase, não sendo seguida de vírgula. A vírgula anteposta à conjunção *mas* não é a única pontuação adoptada em todas as obras, uma vez que pode ser precedida de ponto e vírgula ou de dois pontos.

Quadro nº 16 – Uso de vírgula antes da conjunção *nem* copulativa

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“Item pode hauer clausulas, em que não entre virgula, nem coma: se não soo o ponto final como aqui.” (<i>Op. cit.</i> , 75r)
Nájera (1604)	“Y llamanse consonantes, porque este nombre quiere dezir, que no puedē sonar, ni manifestar la voz que tienen, sino se juntan con alguna vocal [...]” (<i>Op. cit.</i> , 2r)
Leão (1606)	“E porq como os Portugueses não nauegauão para as praias do mar Oceano, nem tinhaõ achadas as regioẽs da Ethiopia [...]” (<i>Op. cit.</i> , 70)
Patón (1614)	“si escribieremos como pronunciamos comúnmente, sin alteracion, ni afectacion” (<i>Op. cit.</i> , 78r)
Correas (1630)	“mas no lo an apurado todo, ni lo akabaron, por dexarse en el Abeze mas letras de las necesarias.” (<i>Op. cit.</i> , 14)

²⁰⁰ Note-se a utilização dos dois pontos antes do relativo *que*.

²⁰¹ Assinale-se o uso da vírgula antes do *que* consecutivo.

Dávila (1631)	“pero no ai para que, pues no escribimos Latin, ni la pronunciamos.” (<i>Op. cit.</i> , 9r)
Vera (1631)	“E chamãse mudas porque per si sós não se podem pronunciar, nem soão sem ajuntamento das vogaes.” (<i>Op. cit.</i> , 4v)
Pereira (1666)	“entam se dará, quando não basta a virgula, nem convenha poremse dous pontos: o que acontece quando fecha sentença imperfeyta [...]” (<i>Op. cit.</i> , 15)
Barreto (1671)	“Mas o Latim, que naquelles têpos, & outros muytos despoys, se fallou ã Portugal, nã era puro, nẽ gramatical [...]” (<i>Op. cit.</i> , 26)
Palafox (1679)	“Tambien conviene para todo no trabar, ni encadenar vnas letras con otras [...]” (<i>Op. cit.</i> , 2)

Quadro nº 17 – Uso de vírgula antes da disjuntiva *nem... nem*

Autores	Contextos e usos de vírgula
Leão (1576)	“posto que a não tenham em nome, nem em figura, que he tam peculiar, & própria nossa, que nem os Gregos, nem os Latinos, nẽ os Hebreos, nem Árabes a conhecem.” ²⁰² (<i>Op. cit.</i> , 11v)
Nájera (1604)	“porque otros no saben hazer diferencia de la s, senzilla a la ss, doblada, ni quando han de vsar de la vna, ni quando de la outra.” (<i>Op. cit.</i> , 50v)
Leão (1606)	“& tantas patrañas de quasi do principio do mundo sobre hua terra barbara, onde no hauia letras, nem scriptores, nem memorias de algũa cousa em que se fundar.” (<i>Op. cit.</i> , 6)
Patón (1614)	“y no aguarda outra cosa, ni para el regimiento, y perfeccion de la oracion, ni para el sentido della.” (<i>Op. cit.</i> , 81r-82v)
Correas (1630)	“aunke eso es rrekisito de buen ornato i orden, sino de estotro de no faltar ni sobrar letras, ni mudar sus pronunciaciones, ni usar suplementos, komo necesario i forzoso.” (<i>Op. cit.</i> , 2)
Dávila (1631)	“Quando digo, Pedro ama: ni sabemos si digo q̄ Pedro ama, ni si le mãdo que ame: i assi aviã de tener todos los imperativos alguna distincion.” (<i>Op. cit.</i> , 23v)
Vera (1631)	“por parecer difficultoso tirar raizes tam antigas, que nem os Latinos, nem outras nações poderão arrancar.” ²⁰³ (<i>Op. cit.</i> , 18r)
Pereira (1666)	“Para senaõ dobrar a letra, nem no principio, nem no cabo da dicçam” ²⁰⁴ (<i>Op. cit.</i> , 4) “Nem na lingua Latina, nem na Portugueza podemos dobrar letra consoante

²⁰² Saliente-se o uso da vírgula precedendo a conjunção consecutiva *que* no excerto transcrito, procedimento comum nas obras portuguesas do corpus, que pode ser explicado pela confusão entre o pronome relativo e a conjunção.

²⁰³ Note-se, de novo, o uso da vírgula precedendo a conjunção consecutiva *que*.

²⁰⁴ Este é o “título” da regra 2.

	no principio, ou no fim do vocábulo.” (<i>Ibid.</i>)
Barreto (1671)	“Nã se dobra já mays ã diçã alguma Portugueza, nẽ no principio, nẽ no meyo, nẽ no fim, como tambẽ nenhuma das outras vogaes, contra o parecer de nossos Ortografos, como logo direy.” (<i>Op. cit.</i> , 71)
Palafox (1679)	“Ha de ser limpia la letra, procurando que no aya borronos en lo que se escribe, ni poner sobrada tinta en las lineas, ni en la letra [...]” (<i>Op. cit.</i> , 6-7)

Em algumas obras [Leão (1576 e 1606); Pérez de Nájera (1604); Correas (1630); Dávila (1631); Vera (1631); e Palafox y Mendoza (1679)], detectou-se, ainda, o uso da vírgula para delimitar oração coordenada introduzida pela conjunção *pois* (ou *pues* em castelhano), sendo, todavia, mais frequente a utilização de dois pontos antes desta conjunção, anunciando uma explicação.

Dos dados e os exemplos acima apresentados poder-se-á concluir que a vírgula é, sem sombra de dúvida, o *pontema* mais polivalente nos séculos XVI e XVII, sendo múltiplas as suas ocorrências em todas as obras do *corpus*. Além disso, a sua utilização impera nas obras portuguesas, nas quais se chega a abusar desta unidade pontuacional em contextos que viriam a ser banidos à luz da gramática prescritiva. Apesar da grande frequência da vírgula nas obras espanholas, corroborada de resto por Jiménez Patón quando afirma que “ (...) ahora se ba con otra cuenta, aunque en Castellano poco se usa de los dos puntos, lo mas es comas” (1614: 82v), estas são mais sóbrias que as suas congéneres portuguesas, quer no recurso a este, quer a outros *pontemas* com função delimitadora das frases e dos seus membros. Fica assim demonstrado que, não obstante os gramáticos e ortógrafos assentarem ainda o uso da vírgula em critérios pausais (“a uirgula se põe, & faz distinção, quando ainda não stá dicto tal cousa, que dee sentido cheo, mas soamente descansa para dizer mais”, Leão, 1576: 74r; “y alli el que lee, se detenga algun tanto para dos cosas: para tomar haliento, y principalmẽte para dar a entender a otros”, Pérez de Nájera, 1604: 35r-36v²⁰⁵), as ocorrências do *pontema* obedecem principalmente a critérios lógico-gramaticais: separar elementos que exercem a mesma função sintáctica no interior da oração; separar as orações coordenadas e subordinadas; isolar as orações subordinadas adjectivas explicativas e restritivas;

²⁰⁵ No seguimento da doutrina nunesiana, Vera, Bento Pereira e Barreto colocam este critério pausal à cabeça do uso da vírgula. Já na doutrina metaortográfica castelhana apenas Pérez de Nájera enfatiza este critério.

separar as orações subordinadas adverbiais, inclusive quando antepostas à principal; separar as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalentes a orações adverbiais²⁰⁶.

2. Ponto

2.1. Usos prescritos

O *pontema* mais antigo do núcleo principal da pontuação é usado em todas as obras do corpus para delimitar as “sentenças”, “clausulas”, “periodos” e “capítulos” ou parágrafos, sendo esta a sua principal função, conforme identificaram todos os autores. A acção simplificadora da multiplicidade de *pontemas* sugeridos pelos gramáticos quinhentistas e seiscentistas e levada a cabo pelos impressores foi reduzindo as funções desta unidade pontuacional, que ainda era usada para separar as palavras ligadas sem conjunção na gramática de Fernão de Oliveira (cf. *supra* II, 1.). O uso do ponto obedece, claramente, a critérios semânticos, quando marca a completude significativa do enunciado, e a critérios lógico-gramaticais ao assinalar o final do mesmo enunciado.

2.2. Usos não prescritos

Além da sua função delimitadora de frases, o ponto é usado, nas obras em apreço, em diferentes contextos: no final do título das próprias obras, dos “títulos” dos capítulos, “tractados”, “apartados” ou “regras”; após a numeração romana ou árabe (III.; 4.); nas abreviaturas (CAP.; &c.); após a citação de uma letra destacada (A.; S.), nas obras de Leão, Jiménez Patón, Correas, Bento Pereira e Barreto. Nas obras de Dávila e Bento Pereira é usado na abreviatura “v.g.”²⁰⁷, antes dos exemplos arrolados. Nas obras de Leão e Barreto também se recorre ao “ponto” como forma de delimitar a figura dos *pontemas*. Por exemplo, em Leão (1576: 77v), a figura dos parênteses surge delimitada por dois pontos [. () .], e, em Barreto (1671: 221), a figura do parágrafo é seguida de ponto [T.]. Em Jiménez Patón, o ponto serve também para anunciar uma regra, sendo este ponto equivalente aos dois pontos: “La tercera regla es. Todas las consonantes que se pueden hallar juntas en principio de dicion no se an de apartar en medio della [...]” (1614: 79v-79r). Por último, recorre-se ao ponto para introduzir o discurso relatado (citações), uso que já havia sido identificado no século XV (cf. *supra* III, 3.3.).

²⁰⁶ Cf. Cunha (2002: 640-645).

²⁰⁷ Na obra de Dávila esta abreviatura é também precedida de ponto.

3. Ponto de interrogação

3.1. Usos prescritos

Este *pontema*, cuja figura [?] representava até ao século XVI também o ponto de exclamação (cf. *supra* III, 3.5.), destaca-se na teoria seiscentista pela sua função de demarcador da modalidade interrogativa, tal como reconheciam os gramáticos: “o interrogante se põe no fim da clausula ou sentença interrogativa quando se pergunta alguma cousa” (Leão, 1576: 76r-77v). Para os gramáticos espanhóis, este *pontema* “se pone en fin de cualquiera razon, o parte, o miembro della” (Pérez de Nájera, 1604: 37v). Na doutrina de Pérez de Nájera, esta unidade pontuacional corresponde sobretudo a uma função prosódico-entoacional²⁰⁸: “Adonde porque el tono de la voce parece que se levanta preguntado, de que las letras por si no pueden dar noticia [...]” (1604: 37v). É de notar que em Espanha no século XVII não estava ainda instituído o uso do ponto de interrogação invertido em início de frase. Aliás, Palafox y Mendoza alerta para o facto de este ser colocado “al fin de la razon, no al principio” (1679, 34).

Uma análise do *corpus*, constituído por obras de natureza teórica e prescritiva, revela que este *pontema* não é usado frequentemente pelos autores, a não ser de forma muito pontual na obra de Jiménez Patón e de Barreto. Contudo, o ponto de interrogação tem um papel preponderante na obra de Pérez de Nájera, em virtude de esta se estruturar “a modo de Dialogo entre dos niños de la escuela”, em que um dos interlocutores questiona o outro. Na obra de Correas aparece este *pontema* com mais frequência, visto que o gramático opta por formular algumas reflexões, apoiando-se em interrogações às dá resposta.

4. Dois pontos

No século XVI, este *pontema* especializara-se na função de separar os membros das “clausulas”, ou seja, distinguir as orações das frases ou períodos. Em conformidade com a teoria seiscentista (cf. *supra* III, 4.2.), este valor delimitativo médio²⁰⁹ vai manter-se no século XVII, sendo, aliás, este o principal uso prescrito para esta unidade nas doutrinas dos diversos autores em análise. Porém, importa realçar a frequente

²⁰⁸ Convém lembrar que, na sua obra de 1576, Leão o integra no subsistema pontuacional destinado a “outros effectos” que não os de “demarcar as clausulas”. Palafox y Mendoza não o engloba no subsistema que contém unidades separadoras das “partes do discurso” (cf. *supra* 4.2.1.).

²⁰⁹ Note-se que o ponto final é o *pontema* que delimita as frases ou períodos, ao passo que a vírgula separa, essencialmente, membros das orações, situando-se os dois pontos entre estas duas unidades, pois circunscrevem, preferencialmente, as orações que compõem as frases.

confusão que se estabelece entre esta unidade pontuacional e o ponto e vírgula, em virtude de estes *pontemas* convergirem para a mesma função de separar os membros das frases. A dificuldade em destringir o uso destas duas unidades pontuacionais é reconhecida por Bento Pereira e Barreto, situação que se reflecte na pontuação praticada nas obras em análise. Na descrição do ponto e vírgula, Bento Pereira afirma claramente “Mayor dificultad he explicar outra parte da regra, & dar differença entre o uso do ponto, & virgula, & o de dous pontos.” (1666, 14-15). Por sua vez, Barreto refere que “colon imperfeyto, usamos, quando a virgula nã basta, & os dous pontos sobejam; quero dizer; quando nã está dito tanto, que se haja de por dous pontos, nẽ tã pouco, que se haja de por virgula; màs he cousa muyto difficil de conhecer.” (1671, 216-217). Leão, que não prescreve este *pontema* mas lhe faz referência, também revela que “este faz mais torvação, que distincão, que he o fim dos pontos” (1576, 76r). Aliás, é curioso constatar que Pérez de Nájera apresenta duas representações para o *medio punto*: “Tiene esta forma : y algunas vezes tambiẽ tiene esta ; (que es la de las sentencias contrarias)” (1604, 35v-35r).

4.1. Usos prescritos

A teoria seiscentista prescreve três contextos em que os dois pontos devem usar-se, em função de critérios sintácticos. Apesar da ligeira divergência existente entre os autores, a respeito do sentido completo ou incompleto da oração ou membro da “clausula” a ser delimitado por esta unidade (cf. *supra* III, 4.2.), o uso principal, “mediar las clausulas, y diuidir los miembros mas principales dellas” (Pérez de Nájera, 1604: 35v), é prescrito e praticado em todas as obras do corpus.

Quadro nº 18 – Uso de dois pontos na separação de orações

Autores	Contextos e usos de dois pontos
Leão (1576)	“O qual se vsa de duas maneiras: a primeira, quãdo se ajũtaão em hũ corpo duas dições differẽtes, ficãdo feitas hũa soo, como [...]. A outra maneira de ã vsamos [...]” (<i>Op. cit.</i> , 78v)
Nájera (1604)	“Si tu padre sabe esta trauessura tuya (segũ es d riguroso) tẽdras trabajo cõ el: d dõde aunque se quite el parenthesis (segũn es de riguroso) queda la razon entera.” (<i>Op. cit.</i> , 38v-38r)
Leão (1606)	“E como natural cousa he os vencedores darem leis, & a lingoa aos vencidos: assi tomaraõ dos Mouros sua lingoa muitas nações [...]” (<i>Op. cit.</i> , 135)



Patón (1614)	“Miembro, ó Cólón es un punto sobre outro de esta manera: com el qual se diuiden los principales miembros de la Clausula: quando parece que la oracion se â acabado [...]” (<i>Op. cit.</i> , 81v)
Correas (1630)	“El hupokólón es algo menos, ke el kólón: kuando ái duda, si se pondrá koma, ó kólón: i se eskrive kon ambos [...]” (<i>Op. cit.</i> , 91)
Dávila (1631)	“Quando digo, Pedro ama: ni sabemos si digo q̄ Pedro ama, ni si le mãdo que ame: i assi aviã de tener todos los imperativos alguna distincion.” (<i>Op. cit.</i> , 23v)
Vera (1631)	“Della usamos para distincão do escrito, & respiração do que lee: porque nella descansa para dizer mais.” (<i>Op. cit.</i> , 37r)
Pereira (1666)	“ <i>Obelisco</i> significa ponta pequena de espeto, ou seta: & põese nesta forma [...]” (<i>Op. cit.</i> , 22)
Barreto (1671)	“porque cada uma dellas tẽ tambem diferente officio: & he tã importante; que por falta dellas, se ignora muytas vezes o verdadeyro sentido: como acerca da pontuação [...]” (<i>Op. cit.</i> , 215)
Palafox (1679)	“Las aspiraciones, son aquellas en que se exclama con la razon, ó periodo, significando algun afecto interior, como: <i>O Dios mio! O Bondad admirable!</i> ” (<i>Op. cit.</i> , 31)

Dos exemplos acima transcritos se conclui que o uso dos dois pontos pode abranger os mais diversos contextos, pelo que, na secção *infra* 4.2.1., se tentará identificar os contextos não prescritos pelos autores, embora estivessem presentes nas suas obras.

O segundo uso prescrito pelos autores portugueses e também pelo espanhol Dávila – introduzir o discurso relatado – é praticado de forma geral nas obras, exceptuando as de Pérez de Nájera (1604), Leão (1606) e Jiménez Patón (1614).

Quadro nº 19 – Uso de dois pontos para introduzir citações

Autores	Contextos e usos de dois pontos
Leão (1576)	“Sam Paulo diz: Fee sem obras he morta. E Platão diz: Os homens não nascerão para si soos.” ²¹⁰ (<i>Op. cit.</i> , 76v) “E como se vee d’aquello dicto gracioso de Marco Tullio. O qual querendo motejar hum, que lhe pedia, que o fauorecesse em hũa dignidade, que pedia ém Roma, sendo filho de hum cozinheiro, lhe respondeo: Ego tibi quoque sauebo. (<i>Op. cit.</i> , 4r)

²¹⁰ Este exemplo é apresentado pelo autor para exemplificar o contexto em questão.

Correas (1630)	“porke komo dize el Antonio por éstas palabras: La diversidad de las letras no está en la diversidad de la figura: sino en la diversidad de la pronunciación.” ²¹¹ (<i>Op. cit.</i> , 6)
Dávila (1631)	“Por esso entiēdo, a lo material, aquello de Horacio en la arte Poetica: <i>Rectē scribendi scire est, & principium & fons.</i> ” (<i>Op. cit.</i> , 17v)
Vera (1631)	“Boecio diz: Nenhũa cousa ha nesta vida, â qual não falte, ou sobeje algũa cousa, com que de todo não fica perfeita.” ²¹² (<i>Op. cit.</i> , 38r)
Pereira (1666)	“Dizia Horácio: Nenhuma cousa he de todo perfeyta.” (<i>Op. cit.</i> 16)
Barreto (1671)	“Diz S. Agostinho; <i>Ignorancia he blasfemar das cousas nã entendidas.</i> Aristóteles diz: <i>Melhor he ser pobre que ignorante.</i> ” ²¹³ (<i>Op. cit.</i> , 218)

Algumas conclusões podem ser extraídas dos exemplos acima recolhidos. Depois de prescrever o uso dos dois pontos antes de discurso relatado na sua obra de 1576, Leão (ou o seu impressor) vai optar por duas soluções diferentes na obra de 1606. A primeira é a integração da citação, com referência à fonte, no discurso indirecto: “E Polybio no liuro 3. de su historia diz que no seu tempo, que foi o de Scipião Africano, nã hauia quem entendesse hũa scriptura de pazes [...]” (Leão, 1606: 2); a segunda é a transcrição da citação em itálico, precedida de ponto: “Posto que Sylio Itálico no lib.3. entende ser edificio dos Phocenses nestas palavras. [transcrição da citação latina em itálico]” (Leão, 1606: 11). Pérez de Nájera, que não prescreve o uso dos dois pontos neste contexto, não cita as autoridades em que se apoia, o que se explicará pelo facto de a sua obra se estruturar em forma de diálogo entre “dos niños”. Jiménez Patón, que também não preceituara este uso, faz preceder as citações de ponto final: “y aun Virgílio confesó esta verdad diciendo. De Iupiter à de tener principio todo lo que se quiera sauer, porque todo saue à Dios, y sin el sauer de Dios todo es nada.” (1614, 7r). Saliente-se, ainda, que as fontes citadas pelo autor vêm destacadas na margem, em itálico. É curioso verificar também que, na página 4v, uma tradução de Boécio para espanhol surge em itálico, antecedida de ponto final: “que conuertida en Española dira. *Quien sin reglas ni concierto, / Ba del orden tan ageno, / No puede tener sin bueno.*” Por sua vez, na obra de Vera, que prescrevera o uso dos dois pontos antes de citação, exemplificando tal contexto, opta-se por diferente solução em outras páginas da sua obra, como se pode

²¹¹ É uma citação de António de Nebrija.

²¹² Análise mais aturada à obra deste autor permitiu concluir que este exemplo ilustrativo do contexto em questão é caso único. Outra solução é adoptada: uso do ponto a anteceder uma citação.

²¹³ É curioso verificar que as citações vêm em itálico, o que será da responsabilidade do impressor. Atente-se na solução adoptada para introduzir a primeira citação: utilização do ponto e vírgula

constatar neste exemplo: “*dos quais de hum o Poeta Lucano, que diz no Lib.3. Phenices primi (samae si creditur) ausi, Mensuram rudibus vocẽ signare figuris.*”²¹⁴ (1631: 3v)

Conclui-se, assim, que os autores ou impressores que recorrem ao ponto antes de citação mantêm um dos usos no qual se especificara este *pontema* no século XV. Porém, na segunda metade do século XVII, o ponto foi substituído pelos dois pontos nesta função. Em virtude da natureza da sua obra, sob o título de “breves, y sucintos Apuntamientos”, Palafox y Mendoza não recorre a autoridades, pelo que não são encontradas citações no seu texto. Convém salientar também que todas as citações começam com maiúscula, como preceitua o próprio Vera: “E quando se referem as taes palavras, sempre se escreve no principio letra grande, como fica no exemplo.”²¹⁵ (Vera, 1631: 38r).

O terceiro uso dos dois pontos – introduzir o discurso directo – preceitua-se apenas nas doutrinas de Leão e Bento Pereira, mas é praticado nas obras de Leão, Bento Pereira e Palafox y Mendonza.

Quadro nº 20 – Uso de dois pontos para introduzir discurso directo

Autores	Contextos e usos de dois pontos
Leão (1576)	“Item vsamos do comma quando concertemos as palabras em alguem, como naquelas palabras: Direi a Deos: Não me condeneis: Mostraimo como me julgais assi.” (<i>Op. cit.</i> , 76v)
Pereira (1666)	“Delle [sinal admirativo] usamos para sinificar espanto, ou indignaçam: v.g. quando fallando com Deos dizemos: <i>Quàm admirabile est nomen tuum in universa terra!</i> ” (<i>Op. cit.</i> , 17) “como quando dizemos: O peccador (se se nam emendar) sem duvida será condenado.” (<i>Id.</i> , 18)
Palafox y Mendoza (1679)	“Al principio: como si dixessemos: <i>Què? Ni lo bueno há de ser bueno, ni lo malo, malo?</i> ” ²¹⁶ (<i>Op. cit.</i> , 35)

A seguir aos dois pontos que introduzem discurso directo, deve usar-se a maiúscula de frase. Assim o afirma Bento Pereira: “Item se escreve letra capital o q̃ vay escrito depois da figura chamada *coma*, quando se passa de uma sentença a outra, v.g

²¹⁴ Recorde-se que o texto de Vera é escrito em itálico ou em letra cursiva.

²¹⁵ Continua: “Mas sendo sentença suspença, & não acabada no perihodo, que himos trattando, não se segue letra capital, senão ordinaria [...]” (Vera, 1631: 38r). Vera diferencia assim os dois contextos de uso dos dois pontos com base no recurso à maiúscula de frase (letra capital).

²¹⁶ Tal como no anterior, o exemplo vem em itálico.

Iob 10. *Dicam Deo: Noli me condemnare.* Ou quando se passa de uma pessoa a outra: como no Evang. *Dixit autem quidam: Ecce mater tua.*” (Bento Pereira, 1666: 2-3).

4.2. Usos não prescritos

A função delimitativa média dos dois pontos permite que o *pontema* seja usado em inúmeros contextos não preceituados explicitamente pelos autores. Contudo, a partir da observação e análise de vários exemplos recolhidos foi possível arrolar vários usos recorrentes em diversas obras. Um dos principais usos atribuídos a esta unidade pontuacional é o anúncio de exemplos ilustrativos das afirmações dos autores.

Quadro nº 21 – Uso de dois pontos antes de exemplificação ou enunciação

Autores	Contextos e usos de dois pontos
Leão (1576)	“Item se ha de notar, que em hũa clausula pode vir hũ coma, ou mais, sem nenhũa virgula, como nestes exemplos: Senhor não me argüaes em vosso furor: nem me comprehêdaes em vossa ira. No principio era a palaura: & a palaura era acerca de Deos: & Deos era a palaura.” (<i>Op. cit.</i> , 75v)
Leão (1606)	“porque dizem, quien, bien, cierto, tierno, viëtre, siempre, desuiandose do Portugues que diz: quem, bem, certo, ceruo, tenro, ventre, sempre:” (<i>Op. cit.</i> , 128)
Correas (1630)	“Las letras viejas em monton son estas: A b c d e f g h i k l m n o p q r s t v x y z.” (<i>Op. cit.</i> , 54)
Dávila (1631)	“ò sea de verbo neutro, como: Me Huelgo, me deleito; i lo mismo de pasiva, como: Soi conocido, soi descubierto.” (<i>Op. cit.</i> , 18v) “La admiraciõ ponemos al fin de la oracion, en ã nos admiramos, como: ô piedad inmensa de Dios! ô dura obstinacion de nuestras culpas!” (<i>Id.</i> , 20v)
Vera (1631)	“como se vê neste exemplo: Ignorei no principio; mas h agora alcanço, que virgula, & ponto se põe entre palavras, & sentenças contrarias [...]” (<i>Op. cit.</i> , 38v)
Pereira (1666)	“Tambem se põem depòys de nomes adjectivos, quando em hum mesmo caso concorrem muytos: v.g. <i>Qui voluerit esse verè nobilis, esse debet probus, prudens, constans, liberalis.</i> Quem quizer ser verdadeyramente nobre, deve ser bom, prudente, cõstante, liberal.” (<i>Op. cit.</i> , 14)
Palafox (1679)	“significando algum affecto interior, como: <i>O Dios mio! O Bondad admirable!</i> ” (<i>Op. cit.</i> , 31)

Observando os excertos acima, reconhece-se que sempre se usa maiúscula depois de dois pontos que anunciam citações (cf. *supra* 4.1.), exemplos ou

enumerações, salvo no exemplo transcrito de Leão (1606) e Dávila (caso único, de resto, em toda a obra deste último autor), o que pode explicar-se pelo facto de os dois pontos não delimitarem uma sentença diferente²¹⁷, mas palavras isoladas ou uma interjeição, respectivamente. O autor espanhol opta, preferencialmente, por outras soluções para anunciar um exemplo: “Despues de consonante siempre se escribe una r, como Manrique, Monroy, honra; porque [...]” (1631: 10r); “pues siẽpre hiere a las que se le llegã.v.g. ya,rayo, raya, yũque; porque no digo rajo, raja, junque.” (1631: 14v) Os autores que mais recorrem aos dois pontos neste contexto são os portugueses, exceptuando Barreto, que recorre à vírgula: “os quaes são, *magnopere, maximopere, summopere, tantopere,*” (Barreto, 1671: 214); “São poys tres as principais, virgula, colon, periodo” (Barreto, 1671: 215).

Deste modo, se conclui que, no final do século XVI (Leão, 1576) e nas obras seiscentistas (Leão, 1606, Correas, Dávila, Vera, Bento Pereira e Palafox y Mendonza), esta unidade pontuacional começa a adquirir algumas das funções que adquirirá nos séculos seguintes. A identificação de outro contexto em que os autores recorrem com frequência a este *pontema* – introduzir uma explicação – comprova a afirmação anterior.

Quadro nº 22 – Uso de dois pontos para introduzir uma explicação

Autores	Contextos e usos de dois pontos
Leão (1576)	“O qual [hyphen] se usa de duas maneiras: a primeira, quando se ajũtaão em hũ corpo duas dições differẽtes, ficado feitas hũa soo [...]” ²¹⁸ (<i>Op. cit.</i> , 77r)
Nájera (1604)	“y alli el que lee, se detenga algun tanto para dos cosas: para tomar haliento, y principalmẽte para dar a entender a otros, y entender el lo que lee [...]” (<i>Op. cit.</i> , 36v)
Leão (1606)	“& das pedras preciosas todas de que parece os Romanos mostrauão ter pouca noticia: porque da pedraria no sabemos vocábulo algum Latino, & todos são Gregos [...]” (<i>Op. cit.</i> , 21)
Patón (1614)	“Dicense uocales: porque por si sin ayuda de las consonantes, hacen voz, y aun en latin las tres, ó quatro dellas sinifican.” (<i>Op. cit.</i> , 5r)

²¹⁷ Estes exemplos comprovam a afirmação de Bento Pereira acima referida: “Item se escreve letra capital o ã vay escrito depois da figura chamada *coma*, quando se passa de uma sentença a outra [...]” (1666: 2-3).

²¹⁸ O uso de dois pontos para introduzir uma explicação é bastante frequente na obra de Leão (1576). Vejam-se, a título de exemplo, as páginas 1r e 2v, onde é possível identificar três destas ocorrências. Não menos recorrente nessa obra é o uso deste *pontema* precedendo exemplos, anunciados pela conjunção *como*. No seguimento de Nunes de Leão, estes dois usos vão ser bastante frequentes na obra de Vera.

Correas (1630)	“En quanto la figura de la j desta forma la reprobamos en letra redonda: porke desacomoda la i , ke se la sige, i se konfunde mucho kon la f , i la l de mano.” (<i>Op. cit.</i> , 8)
Dávila (1631)	“Antes de la b , siempre se escribe m , como rumbo, ambito, ambos: i es la razon, que como se cierran los labios para pronunciar la b , aunque la antecedente avia de ser n [...]” (<i>Op. cit.</i> , 4v)
Vera (1631)	“Della usamos para distincão do escrito, & respiração do que lee: por que nella descança para dizer mais.” (<i>Op. cit.</i> , 37r)
Pereira (1666)	“E assim nam devēmos escrever <i>mempisteyro</i> , senam <i>memposteyro</i> : porque este vocabulo significa homem posto da mão de alguem para algum negocio [...]” (<i>Op. cit.</i> , 8)
Barreto (1671)	“cuya figura [do <i>apostrofo</i>] he uma vírgula ás avessas, nesta forma, & he muyto frequente cõ a preposiçã de, quando se lhe segue vogal: porque he erro escrever Devora, Delvas, tudo ligado [...]” (<i>Op. cit.</i> , 212-213)
Palafoz (1679)	“Pide igualdad de renglones [la letra]: porque no ha de ser vn renglon mas largo que otro, sino es que acabe la clausula, y ha de acusarlos todos con letra limpia, sin hazer rasgo en ella.” (<i>Op. cit.</i> , 9)

Embora a teoria pontuacional seiscentista prescrevesse o uso de ponto e vírgula entre palavras e orações com sentido oposto, também se podem encontrar os dois pontos neste contexto, o que vem corroborar a confusão existente entre estas duas unidades pontuacionais no século em apreço.

Quadro nº 23 – Uso de dois pontos para marcar oposição de ideias

Autores	Contextos e usos de dois pontos
Pérez de Nájera (1604)	“Escriuense tambien con j , larga los acabados en oja, como Brabarroja, Rioja, hoja, y otros semejantes: sacanse floxa, afloxa, Loxa, aloxa, coxa, meloxa y congoja, que se escriben con x .” ²¹⁹ (<i>Op. cit.</i> , 15v)
Leão (1606) ²²⁰	“Outra corrupçã se faz per troca de hũas letras, não em outras affijs & semelhantes: mas em outras mui diferentes.” (<i>Op. cit.</i> , 37)
Patón (1614)	“A es la primera letra no solo de los castellanos, latinos, Hebreos, Griegos, y Arabigos: mas segũ San Isidro de todas las otras lenguas.” (<i>Op. cit.</i> , 11v)

²¹⁹ Pérez de Nájera recorre aos dois pontos noutras situações idênticas para distinguir as exceções da regra.

²²⁰ Saliente-se que, na *Ortographia da Lingoa Portuguesa*, de Leão, não foi identificado este uso dos dois pontos, o que se revela algo curioso, porquanto do sistema pontuacional do autor não consta o ponto e vírgula, *pontema* cuja função primordial é marcar a oposição de ideias.

Correas (1630)	“Otros dos ò tres mas modernos en Francia an kitado las letras oziosas de las palabras: mas no lo an apurado todo, ni lo akabaron, por dexarse en el Abeze mas letras de las necesarias.” (<i>Op. cit.</i> , 14)
Pereira (1666)	“Dizem elles, <i>Petere petitio petens</i> : nós devemos dizer, <i>Pedri, petiçam, pedinte [...]</i> ” (<i>Op. cit.</i> , 7) “Se quando se segue l,emos compostos da dita preposiçam <i>Com</i> , se dobra o l, comendose o m: ut <i>Collacrymor, colligo, collido</i> : porém qualquer outra consoante que se siga, nam se dobra, ut <i>consurgo, conquito</i> .” (<i>Id.</i> , 24)
Barreto (1671)	“Poemse [os ápices] sobre a vogal, que queremos dividir de outra immediata, & pronuncialla dividida [...], como nestas palabras, saúde, alarde, poëta, paĩço, & outros muytos: porẽ nã ã cayado [...]” (<i>Op. cit.</i> , 222)

Nos dois últimos contextos referidos (introduzir uma explicação e separar palavras ou orações contrárias), é de salientar que não se usa a maiúscula depois de dois pontos, visto que a função do *pontema* continua a ser, em tais casos, a de delimitar membros da frase.

No que concerne a este assunto, não menos curioso é o caso seguinte. Na segunda obra de Leão, a *Origem*, foram encontradas ocorrências de maiúscula após o uso dos dois pontos, sem que esta unidade introduzisse o discurso relatado ou o discurso directo ou, ainda, um exemplo:

“Tratãdo da dita letra l. & os Italianos & Frãceses, dos quaes esta pronüciação era alhea,& a tomarão dos Hespanhoes lhe acrescêtarão outras letras,pera nota tẽ a impropriedade daquella voz: Os Italianos a representão acrescêtando hũ g.antes do l. & hũ i. depois delle [...]” (1606: 131)

“Antigo dito he que muitos saõ os negocios que os vocábulos, & como os conceptos dos homẽs saõ infinitos, & as palauras finitas necessariamente as inuentamos, o buscamos, & tomamos emprestadas de outras gentes pelas maneiras que atras temos dito, nã soamente para supprir a necessidade de explicarmos o que queremos, mas para copia & ornamento por nã repetirmos hũas mesmas palauras muitas vezes: o que aos que ouuem, ou leem traz sempre nojo & fastio: Alem disso há nas lingoasalheas algũstermos que nã ha nossa, para declarar o que sentimos ou ensinamos.” (1606: 138)

A explicação para o uso da maiúscula nos dois exemplos acima transcritos poderá encontrar-se na *Retórica* antiga e na constituição do período, cujo ponto culminante, o chamado “akmé”, era marcado pelos dois pontos, logo seguidos de maiúscula.

5. Ponto de exclamação

5.1. Usos prescritos

Este *pontema*, cuja função é delimitar as frases exclamativas e marcar, simultaneamente, o seu valor modal, não suscita grandes comentários por parte dos gramáticos e ortógrafos seiscentistas. Como acima se expôs (cf. *supra* III, 3.6.), durante algum tempo a função desta unidade confundiu-se com a do ponto de interrogação, começando a autonomizar-se somente no século XV e no decurso do seguinte, estando, por isso, em circulação no século em apreço.

As similitudes com o ponto de interrogação mantêm-se na prática pontuacional das obras em análise, por serem de natureza teórica e prescritiva, não requerendo, portanto, o uso deste *pontema*. Deste modo, visto que o ponto de exclamação tem lugar “no fim da clausula que pronüciamos cõ algũ espãto, ou indignação” (Leão, 1576: 77v) ou “quando a precedido alguna cosa que puso admiracion” (Pérez de Nájera, 1604: 37r), esta unidade não ocorre na prática pontuacional dos autores em estudo, a não ser nos momentos em que os mesmos a descrevem.

6. Ponto e vírgula

De acordo com a teoria acima exposta (cf. *supra* III, 3.4. e 4.3.), o uso deste *pontema* foi pouco significativo até ao século XVII, o que explica não só o facto de não ser descrito por Leão (1576) e Jiménez Patón (1614) como também o de não lhe ser atribuída nenhuma denominação específica na obra de Pérez de Nájera (1614). Revela-se uma unidade polivalente, uma vez que desempenha várias funções.

6.1. Usos prescritos

Na doutrina pontuacional seiscentista, a principal função atribuída ao ponto e vírgula é a de separar os membros das “clausulas”, delimitando “sentenças imperfeitas”, situando-se, nessa função, entre a vírgula e os dois pontos. Este é, aliás, o principal uso prescrito tanto pelos autores portugueses²²¹ como pelo espanhol Palafox y Mendoza, embora seja praticado em todas as obras analisadas, à excepção da primeira obra de Leão, *Ortographia da Lingoa Portuguesa*, e da de Correias, em conformidade com as

²²¹ Recorde-se que Leão descreve o ponto e vírgula usado por “algũus modernos”, atribuindo-lhe um valor delimitativo médio, apesar de o considerar “invêção de pouca utilidade, & desnecessária, e que eu não imitaria” (1576: 76r).

doutrinas pontuacionais desses autores, como se pode comprovar pelos exemplos seguintes:

Quadro nº 24 – Uso de ponto e vírgula para separar membros da frase

Autores	Contextos e usos de ponto e vírgula
Nájera (1604)	“porque por falta destes punticos, o apices pudiera leer el Lector, Israel la e breue, Maluenda, valuarte, huya, teniendola, y, fuerça de consonante; y assi de otros innumerables desta manera.” (<i>Op. cit.</i> , 39v-39r)
Leão (1606)	“E polo contrario a lingoa Arabica barbara, & horrida, com seu Mafamede natural da Arabia se estêdeo tanto pelo mundo, que ocupou a maior parte de Asia, & toda Africa; & muitas partes da Europa, & despois quase toda a Hespanha [...]” (<i>Op. cit.</i> , 134)
Patón (1614)	“Nacen estos yerros de no hacer caso de ella [a ortografia] â su tiempo: por tenella por cosa de poco momento; deuiendo considerar que los yerros que en ella suceden son notables, y de los que mas se rien.” (<i>Op. cit.</i> , 2v)
Dávila (1631)	“Siempre se escribe mayuscula en principio del escrito; ò aviendo precedido ponto al fin de la clausula; ò quando el nombre es proprio, como Antonio, Andres; ò quando es de officio, ò dignidad, como Almirante, Archiduque [...]” (<i>Op. cit.</i> , 3r)
Vera (1631)	“Algũs Portugueses usã de hum sinal, a que os Gregos chamã Brachia; & nos syllaba breve: com que mostramos ser breve a vogal, sobre que se põe: porque sendo longa tem outro significado; como Cagãdo por o animal aquatico, a que os Latinos chamã Testudo.” (<i>Op. cit.</i> , 41v)
Pereira (1666)	“Asterisco he hũa estrellinha desta forma * que serve, ou de notar falta de palavras em algum Author; ou de notar as que saõ dignas de ponderaçã.” (<i>Op. cit.</i> , 21)
Barreto (1671)	“A diferença entre estes sinaes he agora a dificuldade: seguindo aos que desta maneyra escreveram, digo; que a virgula, ou coma se poem, para distincã, quando nã está dito tanto, que baste para o sêtido, mãs descança, para dizer mays.” ²²² (<i>Op. cit.</i> , 216)
Palafox (1679)	“Los Acentos son tres, agudo, grave, breve, Agudo es, el ã hierie la final, como dirè, hablarè; grave, el que detiene en el medio como en esta palabra hablària comeria; breve, quando llama la silaba al principio [...]” (<i>Op. cit.</i> , 30)

²²² É de salientar o uso abusivo de *pontemas* no exemplo transcrito, característico da obra deste autor. A ocorrência do ponto e vírgula entre o verbo e a conjunção integrante não parece fazer muito sentido.

Da leitura geral das obras se conclui que esta unidade pontuacional é, frequentemente, preterida pelos dois pontos quanto à função de delimitar os membros das frases, com excepção da obra de Palafox y Mendoza onde o uso de ponto e vírgula predomina neste contexto, especializando-se a unidade pontuacional, sobretudo, na função de separar ideias opostas, prescrita nas obras dos autores portugueses, de Pérez de Nájera e de Dávila, e na função de introduzir explicações, prescrita apenas por Dávila.

Outro facto bastante curioso é que o ponto e vírgula, ausente na primeira obra de Leão (1576) em conformidade com a doutrina pontuacional do autor, ocorre em diferentes situações na segunda, o que pode indiciar a sua generalização no século em apreço. Contudo, a explicação para este facto poderá encontrar-se na mudança dos impressores das obras²²³, podendo ser Pedro Craesbeeck responsável por este uso.

Embora não integre o sistema pontuacional de Jiménez Patón, procedeu-se ao levantamento de ocorrências do *pontema*²²⁴, desempenhando uma função delimitadora dos membros da frase, possível indício da intervenção do impressor do autor espanhol.

Se o ponto e vírgula é pouco usado nas obras mais antigas do corpus, já o mesmo não se verifica nas obras posteriores, onde é visível a fortuna adquirida por esta unidade pontuacional, nomeadamente nas obras espanholas de Dávila e Palafox y Mendoza, assim como nas obras portuguesas de Bento Pereira e Barreto.

Quadro nº 25 – Uso de ponto e vírgula para opor ideias

Autores	Contextos e usos de ponto e vírgula
Nájera (1604)	“Deste, y del que esta puesto encima en esta forma ; se usa (quando las palabras, o sentencias son contrarias) como bueno; malo; honesto; deshonesto; sagrado; profano.” (<i>Op. cit.</i> , 36r)
Leão (1606)	“de que foi Floriano do campo, scriptor docto; mas pouco ditoso na materia que se lhe deu a escreuer, porque lhe foi necesario [...]” (<i>Op. cit.</i> , 6)
Dávila (1631)	“Mvchos la usan [letra f] por la h. i escriben fanega por hanega, Fernando por Hernando; pero aunque esta es confusion en las letras yà lo tiene aprobado el uso.” (<i>Op. cit.</i> , 5r-6v)

²²³ Como acima referido (*supra* II, 3.), o impressor da obra de 1576 foi João da Barreira, enquanto a segunda obra (1606) saiu dos prelos de Pedro Craesbeeck.

²²⁴ Além do exemplo *supra* transcrito, procedeu-se ao levantamento de ocorrências do ponto e vírgula nas páginas 8r, 21v, 28r, 30v e 44r.

Vera (1631)	“Tambem usamos de dous pontos, quando convertemos as palabras de alguém; como se vê neste exemplo: Direi ao que me maldicer: Huiua como lobo; mas não me mordas como cão.” (<i>Op. cit.</i> , 38r)
Pereira (1666)	“ <i>Paragrafo</i> , que por outro nome se chama <i>Artigo</i> , ou <i>Aforismo</i> , he hum sinal nesta forma, §, o qual se põem naõ entre huma clausula, & outra; senaõ entre hum tratado, & outro; ou entre huma materia, & outra diversa; & sempre se põem no principio de cousa dividida.” (<i>Op. cit.</i> , 20)
Barreto (1671)	“porque he erro escrever Devora, Delvas, tudo ligado; Mäs separaremos a preposiçã cõ apostrofo, como d’Evora, d’Elvas [...]” (<i>Op. cit.</i> , 213)
Palafox (1679)	“Y aunque esto es muy tolerable, y el començar las clausulas, que han de començar por y, con letra mayuscula, y no con la i latina; pero mas propria Ortophgia seria el no ponerla [...]” (<i>Op. cit.</i> , 60)

É de referir que os dois excertos de Pérez de Nájera acima apresentados (quadros nº 24 e 25) correspondem às duas únicas ocorrências de ponto e vírgula na obra do espanhol, sendo que, no segundo excerto, a ocorrência ilustra a função de distinguir ideias ou palavras opostas.

O uso do ponto e vírgula na introdução de uma explicação, preceituado apenas por Dávila (“Quando damos la razón de alguna cosa, tambien se pone coma i punto. v.g. No puedo hazer lo que pides; porque no es justo.”, 1631: 18r-19v), tem alguma fortuna nas obras seiscentistas, precedendo a conjunção *porque*.

Quadro nº 26 – Uso de ponto e vírgula antes de uma explicação

Autores	Contextos e usos de ponto e vírgula
Leão (1606)	“Ao ñ ainda a errada razão da analogia, que os Castelhanos guardão; porque dizendo puerta, dizem portero, & de suerte dizem fortaleza, & de puerto portazgo.” (<i>Op. cit.</i> , 128)
Dávila (1631)	“el que quisiere escribir cõ buena division, ha de entender quantos sentidos puede tener la razon de su discurso, para aplicarla a su intento, con la diferẽcia del apũtarla; porque un mismo periodo se puede hazer que diga dos razones opuestas, cõ solo variar las virgulas, ò puntos [...]” (<i>Op. cit.</i> , 17v)
Vera (1631)	“Pelo que os antigos chamarão ás letras elementos; porque da maneira que delles estão todas as cousas fabricadas, assi das letras o estão todas as palavras.” (<i>Op. cit.</i> , 1r)

Pereira (1666)	“He sinal contrario ao <i>Asterisco</i> ; porq̃ este designa os bons, & o <i>Obelisco</i> os maos.” (<i>Op. cit.</i> , 22)
Barreto (1671)	“Mas ã os nomes compostos, que já per uso estiverem corrutos, nã temos necessidade do apostrofo, como ã Montagraço, Montargil, Portalegre; porque nã dizemos, Monte agração, Monteargil, Porto alegre, & assi de outros semelhantes.” (<i>Op. cit.</i> , 214)
Palafox (1679)	“Es menester suponer, que para saber bien la Ortographia, importa mucho la noticia de las lenguas; por lo menos de la Latina, y poner algun cuydado en ello; porque aun sabiendola , tiene harras cuestiones la materia [...]” (<i>Op. cit.</i> , 38)

6.2. Usos não prescritos

Além dos usos prescritos pelos autores portugueses e espanhóis, outros são praticados em algumas das obras estudadas. Nas de Dávila, Vera e Barreto, recorre-se ao ponto e vírgula antes de apresentar um exemplo.

Quadro nº 27 – Uso de ponto e vírgula antes de exemplo

Autores	Contextos e usos de ponto e vírgula
Dávila (1631)	“El enciso, ò coma siempre se pone al fin de qualquiera oracion, ò sea de verbo activo, como; Yo amo a Dios: Pedro me enseña a mi: ò sea de verbo neutro, como: Me huelgo, me deleito; [...]” (<i>Op. cit.</i> , 17r-18v)
Vera (1631)	“Mas sendo sentença suspença, & não acabada no perihodo, que himos trattando, não se segue letra capital, senão ordinariamente; como nestes exemplo:” (<i>Op. cit.</i> , 38r)
Barreto (1671)	“O mays comũ, & ordinario he porse despoys do verbo cõ seus casos, exemplo; <i>Quem ama a Deos, ama ao proximo</i> . Tambẽ despoys de conjunçã, antes de relativo, como; <i>A ruim arvore se chega, & arrima, o que se estriba na Fortuna</i> .” (<i>Op. cit.</i> , 216)

E se a presença de ponto e vírgula antes de exemplo, no caso de Dávila, parece dever-se a um erro do impressor, uma vez que a pontuação pela qual se opta preferencialmente é a que se verifica na segunda parte do excerto, o mesmo não acontece nas obras dos autores portugueses. Nestas últimas, foram detectadas várias ocorrências deste *pontema* no mesmo contexto:

“No escrito de mão usamos o mesmo; & com mais necessidade quando a primeira parte da dicção dividida significa per si algũa cousa; como quando dizemos: tempo: a par-te [...]” (Vera, 1631: 39r)

“[...] para denotarmos que se hão de ajuntar em hum corpo, para formar hũa dicção, & tirar a duvida, em que estaria, quem a leesse; como se vê neste exemplo: Confia_douestou.” (Vera, 1631: 40)

“Serve para quando perguntamos alguma cousa, & se poem no fim da clausula, ou sentença, ã que fazemos a pergunta, como; *Se vos digo a verdade, porque me nã credes?*” (Barreto, 1671: 220)

“O sinal admirativo, que quasi se parece cõ o interrogativo, senã que aquelle he enroscado como cobra, & este direyto, sobre o ponto, usamos pôr tâbẽ no fim da clausula, que pronunciamos cõ algũ espanto, & admiraçã, como; *O grandes, & gravissimos perigos! O caminho da vida nunca certo!*” (Barreto, 1671,220)

Na obra de Barreto, o ponto e vírgula também introduz o discurso relatado, como se pode comprovar nos excertos transcritos, o que aponta, de novo, para a evidente concorrência funcional entre estas duas unidades:

“& o declarou a Terêcio, desfazendo o cõcurso das vogaes, polo Hiperbacon interpondo hũ verbo, quando disse; *Máximo te orabat opere; [...]*” (Barreto, 1671, 214)

“& os maos, & adulterinos cõ o obelo; & delles usaram despoys os interpretes da Sagrada Escritura, para denotar alguma cousa acrescentada ã a traducã, & q̃ nã estava nos originaes, como S. Ieronimo, diz a Paulino; *Origenis studium me provocavit, qui dictioni antiquae translationem Theodotionis admiscui, asterisco, & obelo opus omne distinguens.*” (Barreto, 1671,224)

7. Parêntesis

Após ter sido usado muito pontualmente nos manuscritos dos dois séculos anteriores, o uso deste *pontema* generaliza-se no século XVII, tendo sempre integrado os principais subsistemas pontuacionais dos vários gramáticos. A sua principal função é a de introduzir um enunciado portador de informação acessória para clarificar o sentido da frase, podendo este enunciado ser retirado sem prejuízo do sentido.

7.1. Usos prescritos

Todos os autores são unânimes na definição do primeiro contexto em que se devem usar os parênteses – acrescentar um esclarecimento ou informação suplementar – sendo este praticado em todas as obras, à excepção da de Correias, que utiliza o *pontema* duplo apenas para tecer comentários sobre o que escreve, ou seja, para dar lugar à voz do sujeito de enunciação, e da de Palafox y Mendoza, na qual apenas se recorre ao seu

recorre ao seu uso numa única ocasião, quando o autor inclui uma breve observação, como se pode comprovar nos excertos abaixo transcritos.

Quadro nº 28 – Uso de parênteses para introduzir informação suplementar

Autores	Contextos e usos de parênteses
Leão (1576)	“F. he letra muda, a que os Acolicos (dos quaes ella tene origen) chamaão .Vau. & os Latinos lhe chamaão digamma , porque na figura parece hum dobrado .g. dos Gregos,a que elles chamão gamma.” (<i>Op. cit.</i> , 6r)
Nájera (1604)	“Tiene esta forma : y algunas vezes tambiẽ esta ; (que es la de las sentencias contrarias) como si lleuamos cõ gusto las cosas que nos sucedẽ al sabor de nuestro paladar [...]” (<i>Op. cit.</i> , 35-r)
Leão (1606)	“Polo que quem quisesse tratando da Dialectica em lingoa Portuguesa (porque as ciencias não tem lingoa própria, & em qualquer se pode ensinar & saber) & vsasse de outro termo em lugar de syllogismo [...]” (<i>Op. cit.</i> , 138-139)
Patón (1614)	“Antiguamente (como consta de las impresiones muy antiguas) no auia otro orden en la puntuación, mas de que cada oracion la señalaban con dos puntos uno sobre otro [...]” (<i>Op. cit.</i> , 82v)
Dávila (1631)	“Quando acaba una voz en vocal, i empieza otra cõ la misma vocal (à ã llamã los Poëtas Syneresis) los Italianos escribẽ sola la una, notãdola otra con una virgulilla.” (<i>Op. cit.</i> , 23v)
Vera (1631)	“parêntesis (que quer dizer interposição de palavras) são dous semicírculos entre os quaes incluímos algũas palavras, que tiradas do que dizemos, não fica imperfeita a razão.” (<i>Op. cit.</i> , 39v)
Pereira (1666)	“Para melhor se entender esta regra, disse (se põem antes, ou depoyes de vogal) porque he necesario ã comessa vogal componha hum diptongo Portuguez [...]” (<i>Op. cit.</i> , 74.)
Barreto (1671)	“que he prerogativa sua porse antes de todas as consoantes, o que nã tẽ o m, que sempre ha de ser antes de B. P. M. nẽ o n, que se nã póde escrever [na Língua Portugueza) antes destas letras;” (<i>Op. cit.</i> , 179)

Como se pode verificar no excerto transcrito da obra de Barreto, nela se recorre aos parênteses rectos, sem que, aparentemente, se possa definir regras para a sua utilização em substituição de parênteses curvos. A opção por uns ou outros parece ser aleatória, tal como se pode comprovar por esse mesmo excerto. Vejam-se, contudo, outros exemplos contendo parênteses rectos:

“Antigamente [como Ximenes advertio, ã o seu Epitome] segundo consta de impressões muyto antigas, nã havia outra ordem na pontuaçã mays de que cada oraçã se assinalava cõ dous pontos [...]” (Barreto, 1671: 219)

“Os Gregos & os Latinos de crer he [polo que achamos ã os livros] que consideravam as letras cada uma de per si, como os cantores os pontos & figuras se sua solfa, segundo as linhas, & intervalos ã que assinam certos tonos; [...]” (Barreto, 1671: 183)

“Màs a rasa, que me inclina a nós admittirmos esta letra [k] ã nosso alfabeto ã lugar do qu, sobre e, i, he; por que ao q, quando se ajunta cõ u, [de cuja assistencia pende todo o seu valor, e sã o qual fica como morto] sobre e, i, nã lhe damos a verdadeyra pronunciaçã [...]” (Barreto, 1671: 142)

Nos três excertos acima transcritos²²⁵, os parênteses rectos são usados nos mesmos três contextos prescritos para os curvos: introduzir uma referência a um autor citado; introduzir um comentário pessoal do autor; e acrescentar uma informação suplementar.

Por outro lado, os parênteses sobrepõem-se a outros *pontemas*, por exemplo a vírgula, como se observa nos excertos transcritos das obras de Pérez de Nájera (a vírgula não é usada antes da conjunção *como*) e de Leão (a vírgula não ocorre antes da conjunção copulativa).

Relativamente ao segundo uso (introduzir um comentário pessoal do autor, ou seja, incluir a voz do sujeito de enunciação), prescrito apenas por Leão e Barreto, constata-se que este é praticado em quase todas as obras, salvo em Vera. Este parece ser mesmo o principal contexto em que os parênteses são usados nas obras seiscentistas, destacando-se o facto de a única ocorrência dessa unidade estar exemplificada na obra de Palafox y Mendoza. A preferência por esta função do *pontema* duplo poderá dever-se à natureza teórica e normativa das obras, nas quais a voz do autor só tem lugar dentro de parênteses.

²²⁵ Outros exemplos podem ser encontrados em outras páginas da obra: 42 (informação suplementar), 73 (referência à autoridade), 79-80 (informação suplementar), 97 (informação suplementar), 131-132 (comentário do autor), 134 (informação suplementar), 155 (comentário do autor), 163 (referência à autoridade) e 179 (informação suplementar). Acrescente-se que neste último exemplo a informação é introduzida por um parêntesis recto, sendo fechada por um curvo, o que pode indiciar alguma falta de cuidado do impressor.

Quadro nº 29 – Uso de parênteses para introduzir comentário pessoal do autor

Autores	Contextos e usos de parênteses
Leão (1576)	“Porque o.a.em abstracto (como dizem) & em quanto letra elemētar, não teem acento, nẽ medida, se não despois q̃ he feito dição.” (<i>Op. cit.</i> , 3r)
Nájera (1604)	“pero podriase vsar del [o apóstrofo] (como hazen ya algunos curiosos) sin nota ninguna de mala Ortographia en la Poesia Castellana para leerla [...]” (<i>Op. cit.</i> , 38r)
Leão (1606)	“A causa da lingoa Castelhana se estender per algũas prouincias, & hauer nellas muitos que as saibaõ entender, & fallar, não he por a bondade da lingoa (que nos não lhe negamos) mas por a necessidade que della tem aquellas gentes, que della vsaõ.” (<i>Op. cit.</i> , 135)
Patón (1614)	“Por la qual raçon tambien se à de poner, y pone (en buenas estampas) en las declinables à diferencia, de otras, ò de otros tiempos [...]” (<i>Op. cit.</i> , 83v)
Correas (1630)	“La primera invención de las kosas siempre komezó rruda (advertase mucho en esto) i después se fue puliendo, i trayendo à perfezion.” (<i>Op. cit.</i> , 45)
Dávila (1631)	“Lastima es que aya tan perfetos Escribanos en nuestra Nacion, i por defeto desta parte (que aunq̃ facil, es la mas importante) no puedan decir, que escriben bien, sino que hazen buenos caracteres.” (<i>Op. cit.</i> , 1r)
Pereira (1666)	“pelo que sempre se deve pòr [ponto final], quando se fecha perfectamente aquella sentença, que chamamos periodo, circulo, clausula, depois da qual (como dissemos na regra 1.) sempre poremos letra grande.” (<i>Op. cit.</i> , 16-17)
Barreto (1671)	“Contraria desta há outra figura, que nossos ortografos chamam desuniam (eu se assi me he licito, siguiendo os preceytos de Horacio, & de Cicero) lhe chamarey Antiphen [...]” (<i>Op. cit.</i> , 223)
Palafox (1679)	“Por esto es bueno (por la mayor parte) escusar rasgos en lo que se escribe, y procurar señalar bien las letras [...]” (<i>Op. cit.</i> , 2)

Quanto ao terceiro uso prescrito – indicar as fontes ou autoridades invocadas –, apenas prescrito por Bento Pereira, este é praticado em algumas obras, juntamente com outra solução, nomeadamente a inserção do nome do autor citado no corpo do texto. Na verdade, a única obra em que este contexto é praticado regularmente é a de Barreto, cuja estratégia expositiva, em conformidade com Jiménez Patón, frequentemente citado pelo português Barreto, difere dos autores anteriores, uma vez que explicita e identifica todas as fontes citadas. Todavia, a segunda solução encontra-se também na obra de Barreto. É de salientar ainda que Bento Pereira, o único que prescrevera tal contexto, opta por inserir o nome da fonte (autor e obra) no corpo do texto. Deste modo, parece legítimo

concluir-se que aquele gramático se pautara pelo exemplo de Leão, tanto mais que reproduz um exemplo presente na obra de 1576: “Item, quando se allega algũ Autor: v.g. Bemaventurada será a republica, (dizia Plataõ) na qual ou os Reys filosofem, ou os Filósofos reynem.” (Bento Pereira, 1666: 18). No entanto, poderá ter havido intervenção do impressor na solução adoptada.

Quadro nº 30 – Uso de parênteses para indicar a fonte ou autoridade invocada

Autores	Contextos e usos de parênteses
Leão (1576)	“Polo qual semelhança (como diz Quintiliano) muitas palauras, em que entraua .d. screuião os antigos per .t. como: Alexãter, Cassantra [...]” (<i>Op. cit.</i> , 5r)
Leão (1606)	“nenhũa se alõgou tanto de sua terra natural, como a naçaõ Portuguesa, pois sendo do vltimo occidente, & derradeira parte do mundo, onde (como Plinio diz) os elemētos da terra, agoa, aar , fazem sua demarcação [...]” (<i>Op. cit.</i> , 137)
Patón (1614)	“Cratino (segun dice Suydas) afirmó que la pronunciaciõ desta letra se tomò del balido de la oueja, y assi se aura de pronũciar Bee.” (<i>Op. cit.</i> , 15r)
Pereira (1666)	“Aos quays respondeo acertada, & elegantemente Quintiliano .lib. 12. cap. 11. <i>Non possumus (diz elle) esse tam graciles: simus fortiores: subtilitate vincimu: valeamus pondere.</i> ” (<i>Op. cit.</i> , 66-67)
Barreto (1671)	“Entre os latinos, nenhuma palavra (segundo Quintiliano) tẽ na ultima acento agudo, ou circunflexo;” (<i>Op. cit.</i> , 204)

Saliente-se que nas obras em apreço não são registados outros usos além dos prescritos pelos autores.

8. Unidades pontuacionais secundárias

Analisadas as ocorrências dos *pontemas* pertencentes ao núcleo duro do sistema pontuacional seiscentista, importa tecer alguns comentários sobre as unidades pontuacionais secundárias, pertencentes quer à pontuação de texto, quer à de palavra.

A prescrição de um *pontema* equivalente às aspas actuais – o *meo circulo* (Leão, Vera e Bento Pereira) ou *antigrafo* (Barreto) –, referido na doutrina de Pérez de Nájera como “medios circulos” e na de Dávila como “comas”, depois do qual se devia usar maiúscula, acaba por se não concretizar na prática pontuacional das obras analisadas. Na verdade, os gramáticos portugueses não apresentam nenhum exemplo que comprove

o uso do *pontema*. Deste modo, à exceção das de Pérez de Nájera e de Correas²²⁶, a solução usada em todas as obras, como forma de dar destaque aos vocábulos e de transcrever citações é a letra cursiva. Como os autores não lhe fazem referência no âmbito da sua doutrina pontuacional, a justificação para este uso poderá recair nos impressores. Estes poderão ter seguido uma prática comum no século XVII, visto que os caracteres cursivos²²⁷, necessários a esse tipo de escrita, estavam em grande expansão. O próprio Palafox y Mendonza corrobora esta ideia ao afirmar “ [...] excluyo por mi parecer, comunmente hablando la *Grifa*, y la *Antigua Gotica*, y aũ la *Italiana*, porque no cierra bien las letras, y dificulta la inteligencia de las palabras [...]. La mas clara es la *Redonda*, y assi se vsa por esto en las impresiones [...]” (Palafox y Mendoza, 1679: 13). De resto, o itálico ou letra cursiva, invenção de Aldo Manúcio, apenas não é usada nas obras de Leão (1576) e de Correas (1630); nas obras de Pérez de Nájera (1604) e de Jiménez Patón (1614), usa-se nos títulos dos tratados e dos capítulos; o texto completo de Vera (1631) surge em itálico, à exceção dos títulos dos tratados. Na obra de Dávila (1631), a ele se recorre em mais situações: nas citações de autores consagrados; antes da apresentação da lista dos *pontemas* (*Destas notas consta su diferencia*), e para destacar certas palavras. Na obra de Bento Pereira (1666), aparece nos títulos das regras, nos exemplos em latim e nas designações secundárias dos *pontemas*; na obra de Barreto (1671), além de diferenciar os exemplos e o discurso relatado, o itálico ocorre no título dos capítulos. Por fim, na obra de Palafox y Mendoza (1679), usa-se no título dos capítulos, nos exemplos e para destacar palavras.

Das outras unidades presentes nos sistemas pontuacionais portugueses e espanhóis, a saber, os *apices*, a *divisão*, a *desunião* e o hífen, apenas a segunda é usada em todas as obras como marca da translineação, verificando-se, contudo, situações em que a mesma unidade é omitida.

Relativamente às unidades pontuacionais que integram unicamente os sistemas pontuacionais portugueses – o *paragrapho*, o *asterisco*, o *obelisco*, a *brachia*, o *angulo* ou *meta* e a *falta* –, estas não são utilizadas nas obras analisadas. É curioso constatar que essas unidades deixaram de integrar o(s) sistema(s) pontuacional(is) actualmente

²²⁶ Pérez de Nájera não recorre a citações, o que poderá explicar-se pela natureza da sua obra, estruturada em forma de diálogo entre “dos niños”, nem dá destaque a certos vocábulos. Na obra de Correas, as citações ocorrem após o uso de dois pontos e são iniciadas por maiúscula (cf. 1630: 6 e 14). Na primeira obra de Leão, as ideias bebidas em outros autores são inseridas no corpo do texto, juntamente com a referência do autor entre parênteses. No entanto, recorre-se ao itálico para destacar vocábulos apresentados em francês, grego ou latim.

²²⁷ Os principais tipos de letra em uso no período considerado são a gótica (essencialmente no mundo alemão), a humanística redonda e a itálica ou Aldina.

em vigor, tendo desaparecido por completo (*desunião, angulo, brachia, obelisco e falta*). Somente o asterisco se manteve, não reunindo contudo o consenso acerca do facto de poder ser considerado ou não um *pontema*.

Enquanto unidade pontuacional, o *apóstrofo* integra os sistemas pontuacionais dos autores espanhóis, enquanto os autores portugueses lhe fazem referência, mas não o arrolam explicitamente nos seus sistemas pontuacionais. Contudo, não é usado nas obras estudadas. Importa salientar que este *pontema*, considerado como tal por Nina Catach, diferenciando-se como “marca da palavra”, não encontrou lugar na ortografia das línguas peninsulares.

9. A prática pontuacional de Nunes de Leão: a *Ortografia* (1576) e a *Origem* (1606)

Impressa na oficina de João de Barreira em 1576, a *Ortografia da Lingoa Portugueza* dedica algumas das suas páginas à pontuação, como se viu, ao contrário da *Origem da Lingoa Portugueza*, saída dos prelos de Pedro Craesbeeck em 1606.

A análise das duas obras de Leão põe de manifesto algumas divergências na sua prática pontuacional. A explicação poderá residir em uma das duas hipóteses seguintes: em primeiro lugar, as diferenças poderão ser imputadas aos impressores das obras; em segundo lugar, poderá ter havido uma “evolução” do pensamento nunesiano quanto à prática pontuacional, que terá reflexo na obra seiscentista. A primeira suposição parece mais pertinente, visto que as principais modificações se prendem com o uso do ponto e vírgula, considerado pelo gramático uma “inuêção de pouca vtilidade, & desnecessaria, & que eu não imitaria” (Leão, 1576: 76r). Outras pequenas divergências foram identificadas: a letra cursiva é usada na primeira obra nunesiana para destacar palavras em outra língua, enquanto na *Origem* se usa quer nos “títulos” dos capítulos quer no título da própria obra e na transcrição do discurso relatado. Os dois pontos marcam a oposição de ideias na obra seiscentista, função não confirmada na *Ortografia*, onde, por sua vez, apresentam valores não reconhecidos na *Origem* – introdução do discurso directo e do discurso relatado. Na segunda obra de Nunes de Leão, há duas soluções diferentes: a citação ou é integrada no texto em discurso indirecto, com referência à fonte, ou é transcrita em itálico e antecedida de ponto “anunciador”. Ora este último aspecto vem rebater a segunda hipótese proposta como explicação para as divergências na prática pontuacional das obras, pois este valor do ponto data do século XV, não sendo, por isso, atribuível a uma “evolução” do pensamento do gramático português. No

entanto, as semelhanças entre a prática pontuacional presente na *Ortografia* e na *Origem* são muitas, pois, embora se possam imputar algumas particularidades pontuacionais aos impressores, estes não podiam ignorar completamente a prática pontuacional dos escritores das obras. Deste modo, em *Leão* a vírgula é usada nos mesmos contextos, assim como os parênteses, os dois pontos (não obstante as divergências acima expostas), o ponto e o ponto de interrogação.

10. *Ortografia Kastellana Nueva, i Perfeta*, de Correas: obra inovadora no campo pontuacional?

Pues ke kosa mas igual á buen diskurso ke tener kada letra valor propio, sin andar unas de otras mendigando sonidos, kon ke totalmente se prohíbe la confusión, ke ói se konoze en el castellano [...]

Karta al Maestro Gonzalo Correas

Observando a prática pontuacional da *Ortografia Kastellana*, conclui-se que esta não se desvia de outras obras analisadas, em que os *pontemas* são usados nos mesmos contextos: o ponto delimita os “títulos”, a frase ou o período; a vírgula, unidade pontuacional mais frequente, é usada não só para separar os elementos que desempenham a mesma função sintáctica ou os elementos de uma enumeração como também para separar orações introduzidas por conjunções coordenativas (“i”, “ni”, “mas”, “pues”, “ò”) ou subordinativas (“kuando”, “komo”, “porke”, “para”, “ke”), por pronome relativo (“ke”) e por gerúndio; os dois pontos marcam oposição de ideias, separam orações e anunciam uma explicação, um exemplo ou uma citação; os parênteses introduzem a voz do sujeito de enunciação; o ponto de interrogação delimita frases interrogativas; e o hífen é usado na translineação. Contudo, a letra cursiva, tão em voga nesta época, não tem lugar na obra de Correas, nem os parênteses que introduzem a referência à autoridade citada.

Conclui-se, assim, que a “revolução” ortográfica proposta por Correas, ao romper com a tradição alfabética, não se reflecte nem na doutrina nem na prática pontuacional patentes na *Ortografia Kastellana Nueva, i Perfeta*. Esta ideia é corroborada pelo facto de o ortógrafo recorrer a termos de origem grega para nomear os *pontemas*: “stigmé”, para o ponto; “kolon” ou “mienbro”, para os dois pontos e “diástole”, para uma espécie de vírgula separadora de vocábulos. Ao contrário do impressor da obra de Jiménez Patón, que usa o ponto e vírgula à revelia do ortógrafo,

Jacinto Tabernier, impressor da obra de Correias, respeita as inovações ortográficas e as propostas pontuacionais do autor, desdenhando uma tradição posta à disposição dos impressores, à qual estes recorriam no momento de compor a pontuação dos textos a imprimir, desprezando frequentemente, como se viu, as orientações dos autores das obras. A explicação para a inexistência de “revolução” no domínio pontuacional pode ser encontrada no facto de a pontuação ser bastante mais recente que a escrita, tendo sido vista, durante muito tempo, como uma menor parte da ortografia, datando do século XV as primeiras tentativas de normalização, já que antes desta época “pré-imprensa” era usada heterogeneamente pelos copistas e escribas.

SÍNTESE CONCLUSIVA

O presente trabalho procurou demonstrar que a doutrina pontuacional veiculada pelas gramáticas e ortografias escritas na Península Ibérica, no século XVII, decorria da conjugação de factores diversos. Em primeiro lugar, é indubitável que ainda é tributária da herança greco-latina, transmitida às gramáticas vernaculares pelas obras medievais como as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, constituindo a doutrina isidoriana uma Autoridade para os gramáticos de línguas vernáculas, em Quinhentos e em Seiscentos. À “influência” de Santo Isidoro junta-se a acção dos Humanistas, cujo papel foi preponderante na introdução e na generalização de novas unidades pontuacionais, como os parênteses curvos, o ponto de exclamação, a vírgula curva e o ponto e vírgula, sendo que este último *pontema* resultava da procura de maior distinção entre os elementos constitutivos das “sentenças”, bem como do papel preponderante da Imprensa e da sua função standardizadora, conforme se viu no capítulo I (2.2.). Como os impressos exigiam uma maior regularidade, tanto ortográfica como formal, a pontuação era submetida à configuração da mancha tipográfica. Além disso, os impressores exerceram uma acção simplificadora e inibidora ao restringirem a multiplicidade de *pontemas* sugeridos pelos gramáticos e ortógrafos, tal como se viu no capítulo II (2.1.), e, de modo geral, ao longo deste trabalho.

Que a tradição clássica estava ainda presente em Seiscentos é o que se conclui no ponto 1. do capítulo III, consoante indica a própria tradução de autores clássicos, de que é exemplo o espanhol Dávila: “Del escribir bien el saber es el principio i la fuente” (*Rectè scribendi scire est, & principium & fons*: Horácio, *apud* Dávila, 1631: 17v). Concordam todos os autores do período em apreço quanto à necessidade de um bom domínio da pontuação para a clarificação do sentido do texto, motivo por que certos erros ou a simples ausência de pontuação podem torná-lo ininteligível. Em conformidade com essa mesma tradição clássica e com a prática e função social da leitura em voz alta, a pontuação tinha, ainda no século XVII, uma função pausal, ao permitir que o leitor respirasse nas pausas assinaladas pelas unidades pontuacionais. No entanto, detecta-se já uma contradição entre o critério apontado nas definições de pontuação – o pausal ou respiratório – e os critérios sintáctico-semânticos, apontados na descrição dos usos específicos das unidades pontuacionais, como se pode comprovar nos quadros apresentados em anexo. Esta contradição permite concluir que estaria em fase de conclusão uma série de mudanças quer nos hábitos de leitura, quer na concepção da natureza e funcionalidade da pontuação, iniciada dois séculos antes. Tal como se confirmou no ponto 2.1. do capítulo I, é neste período que surge uma nova concepção

de leitura, silenciosa e intelectualizada, à qual não foi alheia a expansão da imprensa e consequente difusão dos livros impressos, acelerando o processo de individualização da leitura.

No ponto 1.1. do capítulo III, julga-se ter provado a estreita relação entre a pontuação, a sintaxe e a retórica tanto nos próprios conceitos como na terminologia aduzidos pelos gramáticos, a saber: “período”, “comma”, “membro”, “colon perfeito”, “inciso”. Se a doutrina é clara e consensual quanto ao uso dos *pontemas* delimitadores do “período” e das “sentenças” completas – ponto final e maiúscula de frase –, e das partes menores das frases ou períodos – vírgula –, o mesmo não ocorre com o uso dos *pontemas* separadores sem função de encerramento, vale dizer, os dois pontos e o ponto e vírgula. Na doutrina pontuacional seiscentista abundam as dificuldades de sistematização e a concorrência funcional no âmbito da pontuação média.

Quanto à questão central deste trabalho – a de saber se, em Seiscentos, existia mais do que um sistema pontuacional na Península Ibérica –, a julgar pela variedade numérica no elenco das unidades pontuacionais identificadas pelos autores portugueses e pelos espanhóis, concluir-se-á que existiam dois sistemas diferentes à disposição dos impressores. Se os gramáticos portugueses integram nas suas listas quer os *pontemas* descendentes das antigas *distinctiones* greco-latinas e dos *positurae* ou sinais de pontuação de Santo Isidoro de Sevilha, quer algumas unidades com origem nas *notae sententiarum* e nos sinais de acentuação do filósofo medieval, já os seus congéneres espanhóis reduzem os inventários aos *pontemas* pertencentes ao nível da pontuação de frase, aos quais são acrescentadas unidades situadas ao nível da pontuação de palavra. No discurso metaortográfico de Seiscentos, além das divergências em termos de função, vale a pena salientar igualmente as relativas à denominação geral das unidades pontuacionais: “pontos”, “sinaes” e “notas”. Além destes, encontram-se também, com menor expressão na doutrina e no discurso dos autores, os termos “figuras”, “clausulas” e “divisiones”. Na esteira da tradição clássica, os autores adoptam ainda o trinómio descritivo das unidades pontuacionais: “figura” (significante gráfico), “nomen” (denominação) e “potestas” (valor) na descrição das unidades pontuacionais. A falta de homogeneidade doutrinal manifesta-se igualmente na terminologia, visto que as mesmas unidades pontuacionais apresentam uma variedade de denominações, consoante se mostra no quadro nº2. Mas fica demonstrado, ainda, que é a partir do século XVII que se generalizam as denominações modernas dos principais *pontemas*: vírgula (“coma” em espanhol), dois pontos, ponto, ponto e vírgula. À semelhança da

heterogeneidade terminológica, é curioso verificar que há variedade de “figura” ou representação gráfica de certos *pontemas*, em conformidade com os dados contidos no quadro antes referido. Em correlação com estas variações está a variedade de *potestas* ou valor de certos *pontemas*, sobretudo do ponto, dos dois pontos, do ponto e vírgula, da vírgula e dos parênteses (cf. Capítulos III, IV).

Como salientado acima (III, 2. e 2.1.), o estreito vínculo da pontuação à sintaxe conduz à constituição de um núcleo duro ou central dentro do(s) sistema(s) pontuacional(ais), composto pelos *pontemas* com função separadora e delimitadora da frase e dos seus constituintes – ponto, vírgula, dois pontos, ponto e vírgula, capital (maiúscula de frase), ponto de interrogação e ponto de exclamação – e por um *pontema* duplo pertencente à denominada pontuação sequencial (parênteses). Sobretudo no corpus português, parece evidente que os autores organizam as unidades em subsistemas dependentes daquelas ideias. O núcleo pontuacional principal reparte-se por um ou dois subsistemas tidos como mais importantes pelos gramáticos ou ortógrafos. Embora os espanhóis não distribuam explicitamente as unidades por diferentes subsistemas, a sua ordenação no âmbito dos inventários propostos aponta para a constituição desse núcleo duro, encabeçado pela pontuação de frase.

Pertencente à pontuação de texto, o parágrafo é a única unidade pontuacional que suscita dúvidas quanto à inserção no subsistema principal dos autores portugueses, facto que pode ser explicado pela importância desta unidade na pontuação medieval. Conquanto os primeiros impressos reproduzissem o caldeirão, esta unidade pontuacional depressa foi abandonada no texto impresso, sendo substituída por um espaço em branco, meio menos económico mas mais distintivo da separação temática. Um núcleo secundário é composto pelas unidades pertencentes à pontuação de palavra – ápicos, hífen, “divisão”, “brachia”, apóstrofo, diástole, “rasguillo” e “syllaba longa” – e pelas unidades próprias da pontuação de texto – “meo circulo”, asterisco, obelisco, ângulo, falta.

Que o sistema pontuacional seiscentista era herdeiro do sistema herdado da tradição clássica (manuscrita) torna-se claro quando se lêem as descrições de alguns dos *pontemas* secundários acima arrolados – hífen, “divisão”, diástole, asterisco, obelisco, ângulo, falta –, presentes nas doutrinas dos gramáticos seiscentistas, em especial nas dos portugueses. Esta “rede de influências”, cujo início se situa nos Autores clássicos e perpassa por Santo Isidoro de Sevilha, vê-se corroborada no facto de os gramáticos portugueses de Seiscentos reconhecerem, directa ou indirectamente, como “mestre”

Nunes de Leão, o qual, por sua vez, faz alusão aos Antigos. Mas também entre os espanhóis são estabelecidas ligações, explícitas ou implícitas, entre os gramáticos seiscentistas e os seus “mestres” António de Nebrija e López de Velasco. A obra deste último, impressa em 1582, exerceu uma influência directa sobre as doutrinas dos gramáticos posteriores, quer no tocante ao inventário das unidades pontuacionais e dos seus usos, quer no plano das ideias sobre as funções da pontuação, como ficou patente no capítulo II, 1. Ao afirmar que, na escrita castelhana, “son menester menos puntos, que en otras lenguas, por ser natural, y seguida de la contextura y orden de las palabras” (1582: 288), López de Velasco parece justificar o menor número de unidades contempladas nos sistemas pontuacionais arrolados pelos gramáticos espanhóis, em contraste com o maior número de sistemas dos gramáticos portugueses.

Da análise feita no capítulo IV poder-se-á depreender que os *pontemas* mais usados nos textos metaortográficos portugueses e castelhanos, cuja natureza normativa ou prescritiva poderá ter condicionado o uso dos tradicionais sinais de pontuação, integram o núcleo principal do sistema pontuacional seiscentista: a vírgula, os dois pontos, o ponto e o parêntesis. Mais do que a critérios pausais, o uso da *vírgula*, *pontema* com maior número de ocorrências nas obras do *corpus*, obedece claramente a critérios sintáctico-semânticos, separando e ligando os elementos de uma enumeração ou os vocábulos com a mesma função sintáctica, as frases ou orações com o mesmo sujeito, delimitando incisos e frases coordenadas e subordinadas, a fim de cumprir o objectivo primordial da pontuação: evitar a ambiguidade e clarificar o sentido do texto. Quanto aos *dois pontos*, este *pontema* usa-se sobretudo para introduzir explicações, mas também para anunciar o discurso directo. Prescrito nas doutrinas de Leão e Bento Pereira, este uso é praticado nas duas obras de Leão, Bento Pereira e Palafox y Mendonza. Embora a função de introduzir exemplos não seja identificada na teoria pontuacional seiscentista, este uso regista-se nas obras de Leão, Correias, Vera, Bento Pereira e Palafox y Mendonza. Os dois pontos introduzem igualmente o discurso relatado, começando progressivamente a substituir o *ponto* (simples) em tal função. O emprego do chamado *ponto final* obedece a um critério semântico, ao assinalar a completude significativa da frase e do período, mas também a um critério sintáctico, visto circunscrever essas mesmas unidades sintácticas. É usado ainda nos textos analisados para delimitar os títulos (das obras, dos capítulos, “tractados”, “apartados” ou “regras”), revelando que, na época em apreço, estes são tidos por unidades significativas completas. Apesar de os gramáticos não prescreverem o ponto

“anunciador”, este *pontema* é usado com essa função, bem como na introdução de citações, mantendo-se assim uma das suas funções identificadas no século XV. Na prática pontuacional seiscentista, o ponto integra ainda a pontuação de palavra, após a numeração árabe e romana, as abreviaturas ou a letra citada. O uso do *parêntesis* generaliza-se neste período, facto comprovado na prática pontuacional das obras de natureza teórica, nas quais este *pontema* duplo permite introduzir a voz do sujeito de enunciação. Pontema duplo, o *parêntesis* é usado também para inserir informações complementares e referências às Autoridades, tal como ficou patente na obra de Barreto.

Muito esporádico até ao século XVII, o *ponto e vírgula* converte-se, de forma paulatina, num *pontema* dotado de um valor particular, sendo usado essencialmente para separar sequências introduzidas por conjunções como *mas*, *pois*, *porque*, que expressam no texto conteúdos característicos (“contraposição”, “explicação”, “oposição”).

O uso das unidades pontuacionais que compõem o núcleo secundário do sistema pontuacional não se concretiza nos textos analisados, à excepção da “divisão” ou hífen, usado para marcar a translineação. Contudo, o uso desta unidade pontuacional depende das configurações tipográficas, pois não raro é desprezada por razões de economia de espaço.

Conforme se salientava nos capítulos I, 2.2., e II, 1.1., nos quais se tratou das relações entre imprensa e pontuação, também parece ficar provada a evidente intervenção dos impressores nos textos que faziam sair dos prelos, tanto mais que os autores muitas vezes não tinham acesso à revisão. Deste modo, registaram-se discrepâncias entre a teoria pontuacional prescrita tanto por gramáticos como por ortógrafos e a efectiva prática pontuacional presentes nos seus próprios impressos. Certas considerações isoladas no conjunto da doutrina pontuacional são registadas em todas as obras, sendo disso exemplo o uso de *vírgula* antes da conjunção copulativa *e* e da conjunção disjuntiva *ou* (apenas explicitada nas doutrinas de Dávila e Palafox y Mendonza; Jiménez Patón e Vera preceituam o uso geral de *vírgula* antes de qualquer conjunção); o uso de *vírgula* antes do pronome relativo *que* (preceituado por Jiménez Patón, Vera, Bento Pereira e Barreto), independentemente de este introduzir uma oração adjectiva restritiva ou explicativa; e o uso de *parêntesis* para inserir a voz da enunciação (prescrito por Leão e Barreto). No entanto, as maiores divergências ocorrem no uso de certos *pontemas* em contextos não prescritos por nenhum gramático, quer português, quer espanhol, facto que aponta explicitamente para a existência de um sistema pontuacional transnacional, à disposição dos impressores, que a ele recorriam, em

função dos meios técnicos disponíveis, em vez de se pautarem pela pontuação dos autores, como testemunham o uso de *vírgula* na circunscrição de frases coordenadas (adversativas, copulativas, disjuntivas e mesmo conclusivas) e de frases subordinadas (integrantes, finais, temporais, comparativas e causais); o uso de *dois pontos* para introduzir uma explicação; e o recurso à *letra cursiva* ou *itálico* para realçar no enunciado o discurso directo, a citação ou qualquer outro texto encaixado, permitindo o diálogo entre textos. Ausente da teoria pontuacional seiscentista, a letra cursiva (itálico), que fora inventada por impressores italianos e se tornara moda a meados de Quinhentos não parece ser imputável aos gramáticos mas aos impressores das obras gramaticais. Tal como se expôs no ponto 8. do capítulo IV, o *itálico* está presente em todas as obras, à excepção das de Pérez de Nájera e de Correas, para dar destaque aos vocábulos e para transcrever citações, visto que os caracteres cursivos, necessários a esse tipo de escrita, estavam em grande expansão, devido à elegância da invenção aldina. A autoridade dos impressores em matéria pontuacional parece ser superior à dos próprios gramáticos cujos textos fazem sair dos seus prelos: por exemplo, a prescrição do uso de vírgula depois de conjunção por Vera e Bento Pereira não é tomada em consideração pelos seus impressores. A presença de *ponto e vírgula* nas obras de Leão e Jiménez Patón corrobora esta supremacia do impressor no momento da impressão, visto que, como mencionado no capítulo III (3.4. e 4.3.), o ortógrafo português faz referência a este *pontema* como distintivo da escrita de alguns autores, considerando-o desnecessário, ao passo que o espanhol nem sequer alude a tal unidade.

De tudo quanto foi exposto acima, se conclui que, não obstante terem de seguir as ideias gerais dos autores, os impressores, ao comporem a pontuação dos textos, regiam-se por um código pontuacional transnacional, diferente dos sistemas pontuacionais em uso em Portugal e em Espanha. Não se pode esquecer que os primeiros impressores da Península Ibérica eram de nacionalidade alemã ou francesa e que, no século XVI, os tipógrafos especializados se deslocavam de oficina em oficina, fornecendo os seus serviços, como salientado no capítulo II (2.1.). Ora estes factos apontam de forma clara para as estreitas ligações entre as casas de impressão ibéricas e as europeias (francesas, italianas, entre outras). Destas últimas, algumas eram dirigidas por impressores que haviam criado, simultaneamente, sinais próprios. Já se referiu acima que a *letra cursiva*, invenção de Aldo Manúcio, o Jovem, obteve grande fortuna entre os impressores ibéricos, em conformidade com o espírito da época. Outros impressores exerceram também uma influência directa sobre as obras dos gramáticos

seiscentistas. Por exemplo, na senda de Étienne Dolet e do seu tratado *La punctuation de la langue françoise* (1540), no sistema pontuacional prescrito por Nunes de Leão e nos sistemas pontuacionais dos gramáticos seiscentistas do *corpus* em apreço descreve-se um novo *pontema*, o “meo circulo” (esboço das aspas actuais), para adição de qualquer texto dentro de outro texto. Dávila é o único gramático espanhol a referir explicitamente o uso do *pontema* em algumas impressões, embora defenda que o discurso relatado deva ser sublinhado. A partir deste exemplo, será legítimo concluir que a doutrina pontuacional portuguesa é, em certos aspectos, mais “avançada” que a espanhola? A resposta à questão poderá ser afirmativa, uma vez que o uso das aspas, tal como hoje se pratica, generalizar-se-á apenas no século XVIII. Contudo, não deixa de ser verdade que, no momento de imprimir os textos, os impressores seiscentistas optavam pela *letra cursiva*.

Por último, sublinhe-se que, aquando da composição dos textos, os impressores ibéricos de Seiscentos se regiam por um sistema que, mais do que exclusivo da sua oficina, seria transnacional, o qual incorporava os progressos das práticas impressórias dos Humanistas. Que os gramáticos e ortógrafos eram conscientes de que o texto impresso passou a funcionar como modelo da própria escrita de mão é o que poderá concluir-se das palavras do espanhol Palafox y Mendoza:

“Qualquiera que escriba, como comunmente se imprime, y determinare sus dudas por lo que vè impresso, es bastantemente aliñado en lo que escribe. Porque en las impresiones es donde se tiene la mayor practica, porque las asisten, y corrigen las personas doctas que imprimen alli sus obras, y claro està que por la mayor parte son los mas eruditos de los Reynos. [...] por lo impresso se vè la forma que se ha de tener al escribir en lo manuscrito, assi quanto a las partes, distinciones, y puntos, y la igualdad, y forma de las letras grandes [...]” (Palafox y Mendoza, 1679: 70-71)

Mas os gramáticos, ainda amparados ideologicamente na herança greco-latina e numa tradição manuscrita multissecular, apesar das novidades da arte impressória, do ponto de vista doutrinal parecem presos a um conjunto de “ideias universais” a respeito da pontuação e das suas funções, ideias cuja circulação foi assegurada, no século XVII, pela imprensa portuguesa e espanhola, intimamente ligadas não só por razões de ordem técnica como também por razões de ordem histórica. Como acima se constatou (I, 2.2.), a maior prática da imprensa na escrita em geral e, por conseguinte, na pontuação é atestada pelos próprios gramáticos:

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Activa

BARRETO, João Franco (1671): *Ortografia da lingua Portugueza*. Lisboa: Na Oficina de João da Costa.

BARROS, João de (1971 [1540]): *Gramática da Língua Portuguesa*, reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DÁVILA, Nicolás (1631): *Compendio de la Ortografia Castellana*. Madrid: En la oficina de Francisco Martinez.

JIMÉNEZ PATÓN, Bartolomé (1614): *Epítome de la ortografia latina y castellana. Instituciones de la Gramatica española*. Baeza: Pedro de la Cuesta.

CORREAS, Gonzalo (1971 [1630]): *Ortografia kastellana, nueva i perfecta*. Salamanca: Espasa Calpe.

LEÃO, Duarte Nunes de (1983): *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

_____ (1576): *Ortographia da lingoa portvgvesa: obra vtil & necessaria, assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol, como Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem. Item hum tractado das clausulas / pelo Licenciado Duarte Nunez de Lião* (versão digital consultada em www.bn.pt). Lisboa: por João da Barreira.

_____ (1606): *Origem da lingoa portugueza*. (versão digital consultada em www.bn.pt). Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

[LOPEZ DE VELASCO, Juan] (1582): *Ortographia y Promunciacion Castellana*. Burgos: s. impr.

MÁRTINEZ ALCALDE, María José comp. (1999): *Textos Clásicos sobre la Historia de la Ortografia Castellana* [CD-ROM]. Colección Clásicos Tavera, vol. 10, Serie VIII (Lingüística y antecedentes literarios de la Península Ibérica).

NEBRIJA, Antonio (1992 [1735]): *Reglas de Ortografia en la lengua castellana Nebrija V Centenario* (eds. Antonio Roldán Pérez e Abraham Esteve Serrano). Murcia: Universidad de Murcia.

OLIVEIRA, Fernão de (2000 [1536]): *Gramática da linguagem portuguesa*, edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Tores e Carlos Assunção com estudo introdutório do Prof. Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

_____ (1988 [1536]): *Gramática da Linguagem Portuguesa*, ed. fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional.

PALAFIX Y MENDOZA, Juan (1679): *Breve Tratado de escribir bien, y de la perfecta Orthographia*. Zaragoza: Por los Herederos de Diego Dormer.

PEREIRA, Bento (1666): *Regras gerais, breves e comprehensivas da melhor Orthografia com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina. & Portugueza, Para se ajuntar à Prosódia, Ordenadas pelo Author della o P. D. Bento Pereyra da Companhia de Jesus, Qualificador do S. Officio; Aprovadas por Varões peritissimos em huma & outra língua. Dividemse em tres partes: a primeira he das regras commuas à lingua Latina, & Portugueza. A segunda he das tocantes só à Latina. A terceyra he das tocantes só á Portugueza*. Lisboa: Por Domingos Carneiro.

PEREZ DE NAJERA, Francisco (1604): *Orthographia castellana dividida en primera, y segunda parte a modo de Dialogo entre dos niños de la escuela. Para que vayan copiando con su mano, y tomandola de memoria juntamente, porque con este exercicio se hallen, quando salgan de la escuela, enseñados en la cosa de mas importancia que tiene el escrever*. Valladolid: Por Luys Sanchez.

VERA, Álvaro Ferreira de (1631): *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua Portugueza. Com hum trattato de memoria artificial, outro da muita semelhança, que tem a lingua Portuguesa com a Latina*. Lisboa: Mathias Rodrigues.

Bibliografia Passiva:

ALARCOS LLORACH, Emilio (1984): *Gramática Estructural*. Madrid: Ed. Gredos.

ALCINA FRANCH, J. y BLECUA, José Manuel (1994): *Gramática Española*. Barcelona: Ariel.

ANIS, Jacques (1988): *L'écriture: théories et descriptions*. Col. Prismes - Problématique 10. Bruxelles: Editions Universitaires / De Boeck.

ANSELMO, Artur (1981): *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: INCM.

_____ (1997): *Estudos de História do Livro*. Lisboa: Guimarães Editores.

_____ (2002): *Livros e mentalidades*. Lisboa: Guimarães Editores.

BALMER, Werner (1989): "Quelques problèmes méthodologiques dans l'historiographie de la linguistique romane". In *Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et Philosophie Romanes*, T.VII. Tübingen: Max Nuemeyer Verlag, pp 4-10.

BEAUZÉE, Nicolas (1767): *Grammaire générale ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues*. (2 vols.). Col. Grammatica Universalis. Stuttgart- Bad Cannstatt: Friedrich Fromman Verlag.

BESSONAT, Daniel (1991): "Enseigner la ... «ponctuation» ? (!)". In *Pratiques*, n° 70. Metz, pp. 9-45.

BLECUA, José Manuel; GUTIÉRREZ, Juan; SALA, Lidia (Eds.) (1998): *Estudios de Grafemática en el dominio hispano*. Salamanca: Ediciones Universidad.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1971): *João de Barros, Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras.

_____ (1978): *Gramáticos Portugueses do século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

_____ (1983): *Babel ou a Ruptura do Signo – A Gramática e os Gramáticos Portugueses do Século XVI*. Lisboa: INCM.

BURIDANT, Claude (1980): "Le strument et ses rapports avec la ponctuation dans quelques manuscrits médiévaux. In *Théories linguistiques et Traditions grammaticales* (préparé para Anne-Marie Dessaux-Berthonneau)". Lille: Presses Universitaires de Lille, pp 13-15.

CAMARA JR, J. Mattoso (1997): *Dicionário de Linguística e Gramática* (18ªed.). Petrópolis: Ed. Vozes.

CANAVEIRA, Rui (2002): *Dicionário de Tipógrafos e Litógrafos famosos*. Lisboa: Focom XXI, Lda.

CANO, Rafael (2004): *Historia de la lengua española*. Barcelona: Ariel.

CATACH, Nina (1977-79): *La Ponctuation. Recherches historiques et actuelles* (Actes de Colloque), 2 vols. Paris-Besançon: Publications du CNRS.

_____ (1986): "The graphem: its position and its degree of autonomy with respect to the system of the language". In *New Trends in Graphemics and Ortography*. Berlím: Gruyter, pp. 1-10.

_____ (1988): "Retour aux sources". In *Traverses 43 – Le génie de la ponctuation*. Paris: Centre Georges Pompidou, pp. 33-47.

_____ (1991) : "La ponctuation et l'aquisition de la langue écrite". In *Pratiques*, n° 70, pp. 49-59. Metz.

_____ (1994): *La Ponctuation*. Col. "Que sais-je?". Paris: PUF.

- CORROMINAS, J., PASCUAL, J.A. (1989): *Diccionario Critico Etimologico Castellano e Hispánico*, 7 vols. (vol. IV). Madrid: Gredos.
- CUNHA, António Geraldo da (1989): *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley (2002): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DEFAYS, Jean-Marc; ROSIER, Laurence e TILKIN, Françoise (eds) (1997) : “À qui appartient la ponctuation ?” in *Actes du colloque international et interdisciplinaire de Liège*. Bruxelas: Ed. Duculot.
- DESBORDES, Françoise (1990): *Idées Romaines sur l'Écriture*. Lille: Presses Universitaires.
- DESLANDES, Venâncio (1988): *Documentos para a história da tipografia portuguesa nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- DRILLON, Jacques (1991): *Traité de la Ponctuation Française*. Paris: Gallimard.
- ESTEVE SERRANO, Abraham (1982): *Estudios de teoria ortográfica del español*. Murcia: Publicaciones del Departamento de Lingüística General e Crítica Literaria de la Universidad de Murcia.
- FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean (2000): *O aparecimento do livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FURTADO, José Afonso (1995): *O Livro*. Lisboa: Difusão Cultural.
- GONÇALVES, Maria Filomena (1992): *Madureira Feijó / Ortografista do Século XVIII / Para uma História da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: ICAPL.
- _____ (2003): *As Ideias Ortográficas em Portugal. De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.
- HIGOUNET, Charles (1986 [1955]): *L'Écriture*. Col. “Que sais-je?”. Paris: PUF.
- JEAN, Georges (1987): *L'Écriture. Mémoires des Hommes*. Paris: Gallimard.
- KOERNER, E. F. Konrad (1996): “Problemas persistentes de la historiografía lingüística”. In *Analecta Malacitana (Revista de la Sección de Filología de la Facultad de Filosofía y Letras)*, XIX, 1. Málaga: Universidad de Málaga, pp. 41-66.
- KOERT, Manfred (1986): “The term ‘grapheme’ in the history and theory of linguistics”. In *New Trends in Graphemics and Orthography*. Berlim: Gruyter, pp. 80-96.
- LAPESA, Rafael (1995): *Historia de la Lengua Española*, col. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos

- LAUSBERG, Heinrich (1982): *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LÁZARO CARRETER, Fernando (1987): *Diccionario de Términos Filológicos*. Madrid: Ed. Gredos.
- MACHADO, José Pedro (1977): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.
- MANGUEL, Alberto (1998): *Uma História da Leitura*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARIN, Louis (1988): “Punctuation, étym. Lat. PUNCTUM”. In *Traverses 43 – Le génie de la ponctuation*. Paris: Centre Georges Pompidou, pp. 19-28.
- MARQUILHAS, Rita (1991): *Norma Gráfica Setecentista – Do Autógrafo ao Impresso*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa).
- _____ (2000): *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- MARTÍNEZ MARÍN, Juan (1994): “La estandarización de la puntuación en español: siglos XV-XVII”. In *Actas del Congreso Internacional de Historiografía Lingüística, Nebrija V Centenário*, vol. III. (Eds. R. Escavy, M. Hdez. Terrés, A. Roldán). Murcia: Universidad de Murcia, pp. 437-450.
- MATTOSO, José (dir.) (1993 / 1994): *História de Portugal*, 8 vols. (vol. IV; vol. VIII). Lisboa: Círculo de Leitores.
- MORAIS, José (1994): *L'Art de Lire*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- MOSTERÍN, Jesus (1993): *Teoría de la escritura*. Barcelona: Icaria.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1989): *Guia Alfabético de Pontuação*. Porto: Clássica Editora.
- NUNBERG, G. (1990): *The Linguistics of Punctuation*. Stanford: Centre for the Study of Language and Information / Stanford University.
- ORTEGA, Inés, DOMÍNGUEZ, Antonio (1983): *Diccionario de Lingüística*. Madrid: Alianza Editorial.
- PACHECO, José (s/d): *A divina arte negra e o livro português – séculos XV e XVI*. Lisboa: Veja.
- PEIXOTO, Jorge (1966): “História do livro impresso em Portugal” in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*. Anos X-XII – Janeiro - Dezembro, nºs 37-48.
- PILLORGET, Suzanne (1981): *Apogeu e Declínio das Sociedades de Ordens 1610-1787* (História Universal, vol. 9). Lisboa: Dom Quixote.

PIZARROSO QUINTERO, Alejandro (1996): *História da Imprensa*. Lisboa: Planeta Editora.

POLO, José (1974): *Ortografía y ciencia del lenguaje*. Madrid: Paraninfo.

PORTO-BOMPIANI, González (1963 /1964): *Diccionario de Autores*, tomos II, III (4 vols.). Barcelona: Montaner y Simón, S.A.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1990): *Diccionario de Autoridades*, (Ed. Facsímil), tomo III (3 vols.). Madrid: Ed. Gredos.

ROSA, Maria Carlota Amaral Paixão (1994): *Pontuação e Sintaxe em impressos renascentistas* (Tese de Doutoramento em Linguística), 2 vols. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTIAGO, Ramón (1998): “Apuntes para la historia de la puntuación en los siglos XVI y XVII”. In *Estudios de Grafemática en el dominio hispano*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 243-280.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar (1987): *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1986): *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.

SEVILLA, San Isidoro de (1993): *Etimologias*, vol. II (Edição bilingüe preparada por José Oroz Reta y Manuel-A Marcos Casquero; introd. geral por Manuel C. Díaz y Díaz). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

SILVA, Inês Maria Lopes (2005): *Contributos para o ensino da escrita. A materialidade da escrita em textos de alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Asa.

SILVA, Inocêncio F. (1973) [1859]: *Dicionário Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VILAR, Pierre (1992): *História de Espanha*. Lisboa: Livros Horizonte.

VILELA, Mário (1995): *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.

VINDEL, Francisco (1943): *Manual de conocimientos tecnicos y culturales para profesionales del libro*. Madrid: Instituto Nacional del libro español.

Sítios na Internet

ALATORRE, Antonio (PDF): “El apogeo del castellano”.

Disponível em: <http://www.ciudadseua.com/textos/otros/apogeo.html>

[consulta em 16-05-05].

CAMARA, Tania M. N. de Lima (PDF): “Pontuação: operador de textualidade”.

Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/cadernos05-17.html>

[consulta em 15-05-05].

DÍAS NOCI, Javier (PDF): “El oficio de periodista en el siglo XVII: gaceteros, impresores y comerciantes”. Disponible em <http://www.ehu.es/diaz-noci/Arts/A34>. [consulta em 06-02-06].

FIGUERAS, Carolina (PDF) (1999): “Puntuación y conectores causales”. In: *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.

Disponível em: http://www.ucm.es/info/especulo/numero13/punt_cc.html

[consulta em: 13-06-06]

MARTÍNEZ DE SOUSA, José (PDF) (1998): “La puntuación”. Disponível em:

<http://www.acta.es/index.asp?inc=MFssub&MFscat=07&MFsdbid=116>

[consulta em 12-05-05]

ROCHA, Iúta Lerche Vieira (PDF) (1995): “O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva”. Disponível em:

<file://A:\DELTA%20Documentação%20de%20Estudos%20em%20Linguística%20T>

[consulta em 11-06-04]

SEBASTIÁN MEDIAVILLA, Fidel (PDF) (2000): *La Puntuación en el Siglo de Oro: Teoría y Práctica* (Tesis Doctoral). Departamento de Filología Española.

Disponível em: http://www.tdx.cesca.es/TESIS_UAB/AVAILABLE/TDX

[consulta em: 12-05-05]

www.arqnet.pt/diccionario/francobarretoj.html: “João Franco Barreto” [consulta em 12-06-04]

www.critica.com.pa/archivo/visiones/velasco.html: “Juan Lopez de Velasco” [consulta em 10-10-05]

www.premiocristobaldevillalon.com: “Cristóbal de Villalón” [consulta em 10-10-05]

ÍNDICE REMISSIVO

- abreviatura 18,21,99
admiracion / admiração 38,41,42,43,44,45, 49,57,59-64,68
admiratif 27
admirativo 56,57,59,62
admirazion 60
aforismo 56,57
alínea 24
ângulo 56,58-61,72,80,119,126
antigrapho 56,58,61,70,118
antyphe 58,61,73
ápices 38,56,58,59,61,70,72,80,119,126
artigo apartado 56,57
apóstrofo / apostropho 18,21,24,30,38,57-60,62,73,119,126
aspas 18,20,24,60,70,120,130
asterisco 22,24,30,56,58,59,61,71,80,119,126
atadura 38,72
- brachia 30,57-59,61,72,80,119,126
branco 18,20,21,23,25
- caldeirão 27,33-35,126
cessura / cesura 33,35,58,60
chave 24
chavetas 18,20-21
cimalhas 57,58,70
circuito (ponto) 57,60
colchetes 18,20-21,24
cólon (dois pontos) 37,48,52,60,62,65
cólon (ponto) 23,27,31,32,34,33,52,53,56,57,66
cólon imperfeito 56,57,60,61,63,67,101
cólon perfeito 52,56,57,60,61,63,65
colum 31,36
colun (dois pontos) 42
coma y punto 56,57,60,63,67,112
comma (dois pontos) 27,31,32,34-36,53,56,57,65,67,76,104
comma / coma (vírgula) 28,37,38,55-57,59-64,81,83,85,125
critério:
- pausal 51,65,74,80,98,127
- sintáctico 48,98,99,101,127
- sintáctico-semântico 32,53,65,74,76,77,80,99,124,127
- desunião 57,58,61,73,80,1119
diástole 22,30,57,58,60,73,121,126
dieresis 38,56,58-60,62,70
diplè 30,70
distinctiones 25,61,125
divisão / division 27,57-61,72,80,1119,126,1128
dois pontos / dos puntos 18-20,24,28,52-54,56,57,60,61,63,65,76,80,96,98,99,101-110,120,121,125-127,129
enciso 57
- falta 57,58,61,72,73,80,119,126
figura 22,57-58,68,72,99,100,104,125
função 17,19,-21,23,28,31,42,59-68,70-74,76,77,80,83,85,98-101,104,106,108-112,114,116,120,124-125,128,130
-função delimitadora/organizadora 20,21,38,48,60,63,66,77,98,99,105,126
-função gramatical / sintáctica 19,121,127
- função lógico-gramatical 16,17,23,48
- função pausal 38,48,61,124,
-função prosódico-entoacional 17,19,22,61,100
- função semântico-estilística 19,22,38
- geminatio puncti* [:] 28
grafema 13-17
- hera 35
hífen / hyphen 18,21,23,24,30,57-61,71,72,80,119,121,126,128
hipodiástole 58,61,73
hupokolon 56,57,60,67
- inciso (dois pontos) 60,62
inciso / incisio (vírgula) 56,57,60,64
interrogação / interrogacion 56,57,60-64,67
interrogandi notae 14
interrogant 27
interrogante 31,36,38,56,57,59,62,67,100
interrogativo 35,56,57,59,62,68
interrogativus 26
itálico 18,21,103,119,120,129
- kolon 57,60,67,121
koma 57,60,67
- maiúscula 9,20,21,25,32,34,53,70,104,105,108,118,125-126
medio punto / meio ponto [,] 37,38,56,57,64
meio círculo 56,58,59,61,70,80,118,126,130
medio punto/meio ponto [:] 53,56,57,59,63,65
miembro / miembro 52,57,59,60,62,121
modalidade 18,20,21,98
- níveis / ordens de pontuação 18
nomen 57,58,125
normalização 24,26,40,42,122
notae 15,56
notae sententiarum 30,56,70,71,125
notas 47,60,63,119,125
núcleo principal / duro 14,18,61,74,80,99,118,126-127
núcleo secundário 18,80,126,128
- obelisco 56,58,59,61,80,119,126

parágrafo / paragrapho / parrapho 24,30,36,56,57,59-61,63,64,69,80,99,119,126
 parênteses/parenthesis 18,20,21,24,26,28,31,33,35,36,38,54,56,57,59-63,77,80,85,99,114-118,121,124,126-128
 período [;] 31-33,37
 período [.] 56,57,60,61,63,66
 plano extra-alfabético 15
 pleremas 14
 polivalência 17,20,64,65,98,109
 pontemas 14,17,22-23, 25,27,30,37,38,42,49,51,53,57,58,60-74,76,77,80,85,88,92,93,98-101,104-106,108,109,111,113,114,116,118-121,124-130
 potestas (valor) 58,125-126
 ponto(final)/punto 17,18,20,23,24,28,36,51,53,55-57,60-63,66-68,80,120,121,125-127
 - ponto redondo 37,56,57,61,64,66
 - ponto entero 38,50,56,57,59,62,66
 p. de exclamação 18,20,24,26,31,55,68,80,100,109,124,126
 p.de interrogação 17,18,20,24,31,32,55,67,68,80,100,109,121,126
 ponto e vírgula / ponto e coma 18,20,24,26,28,37,53,56,57,60,61,64,66,76,77,80,95,96,99,101,103,107,109-114,120,121,124-126,128-129
 “pontos” 15,25,47,50,62,63,67,101,125
 pontos condutores 24
 pontuação de frase 18,38,56,64,125-126
 pontuação de palavra 53,56,57,59,63,71,80,125-126,128
 pont. de texto 56,57,59,63,71,73,80,118,126
 pontuação forte 22
 pontuação fraca 20,22,34
 pontuação geral / construtiva 17-18,20
 pontuação média 20,22,125
 pontuação sequencial 18,20
 pontuado 17
 pontuante 17
 prosodiae 22,71,72,73
 positurae 15,30,56,64,125
 punctum interrogativus 27
 punctum semicirculo junctum 28

 rasquillo 57,58,60,62,126
 reticências 18,20,24

scriptio continua 22,25
semeia 22
 semicolon [;] 26
 semipunctum [.] 28
 sentenças contrárias 59,62,101
 sinaes / sinais 42,47,61,63,125
 sinal admirativo / sinal de admiracion 38,56,57,61,68
 sinal interrogativo 42, 48-49,61,67
 sistema dos 3 pontos 22,23,30
 stigmatai 22
 stigmé [.] 56,57,60,66,121
 sublinhado 18,21,24
 syllaba longa 58,61,126
 syneresis 58,60,73

 topogramas 14
 travessão 18,20,23,24,30

 (sinal de) união 57,58,61,71,73
unicum punctum 28

 vírgula 18-20,24,26-28,31,32,33,35,55-57,61,63-65,67,74,80-98,101,109,116,120,121,124-128
 - vírgula / ponto suspensivo 25,32,33,36,37
 - vírgula para el acento 58,60

Anexos

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadros	Títulos dos quadros	Página
n.º 1	Definição de “Pontuação” dos gramáticos portugueses	142
n.º 2	Definição de “Pontuação” dos gramáticos castelhanos	143
n.º 3	Descrição de <i>vírgula</i> no <i>corpus</i> português	144
n.º 4	Descrição de <i>vírgula</i> no <i>corpus</i> castelhano	145
n.º 5	Descrição de <i>dois pontos</i> no <i>corpus</i> português	146
n.º 6	Descrição de <i>dois pontos</i> no <i>corpus</i> castelhano	147
n.º 7	Descrição de <i>ponto</i> (final) no <i>corpus</i> português	148
n.º 8	Descrição de <i>ponto</i> (final) no <i>corpus</i> castelhano	149
n.º 9	Descrição de <i>ponto e vírgula</i> no <i>corpus</i> português	150
n.º 10	Descrição de <i>ponto e vírgula</i> no <i>corpus</i> castelhano	151
n.º 11	Descrição de <i>ponto de interrogação</i> e de <i>ponto de exclamação</i> no <i>corpus</i> português	152
n.º 12	Descrição de <i>ponto de interrogação</i> no <i>corpus</i> castelhano	153
n.º 13	Descrição de <i>ponto de exclamação</i> no <i>corpus</i> castelhano	154
n.º 14	Descrição de <i>parêntesis</i> no <i>corpus</i> português	155
n.º 15	Descrição de <i>parêntesis</i> no <i>corpus</i> castelhano	156
n.º 16	Descrição de “ <i>meos círculos</i> ” e de <i>ápices</i> no <i>corpus</i> português	157
n.º 17	Descrição de “ <i>hyphen</i> ” e de “ <i>desunião</i> ” no <i>corpus</i> português	158
n.º 18	Descrição de <i>asterisco</i> e de <i>obelisco</i> no <i>corpus</i> português	159
n.º 19	Descrição de “ <i>brachia</i> ” e de “ <i>divisão</i> ” no <i>corpus</i> português	160
n.º 20	Descrição de <i>ângulo</i> no <i>corpus</i> português	161
n.º 21	Descrição dos <i>pontemas</i> secundários no <i>corpus</i> castelhano	162-164

Quadro 1: Definição de “Pontuação” dos gramáticos portugueses

<p>Leão (1576)</p>	<p>Vera (1631)</p>	<p>Bento Pereira (1666)</p>	<p>Barreto (1671)</p>
<p><i>No processo da oração, ou practica, que fazemos, naturalmente usamos de hũas distinções de pausas e silencio, assi para o que ouve entender, e conceber o que se diz, como para o que falla, tomar spirito e vigor, para pronunciar. E assi he da mesma maneira, quãdo screvemos. Porque como a scriptura he hũa representação do que fallamos, para se tirar a cõfusão, do que queremos dar a entender, e para saber onde começamos e acabamos as clausulas, usamos de pontos, como de hũas balisas e marcos, que dividão as sentenças, e os membros de cada clausula. E he tam importante o apontar a scriptura, que muitas vezes se ignora o verdadeiro sentido della, por falta ou erro dos pontos. Item serve para cõceber na memoria, o que se lee. Porque os spaços ou balisas fazem parecer o caminho mais pequeno, e ser mais facil, e o que não stá dividido, he mais comprido, e enfadonho. E os pontos que neste tempo se usão, no partir e dividir as clausulas, assi na scriptura de mão, como na stampada...</i></p>	<p><i>Assi como no processo da pração, ou practica, que fazemos, naturalmente usamos de hũas distinções de pausas, e silencio, assi para o que ouve entender, e conceber o que se diz, como para o que falla tomar espiritu, e vigor para mais dizer: assi da mesma maneira usamos, quando escrevemos. Porque como a scrittura he hũa representação do que fallamos, para nos darmos a entender nella, usamos de pontos, como de balisas, que dividão as sentenças, e os membros de cada clausula. Porque com aquelles certos sinaes tiramos, e distinguimos a muita confusão, que costuma aver no que escrevemos sem aquelles sinaes. Os quaes ordinariamente são sete, em que se divide a clausula, ou perihodo, a saber...</i></p>	<p>(Não apresenta nenhuma definição inicial.)</p>	<p><i>Necessário he para a boa pronunciaçã, e darmos a entender o que dizemos, como també para tomar fôlego, espirito, e vigor, fazer ẽ o processo da oraçã, ou practica, assi fallando, como escrevendo, algumas pausas, as quaes ẽ a escritura assinalamos cõ diferentes figuras, porque cada uma dellas tẽ também diferente officio: e he tã importante, que por falta dellas, se ignora muytas vezes o verdadeyro sentido: como acerca da pontuaçã, se conhece deste verso Latino, que certo Letrado deyxou, como por testamento, ẽ a porta de sua livraria. (...) O qual cõ dous pontos antes, ou despoys de nulli, faz tã contraria sentença, como qualquer que souber pouco Latim, poderá entender, experimentandoo. Servem també estas clausulas, balisas, ou marcos, para melhor se conseber o que se le; e servem como de imagens, e figuras para a memoria, segundo as regras, que para a artificial se dão. São poys tres as principaes, ...</i></p>

Quadro 2: Definição de “Pontuação” dos gramáticos castelhanos

Nájera (1604)	Patón (1614)	Correas (1630)	Dávila (1631)	Palafox (1679)
<p>P. (...) la distincion y apartamiento de las partes, dezidme agora de quantos pūctos, y divisiones usa nuestra escriptura Española. (La puntuación) sirve, y tiene fin a tres cosas. La primera, a apartar los miēbros de la oracion dudosos. La segunda, a señalar los lugares donde el haliento, y voz hablando, o leyendo haze pausa. Y la tercera para distinguir las clausulas, partes, y miēbros dellas. Con la incision, o coma las menudas, y pequeñas, donde si se cortasse la oracion, quedaria imperfecta, y suspensa. Con el colon, o dos puntos que llaman medio pūto, se dividen los miembros mas principales, dōde se quiere dar a entender, que la razō passa adelante. Y con el sinal, o periodo que llaman punto entero, donde la razon, o clausula se cerrare.</p>	<p>Clausula, ò Periodo se dice una raçon perfeta, y acabada la qual tiene necessidad de dividirse en partes menores, para que descanse, y haga pausa el que raçona. Dividese comúnmente en seys partes.</p>	<p>Para claridad de la oración se dividen las razones kon puntos, ke denotan los espazios de la habla, i letura, por particulares oraciones...</p>	<p>La segunda parte de la buena Ortografia es la buena apuntaciō, i esta supone yà capacidad, pues se ha de entender bien la razon para apūtarla, i q equivoco puede aver enlo escrito para evitarlo; q para lo cōfuso se inventò la distincion. (...) el que quisiere escribir cō buena division, ha de entender quantos sentidos puede tener la razon de su discurso, para aplicarla a su intento, com la diferēcia del apūtarla; porque un mismo periodo se pude hazer que diga dos razones opuestas, cō solo variar las virgulas, ò puntos, q colocados en sus lugares detienen, ò dexã correr lo rodado de sus clausulas en la numerosa oracion hasta el punto, donde descansan la razon, i el oyente. Destos preceptos consta la buena apuntuacion; i es de tãta utilidad su observancia, que el q la supiere, no solo escribira con perfeta puntualidad, sino q leera tan facil, i comprehensivo, q llevarà atento i gustoso al oyēte, paseándole por lo numeroso de sus clausulas i periodos, como dueño de su inteligencia: ya de prisa: ya de espacio: ya deteniendose menos en la menor distincion, i en la mayor mas tiempo; ya descansando en el punto: ya preguntando: ya admirandose, alçãdo algo la voz: ya de passo por los parentesis: ya juntando brevemente la parte que le quedò à la voz para el siguiente renglon: ya haciendo en las palabras formales alguna diferencia. De todas estas consta la oracion, para que deleite, i enseñe, ò haga capaz el oyente; cuyo animo solicitaron benevolo tantas advertencias.</p>	<p>Como quiera que las palabras explican los afectos, tienen tambien en la escriptura señales, que las manifiestan.</p> <p>Todos los puntos, pues, y caracteres, que forman la buena Ortographia, son estos (...)</p>

Quadro 3: Descrição de vírgula no corpus português

<p>Leão (1576)</p>	<p>Vera (1631)</p>	<p>Bento Pereira (1666)</p>	<p>Barreto (1671)</p>
<p>(...) a <i>virgula</i> se põe, e faz distinção, quando ainda não stá dicto tal cousa, que dee sentido cheo, mas soamente descansa para dizer mais.</p> <p>(...) a <i>virgula</i> se põe para distinguir, não soamente hũa oração da outra, mas ainda para distinguir hũas dições de outras. Porque se põe despos nomes adjectivos, quando cõcorrem muitos em hum mesmo caso, como aqui: Devida cousa he ao prñcipe ser humano, liberal, justo, prudente, e constante. Item se põe entre substantivos, como aqui: As virtudes são quatro, fortaleza, justiça, temperança, prudencia. Item se põe despois de adjectivo junto a substantivo assi: Homem de grade coração, de singular prudencia, e de diligencia estremada. Item se põe entre adverbios puros, sem outra cousa, como elle o fez galantemente, valerosamente, e diligentemente. Item se põe despos verbos simplezes, sem algum caso que rejão, como aqui: Pecquei em comer, em beber, em rijr, em escarnecer. E o mais cõmumēte, despos verbos, que regem casos, que he oração perfecta e acabada, como servir a Deos, amar o proximo, lembrar da morte.</p>	<p>Esta varinha, se diz <i>Virgula</i>, <i>Coma</i>, <i>Incisio</i>, <i>Meio ponto</i>. Della usamos para destinação do escrito, e respiração do que lee: porque nella descança para dizer mais. Põese antes de conjunção, e relativo, e despois de cada verbo com seus casos, que he no fim de cada oração.</p> <p>Põese tambem despos nomes adjectivos, quando concorrem muitos em hum mesmo caso, como aqui: O que quizer ser verdadeiramente nobre, ha de ser virtuoso, prudente, liberal, e constante.</p> <p>Tambem se põe entre substantivos, como: As virtudes são quatro, Prudencia, Justiça, Temperança, e Fortaleza. E põese outro si despos verbos simplezes sem algum caso, que rejão, como se vê neste exemplo: Pequei imaginando, fallando, obrando. O mais commum he (como fica dicto) despois de cada verbo com seus casos, distinguindo hũa oração da outra.</p>	<p>Desta varinha curta, que nesta forma pomos, e chamamos <i>virgula</i>, por outro nome, <i>Incisio</i>, e meyo ponto, usamos para distinguir o escrito, e respirar quando lemos: porque nella descançamos para dizer mays.</p> <p>O mais commum, e ordinario uso da <i>virgula</i>, he depoy do verbo cõ sesu casos, a saber no fim de cada oraçam: v.g. <i>Qui amat Deum, amat proximum. Quem ama a Deos, ama ao proximo.</i></p> <p>Poemse depois da conjunção, antes de relativo: v.g. <i>Ille verè est prudens, e sapiens, qui ex totó corde Deum colit. Aquelle he verdadeiramente prudente, e sabio, que de todo seu coraçam honra a Deos.</i></p> <p>Tambem se põem depoy de nomes adjectivos, quando em hum mesmo caso concorrem muytos: v.g. <i>Qui voluerit esse verè nobilis, esse debet probus, prudens, constans, liberalis. Quem quizer ser verdadeiramente nobre, deve ser bom, prudente, cõstante, liberal. O mesmo lugar tem entre varios substantivos: v.g. Virtutes morales sunt quatuor, Prudentia, Justiça, Temperantia, Fortitudo. As virtudes morais saõ quatro, Prudencia, Justiça, Temperança, Fortaleza. Tambem depoy de verbos simpleses sem caso: v.g. Peccavi cogitando, loquendo, operando. Pequey cuydando, fallando, obrando.</i></p>	<p>A <i>virgula</i>, que tambem se chama <i>coma</i>, <i>inciso</i>, e meyo ponto, he uma varinha, ou risquinha torta nesta forma ,</p> <p>(...) a <i>virgula</i>, ou <i>coma</i> se poem, para distincã, quando ainda nã está dito tanto, que baste para o sètido, mas descança, para dizer mays. O mays comũ, e ordinario he porse depoy do verbo cõ seus casos exemplo; <i>Quem ama a Deos, ama ao proximo. Tambẽ depoy de conjunçã, antes de relativo, como; A ruim arvore se chega, e arrima, o que se estriba na Fortuna. Poemse tambẽ depoy de nomes adjectivos, quando concorrem muytos e ù caso; como. Deo sinal a trombeta Castelhana / Horrendo, fero, ingente, e temeroso.</i></p> <p>O mesmo lugar tẽ entre nomes substantivos, como. <i>Tres males há, o mar, o fogo, a mulher.</i></p>

Quadro 4: Descrição de vírgula no corpus castelhano

Nájera (1604)	Patón (1614)	Correas (1630)	Dávila (1631)	Palafox (1679)
<p><i>Coma, Distincion, o Incision quiere decir cortadura pequeña, porque distingue unas cosas menudas de otras, como, hirió, robó, mató, y hizo otras semejantes insolencias. Tiene esta forma, para que el que lee, y escribe distingán las partes de la clausula, y allí el que lee, se detenga algun tanto para dos cosas: para tomar haliento, y principalmēte para dar a entender el lo que lee, como Antonio, y Ivan despues que vinieron han leydo, y bolvieronse porque tardavas.. Tambien sirve entre nombres sinonómos que significan una mesma cosa, como es hombre simple, peccador, torpe y perdido. Y être miēbros semejantes quando caē algunos juntos, y sin palabra copulativa. como es hombre Christiano, ocupado siempre en hazer limosna, dar buenos cōsejos, hazer amistades.</i></p>	<p><i>La primera (seys partes) es Inciso, que tãbien se llama coma, ò medio pũto, que es un medio circulo como este, ò zerilla assi, cõ la qual partimos la clausula en seys partes mas menudas. Ponense estas algunas vezes antes del relativo, y mas en lo Castellano en diciones que se atan con conjunciones, y aun sin ellas depuse de cada verbo, de cada substantivo, adjetivo, a adverbio. Donde por zeuma Silecsis, ó por otra figura hacen, que se multiplique el numero de oraciones. De suerte que quantas oraciones ubiere, abra Comas, ò Incisos.</i></p>	<p><i>La koma, ó kortadura, es una linea entre dizones kasi komo media luna buelta para atrás, mas gruesa ke la apostrofe: I ponese en lo baxo de la linea, i sirve para distinguir i dividir palavras, i oraciones: es desta forma,</i></p>	<p><i>El enciso, ò coma siempre se pone al fin de cualquiera oracion, ò sea de verbo activo, como; Yo amo a Dios: Pedro me enseña a mi: ò sea de verbo neutro, como: Me huelgo, me deleito; i lo mismo de pasiva, como: Soi conocido, soi descubierto. Siempre que la i, es copulativa, se pone coma antes della. v.g. Pedro, i Iuan, i Francisco. Quando la ò, es disyuntiva, tãbien se pone coma. v.g. quando digo. O la calamidad de los tiēpos, ò nuestra poca diligencia, ò nuestros pecados nos hã traido a este estado. Quando en una misma oracion pongo muchos acusativos, los he de dividir con la coma. v.g. Amo tu prudencia, tu cordura, tu virtud, i humildad; porq̃ el mismo verbo se repite tácitamente en todos los acusativos, i hago con el muchas oraciones, i lo mismo en los demas casos de singular, ò plural.</i></p>	<p><i>La coma, se pone para distincion del periodo, mirando mas a lo que necesita en las partes, q̃ en el concepto. Ordinariamente se ha de poner, quando dentro del mismo periodo, no se haze diferencia en el concepto, sino en la significacion de las palabras, como si dixesemos. Nobilissima es la Bondad Divina, en su origen, en sus causas, en sus efectos, y digna de ser para siempre alabada, y adorada.</i></p>

Quadro 5: Descrição de dois pontos no corpus português

Leão (1576)	Vera (1631)	Bento Pereira (1666)	Barreto (1671)
<p><i>O comma se põe sempre em sentença suspensa, e não acabada, como nos exemplos acima dictos. Itẽ se põe, quãdo na practica que fazemos, referimos palavras d'outrem, como aqui: Sam Paulo diz: fee sem obras he morta. E Platão diz: Os homẽes não nascerão para si soos. Item usamos do comma quando convertemos as palavras em alguem, como naquellas palavras: Direi a Deos: Não me condeneis: Mostraime como me julgaes assi.</i></p>	<p><i>De dous pontos (a que se diz Colon perfeito) usamos, quãdo temos cheia a sentença, sem ficar mais, que dizer. Polo que se chama Colon perfeito, que quer dizer Membro: porque elle he parte do periodo, que he a clausula, ou materia acabada. Assi que he diferente de ponto, e virgula, que deixa suspenso o sentido (por não estar ditto tanto, que baste) até ouvir a particula indeclinavel, ou relativa, que se segue. Usamos tambem de dous pontos quando na pratica, que fazemos, referimos palavras de outrem, como: Boecio diz: Nenhũa cousa ha nesta vida, a qual não falte, ou sobeje algũa cousa, com que de todo não fica perfeita. Dizia hum discreto estas palavras: Tres cousas desejo a meu inimigo, que lhe hão de parecer boas: que jogue, em que ganhe: que peça, em que lhe dem: que demande, em que vença.</i></p>	<p><i>Quanto a dous pontos a que chamamos colon perfectum, id este membro perfeyto, entam usa delle, quando temos chea a sentença sem ficar mais que dizer. E assim a razaõ de se chamar mēbro perfeyto, he por ser parte do periodo, o qual, como corpo he clausula, ou materia particular acabada. Pelo que bem se deyx a differença que tem este membro perfeyto do imperfeyto, a saber ponto, e virgula, o qual deyx suspenso o sentido por não estar ditto quanto baste, até se ouvir a parte da sentença que se segue. Usamos tambem de dous pontos, quando allegamos palavra de outro: v.g. Dicebat Horatius: Nihil est ab omni parte beatum. Dizia Horácio: Nenhuma cousa he de todo perfeyta. Do mesmo modo quando prometemos dizer alguma cousa: v.g. Direy ao que me amaldiçoar: Huyve como lobo: mas não me morda como cam.</i></p>	<p><i>Colon perfeyto, usaremos quando temos cheya a sentença, mas nã acabado o periodo; e parece que o animo do que ouve fica suspenso, esperando outra cousa mays, que depende do que está dito, como; O medo da ley nã encobre a maldade, mas tira o atrevimento a licença. As cousas Christans, desde o principio tẽ as leys e os Profetas: e nas cousas novas tẽ os Evangelhos, e as Epistolas Apostolicas. O claro sangue de outrem nã te faz nobre, se tu o nã tens. Tambẽ usamos de dous pontos, quando na pratica que fazemos referimos palavras de outrem, como; Diz S. Agostinho; Ignorancia he blasfemar das cousas nã entendidas. Aristóteles diz: Melhor he ser pobre que ignorante. As quaes palavras começam sempre por letra grande.</i></p>

Quadro 6: Descrição de dois pontos no corpus castelhano

Nájera (1604)	Patón (1614)	Correas (1630)	Dávila (1631)	Palafox (1679)
<p><i>Medio punto, a quien el Griego llama colon, o colun, que quiere decir, parte o miẽbro principal, porque en el se haze la division que se pone para mediar las clausulas, y dividir los miembros mas principales dellas. Y quando el sentido de la clausula no esta entero, sino que pende de lo dicho alguna otra parte della. Tiene esta forma : y algunas vezes tambiẽ tiene esta ; (que es la de las sentencias contrarias) como se llevamos cõ gusto las cosas que nos sucedẽ al sabor de nuestro paladar: havemos tambien de llevar cõ pecho valeroso las adversas q nos son contrarios.</i></p>	<p><i>Miembro, ò Colon es un punto sobre otro de esta manera : con el qual se dividen los principales miembros de la Clausula: quando parece que la oracion se â acababo, mas el animo del que oye queda suspenso esperando otra cosa: que depende de lo dicho.</i></p>	<p><i>El ðolon, ó miembro, se eskrive kon dos puntos uno enzima de otro: i sirve para la media cláusula, kuando está sentido i razón cumplida, i después se añade algo demas cumplimiento, otro, ú otros miembros, kon ke se akaba de llenar la cláusula i periodo.</i></p>	<p><i>De los dos pũtos usamos, quãdo parece que descãsa la razon, pero no el discurso, como: Mucha guerra nos hazen el vicio, i sus deleites; poco resiste nuestra virtud: Dios nos socorra en tantos males. Tambien se ponen dos puntos antes de las palabras formales, que citamos, como divinamente dixo Seneca enestas palabras: No es pobre el que poco tiene, sino el que mucho desea, porque aquel puede estar contento, y este no.</i></p>	<p>O pontema não é descrito.</p>

Quadro 7: Descrição de ponto (final) no corpus português

<p>Leão (1576)</p>	<p>Vera (1631)</p>	<p>Bento Pereira (1666)</p>	<p>Barreto (1671)</p>
<p><i>O colon e periodo tudo se assinala com hum pôto, e nisso há pouco que dizer, pois são pontos, q se põem no fim da sentença acabada, ou da clausula toda, em que não há que errar.</i> <i>De maneira, que hũ coma pode cõprender muitas virgulas, e hum colon muitos comas, e hũ periodo muitos colos, desta maneira: O Emperador conhecẽdo, quam melhor he viver em paz, q andar em guerra, fez concertos com elRei de França: e para confirmar estes concertos, se virão em Niça: da qual vista ficarão reconciliados, e os povos mui cõtentes. Agora se spera por a resolução do que se assentou. Prazerá a Deos, será para quietação do povo Christão. Isto se chama período, onde vai a clausula, e materia toda acabada, incluindo tres membros, que são tres sentenças, que vão distinctas com o ponto final, que he o colon.</i></p>	<p><i>Ponto final se põe no fim da razão, ou sentença, quando está de todo concluida, e não deixa suspenso o sentido. Assi que tem pouco que dizer, pois fecha sentença perfeita, que se diz Período, Circulo, Clausula: Depois delle sempre se começa com letra capital.</i></p>	<p><i>Pomos ponto final no fim da sentença, ou razam, quando está de todo perfeyta, e concluida, e nam deyxá o entendimento suspenso: pelo que sempre se deve pôr, quando se fecha perfeytamente aquella sentença, que chamamos periodo, circulo, clausula, depois da qual (como dissemos na regra I.) sempre poremos letra grande.</i></p>	<p><i>Ponto final se poem na conclusa de alguma sentença, ou oraçã quando o que dizemos, e a razã, que damos, está de todo cõcluida e acabada: no que nã ha que errar e assi são, usados os exemplos: màs he de saber, que sempre despoys de ponto, se hade escrever letra grande.</i> <i>He tambẽ de considerar, que ã colon perfeyto, ou imperfeyto, pôde comprender muytas virgulas, e o ponto final muytos comas, e colos, como; (...) E isto he o que se chama periodo onde vay a clausula, e materia toda acabada, incluindo seys membros, ou sentenças distinctas per suas virgulas, colos, e rematadas cõ ponto final.</i></p>

Quadro 8: Descrição de ponto (final) no corpus castelhano

Nájera (1604)	Patón (1614)	Correas (1630)	Dávila (1631)	Palafox (1679)
<p><i>Punto entero a quien el Griego llama periodo, que quiere decir final. Y el Latino circuito, porque acaba la sentencia de la oracion, y tras el se sigue luego otra clausula, debe ponerse quando el sentido de la clausula se acaba del todo, como, Hizo Clodio tantas insolencias, que no solo fue dañoso con su persona, y ejemplo a la Republica, sino fue causa que otros hiciesen lo mesmo y le fuesen sucesores en la maldad.</i></p>	<p><i>Punto, ó Periodo, ó circuyto es un punto redondo, que se pone, quando se acaba la raçon, ò sentencia, y no aguarda otra cosa, ni para el regimiento, y perfeccion de la oracion, ni para el sentido della. Antiguamente (como consta de las impresiones muy antiguas) no avia otro orden en la puntuacion, mas de que cada oracion la señalaban con dos puntos uno sobre otro, desta suerte: assi que servian de lo que oy sirven, y de lo que sirven las comas: y en fin de la clausula el punto redondo: mas ahora se ha con otra quenta, aunque en Castellano poco se usa de los dos puntos, lo mas es comas. En Latin por la mayor parte antes de Relativos se an de poner dos puntos.</i></p> <p><i>Notese que puesto el punto redondo en la clausula, que se sigue, se á de comenzar con letra grande (que los Impresores dicen Versal) como tambien al principio del Verso (que de aquí tomó el nombre) y en la primera letra de los nombres propios, y de dinidad, y antonomasia, y da la materia que alguno escribe, como Roma, Ciceron, Cónsul, Apóstol, Ortografia. Lo qual todo consta de las buenas Imprentas. A las quales á de advertir al curioso: porque hacer Catalogo de diciones es no acabar, y trabaxo no muy provechoso.</i></p>	<p><i>La stigmé, ó punto entero es un punto solo rredondo em fin ir rremate del periodo, puesto en lo baxo de la linea.</i></p>	<p><i>Pvnto se pone, quando se acaba el escrito, ò quando acaba una oracion, i comienza otra diferēte, como: El tiempo lo consume todo. Quan dichoso será el que solo atendiere a la eternidad. Nada pueden los siglos en lo inmortal</i></p>	<p>O pontema não é descrito.</p>

Quadro 9: Descrição de ponto e vírgula no corpus português

Leão (1576)	Vera (1631)	Bento Pereira (1666)	Barreto (1671)
<p><i>De outro ponto usão agora algũus modernos, que consta de hum colon, na parte superior, e de hũa virgula na inferior assi ; do qual dizem, q querem usar, onde não stá dicto tanto, que se aja de poer comma, nem tãpouco, que se aja de poer virgula. Mas a meu veer, he invẽção de pouca utilidade, e desnecessaria, e que eu não imitaria. Porque pelos pontos antigos se distingue tudo, e este faz mais torvação, que distinção, que he o fim dos pontos.</i></p>	<p><i>Da virgula e ponto (aquè chamamos Colon, ou Membro imperfeito) usamos, quãdo fecha sentença imperfeita, como se vê neste exemplo: Ignorei no principio; mas hãgora alcanço, que virgula, e ponto se põe entre palavras, e sentenças contrarias; como carregar; descarregar: alegrar; intristecer. Assi que usaremos da virgula e ponto aonde não basta virgula; nem tampouco convêdous pontos: porque delles se usa pela maneira, que logo direi.</i></p>	<p><i>Mayor dificuldade he explicar outra parte da regra, e dar differença entre o uso do ponto, e virgula, e o de dous pontos. Quanto ao uso de ponto e virgula, a que chamamos colon imperfectum, id est membro imperfeyto, entam se dará, quando naõ basta a virgula, nem convenha poremse dous pontos: o que acontece quando fecha sentença imperfeyta: v.g. neste exemplo: Ignoravi olim; sed modo cognosco. Antigamente ignorey; mas agora conheço. E tem lugar entre palavras, e sentenças contrarias: v.g. Multum distant onerare; exonerare; laetari; tristari Muyto distaõ carregar, descarregar; alegrarse; entristecerse.</i></p>	<p><i>O ponto e virgula, que chamamos colon imperfeyto, usamos, quando a virgula nã basta, e os dous pontos sobejam; quero dizer; quando nã está dito tanto, que se haja de por dous pontos, nẽ tã pouco, que se haja de por virgula; mãs he cousa muyto difcil de conhecer; ainda que Duarte Nunez, a chama invençã de pouca utilidade, e desnecessaria, o que elle diz, nã imitaria, sendo tã nimio, ã outras cousas menos importantes. Tẽ lugar entre palavras e sentenças contrarias, como nos siguientes exemplos se pôde notar. Nenhuma cousa he para o omem mays util, que o nacer; e nenhũa melhor, que depressa morrer. A fortuna he de vidro; e por isso quebra. Vejo muytos ricos tesoureyros de suas riquezas; porẽ nã senhores de seu dinheyro. Felicidade se divide ã cinco partes; a primeyra he aconselhar bẽ: a segunda ter vigor, e força ã os sentidos, e ser bẽ compreycionado ã o corpo; a terceyra ser ditoso, ã o que pomos mã, a quarta, estar perto de omens excellentes, assi ã gloria, como ã fama;</i></p>

Quadro 10: Descrição de ponto e vírgula no corpus castelhano

Nájera (1604)	Patón (1614)	Correas (1630)	Dávila (1631)	Palafox (1679)
<p><i>P. Y quando las sentencias son contrarias como se ha de apūtar?</i> <i>R. Deste, y del que esta puesto encima en esta forma ; se usa (quando las palabras, o sentencias son contrarias) como bueno; malo; honesto; deshonesto; sagrado; profano.</i></p>	<p>Não há referênciã a este pontema.</p>	<p><i>El hupokolon es algo menos, ke el kolon: kuando ai duda, si se pondrá koma, ó kolon: i se eskrive kon ambos, kon una koma i un punto enzima; i es poko nezesario.</i></p>	<p><i>La coma i punto es mayor distincion, i se pone quando las oraciones son contrarias, como quãdo digo: ya se viste; ya se desnuda; ya tiene juicio; ya no le tiene.</i> <i>Tambien se usa del, quãdo parece que se haze alguna diferencia en la razõ, como: Aunque es amoroso i blando, no es mui seguro; por esso no le busco.</i> <i>Quando damos la razõ de alguna cosa, tambien se pone coma i punto. v.g. No puedo hazer lo que pides; porque no es justo.</i></p>	<p>O pontema não é descrito.</p>

Quadro 11: Descrição de ponto de interrogação e de ponto de exclamação no corpus português

<p>Leão (1576)</p>	<p>Vera (1631)</p>	<p>Bento Pereira (1666)</p>	<p>Barreto (1671)</p>
<p><i>O primeiro he o interrogante, q se põe no fim da clausula, ou sentença interrogativa quando se pergunta algũa cousa, como nestas palavras: Se vos eu digo verdade, porque me não credes? Qual de vos m'argüirá de peccado?</i></p>	<p><i>Do sinal interrogativo usamos sempre que preguntamos: algũa cousa. O qual he hum s às avessas na parte superior, e hum ponto na inferior assi ? O exemplo he este: Se conheces a tantos, porque te não conheces? Procuras falar cousas remotas, e deixas as que estaõ em ti tam chegadas? E sempre escreveremos letra grande despois deste sinal interrogativo, como se vee nos exemplos.</i></p>	<p><i>Sinal interrogativo he hum s às avessas na parte superior, o qual na parte inferior tem hum ponto nesta forma ? Usamos deste sinal quando preguntamos alguma cousa: v. g. Si tot alios cognoscis, curte ipsum ignoras? Si aliena appetis, cur tua non conservas? Se conheces a tantos, porque a ti mesmo nam sabes? Se desejas o alheyo, porque nam conservas o teu? E sempre depoy de interrogaçam se escreve letra grande como se mostra nos exemplos.</i></p>	<p><i>A interrogaçã, ou sinal interrogativo, que como vemos he ù s, às avessas encima de ù ponto assi ? serve para quando preguntamos alguma cousa, e se poem no fim da clausula, ou sentença, è que fazemos a pergunta, como; Se vos eu digo a verdade, porque me nã credes? Qual de vos me arguira de peccado? Despoys do qual sinal sempre escreveremos letra grande.</i></p>
<p><i>O II. ponto he o admirativo, que quasi se parece na figura cõ o interrogativo, senão que teem a plica direita para cima. O qual se põe no fim da clausula, que pronüciamos cõ algũ espãto, ou indignação, como neste exẽplo: Quãta differença ha de hũ homẽ a outro! Com quã grade trabalho se sustenta a virtude!</i></p>	<p><i>Da nota de admiração usamos no fim da clausula, que pronunciamos com algum espanto, ou indinação. a forma deste sinal he quasi semelhante ao interrogativo, senão que tem em lugar do s huã risca direita assi! Como neste exemplo: Com quanto trabalho se sustenta a virtude! Quãm admirável he vosso nome em toda a terra! E sempre se escreve letra capital despois da admiração, como se vê no exẽplo.</i></p>	<p><i>Sinal admirativo he huma risca direyta sobre hum ponto, nesta forma! Delle usamos para significar espanto, ou indignaçam: v.g. quando fallando com Deos dizemos: Quãm admirabile est nomen tuum in universa terra! E quando fallamos com os Judeos, dizemos: O stulti, e tardi corde ad credendum! Sempre depois de admiraçam, se escreve letra grande.</i></p>	<p><i>O sinal admirativo, que quasi se parece cõ o interrogativo, senã que aquelle he enroscado como cobra, e este direyto, sobre o ponto, usamos pôr tãbẽ no fim da clausula, que pronunciamos cõ algũ espanto, e admiraçã, como; O grandes, e gravissimos perigos! / O caminho da vida nunca certo! Ou quando pronunciamos cõ indinaçã, assi; Como, da gente illustre Portugueza / Ha de aver, quem refute o patrio Marte!</i></p>

Quadro 12: Descrição de ponto de interrogação no corpus castelhano

<p>Nájera (1604)</p>	<p>Patón (1614)</p>	<p>Correas (1630)</p>	<p>Dávila (1631)</p>	<p>Palafox (1679)</p>
<p><i>Interrogante es quando pret, y tiene esta forma ? que es un punto como el del periodo, y sobre el una s, buelta al reves que se pone en fin de cualquiera razon, o parte, o miembro della, que se dize preguntando, como, Soys vos Señor desta posada? Que maldad te movio traydor a que hicieses una tan grande injuria a un hombre tan inocente? no respondes? no hablas? Adonde porque el tono de la voce parece que se levanta preguntado, de que las letras por si no pueden dar noticia, para señal dello se pone el sobredicho punto interrogante después de la ultima palabra que pregunta imitando su figura lo que la voz haze, que es casi lo mismo que admirandose.</i></p> <p><i>P. Y acabase la clausula siempre con este punto?</i></p> <p><i>R. Aunque se pone punto en la interrogacion, no se acaba siēpre clausula como algunos pēsaron, sino unas vezes se acaba, y otras no conforme al entero sentido, o no entero de la mesma oracion donde cae.</i></p>	<p><i>Interrogacion, es un punto, y una essecilla del reves encima del, desta suerte ? De la qual usamos quando preguntamos como de donde vienes?</i></p>	<p><i>La, interrogazion, ó pregunta, es un punto kon una esezilla buelta al rreves enzima: i sirve de mostrar, kuando se pregunta. Ké pides?</i></p>	<p><i>Interrogacion se pone, quando preguntamos alguna cosa. v.g. Por ventura imaginas que estàs de ti seguro? No sabes que tu mayor contrario eres tu mismo? Imaginas que es mas dificultoso vencerte a ti, que a muchos enemigos?</i></p> <p><i>Quando se pone el nombre de la persona con quien hablamos ò a quien preguntamos al principio dela Horacio, se ha de poner coma despues del. v.g. Pedro, quieres dar credito a tu engaño?</i></p>	<p><i>La interrogacion, es otra señal, de que se vsa en la escritura, para explicar los conceptos humanos al preguntar, y se señala con vn punto en la parte inferior del renglon, y vna esse al reves, imperfecta arriba, y siempre se ha de ponerla fin, en esta manera ?</i></p> <p><i>Ponese la interrogacion al fin de la razon, no al principio, sino es quando repara la interrogacion al principio. Ponese al fin, como si dixessemos: Posible es, que no sirvamos à Dios? Al principio: como si dixessemos: Què? ni lo bueno ha de ser bueno, ni lo malo, malo? Entonces la interrogacion se puede poner despues del que, y despues del malo, como se vê arriba.</i></p> <p><i>Otras vezes solo se pone al principio, como quando sucede la respuesta en este exemplo. Porquè? por vna razon muy clara, y evidente, entonces solo, se pone al principio, por aver parado alli la interrogacion.</i></p>

Quadro 13: Descrição de ponto de exclamação no corpus castelhano

Nájera (1604)	Patón (1614)	Correas (1630)	Dávila (1631)	Palafox (1679)
<p><i>La señal de la admiraciõ es como la del interrogante, salvo que difiere en ser derecha. Usase della quando a precedido alguna cosa que puso admiracion, como diziendo, O quan bueno es Dios! y quan flaco es el hombre! o tiempo! o costumbres! o invenciones de Satanás! y con que viene a ser engañada el alma!</i></p>	<p><i>Admiracion es un rasguillo derecho encima de un punto desta suerte / De la qual usamos al fin de la oracion, quando nos maravillamos como diciendo. O que grande es la hermosura de la virtud!</i></p>	<p><i>La admirazion derecha sobre un punto, komo una i buelta para abaxo: i sirve de señalar, kuando nos admiramos. Xesus, ke gran mal!</i></p>	<p><i>La admiraciõ ponemos al fin de la oracion, en ñ nos admiramos, como: ó piedad inmensa de Dios! ó dura obstinacion de nuestras culpas! quan grãde dureza es esta! i quanta misericordia aquella!</i></p>	<p><i>Las aspiraciones, son aquellas en que se exclama con la razon, ó periodo, significando algun afecto interior, como: O Dios mio! O Bondad admirable!</i> <i>En estas aspiraciones suele aver tres diferencias, vnas de admiraciõ, otras de dolor, otras de alegria, explicanla los Latinos con estos tres sentimientos, A! que significa alegria. O! que significa admiracion. Heu! que significa dolor, ó compasiõ. En Castellano se siguen casi las mismas voces. A, que significa alegria. A! lo que holgarè de servir a Dios. O, que significa admiracion. O quan bueno es Dios! Ay, que significa dolor. Ay lo ñ he ofendido a Dios! aunque algunas vezes se univocan estas aspiraciones, y se explican comunicandose los terminos.</i> <i>Este genero de afectos, se escribe con vn punto en la parte inferior del renglon, y vna raya derecha encima, que no exceda de vna, i, sin tocar al punto. A lgunos en el afecto de dolor suelen diferenciar la raya, con torçerla vn poco, a la parte diestra.</i> <i>Puede dudar donde se ha de poner la señal del afecto, en el principio de la aspiracion, ó en el fin de la razon; como quando se dize. Ay de mi, si se ha de poner despues del Ay, ó despues del mi. Y aunque es assi, que se puede poner en vna de las dos partes, tengo por mejor, que se ponga en el fin de la razon, que es donde se perficiona la explicaciõ del afecto. Porque aunque en la primera palabra se dize el sentimiento, pero llega hasta la vltima el afecto, y su ponderacion, y corre mas seguida la escritura, despues de la palabra Ay de mi!</i></p>

Quadro 14: Descrição de parêntesis no corpus português

<p>Leão (1576)</p>	<p>Vera (1631)</p>	<p>Bento Pereira (1666)</p>	<p>Barreto (1671)</p>
<p><i>O IIII . he parêthesis, que he hũa formação de diversa sentença, e palavras estranhas, q se interpõem na clausula, e se podem tirar, ficando perfectó o sentido. As quaes palavras interpostas incluímos em meo destes dous meos círculos. (). para denotarmos, q são alheas d'aquella clausula, em se interpõem, como quando dizemos: Se accõtecess caso (o q Deos não permitta)q eu não torne da Índia: Bem aventuradas serão as republicas (segũdo dizia Platão) quando os Reis philosopharem, ou os philosophos regerẽ. E aas vezes servem estes dous meos círculos, sem força de parenthesis, quando nelles incluímos algũa addição, ou declaração nossa, sobre a materia que tracta algum author, q interpretamos.</i></p>	<p><i>VII Parenthesis (que quer dizer interposição de palavras) são dous semicírculos entre os quaes incluímos algũas palavras, que tiradas do que dizemos, não fica imperfeita a razão. E assi as incluímos no meio destes dous meios círculos () para denotarmos, que são alheias daquella clausula, em que se interpõem; como quando dizemos: Como vai arriscado (se se não emmenda) a se perder! Bem aventuradas serão as Respublicas (segundo dizia Platão) quando os Reis philosopharem, ou os philosophos rejerem.</i></p>	<p><i>O sinal significativo de parenthesis sam dous semicírculos nesta forma () entre os quays incluímos algumas palavras, que tiradas do que dizemos, nam fica imperfeyta a razaõ. Porque parenthesis significa o mesmo que interposiçam de palavras alheyas daquella clausula, em que se interpõem: como quando dizemos: Peccator (si non corrigatur) proculdubio damnatibur. O peccador (se se nam emendar) sem duvida será condenado. Item, quando se allega algũ Author: v.g. Beata erit respublica, (ut dicebat Plato) in que vel Reges philosophentur, vel philosophi regnent. Bemaventurada será a republica, (dizia Plataõ) na qual ou os Reys filosofem, ou os Filósofos reynem! Seja outro exẽplo para o mesmo uso de parenthesis: Liber liberis (dicebat Plato lib. 7., Epist.) chiriores tanto esse oportet, quanto filii mentis proestant filiis corporis. Os livros (dizia Platam liv. 7. Epist.) importa sejam tanto mais amados que os filhos, quanto os filhos do entendimento levam ventagem aos filhos do corpo.</i></p>	<p><i>O terceyro se diz parenthesis, que são dous meyos círculos, abertos ã para o outro, entre os quaes se inclue alguma sentença ou palavras, que se intrepoem na clausula, e se podem tirar, sã imperfeyçã do sentido: e se poem assi, para denotar, que são alheyas, e diversas daquella clausula, e que ainda que se tirem, sempre a oraçã fica inteyra, como ẽ o seguinte exemplo se ve; Eu só cõ meus vassalos, e cõ esta / (E dizendo isto arranca meya espada) / Defenderey. Aonde, posto que se tire o segundo verso, sempre a oraçã fica corrente. Escrevemse às vezes estes dous meyos círculos sã força de parenthesis, quando queremos apontar alguma adiçã, ou declaraçã nossa, sobre a matéria, que trata algũ autor, que interpretamos.</i></p>

Quadro 15: Descrição de *parêntesis* no *corpus* castelhano

Nájera (1604)	Patón (1614)	Correas (1630)	Dávila (1631)	Palafox (1679)
<p><i>Parêntesis, que quiere decir interposición, o cosa entremetida, y es razon, o parte della metida en medio de otra, sirve en la oracion tambiẽ para mayor claridad della, interponiendo en ella, y deteniendo, y cortando la mesma sentẽcia para entrexerirle otra.</i></p> <p><i>Señalase cõ dos medios circulos q se mirã en cõtrario desta manera (-) como si dixessemos: Si tu padre sabe esta travesura tuya (segũ es d riguroso) tẽdras trabajo cõ el: d dõde aunque se quite el parêntesis (segũn es de riguroso) queda la razon entera. Si tu padre sabe esta travesura tuya, tendras trabajo con el.</i></p>	<p><i>Parentesis es un circulo grand partido por medio, q abraça la raçon inserta, dẽtro del qual se pone alguna raçõ, q auq se quite no queda imperfeta la oracion, como la caridad (como dice el Apóstol) no hace nada malo.</i></p>	<p><i>La parenthesis, ó entreposizion, se nota kon dos medios zerkos kareados por los kabos, ke koxen en medio alguna palavra, ó razon suelta, ke se entrepone en la orazion, ansi</i></p>	<p><i>El parêntesis ponemos, quando en medio de la oracion dezimos alguna razon, que quitandola, queda sin defeto el periodo. v.g. La enbidia (segũ los que bien sienten) es agravio hõroso; porq atribuye alguna dignidad (a pesar del embidioso) al embidiado. Quitados estos dos parentesis, queda la razon entera i constante.</i></p>	<p><i>Y tambien ay otro genero de seña, que divide la razon, y la escritura, que se llama parentesis, y se haze con dos cees encõtradas, que abraçan en medio a la razon; y es quando siguiendo vn discurso se divierte con otra cosa, que se quiere apuntar, pero no referir; y este genero de division, se ha de señalar de suerte, que passe vn poco los renglones por la parte inferior, y superior, con vn medio circulo, que nunca parezca letra, en la forma siguiente (-)</i></p>

Quadro 16: Descrição de “meos circulos” e de ápices no corpus português

<p>Leão (1576)</p>	<p>Vera (1631)</p>	<p>Bento Pereira (1666)</p>	<p>Barreto (1671)</p>
<p><i>O V. he hum meo circulo da parte directa, de que usamos, quando glossamos algũa sentença de algum author, ou quando declaramos algũ dicto, incluindo nelle as palavras glossadas assi.)</i></p>	<p><i>XIII. Meio circulo se usa no fim da sentença, que explicamos, ou quando glossamos as palavras de algum author: e tambem quando se declara algum dicto incluido nelle as palavras glossadas: põese desta maneira) Depois delle sempre se escreve letra capitula.</i></p>	<p><i>Meyo circulo tem esta figura] e serve quando glossamos algum Author, para com elle dividirmos as palavras com q o explicamos, pondo-o nesta forma] e sempre depois delle se escreve letra grande.</i></p>	<p><i>Antigrafo he outro sinal, a que nossos ortografos chamam meyo circulo, porque assi he __: e serve para quando glosamos a sentença de algũ autor, para com elle dividirmos as palavras glosadas, das que explicamos: ou quando declaramos algũ dito, incluindo nelle as palavras, ou dito: e despoys delle escreveremos letra grande.</i></p>
<p><i>O VI. São hũs apices ou cimalthas, das quaes usamos, quando se ajuntão duas vogaes, q se podião leer de duas maneiras, ou jũtas em hũa syllaba, ou separadas em duas. Pólo q quando queremos mostrar, q as vogaes se hão de leer divididas, poemas os apices nesta maneira, aio por mestre de criação, caiado por brãqueado, a differença de, cajado, por bordão, la, pretérito imperfecto do verbo vou, a differença de já, adverbio tēporal, e assi boiada, boia, argũir, saúde.</i></p>	<p><i>XI. Apices, Dieresis, ou Cimaltha são dous pontos, que usamos sobre a vogal que queremos que retenha seu som, podendo se ajuntar com a vogal seguinte. Pólo que quando queremos mostrar, que as vogaes se hão de leer divididas, pomos os dous pontos desta maneira: Argũem, Poëta, alaúde.</i></p>	<p><i>Apices, por outro nome, Dieresis, ou Cimaltha, são dous pontos, que usamos pôr sobre a vogal, que queremos dividir da outra immediata, e pronunciar dividida: v.gr. nestas palavras, Saũde, Alaũde, Poëta. E no latim, Aër, Israël. E isto particularmente se faz nos nomes, que se equivocam com os diptongos, para que se entenda que nam são diptongos, e que cada huma daquellas vogays faz por sy syllaba particular.</i></p>	<p><i>Apices são dous pontos, que usamos nesta forma .. ù antes do outro. Poemse sobre a vogal, que queremos dividir de outra immediata, e pronuncialla dividida, principalmente ã os nomes que se equivocam cõ os ditongos, como nestas palavras, saũde, alaũde, poëta, painço, tabũa, e outros muytos: porẽ nã ã cayado, que já dicemos como se hade escrever, e assi ayo, boya, boyada, cõtra o parecer de Duarte Nunez.</i></p>

Quadro 17: Descrição de “hyphen” e de “desunião” no corpus português

<p>Leão (1576)</p>	<p>Vera (1631)</p>	<p>Bento Pereira (1666)</p>	<p>Barreto (1671)</p>
<p>O VII. He o hyphen, q quer dizer união, ou ajuntamēto. O qual se usa de duas maneiras: a primeira, quãdo se ajūtão em hũ corpo duas dições differētes, ficando feitas hũa soo, como passa_tēpo guarda_porta, val_verde, Mont'_agraço e aquellas palavras Latinas, venum_dare, pessum_dare, ab_intestato, e outras muitas. A outra maneira de q a usamos he, quãdo per caso, ou per erro, se acerta de screver hũa palavra cõ as syllabas muito separadas hũas das outras, para denotarmos, q se hão de ajūtãr em hum corpo, para formar hũa dição, e tirar a duvida em q staria o lector, como aqui: Confia_dona vossa palavra. De maneira que he sinal de união e ajuntamento, e como hũa solda, e serruminação de syllabas.</p>	<p>XII. De duas maneiras usamos do sinal Hyphen, que quer dizer, união, ou ajuntamento. A primeira quando se ajuntão em hum corpo duas dições differentes, ficando feitas hum só: como passa_tempo:guarda_porta. A outra maneira de que usamos, he quando per caso, ou per erro, se acerta de escrever hũa palavra com as syllabas muito separadas hũas das outras, para denotarmos que se hão de ajuntar em hum corpo, para formar hũa dição, e tirar a duvida, em que estaria, quem a leesse, como se vê neste exemplo: Cofia_doestou. Demaneira que he sinal de ajuntamento, e união de syllabas.</p>	<p>Hyphen significa ajuntamento, he hũ sinal desta figura v do qual usamos em dous casos. Primeiro, quando se ajuntam em hũ corpo duas diçoens diversas, ficando hũa só: v.g. passa- v tempo, guarda. v. porta. Segundo, quando por erro escrevemos huma palavra com as syllabas separadas, e queremos emendar o erro, denotando que he só: v.g. Confia. v. do.</p>	<p>Hyphen, quer dizer uniam ou ajuntamento, e he ã sinal desta figura __, como vimos: usase delle de duas maneyras, ou ẽ dous casos; a saber quando ẽ ã corpo se ajunta duas dições diferētes, ficando feytas uma só, como passa __tempo, guarda_porta, val_verde; porto_salvo; o que alguns usam per esta risquinha ou tambẽ usamos de Hyphen, quando per erro escrevemos uma palavra cõ as silabas separadas, e queremos (emendando o erro) denotar, que se hão de ajuntar ẽ ã corpo, para formar uma só dicçã, como das referidas, por exemplo. De maneyra, que he sinal de uniã, e ajuntamento, e como uma consolidaçã de silabas.</p>
	<p>XIII. Pelo contrario da figura Hyphen, usamos da que chamamos Desunião, porque aquella une, e esta aparta, quando por descuido escrevemos algũa dição junta a partícula, ou artigo, que se segue como se vê de escrituras antigas, q hoje muitos ignorão: sua forma he esta __.</p>	<p>Pelo contrario há outra figura chamada Desuniaõ, que he esta ___ e serve de emendar erros apartando as letras, ou diçoens, que deviaõ escreverse apartadas. A mesma força de Hyphen tem este sinal como se vê neste nome menor idade.</p>	<p>Contraria desta há outra figura, que nossos ortografos chamam desuniam (eu se assi me he licito, seguindo os preceytos de Horatio, e de Cicero) lhe chamarey Antiphen: outros lhe chamam (se me nã engano) Hypodiastole; porque he o Hyphen ás avessas, como __, e serve de apartar letras, ou diçoens juntas, que deviam escreverse separadas: e uma, e outra he commũ aos correctores das impressões.</p>

Quadro 18: Descrição de asterisco e de obelisco no corpus português

Leão (1576)	Vera (1631)	Bento Pereira (1666)	Barreto (1671)
<p>O VIII. he o asterisco que quer dizer strellinha. Do qual usavão os antigos, e se usa agora, quando se notão algũs versos, ou palavras, que faltavão em o author, ou quando querem mostrar algũas palavras, que são dignas de se notar, e he assi, *</p>	<p>XV. Com esta estrella *; (chamada Asterisco) se nota a falta, ou ponderação. Da qual usavão os antigos, e algũs a usaõ hoje, quando se nota algũs versos, ou palavras, que faltão em o author: ou quando querem mostrar algũas palavras, que saõ dignas de se notar.</p>	<p>Asterisco he hũa estrellinha desta forma * que serve, ou de notar falta de palavras em algum Author; ou de notar as que saõ dignas de ponderaçãõ.</p>	<p>Asterisco, quer dizer estrella, e cõ ella se afigura nesta forma *; da qual usaram os antigos, e se usa tambẽ agora, para denotar falta de palavras ẽ algũ autor, ou mostrar as que saõ dinas de consideraçaõ, que quando saõ muytas, de ordinario se apontam pella margem, junto á propria escritura cõ ùas meyas lũas, ou circulos, nesta forma __</p>
<p>O IX. he o obelisco __ cõtrario ao asterisco, e quer dizer pequena ponta de espeto ou seeta, com q assinalavão os versos ou palavras adulterinas, d'algũ author. Das quaes duas figuras, o q primeiro usou, foi Aristarcho, na censura q fez dos versos de Homero. Porque os bõos e genuinos notava com asterisco, e os mãos e adulterinos com obeliscos. De quem despois os tomarão Origenes, e S. Hieronymo, e os usarão na sagrada scriptura.</p>	<p>XVI. Obelisco __ contrario ao Asterisco, quer dizer pequena ponta de espeto, ou seeta, com que se assinalavão os versos, ou palavras adulterinas de algum author. Porque os bõos se notavão com Asterisco: e os mãos, e adulterinos com Obelisco.</p>	<p>Obelisco significa ponta pequena de espeto, ou seta: e põemse nesta forma]> para significar palavras, ou versos adulterinos de algum Author. He sinal contrario ao Asterisco; porq este designa os bons, e o Obelisco os mãos.</p>	<p>Obelisco se chama outro sinal, de obelo, que quer dizer espeto, ou, como outros dizem, pequena ponta de espeto, porque tẽ esta figura __ sebẽ outros lhe dam esta I> e outros esta (-- usase para sinificar palavras, ou versos adulterinos e he contrario ao Asterisco; porque este disigna os bõs, e o obelo, ou obelisco, os mãos. E dizem, que o primeyro, que usou destes sinaes foy Aristarco, ẽ as censuras, que fez aos versos de Homero; notando os bõs, e genuinos cõ o Asterisco; e os mãos, e adulterinos cõ o obelo; e delles usaram despoys os interpretes da Sagrada Escritura, para denotar alguma cousa acrecentada ẽ a traduçã, e q nã estava nos originaes, como S. Ieronimo, diz a Paulino; Origenis studium me provocavit, qui dictioni antiquae translationem Theodotionis admiscui, asterisco, e obelo opus omne distinguens. Bracchia chamam os Gregos a uma nota, feyta nesta forma v, cõ a qual se mostra ser breve a vogal, sobreque se poem, porque sendo longa, póde ter outra significaçaõ.</p>

Quadro 19: Descrição de “brachia” e de “divisão” no corpus português

Leão (1576)	Vera (1631)	Bento Pereira (1666)	Barreto (1671)
<p><i>O X. he a nota, que os Gregos chamão brachia. O que he sinal, de ser breve a vogal, sobre q se põe. Da qual usamos, quando queremos fazer differença, em algũa palavra, de que hũa syllaba pode ser longa e breve, e que sendo breve, tõe diferente significado, de quando he longa, como cágado por o animal aquatico, a que os Latinos chamão testudo, e no Latim occido por cair, a differença de occido por matar.</i></p>	<p><i>XVII. Algũs Portugueses usão de hum sinal, a que os Gregos chamão Brachia; ___ na syllaba breve: com que mostramos ser breve a vogal, sobre que se põe: porque sendo longa tem outro significado; com Cágado per o animal aquatico, a que os Latinos chamão Testudo. No Latim se mostra este exemplo melhor: Occido, por cair; á differença de occido, por matar. Onde se mais usa, por ser assi necessario, he no verso para se abreviar a pronunciação da syllaba, em que se põe: como tambem he sinal de ser longa a em que se põe este sinal – como se vee nos preteritos dos mesmos verbos acima: Occidi, por matar; occidi, por cair. O que servirá pèra os Poëtas.</i></p>	<p><i>Finalmente Brachia chamaõ os Gregos, e nós syllabas breve ao sinal feyto nesta forma v; com o qual mostramos ser breve a vogal sobre que se põem: porque sendo longa tem outro significado, e se deve notar com a figura do accento acuto: v.g. no Latim Occido penultima breve significa cair; e Occido penultima longa significa matar.</i> <i>No Portuguez esta palavra Cágado com a penultima breve, significa hum animal aquático, que os Latinos chamaõ Testudo; e com a penultima longa tem bem diversa significação.</i></p>	<p><i>Bracchia chamam os Gregos a uma nota, feyta nesta forma v, cõ a qual se mostra ser breve a vogal, sobreque se poem, porque sendo longa, pôde ter outra significaçã</i></p>
<p><i>O XI. se chama nas impressões divisão, quando no fim da regra acerta de viir hũa dição, que por não caber nella, se parte, para se acabar na regra seguinte. O qual se põe no fim da regra, na derradeira syllaba da dição interrupta, desta maneira, António, para demonstrar que a dição não stá acabada.</i></p>	<p><i>VIII: Ordinariamente nas impressões se usa da nota chamada Divisão, quando no fim da regra acerta de vir hũa dicção, que por não caber nella se parte, para se acabar na regra seguinte. A qual se põe no fim da regra, e daquella dicção intercorruta: destamaneira: (ou assi -) he sua forma. No escrito de mão usamos o mesmo; e com mais necessidade quando a primeira parte da dicção dividida significa per si algũa cousa; como quando dizemos: tem-po: apar-ta. E aquella divisão fica mostrando, que a dicção não está acabada: nem diz tem po; apar; se não, tempo; aparta.</i></p>	<p><i>Divisam se usa com este sinal – quando no fim da regra acerta de vir algum vocabulo, que por nam caber nella, se parte, para se acabar na regra seguinte: & o tal sinal se põem no fim da regra nesta forma, ó, mostrando que o vocabulo naõ está acabado.</i></p>	<p><i>Este sinal – que chamamos divisã, se poem no fim da regra, quando acerta de algum vocábulo nã caber ali inteyro, e se hade partir, para nota de que a silaba ou silabas, que cõ o tal sinal se apartam, pertencẽ á silaba, ou silabas da regra seguinte; e alguns o costumam dobrar assi = e o como se hão de apartar estas silabas, dizemos ã seu lugar.</i></p>

Quadro 20: Descrição de ângulo no corpus português

Leão (1576)	Vera (1631)	Bento Pereira (1666)	Barreto (1671)
<p><i>O XII. he o angulo ou meta, que os scriptores de mão usão, quando lhe esquecerão palavras, q vão per entrelinha, ou se põem na margem da scriptura, com o qual mostramos que naquelle lugar onde elle stá, se hão de metter as taes palavras desta maneira</i></p> <p><i>do nascimento</i></p> <p><i>Anno de nosso senhor Iesu Christo</i></p> <p>^</p>	<p><i>IX. Angulo denota falta no lugar, onde se põe: usamos delle nos escritos de mão, quando nos esquecer palavras, q vão por entrelinha, desta maneira:</i></p> <p><i>filho de Carlos Magno</i></p> <p><i>Luis Rei de França tendo necessidade de dinheiro levantou os tributos antigos, com que obrigou a todos o que não erão obrigados. E quando a falta he tam grande, que não cabe na entrelinha, poremos á marjem o que falta com outra nota desta maneira F, e na regra outra semelhante.</i></p>	<p><i>Ângulo he hum sinal desta figura ^ o qual denota faltar alguma cousa no escrito, quando nos esquecermos de palavras:v.g. se dissermos, El Rey Dom Affonso VI. ^ he hum dos magníficos e felices Reys do mundo.</i></p> <p><i>Filho del Rey D. Joaõ IV.</i></p>	<p><i>Angulo he ã sinal, ou meta, que os escritores de mã usam, para denotar algumas palavras, que vão per entre linha, e se poem ã na escritura, e outre ã a margem: para mostrar que naquelle lugar, onde elle está, se hão de meter as palavras, que també na margem a ponta, como; A ninguem pequenas as proprias injurias .</i></p>

Quadro 21: Descrição dos *pontemas* secundários no *corpus* castelhano

Nájera (1604)	Patón (1614)	Correas (1630)	Dávila (1631)	Palafox (1679)
<p><i>Dieresis</i> son dos puntos, o apices que se ponen sobre las vocales para dividir las que se podrian juntar en una sylaba, haziendose la una consonante, y no conviene que se junten, q por esso se llama dieresis en el Griego, que quiere decir apartamiento, o division. En Israel, Maluēnda, valuārte, hula, porque por falta destes puntitos, o apices pudiera leer el Lector, Israel la e breve, Malvenda, valauarte, huya, teniendola, y, fuerça de consonante; y assi de otros innumerables desta manera.</p>	<p>La nota de la <i>Dieresis</i> es dos puntos sobre una de dos vocales, que juntas suelen hacer ditongos, y esta señal las divide como Aer, Poeta, Michael.</p>	<p>Não há referência a este <i>pontema</i>.</p>	<p>Não há referência a este <i>pontema</i>.</p>	<p>Não há referência a este <i>pontema</i>.</p>
<p>Del <i>Apostropho</i> (que es una señalica como una coma puesta encima del renglõ para significar, q quãdo se sigue una sylaba tras otra en q se acabò la diction la primera pierde) no ay tanto uso en nuestro Español, como lo ay en Latin y en Italiano, pero podriase usar del (como hazen ya algunos curiosos) sin nota ninguna de mala Orthographia en la Poesia Castellana para leerla, y escrevirla con mas distincion, como en'desta, de'l, que vale tanto como de esto de el.</p>	<p>Não há referência a este <i>pontema</i>.</p>	<p>La <i>Apostrofe</i> es una virgula en todo semexante al lene, fuera del sitio, ke ésta se pone en el fin de la dizion ke perdio su ultima vokal, sigiendose otra vokal prinzipio de la dizion sigiente, para denotar su falta. Lo kual suzede mui frekuenta en Kastellano, i tambien ante konsonante: i se koloka en la parte superior de donde falta la vokal, desta manera Pedrários dávila, Dél Rrei, Marí Lopez. I ansi se diferenzia mas de la koma. Ia la an komenzado á usar los Poetas, imitando á los Italianos, i Griegos ke la usan sienpre</p>	<p>Quando acaba una voz en vocal, i empieza otra cõ la misma vocal (à q llamã los Poētas <i>Syneresis</i>) los Italianos escribẽ sola la una, notãdola otra con una virgulilla [...] Tãbien los aviamos de notar nosotros, por lo menos escribiendo versos, en que quitandola coincidiẽcia de las vocales, se repara menos en la pronũciaciõ dellas, i suenã mas cadentes, i numerosos: peron no advertimos tanto la curiosidad como los estrãgeros.</p>	<p>Não há referência a este <i>pontema</i>.</p>

<p>Não há referênciã a este pontema.</p>	<p>Não há referênciã a este pontema.</p>	<p>La <u>diástole</u>, <u>division</u>, ó apartamiento, la eskrivieron los Griegos kon la koma; i porke no la konfundamos kon ella nosotros la eskribiremos kon una rraita derecha enhiesta entre las diziõnes ke aparta. Esta sirve de apartar dos palavras, para ke no parezcan una, i dividir las ke kaen xuntas, i van apartadas en el sentido i kostruzion, komo se verá en los exenplos sigientes [...]</p>	<p>Não há referênciã a este pontema.</p>	<p>Não há referênciã a este pontema.</p>
<p>"... se parte la mesma dición, dehesado por alguna parte alguna mas distancia q està entre demas letras, podrase usar entõces de la <u>atadura</u>, q es una linea de la hechura de una assa de caldera desta manera ___ con q se muestra que aquello que està diviso, es una mesma cosa, como si muda ___ no se esciviesse el no algo apartado se le podria poner la dicha señal, y assi de otros tales.</p>	<p>Aquí se á de notar que quando escribiendo se concluye el renglón partida una dición, de manera que allí se pone la una parte, y con la otra se comienza el siguiente renglón al fin del primer renglón se pone esta <u>señal</u> – como se podra aver notado en lo que yo è aquí escrito, y algunos la doblan assi -. Lo qual significa estar imperfeta la dición, y esto es necesario hacerse quando la parte de la dición es por significativa, como Vir-tus, ò Mus-tella, que en las diciones que partidas no significan cosa alguna no es necesario, mas es buena escritura, y quando la dición se parte, donde se parte trae dos consonantes procurese, que quede la una en el final, y que comience cõ la otra el renglõ: como Cor-pus, Doc-tus, Vil-la.</p>	<p>Não há referênciã a este pontema.</p>	<p>Quando se acaba el renglon, i la dición no se puede acabar, se divide con una , ò con dos virgulas, assi –, que en Latin se llama <u>cesura</u>, i en Castellano <u>division</u>, para notarle al que lo leyere, que està imperfeto; como si yo he de acabar el renglõ en esta voz, amado, i faltando lugar para el do, pongo ama- si està sin virgula, me parecerà que es la tercera persona de amo, i descansaré allí; pero si està con ella, conocerè que le falta mas, i passarè al siguiente renglon, advirtiendo, que amado es nombre adgetivo: i assi es importantissima esta parte.</p>	<p>Não há referênciã a este pontema.</p>
<p>Não há referênciã a este pontema.</p>	<p>Sobre algunas partes indeclinables de la oracion acostumbran á poner un <u>rasguillo</u> assi, como de acento. Dicen que para que se entienda ser indeclinable: mas yo digo que no se á de poner el tal rasguillo, ni ay necesidad, sino ay otra dición, con</p>	<p>Não há referênciã a este pontema.</p>	<p>Quando el nombre puede tener equivocación con otro, ò el verbo en sus personas, como, Amo, puede ser primera persona de presente, ò tercera de preterito perfeto; en el preterito en que la ò es larga, porque està el acãõ en</p>	<p>Não há referênciã a este pontema.</p>

	<p>quien se encuentre en parecer una misma. Como son los adverbios acabados en E. à diferencia de los vocativos. Por la qual raçon tambien se à de poner, y pone (en buenas estampas) en las declinables à diferencia, de otras, ò de otros tiempos: como se pone en todas las segundas personas de los presentes de indicativo en pasiva en el numero singular, en la ultima terminacion de dos que tiene à diferencia de los infinitivos activos. Como amaré. Tu eres amado, Amare Amar. Tambien se guarda la misma advertencia en las diciones, que siendo unas en la voz sylabas, y letras, tienen la diferencia en el acento de breves, ó largas, lo qual unos señalabã àssi: otros àssi Vease à Calepino en las mas modernas impresiones, q advirtiendo en el se hallara copia de exemplos de nuestra dotrina, y en los libros impresos por el Grifo, y por Platina: que son las mejores impresiones, y aquellas en que se asistieron, Aldo, ò Paulo Manucio, Padre, E hijo.</p>		<p>ella, se pone una <u>virgullita</u> con ã se señala. v.g. amò. I desta manera se distingue, esta, nombre, i està, verbo, &c. los Latinos la ponen en todos los adverbios ã pueden significar dos cosas.</p> <p>Quando ponemos una vocal antes de la otra, la primera se nota cõ esta virgula , como, à animar los soldados à Antonio, i assi no se tãdran las dos vocales por de un nombre, como tãbien en àla, quãdo la à es demostrativa, se pone el acẽto, i se diferẽcia de ala.</p>	
<p>Não há referẽcia a este pontema.</p>	<p>Não há referẽcia a este pontema.</p>	<p>Não há referẽcia a este pontema.</p>	<p>Si se escribẽ palabras formales, es bien notarlas con lineas debaxo del renglon, para advertir que son ajenas, i para que se hallẽ cõ mas facilidad, si se buscaren. Algunas impresiones usan al margẽ estas <u>dos comas</u> ,, enfrãe de cada rêglõ de las palabras formales; pero esta nota obliga à que tẽgamos todas las del rêglon por palabras formales, aunque no lo sean.</p>	<p>Não há referẽcia a este pontema.</p>